



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Ana Carla Ferreira Longo Moraes

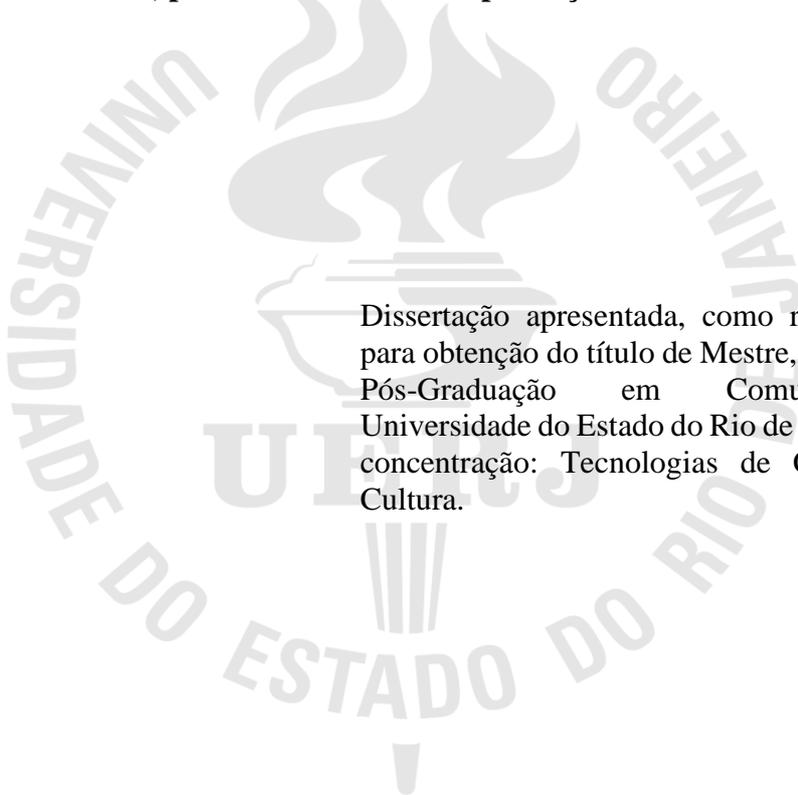
Distopias clássicas, protocolos de leitura e produção de sentido no Skoob

Rio de Janeiro

2024

Ana Carla Ferreira Longo Moraes

Distopias clássicas, protocolos de leitura e produção de sentido no Skoob



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Tecnologias de Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M828 Moraes, Ana Carla Ferreira Longo.
Distopias clássicas, protocolos de leitura e produção de sentido no Skoob / Ana
Carla Ferreira Longo Moraes. – 2024.
190 f.

Orientador: Márcio Souza Gonçalves.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação social – Teses. 2. Leitores – Reação crítica – Teses. 3.
Distopias na literatura – Teses. I. Gonçalves, Márcio Souza. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

br

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Carla Ferreira Longo Moraes

Distopias clássicas, protocolos de leitura e produção de sentido no Skoob

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Tecnologias de Comunicação e Cultura.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves (Orientador)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Denise da Costa Oliveira Siqueira

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Isabel Siqueira Travancas

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que sempre acredita em mim. Obrigada pelo apoio e suporte durante o processo de escrita desta pesquisa. Dedico também a todos aqueles que encontram sentido, refúgio e significado nos livros. Estas páginas só existem porque nós re(existimos) e seguimos lendo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Carla e Luís Cláudio, por me munirem de livros quando criança e possibilitarem que hoje eu faça o que eu faço. Graças ao que vocês me ensinaram, descobri meu lugar no mundo e continuo a acreditar na educação, na leitura e na escrita como fonte de mudança e motor dos dias.

Agradeço também à minha irmã, Ana Cláudia, por compartilhar a vida comigo, por amadurecermos juntas e dividirmos nossas experiências e desafios na vida adulta. Obrigada por me ouvir, me acolher e ser minha melhor amiga. E, claro, por me emprestar seu computador quando o meu estragou bem na fase final de escrita desta dissertação, você me salvou e me salva todos os dias. A vida é bem melhor com você!

Ao meu orientador, Márcio Gonçalves, pela acolhida na UERJ, pelo bom humor e pelo tratamento humanizado e paciente durante o mestrado. O meio acadêmico tem sorte de ter pessoas como você!

Além disso, escrever uma pesquisa pode ser algo muito solitário e é muito fácil esquecer o porquê escolhemos o caminho que escolhemos. Mas a vida é sobre encontros. Por isso, agradeço também aos meus colegas do PPGCOM-UERJ, em especial, Rafaela Oliveira, Marcele Sales, Júlia de Aquino e Luís Fellipe. Dividir os sabores e dissabores de fazer pesquisa com vocês tornou o caminho até aqui mais leve.

A todos os meus familiares e amigos que continuam torcendo, incentivando e se fazendo presentes em todas as fases da minha vida.

À minha psicóloga, por me ajudar a lembrar o porquê tomei esse caminho e, principalmente, por me fazer lembrar que eu mereço ocupar esse espaço.

À universidade pública, por me possibilitar colecionar vivências e aguçar meu pensamento crítico. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo incentivo ao financiar esta pesquisa.

A toda e cada pessoa que ousou preencher as páginas dos livros ao longo da história. A todo autor, editor e leitor que torna a leitura um organismo vivo, coletivo, mutável, em movimento. Descobri-me leitora, autora e pesquisadora por ter tido tantas referências. E continuarei escrevendo.

Acho que uma das coisas mais sinistras da história da civilização ocidental é o famoso dito atribuído a Benjamim Franklin, “tempo é dinheiro”. Isso é uma monstruosidade. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo; esse tempo pertence a meus afetos, é para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis: isso é o tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo como universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: “eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize”. As bibliotecas, os livros, são uma grande necessidade de nossa vida humanizada.

Antonio Candido

RESUMO

MORAES, Ana Carla Ferreira Longo Moraes. *Distopias clássicas, protocolos de leitura e produção de sentido no Skoob*. 2024. 190 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2024.

Esta pesquisa busca refletir acerca das leituras de três obras de distopias clássicas do século XX: “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley, “1984”, de George Orwell, e “Fahrenheit 451”, de Ray Bradbury. Levando em consideração o contexto histórico em que esses livros foram escritos e as particularidades do gênero distópico, tem-se como objetivo entender de que maneira essas obras são lidas na atualidade. Com essa finalidade, toma-se como objeto de estudo as resenhas publicadas no Skoob, rede social brasileira para leitores. A partir da teoria fundamentada na análise qualitativa, realizou-se uma análise inicial dessas resenhas e dividiram-se os principais pontos observados em eixos de discussão. A partir deles, foram discutidas, selecionadas e analisadas as opiniões dos leitores, enfatizando a pluralidade de leituras possíveis de um mesmo texto. Pretende-se, assim, pensar o lugar dos leitores na construção de novas perspectivas e interpretações das obras, além de refletir acerca do objeto livro e do papel do autor e da edição na construção de cada uma delas.

Palavras-chave: Produção Editorial. Livro. Literatura distópica. Comunicação. Leitores.

ABSTRACT

MORAES, Ana Carla Ferreira Longo Moraes. *Classic dystopias, reading protocols and production of meaning on Skoob*. 2024. 190 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2024.

This research seeks to reflect about the readings of three works of classic 20th century dystopias: “Brave New World” by Aldous Huxley, “1984” by George Orwell, and “Fahrenheit 451” by Ray Bradbury. Taking into account the historical context in which these books were written and the particularities of the dystopian genre, it is intended to understand how these works are read today. For this purpose, it is taken as object of study the reviews published in Skoob, a brazilian social network for readers. Based on the grounded theory on qualitative analysis, we carried out an initial analysis of these reviews and the main points observed were divided into axes of discussion. From them, the opinions of the readers were discussed, selected and analyzed, emphasizing the plurality of possible readings of the same text. Thus, it is intended to think about the place of readers in the construction of new perspectives and interpretations of the works, in addition to reflecting on the book object and the role of the author and the edition in the construction of each of them.

Keywords: Editorial Production. Book. Dystopian literature. Communication. Readers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A estrutura física de um livro	46
Figura 2 - Edição de “Admirável Mundo Novo” da “Biblioteca Azul”	47
Figura 3 - Edição de “1984” da “Companhia das Letras”	50
Figura 4 - Edição de “Fahrenheit 451” da “Biblioteca Azul”	57
Figura 5 - Exemplo de perfil no Skoob	68
Figura 6 - Top Mais Lidos no Skoob	70
Figura 7 - Ranking de Leitura	71
Figura 8 - Exemplo de “estante virtual” no Skoob	72
Figura 9 - O “histórico de leitura” no Skoob	73
Figura 10 - “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	86
Figura 11 - Resenha 1 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	89
Figura 12 - Resenha 2 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	90
Figura 13 - Resenha 3 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	91
Figura 14 - Resenha 4 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	92
Figura 15 - Resenha 5 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	94
Figura 16 - Resenha 6 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	96
Figura 17 - Resenha 7 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	97
Figura 18 - Resenha 8 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	98
Figura 19 - Resenha 9 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	99
Figura 20 - Resenha 10 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	100
Figura 21 - Resenha 11 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	102
Figura 22 - Resenha 12 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	103
Figura 23 - Resenha 13 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	105
Figura 24 - Resenha 14 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	106
Figura 25 - Resenha 15 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	107
Figura 26 - Resenha 16 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	108
Figura 27 - Resenha 17 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	110
Figura 28 - Resenha 18 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	111
Figura 29 - Edição comemorativa de 90 anos de “Admirável Mundo Novo” (2022) pela “Biblioteca Azul”	112
Figura 30 - Resenha 19 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	113

Figura 31 - Resenha 20 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	114
Figura 32 - Resenha 21 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob	115
Figura 33 - “1984” (2009) no Skoob	117
Figura 34 - Resenha 1 de “1984” (2009) no Skoob	119
Figura 35 - Resenha 2 de “1984” (2009) no Skoob	120
Figura 36 - Resenha 3 de “1984” (2009) no Skoob	122
Figura 37 - Resenha 4 de “1984” (2009) no Skoob	123
Figura 38 - Resenha 5 de “1984” (2009) no Skoob	124
Figura 39 - Resenha 6 de “1984” (2009) no Skoob	125
Figura 40 - Resenha 7 de “1984” (2009) no Skoob	126
Figura 41 - Resenha 8 de “1984” (2009) no Skoob	127
Figura 42 - Resenha 9 de “1984” (2009) no Skoob	128
Figura 43 - Resenha 10 de “1984” (2009) no Skoob	130
Figura 44 - Resenha 11 de “1984” (2009) no Skoob	132
Figura 45 - Resenha 12 de “1984” (2009) no Skoob	133
Figura 46 - Resenha 13 de “1984” (2009) no Skoob	133
Figura 47 - Resenha 14 de “1984” (2009) no Skoob	134
Figura 48 - Resenha 15 de “1984” (2009) no Skoob	134
Figura 49 - Interação entre leitores de “1984” (2009) no Skoob	137
Figura 50 - Resenha 16 de “1984” (2009) no Skoob	138
Figura 51 - Resenha 17 de “1984” (2009) no Skoob	139
Figura 52 - Resenha 18 de “1984” (2009) no Skoob	140
Figura 53 - Resenha 19 de “1984” (2009) no Skoob	141
Figura 54 - Resenha 20 de “1984” (2009) no Skoob	141
Figura 55 - “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	143
Figura 56 - Resenha 1 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	145
Figura 57 - Resenha 2 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	146
Figura 58 - Resenha 3 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	147
Figura 59 - Resenha 4 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	149
Figura 60 - Resenha 5 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	150
Figura 61 - Resenha 6 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	151
Figura 62 - Resenha 7 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	153
Figura 63 - Resenha 8 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	154
Figura 64 - Resenha 9 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	156

Figura 65 - Resenha 10 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	157
Figura 66 - Resenha 11 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	159
Figura 67 - Resenha 12 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	160
Figura 68 - Resenha 13 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	160
Figura 69 - Resenha 14 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	162
Figura 70 - Edição especial de “Fahrenheit 451” (2020) pela “Biblioteca Azul”.....	164
Figura 71 - Resenha 15 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	165
Figura 72 - Resenha 16 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	165
Figura 73 - Resenha 17 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	166
Figura 74 - Resenha 18 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	167
Figura 75 - Resenha 19 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	168
Figura 76 - Resenha 20 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	169
Figura 77 - Resenha 21 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob	170

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resumo das edições de “Admirável Mundo Novo”, “1984” e “Fahrenheit 451”.....	62
Tabela 2 - Resumo das resenhas de “Admirável Mundo Novo” (2014)	170
Tabela 3 - Resumo das resenhas de “1984” (2009)	172
Tabela 4 - Resumo das resenhas de “Fahrenheit 451” (2012)	175

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. DISTOPIAS: A LITERATURA COMO CRÍTICA SOCIAL	19
1.1. “Admirável Mundo Novo”: comunidade, identidade, estabilidade	22
1.2. “1984”: O Grande Irmão está de olho em você	26
1.3. “Fahrenheit 451”: o prazer em queimar livros	30
2. UM LIVRO, MÚLTIPLOS SENTIDOS: PRÁTICAS DE LEITURA PLURAIS	35
2.1. “Protocolo de leitura”: a leitura implícita de um livro	39
2.2. O leitor enquanto sujeito: a inventividade no ato de leitura	42
2.3. A edição de “Admirável Mundo Novo” da “Biblioteca Azul”	47
2.4. A edição de “1984” da “Companhia das Letras”	49
2.5. A edição de “Fahrenheit 451” da “Biblioteca Azul”	57
3. O SKOOB: A REDE SOCIAL BRASILEIRA PARA LEITORES	64
3.1. As funcionalidades do Skoob	68
3.2. As resenhas do Skoob e as interpretações dos leitores	74
3.3. Metodologia: a teoria fundamentada na análise qualitativa	76
3.4. Aplicação da metodologia: resenhas e eixos de discussão	80
4. LEITURAS DE DISTOPIAS CLÁSSICAS NA ATUALIDADE: ANÁLISE DAS RESENHAS DO SKOOB	86
4.1. Análise das resenhas de “Admirável Mundo Novo”	86
4.2. Análise das resenhas de “1984”	117
4.3. Análise das resenhas de “Fahrenheit 451”	142
CONCLUSÃO	178
REFERÊNCIAS	181

INTRODUÇÃO

“Atemporal”, “assustador” e “atual” são alguns dos termos utilizados para descrever os livros de distopia. Fazendo uma ponte entre ficção e realidade, o gênero se desdobra na literatura, no cinema, na televisão, ganha o título de “clássico” e mantém sua relevância e perenidade. Em tempos de crise, sobretudo, a ficção distópica ganha apelo no imaginário social, em busca de sentido para os desvarios sociais, políticos e existenciais.

No seu cerne, o gênero literário distopia ganhou força no século XX, no cenário entre e pós-Guerras Mundiais. Como destacado por Kopp (2011), nesse período, regimes totalitários atingiam seus ápices. O avanço tecnológico era acompanhado de conflitos armados, repressão e privação de liberdades, por isso os autores que escrevem esse gênero refletem os temores do seu tempo. Figueiredo (2011, p. 26) afirma que, além de apresentarem futuros nefastos, as distopias formulam críticas sociais, via ficção.

As distopias representam uma sociedade em destroços no futuro. Segundo Fernando Perlatto (2021, p. 62), elas atuam quase como “‘diagnósticos de época’, ao representarem possíveis ameaças em um mundo que caminha rumo ao caos”. Os livros desse gênero ilustram, então, os rumos da humanidade submetida às consequências desastrosas dos autoritarismos, do progresso desmedido, dos conflitos mundiais e dos avanços tecnológicos, incluindo os que dizem respeito às tecnologias da comunicação, em consonância apenas com ideais tecnicistas e interesses de poder.

Trata-se da construção de “uma narrativa desvirtuada, degenerada”, que se apresenta através da “concepção de mundos ‘piores’, nos quais os valores e/ou a realidade são subvertidos” (Liebel, V., 2021, p. 190). A partir de um contexto histórico específico, a literatura distópica do século XX faz crítica ao presente de seus autores, imaginando futuros e criando novos lugares na história e no tempo.

Além disso, as distopias podem ser interpretadas como “*antídotos reflexivos* a ilustrar o *caráter gradativo do mal*, que, se manifesta pouco a pouco em ações e acontecimentos aparentemente prosaicos, e que quando não combatidos desde suas manifestações iniciais, [...] acabam por desumanizar ‘os outros’” (Perlatto, 2021, p. 63). Logo, é característico dessas obras descrever as estruturas que garantem que o sistema totalitário continue operando e cerceando liberdades, bem como mostrar possíveis dissidentes e suas formas de resistência.

O objeto livro, então, assume o potencial de registro histórico, mesmo que através de um registro ficcional que cria e imagina a partir do contexto de uma época, podendo, assim, dialogar com a contemporaneidade. Partindo desse pressuposto, pode-se pensar nas leituras que

são feitas das obras de distopia hoje, tendo em vista que as significações de um texto “dependem das formas e das circunstâncias por meio das quais os textos são recebidos e apropriados por seus leitores”. (Cavallo; Chartier, 1998, p. 6)

Com base nessa relação entre livro e leitor, é que este trabalho busca debruçar-se na construção dos significados possíveis de uma obra, propondo diálogos entre literatura e comunicação, através da perspectiva dos leitores. Levando isso em consideração, parte-se aqui de três obras: “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley, “1984”, de George Orwell, e “Fahrenheit 451”, de Ray Bradbury, escritos e publicados no século XX. Estes são livros de distopia que, por serem clássicos, marcaram gerações e continuam conquistando leitores na atualidade. Calvino (1993, p. 14) justifica essa relevância permanente de obras clássicas ao afirmar que elas possuem um efeito de ressonância, pois já possuem um lugar próprio numa continuidade cultural.

Perlatto (2021, p. 61) explica ainda essa renovação do interesse nas distopias, entre outros fatores: pela ascensão e fortalecimento de discursos de ódio de extrema-direita e de políticos e partidos conservadores em diferentes partes do mundo, pela eminência dos problemas ambientais e, ainda, pelos avanços tecnológicos e científicos irrefreáveis. Por isso, apesar do século XX ser considerado o propulsor do gênero distópico, tem-se ainda hoje um grande impacto desse tipo de literatura no imaginário social.

Tal constatação se confirma quando, em 2017, “1984” figurou entre os livros mais vendidos na Amazon, depois que a conselheira de Donald Trump, então presidente de extrema-direita recém-eleito nos Estados Unidos, defendeu a versão “alternativa” do governo sobre o número de pessoas que presenciaram a posse do republicano (Polêmicas [...], 2017). Questionar e jogar com a verdade é tema recorrente no livro de Orwell, o que pode explicar como, em um contexto como esse, o fez atrair ainda mais leitores.

No contexto brasileiro, é possível notar um efeito próximo. Em pesquisa anterior a esta, constatou-se que até o dia 7 de abril de 2021, “1984” e “Fahrenheit 451” estavam na lista de mais vendidos na categoria de “ficção” da “Revista Veja” (Moraes, 2021, p. 21). Tratava-se, portanto, do terceiro ano do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro, também permeado por uma relação conflituosa com a verdade e por discursos extremistas.

Ainda assim, essas obras são dotadas de contexto histórico, por isso, para pensar na sua recepção pelos leitores de hoje é importante ressaltar que a leitura é uma “prática criativa que inventa significados” (Chartier, 1992, p. 214), portanto destaca-se “a pluralidade das leituras possíveis do mesmo texto, em função das disposições individuais, culturais e sociais de cada um dos leitores” (Chartier, 2011, p. 100).

Em consequência disso, essas obras podem ser lidas de diferentes formas, tendo em vista que “todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, [...] o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância.” (Chartier, 1998, p.70-71). Fatores como a própria materialidade do livro, a relação do leitor com este objeto e o contexto social e histórico em que ele está inserido trazem à tona particularidades e práticas de leitura plurais.

Assim, justifica-se a pertinência deste trabalho ao considerarmos o lugar da comunicação e da literatura enquanto espaços potenciais para a reflexão crítica e a construção de novas percepções de mundo. A importância de obras como as que foram aqui elencadas é trazer à discussão o perigo de regimes totalitários, privações de liberdades e, ainda, possíveis reflexões acerca das tecnologias da comunicação. A leitura é uma prática que busca atribuir explicações e significados à experiência humana e, por isso, faz parte do “esforço infindável do homem em encontrar sentido no mundo em torno e dentro dele mesmo” (Darnton, 1990, p. 172). Logo, como acredita Robert Darnton (1990, p. 172), se conseguíssemos compreender como o homem lê, poderíamos vir a compreender melhor como ele entende a vida.

Tendo aqui como foco as distopias, pode-se pensar nesse tipo de literatura, inclusive, como uma “literatura social”, empenhada, descrita por Candido (2012, p. 29) como aquela que nos ajuda a tomar posição diante dos problemas sociais, já que parte de uma análise do universo social com tonalidade crítica. Dessa forma, a “literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (Candido, 2012, p. 24)

Assim, “os textos literários podem nos alertar para a necessidade da vigilância e da defesa contínua e permanente da democracia e dos valores dos direitos humanos nos nossos cotidianos mesmo em contextos democráticos” (Perlatto, 2021, p. 11). Por tal razão, continua sendo de grande importância discutir e pensar tais livros de distopia em sua relação com os leitores contemporâneos.

Para isso, toma-se como objeto de estudo as resenhas de “Admirável Mundo Novo”, “1984” e “Fahrenheit 451” publicadas no Skoob, uma rede social brasileira que tem como público-alvo leitores. Entre as suas funcionalidades, está a possibilidade de criar uma “estante virtual”, estabelecer “metas de leitura”, fazer atualizações diárias, participar de desafios, trocar livros, além de interagir com outros leitores. Há, ainda, formas de avaliar os livros, entre elas, a atribuição de até cinco estrelas a uma obra e a publicação de resenhas.

Redes como essa “favorecem o debate e a circulação de ideias sobre os modos de leitura do texto” (Oliveira, 2015, p.74), por isso colaboram para a aproximação com as perspectivas e

práticas do leitor. Assim priorizou-se as seguintes edições, por já estarem sendo utilizadas na pesquisa até aqui: “Admirável Mundo Novo” (Biblioteca Azul, 2014)¹, “1984” (Companhia das Letras, 2009)² e “Fahrenheit 451” (Biblioteca Azul, 2012)³.

Dessa forma, acredita-se ser possível observar as opiniões e interpretações dos leitores em um espaço onde eles se sentem parte de uma comunidade de leitores. Tendo em vista que a leitura é mais do que uma abstração ou atividade do intelecto, “é uso do corpo, inscrição em um espaço, relação consigo ou com o outro. É por essa razão que devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores” (Chartier, 2002, p. 70).

Ainda assim, apesar das similaridades e bases culturais comuns a uma comunidade de leitores, é importante ressaltar que as interpretações continuam sendo plurais e não redutíveis a uma única perspectiva. Refletir acerca dessa relação do leitor com os livros de distopia e seu papel enquanto sujeito que compõe significados e expõe opiniões acerca das obras é o que guia a escolha das resenhas do Skoob como objeto de estudo.

O **problema de pesquisa** perpassa, então, pela pergunta central: pensando na relação do leitor com o livro e na pluralidade de leituras possíveis de uma mesma obra, quais são os processos de leitura da literatura distópica hoje?

A principal **hipótese** de pesquisa parte da ideia de que a literatura distópica do século XX é capaz de levantar discussões e causar impacto nos leitores contemporâneos, que se apropriam e criam novos significados e leituras plurais das obras aqui enfocadas. Essa, por sua vez, suscita outras hipóteses: 1) Os leitores relacionam os cenários políticos das obras à realidade brasileira; 2) Os livros trazem cenários distópicos que os leitores relacionam ao momento atual e às suas vidas; 3) Os leitores identificam as tecnologias de comunicação nas narrativas e as relacionam com aquelas que fazem uso no seu dia a dia; 4) Os leitores podem ou não seguir os caminhos de leitura propostos por cada edição da obra; 5) Apesar das intenções dos autores e editores da obra, os leitores também exercem papéis ativos no exercício de leitura.

Parte-se do conceito de “protocolo de leitura”, de Roger Chartier (2011), que depreende que:

[...] os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo. (Chartier, 2011,

¹ Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>. Acesso em: 12 mai. 2023.

² Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>. Acesso em: 12 mai. 2023.

³ Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>. Acesso em: 12 mai. 2023.

p. 78)

Trata-se da leitura implícita que o autor e os editores imaginam ao compor um livro para um público leitor também imaginado. Eles supõem um horizonte de expectativas e buscam antecipar que leitura deve ser feita da obra. Sobretudo, para obras clássicas, escritas em outro momento histórico e, por isso, transformadas em reedições, pensadas para leitores distantes cronologicamente do tempo em que a obra foi escrita (Chartier, 2011, p. 99 *apud* Moraes, 2023, p. 4). Busca-se, ainda, refletir de que forma esses caminhos contidos no “protocolo de leitura” correspondem às leituras que, de fato, são concretizadas, tendo em vista que o leitor possui autonomia no momento da leitura.

Portanto, os leitores podem atribuir novas roupagens ao texto, apropriando-se dele, a fim de elaborar reflexões críticas sobre a realidade que os cerca, seus problemas e desafios. A fim de desenvolver a análise aqui proposta, entre o quadro teórico de referência acerca do objeto livro e suas leituras, evidenciam-se, entre outros: Roger Chartier (1992; 1998; 2022; 2011), Cavallo e Chartier (1998), Michel de Certeau (1998), Robert Darnton (1990), Antonio Candido (2012), Alberto Manguel (2021) e Michèle Petit (2019). Em relação à temática das distopias, ressaltamos também os autores já citados: Carolina Dantas de Figueiredo (2011), Rudinei Kopp (2011), Fernando Perlatto (2021) e Vinícius Liebel (2021).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, portanto não se pretende esgotar nem quantificar todas as opiniões possíveis acerca destes livros, até mesmo porque essas interpretações não se esgotam, mas expandem-se conforme as obras continuam sendo lidas. Contudo, busca-se entender e lançar o olhar para a apropriação que é feita em torno dessas obras distópicas clássicas do século XX, ciente de que há no tema aqui proposto potencial para discutir o livro, suas práticas de leitura e o papel dos leitores, bem como o próprio gênero distópico e o avanço das tecnologias de comunicação.

Utiliza-se as ideias de Charmaz (2009) para o desenvolvimento de uma “teoria fundamentada” na análise qualitativa das resenhas. Para isso, estabelecem-se eixos de discussão para a coleta e análise dessas resenhas, de forma que possamos nos ater aos principais pontos definidores das leituras relatadas no Skoob, traçando um dos caminhos possíveis para estudar a recepção dessas distopias.

Assim, o presente trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro deles, busca-se discutir o conceito de “distopia”, sua origem histórica e função social. Esse capítulo perpassa também pelo enredo de cada uma das três obras aqui estudadas, seus personagens, ambientação e alguns acontecimentos da trama.

No segundo capítulo, objetiva-se discorrer sobre o objeto livro, o conceito de “protocolo de leitura”, as relações entre autor, editor e leitor e o conteúdo de cada edição escolhida para a pesquisa.

No terceiro, o foco são as funcionalidades do Skoob, o conceito de “rede social”, a função das resenhas na avaliação das obras e no registro de experiências de leitura. Além disso, esse capítulo esclarece a metodologia escolhida para o desenvolvimento da análise das resenhas: a teoria fundamentada na análise qualitativa, baseada em categorias ou eixos de discussão.

O último capítulo trata-se da análise propriamente dita, reunindo resenhas dos três livros e dispondo-as para análise com base no referencial teórico desenvolvido ao longo do trabalho. Desenvolvem-se possíveis interpretações das percepções dos leitores contemporâneos sobre o gênero distópico, suas relações com a realidade e suas experiências de leitura, relatadas no Skoob.

1. DISTOPIAS: A LITERATURA COMO CRÍTICA SOCIAL

A distopia é considerada o extremo oposto da utopia. Proeminente no século XIX, a utopia concentra os sonhos e as esperanças da humanidade, além do impulso criador e do progresso tão marcantes nesse contexto histórico (Liebel, S., 2021, p. 9). Reconhecido como o século da Revolução Industrial, propulsor de grande desenvolvimento científico, tecnológico e de estabelecimento do capitalismo, este é um cenário que alimenta o otimismo em relação ao homem e à razão (Kopp, 2011, p. 14). Por isso, as utopias imaginam futuros e sociedades ideais, onde a evolução da humanidade alcança os níveis de progresso e harmonia almejados.

Contudo, o cenário que se segue, com o século XX, se contrapõe a essa expectativa. O contexto de guerra e conflitos armados, regimes autoritários e usos ideológicos da técnica contribuí para a criação do imaginário distópico. Autores como Huxley, Orwell e Bradbury experimentaram projetar os possíveis rumos da humanidade, caso os males que viviam atingissem proporções ainda mais alarmantes. É o que corrobora Huyssen (2000) ao discorrer sobre a memória desse período:

As memórias do século XX nos confrontam, não com uma vida melhor, mas com uma história única de genocídio e destruição em massa, a qual, *a priori*, barra qualquer tentativa de glorificar o passado. Depois das experiências da Primeira Guerra Mundial e da Grande Depressão, do stalinismo, do nazismo e do genocídio em escala sem precedentes, depois das tentativas de descolonização e das histórias de atrocidades e repressão, a nossa consciência foi afetada de tal modo que a visão da modernidade ocidental e suas promessas escureceu consideravelmente dentro do próprio ocidente. (Huyssen, 2000, p. 31)

A literatura distópica, então, serve como um registro histórico do imaginário pessimista e devastador que estava atrelado aos acontecimentos do século XX. Em consonância com isso, Perlatto (2021, p. 6) enfatiza o potencial das representações artísticas, sobretudo da literatura, nas disputas sobre o passado, contribuindo fundamentalmente para a construção de uma “cultura pública crítica de memória”. Esta seria um tipo de enfrentamento ao passado traumático.

Como nas distopias nota-se um apagamento da memória dessas sociedades, seja através da censura, da alteração de registros ou da queima de livros, ao construir e denunciar esses cenários na ficção, as obras de distopia vão na contramão desse movimento e constroem obras capazes de reconstruir a memória de seu tempo no campo da imaginação. Ao refletirem sobre o nosso passado e o presente de seus autores, deslocam as projeções dos problemas destes para o futuro. Portanto, as distopias “anteciparam a comunicação como forma de controle sobre os

indivíduos, a aniquilação das subjetividades e o império da técnica como possíveis ameaças ao século XXI” (Figueiredo, 2011, p. 25). A partir de um contexto histórico específico, a literatura distópica do século XX cria novos lugares na história e no tempo. Escrever é, então, um ato revolucionário. Certeau (1998, p. 226) enfatiza no cerne do projeto escriturístico a ambição de uma sociedade inteira “de *se constituir* em página em branco com relação ao passado, de se escrever a si mesma [...] e de *refazer a história*”.

É por conta disso que, aqui, reconhecemos ainda a distopia como *literatura social*. Segundo Antonio Candido (2012), esta abarcaria:

[...] produções literárias nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face dos problemas. Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica. (Candido, 2012, p. 29)

Há aí o intencional posicionamento do autor diante dos problemas sociais e, ao escrever, ele os denuncia perante a sociedade. Para Antonio Candido (2012, p. 25-26), a literatura está diretamente ligada aos direitos humanos e, a partir de uma forma organizada de texto, possibilita a organização de ideias de quem lê. A palavra escrita organiza o espírito e o leva a organizar o mundo. Trata-se, para o autor, de um direito e de uma necessidade universal do homem:

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, mutilação espiritual. (Candido, 2012, p. 35)

Nesse sentido, sobressai ainda a capacidade da literatura, sobretudo das distopias, de ser instrumento de desmascaramento dos entraves sociais. Traçando uma ponte entre realidade e ficção, Carolina Dantas de Figueiredo (2011) utiliza como referência Maingueneau para pensar no lugar da literatura. Este seria uma negociação entre lugar e não lugar, imaginação e realidade. Segundo a autora, Maingueneau colocaria a literatura de ficção num entrelugar ou “outro lugar”, mais especificamente em uma paratopia: a “superposição de dois espaços para a criação de um novo” (Figueiredo, 2011, p. 27).

Em consequência disso, não há uma separação rígida entre real e ficção e, por isso, a literatura pode ser objeto de estudo da comunicação, já que cria também caminhos possíveis de reflexão crítica acerca dos avanços da mesma, bem como dos problemas sociais. As distopias, então, destacam-se pelo seu caráter social, retratando a sujeição humana a governos totalitários,

convenções sociais e às tecnologias que os cercam, como corrobora, mais uma vez, Figueiredo (2011):

Além de descreverem futuros nefastos, em comum entre as distopias está a crítica social que realizam. Os autores partem da compreensão de que são eles mesmos assujeitados e, percebendo isto, tentam se colocar (ao menos conscientemente) fora desta situação. Percebem com isso a condição social vigente, as forças hegemônicas e mesmo os seus lugares de fala, o que permitiria a formulação de críticas, via ficção. (Figueiredo, 2011, p. 26)

A crítica contida nessas obras seria, então, reflexo da vivência de seus autores. Eles mesmos, temerosos com o que viviam, escrevem alertas para o futuro. É comum, nos cenários distópicos, o esvaziamento da cultura, moldando-a segundo os interesses dominantes de governos que inibem e oprimem a manifestação dos indivíduos. Portanto, é notável também o caráter político dessas obras que, ao evidenciarem governos totalitários, colocam em questão posicionamentos ideológicos. A distopia aponta “a incongruência de determinadas ideologias ou projetos políticos” (Figueiredo, 2011, p. 34). Para Figueiredo (2011, p. 36-37), ainda, a distopia seria uma mescla de ficção científica e denúncia, ao trazer como cenário o desenvolvimento tecnológico e o desencantamento de sociedades excessivamente racionalistas e uniformizadas.

Pela composição desses ambientes futuristas, mas próximos e verossimilhantes, em alguma medida, com a realidade, é possível localizar a distopia, como faz Vinícius Liebel (2021, p. 192) em algum lugar entre a nossa realidade e a utopia, passando, necessariamente, por um lugar de decadência.

Para pensar, então, nas obras aqui enfocadas, apropriamo-nos da categorização temporal proposta por Perlatto (2021, p. 62-63). Para o autor, a partir da produção distópica do século XX, é possível pensar em três grandes “ondas” de elaborações ficcionais distópicas. A primeira estaria datada entre os anos 1920 e 1940, tendo como pano de fundo a crise do liberalismo e a ascensão de regimes autoritários, como o nazifascismo e o stalinismo. Nessa onda, o autor inclui livros como “Nós”, de Zamiatin, “Admirável Mundo Novo” e “1984”.

Depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a segunda onda abarca o período da Guerra Fria (1947-1991), marcado pela publicação de obras como “Fahrenheit 451”. Há ainda a terceira onda, nos anos 2000, uma “era de ouro” para o imaginário de cenários distópicos após os ataques do *World Trade Center* no 11 de setembro, nos EUA. Nesta terceira onda, pode-se citar a trilogia “Jogos Vorazes”, de Suzanne Collins, iniciada em 2008.

Aqui, contudo, o foco mantém-se nas duas primeiras ondas, no cenário entre Guerras Mundiais e pós-Guerra Fria, período que compreende a escrita e publicação das obras de

Huxley, Orwell e Bradbury, a serem apresentadas a seguir.

Justifica a escolha dessas três obras, além da sua relevância, o fato de serem tratadas como um “trio” de distopias, figurando lado a lado até mesmo no conteúdo de suas edições brasileiras, como veremos mais adiante, no capítulo 2.

1.1. “Admirável Mundo Novo”: comunidade, identidade, estabilidade

Aldous Leonard Huxley nasceu em 1894 no condado de Surrey, na Inglaterra. Pertencia a uma família de tradicionais intelectuais ingleses e estudou medicina e literatura inglesa. Viveu na Itália durante o regime de Mussolini e, posteriormente, mudou-se para Hollywood a fim de trabalhar como roteirista. Em 1932, publicou “Admirável Mundo Novo”, onde construiu um imaginário de futuro marcado pelo seu conhecimento científico e literário. Morreu nos Estados Unidos, em 1963.

A história se passa no ano de 632 d.F. (depois de Ford)⁴ e um lugar chamado Londres Central vive sob o governo do Estado Mundial, regido pelo seguinte lema: “comunidade, identidade, estabilidade”. A estabilidade a que esse bordão se refere mantém-se em troca da padronização dos indivíduos, fecundados em laboratórios como em linhas de produção e imediatamente separados em castas sociais, antes mesmo do seu nascimento. As castas em “Admirável Mundo Novo” são divididas em uma hierarquia: Alfas, Betas, Gamas, Deltas e Ípsilons.

Assim, cada indivíduo é condicionado a desempenhar um papel e a identificar-se com um grupo, satisfazendo-se com o lugar a que é submetido. Nesse estado de coisas, a ideia de família é um constrangimento, já que todos têm a mesma origem: os laboratórios. Em decorrência disso, as relações sociais são rasas. Todas elas, inclusive as relações sexuais, pois o sistema prega que liberdade seria relacionar-se sem nenhum tipo de vínculo emocional. Dessa forma, as castas continuam sempre muito bem demarcadas e a satisfação dos prazeres também. Para tudo funcionar em perfeitas condições, a individualidade dá lugar à comunidade, tendo em vista que o senso de coletivo está presente a todo momento, tanto no ambiente de trabalho, quanto nas horas de lazer.

⁴ A época em que se passa a história faz referência a Henry Ford (1863-1947), fabricante norte-americano, conhecido por instituir o modelo de fabricação industrial em série de automóveis. Ver: <http://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/ford.htm>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Apesar do caráter apático e frio desse cenário, todos são felizes. Inclusive, qualquer princípio de desconforto pode ser curado com o “soma”, uma pílula capaz de causar bem-estar imediato, garantindo um estado de torpor e felicidade. Para viver o lema do Estado Mundial, há, inclusive, uma fórmula supostamente infalível, “o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos obrigados a fazer. Tal é a finalidade de todo condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar.” (Huxley, 2014, p. 36)

Por isso, não há nenhum tipo de incentivo ao pensamento crítico, e a memória não é reconhecida como um bem a ser preservado: museus já foram fechados há muitos anos, monumentos históricos destruídos e livros suprimidos. Agora, desses últimos há apenas aqueles de caráter técnico e instrutivo, manuais com títulos como: “Instruções Práticas para os Trabalhadores Betas dos Depósitos de Embriões” (Huxley, 2014, p. 160).

O único choque cultural com a vida na cidade é a vida em uma Reserva de Selvagens, localizada fora do mundo tido como “civilizado”. A própria noção de cultura, na cidade, é outra, exemplo disso é uma das regras sociais amplamente aceitas: “Mais vale dar fim que consertar.” (Huxley, 2014, p. 72). Evidencia-se aí um dos pilares do Estado Mundial: a valorização do novo.

A estética altamente desenvolvida científica e tecnologicamente permite, ainda, categorizar esta como uma “distopia ascética”, entendida por Vinícius Liebel (2021, p. 196) como um espaço onde uma “estética do liso” é pautada na limpeza extrema, na clareza, o que é percebido pelo leitor como um espaço de impossibilidade de ação, já que os personagens se encontram completamente expostos, controlados por um governo que mantém esse asceticismo. Este seria um dos alicerces da opressão automatizada e da homogeneização: “a fonte do (auto)controle imposto, a crença de que a vida sem percalços, sem obstáculos e plenamente planejada e calculada levaria à felicidade” (Liebel, V., 2021, p. 197).

Para o autor, a busca máxima pelos prazeres na obra está ligada também a essa higienização do ambiente, é o que corrobora o cenário descrito logo no início do livro:

Apesar do verão que reinava para além das vidraças, apesar do calor tropical da própria sala, a luz tênue que entrava pelas janelas era fria e crua, buscando, faminta, algum manequim coberto de roupas, algum vulto acadêmico pálido e arrepiado, mas só encontrando o vidro, o níquel e a porcelana de brilho glacial de um laboratório. [...] As blusas dos trabalhadores eram brancas, suas mãos estavam revestidas de luvas de borracha pálida, de tonalidade cadavérica. A luz era gelada, morta, espectral. (Huxley, 2014, p. 21)

O ambiente gélido expande-se, como se pode perceber, dos objetos para os indivíduos, que fazem parte desse cenário “glacial”, “espectral”, límpido, sem vida. Tais características contribuem ainda para uma segunda categorização da obra proposta pelo autor, a de uma “distopia tecnológica”, que apresenta a modernidade e os avanços tecnológicos como centrais

dentro da narrativa e, por isso, demonstra “como sociedades ‘perfeitas’ podem ser, na verdade, verdadeiros modelos distópicos.” (Liebel, V., 2021, p. 209)

O incentivo ao consumo, o imediatismo, a valorização do “progresso” em oposição à vida “selvagem” remetem, inclusive, às estruturas capitalistas. A própria menção à Ford na data do ano em que se passa a obra, remete à produção industrial, tão intrínseca à mecânica de funcionamento do capitalismo e da própria sociedade de Huxley. Ford é tratado como uma divindade e há muitas expressões no vocabulário comum que remetem a ele, da mesma forma como se refere normalmente a Deus na cultura ocidental: “só mesmo Ford sabia o quê” (Huxley, 2014, p. 56), “Nosso Ford” (Huxley, 2014, p. 55); ou mesmo para se referir às autoridades, no caso de um dos Dez Administradores Mundiais: “Sua Fordeza Mustafá Mond!” (Huxley, 2014, p. 55).

Somado a isso, há ainda a presença das tecnologias da comunicação, como: a hipnopedia, a música sintética e o cinema sensível. A hipnopedia e a música sintética são exemplos de mídias sonoras, reproduzidas através de aparelhos de som, alto-falantes. A primeira é o princípio do ensino durante o sono. Através da repetição exaustiva, os indivíduos aprendem, desde a infância, a aceitar as regras sociais como naturais, mesmo quando estão dormindo:

Nos berçários, a lição de Consciência de Classe Elementar havia terminado: as vozes adaptavam a futura procura à futura oferta industrial: “Como eu adoro andar de avião”, murmuravam, “como eu adoro andar de avião, como eu adoro ter roupas novas, como eu adoro...” (Huxley, 2014, p. 71).

Essa dinâmica garante que as bases da estrutura social continuem sendo propagadas sem levantar muitos questionamentos. É um fato: “Sessenta e duas mil repetições fazem uma verdade” (Huxley, 2014, p. 69). E, assim, as normas do Estado Mundial continuam sendo reproduzidas.

Nesse trecho, há o incentivo de hábitos relacionados à técnica e à obtenção de novos bens de consumo, de forma que os ensinamentos estivessem alinhados à classe social dos bebês. A consciência também se torna coletiva, padronizada, adaptando-se ao todo, inibindo os possíveis desejos individuais. Esse tipo de vozes murmuradas está presente em muitos ambientes, até mesmo dando ordens em elevadores. Contudo, a presença dessas mídias sonoras não se limita ao ambiente de trabalho e à fabricação de novos indivíduos. Nos momentos de lazer, há a música sintética, também produzida industrialmente.

Nas cerimônias coletivas, como o Dia de Ford, músicas como Cantos Comunitários e Hinos de Solidariedade são sempre entoados, como forma de celebrar o sucesso alcançado através da propagação de vidas estáveis e felizes. Esses eventos são preenchidos por muitas

doses de “soma” e versos repetitivos entoados por todo grupo: “Doze estrofes ardentes. [...] Infatigavelmente, a música continuava a se fazer ouvir. Os tambores rufavam. Os sons plangentes e atroadores das harmonias eram uma obsessão nas entranhas enternecidas” (Huxley, 2014, p. 106-107). Nesses momentos, o senso de coletividade atinge seu ápice, todos parecem estar conectados por um motivo maior: pela grandeza de Ford, pelo bom funcionamento do sistema.

Contribuindo para a composição desse cenário, há o cinema sensível. Para desfrutar do mesmo, os indivíduos acomodam-se em poltronas pneumáticas, as luzes se apagam e letras garrafais anunciam o “SUPERFILME CANTANTE, FALANTE, SINTÉTICO, COLORIDO, ESTEREOSCÓPICO E SENSÍVEL.” (Huxley, 2014, p. 202) que irá irradiar na tela.

Acompanhado do “órgão de perfumes”, o cinema sensível é assim chamado pela sua capacidade de estimular todos os sentidos de quem o assiste. Ele reproduz imagens ampliadas, sons, odores e até mesmo sensações similares às sentidas pelos personagens, através de botões metálicos nas poltronas. Em determinado momento, suas imagens são descritas como “muito mais reais do que a própria realidade” (Huxley, 2014, p. 203). Esse tipo de tecnologia proporciona uma experiência imersiva ao público, contribuindo para o condicionamento dos gostos e do comportamento dos indivíduos.

Essas tecnologias estão ligadas a uma rotina coletiva muito bem estabelecida, mas, apesar dos eventos sociais serem uma constante na rotina da população da Londres Central, o caráter de comunidade é automatizado, não impulsiona, por exemplo, a empatia, mas sim a superficialidade das relações.

Nesse contexto, faz-se notar, ainda, a separação dos veículos de comunicação de acordo com as castas: “O Rádio Horário”, jornal das castas superiores, “A Gazeta dos Gamas”, impresso em papel cáqui e escrito em palavras monossilábicas, e “O Espelho dos Deltas”. Além disso, há o Escritório de Propaganda responsável pela Televisão, pelo Cinema Sensível e pela Voz e Música Sintéticas, e o Colégio de Engenharia Emocional, instituições responsáveis por manter o comportamento dos membros daquela sociedade em conformidade com os moldes previstos. (Huxley, 2014, p. 90)

Ainda assim, apesar das distopias retratarem, em grande parte, sociedades acrílicas e inertes, também voltam o olhar para “as frestas das práticas repressivas, [...] ajudam a perceber as diferentes manifestações de resistências que são construídas contra os regimes autoritários” (Perlatto, 2021, p. 9). Em “Admirável Mundo Novo” não é diferente. Bernard Marx, um dos protagonistas da obra, é um Alfa-Mais que se sente inadequado diante dos outros indivíduos da sua casta devido a uma insuficiência óssea e muscular incomum aos membros de seu grupo, o

que o leva a um “excesso mental”. Por isso, ele reflete sobre os lugares sociais a que todos são impostos e é o responsável por levar a personagem Lenina para uma visita a uma das Reservas de Selvagens. A partir do encontro deles com o personagem Selvagem, boa parte do conflito de ideias da obra se desenvolve.

Outro personagem, Helmholtz Watson, divide parte dessas inquietudes com Bernard Marx. Por possuir um “excesso de capacidade” e inteligência, mesmo para sua casta superior, ele se questiona acerca da necessidade de numerosos casos de relacionamento e das palavras que usa em seu trabalho: “As palavras podem ser como os raios x, se as usarmos adequadamente: penetram em tudo. A gente lê e é transpassado [...] Mas de que diabo serve uma pessoa ser trespassada por um artigo sobre Cantos Comunitários ou sobre o último aperfeiçoamento dos órgãos aromáticos?” (Huxley, 2014, p. 94-95). O personagem percebe, então, o esvaziamento da cultura e mecanização do seu trabalho, que supostamente envolveria criatividade.

São descritos, portanto, a partir das consciências que tinham de si mesmos e das suas particularidades em uma sociedade moldada para ser uniforme, mostram os pontos fora da curva de uma estrutura social aparentemente estável. Este é um dos pontos-chave dos livros de distopia: mostrar os perigos e as brechas de sistemas autoritários e opressivos, através de personagens que nadam contra a maré.

1.2. “1984”: O Grande Irmão está de olho em você

Sob o pseudônimo de George Orwell, escreveu Eric Arthur Blair. Filho de um funcionário da administração britânica, nasceu na Índia, em 1903. Frequentou colégios tradicionais na Inglaterra e trilhou muitos caminhos em sua carreira. Na década de 1920, foi agente da polícia colonial da Birmânia. Depois, publicou diversos romances, ensaios e atuou como jornalista. Suas experiências em ambientes de demonstrações de poder influenciou seu trabalho literário. Em 1949, publicou “1984”, um ano antes de sua morte, em 1950.

Em “1984” (2009), George Orwell nos apresenta a uma cidade chamada Londres, localizada num país conhecido como Oceânia. Governado pelo Partido, o país tem como líder o Grande Irmão (*Big Brother*), uma figura onipresente no dia a dia da população que vive sob um regime calcado na ideologia do *Socing*, ou Socialismo Inglês. Esse regime é construído com base em ministérios, como: o Ministério da Verdade, responsável pelas notícias,

entretenimento, educação e belas-artes; o Ministério da Paz, responsável pela guerra; o Ministério do Amor, responsável por manter a lei e a ordem; e o Ministério da Pujança, responsável pelas questões econômicas. A contradição notável entre os nomes dos ministérios e suas funções, que abarcam a violação de muitas liberdades, está presente também nos slogans do Partido: “GUERRA É PAZ. LIBERDADE É ESCRAVIDÃO. IGNORÂNCIA É FORÇA.” (Orwell, 2009, p. 14)

O protagonista da obra, Winston Smith, trabalha com o falseamento de notícias e a alteração de registros oficiais no Ministério da Verdade. Trata-se, portanto, de um cenário onde há poucas certezas individuais bem estabelecidas, a não serem aquelas ditadas e construídas pelo Partido, mesmo que sejam contraditórias. O cenário da obra é apático e cinza e predomina nos ambientes a presença das teletelas, dispositivos de metal que ocupam as paredes dos locais públicos e privados, com uma programação voltada a fornecer ritmo à rotina da população, bem como veicular propaganda do Partido e vigiar o comportamento dos indivíduos.

A onipresença do Grande Irmão não se mantém apenas através das teletelas, mas pelos cartazes espalhados pelas ruas, com sua figura imponente de bigode, e a seguinte frase: “O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ” (Orwell, 2009, p. 12). Em outros objetos de uso diário, o líder também se faz notar:

Tirou do bolso uma moeda de vinte e cinco centavos. [...] do outro lado da moeda via-se a cabeça do Grande Irmão. Até na moeda os olhos perseguiam a pessoa. Nas moedas, nos selos, nas capas dos livros, em bandeiras, em cartazes e nas embalagens dos maços de cigarro — em toda parte. Sempre aqueles olhos observando a pessoa e a voz a envolvê-la. Dormindo ou acordada, trabalhando ou comendo, dentro ou fora de casa, no banho ou na cama — não havia saída. (Orwell, 2009, p. 38-39)

A presença constante de vigilância, o monitoramento da Polícia das Ideias e a falta de um espaço privado para os indivíduos mina qualquer tentativa de desvio e os dissidentes, se houverem, são “vaporizados”, somem não apenas do espaço público, mas dos registros e arquivos. Até mesmo a capacidade de expressão dos cidadãos é controlada e reduzida, com a instituição da Novafala, o idioma oficial da Oceânia, criado para atender às necessidades ideológicas do Partido, limitando e condicionando as formas de expressão dos indivíduos, com o intuito de “inviabilizar todas as outras formas de pensamento.” (Orwell, 2009, p. 348)

A sociedade é dividida em classes sociais, em ordem de hierarquia: o Partido Interno, o Partido Externo e os proletas, trabalhadores que vivem à margem da sociedade. Winston é membro do Partido Externo e possui uma rotina pré-determinada: os exercícios físicos em frente à teletela, as jornadas exaustivas de trabalho, os almoços de baixa qualidade na cantina juntamente com outros trabalhadores, as passeatas em prol do Partido. Tudo organizado de

forma a inibir possíveis deslizes.

Ainda assim, a distopia mostra-se, mais uma vez, um terreno fértil para a criação de subversores. Por isso, em um dia aparentemente comum, o protagonista desvia da sua rota de trabalho e, em um bairro de proletas, compra um diário. Seu ato de insubordinação passa a ser escrever nas páginas do diário sua irreverência e ódio ao Partido, procurando um ângulo fora dos limites da teletela em seu apartamento, de forma que não seja visto. Ao começar a escrever, o protagonista manifesta suas angústias e as ambiguidades do seu tempo e revela não conseguir precisar com exatidão o ano em que vive. O Partido controla, portanto, a memória, a história, o presente e as formas de expressão dos indivíduos:

Para quem, ocorreu-lhe perguntar-se de repente, estava escrevendo aquele diário? Para o futuro, para os não nascidos. Sua mente deu voltas por um momento em torno da data duvidosa na página, depois, com um solavanco, colidiu com um termo em Novafala: *duplipensamento*⁵. Pela primeira vez deu-se conta da dimensão de seu projeto. Como fazer para comunicar-se com o futuro? Era algo impossível por natureza. Ou bem o futuro seria semelhante ao presente e não daria ouvidos ao que ele queria lhe dizer, ou bem seria diferente e sua iniciativa não faria sentido. Ficou sentado por algum tempo contemplando estupidamente o papel. A teletela passara a transmitir uma música militar estridente. Estranho, parecia não apenas ter perdido a capacidade de se expressar, como inclusive ter esquecido o que originalmente pretendia dizer. (Orwell, 2009, p. 18)

Esse trecho ilustra os questionamentos, as preocupações com o futuro e a inibição de Winston ao se expressar, tamanha limitação da liberdade e da linguagem pelo Partido. Esse ato decisivo de escrita e a consciência do lugar da memória para a construção do futuro tornam possível, inclusive, fazer um paralelo entre Winston e seu autor. Orwell, ao escrever sua distopia, também se debruça sobre a memória de seu tempo e seus dilemas em relação ao porvir.

Sua obra é marcadamente política e este, de fato, é um dos principais motores de Orwell. Em seu ensaio “Por que escrevo”, escrito em 1946, antes da publicação de “1984”, o autor destaca, para além do desejo de ser visto e lembrado ou do entusiasmo estético, dois motivos para um escritor fazer seu trabalho: impulso histórico e propósito político. O primeiro derivaria do desejo de ver as coisas como são e preservá-las para a posteridade, o segundo tem na palavra “político” sentido amplo: “O desejo de impelir o mundo em certa direção, de alterar a concepção dos outros quanto ao tipo de sociedade que deveriam almejar. [...] nenhum livro é genuinamente isento de viés político. A opinião de que a arte não deveria ter nada a ver com política é, em si mesma, uma atitude política.” (Orwell, 2021a, p. 13)

Em consequência, Orwell percebe em seus escritos uma forma de posicionamento e

⁵ A expressão *duplipensamento*, em Novafala, institucionaliza a ideia de que ideias opostas podem ser verdadeiras se assim o regime desejar, como já foi visto nos slogans do Partido e nos nomes e funções dos ministérios.

legado para as gerações futuras, bem como Winston ousa fazer nas páginas do diário. Isto e seu envolvimento com a jovem Júlia, membro da Liga Juvenil Antissexo, organização responsável por manter o desejo sexual inibido, já que o sexo serviria apenas à função de cumprir com as obrigações reprodutivas, são os riscos que o protagonista passa a correr ao desobedecer a regras sociais muito bem estabelecidas.

Para compor tal cenário distópico, o estado constante de guerra revela parte do paralelo com o contexto da época em que a obra foi escrita. Há descrições do perigo de bombardeios, execução de presos políticos estrangeiros em praça pública, aviões sobrevoando a cidade. Aqui, a Oceânia está sempre em conflito com uma das outras duas grandes potências mundiais: Eurásia e Lestásia. A depender do interesse do Partido, o conflito se alterna entre os dois países e todos os registros e notícias são alterados de forma a fazer parecer que a “verdade” sempre foi a mesma. O controle do Partido sobre o que é ou não informado é tamanho que essas alterações e mudanças na história são quase imperceptíveis. Contudo, Winston, ao trabalhar no Ministério da Verdade, não deixa escapar esses abusos de poder e de questionar-se acerca das suas consequências.

Em paralelo a isso, há ainda mais tecnologias da comunicação sendo utilizadas em prol do Partido. Além das teletelas, há os filmes de guerra nos cinemas, contribuindo para a manutenção do imaginário violento em relação aos países estrangeiros e de defesa e orgulho à Oceânia. No Ministério da Verdade, há o trabalho do Departamento de Documentação, incumbido de abastecer os cidadãos com jornais, filmes, livros, programas de teletela, peças, romances e todo tipo de informação, ensino ou entretenimento, produzindo bens culturais, modificando-os e, inclusive, direcionando-os a cada uma das classes sociais.

A memória, como em “Admirável Mundo Novo”, é esvaziada de sentido, portanto conhecer a história pela arquitetura, pelos livros, lápides, estátuas ou nomes de ruas também é inviável, nada escapa das alterações do Partido. (Orwell, 2009, p. 120)

Por apresentar esse panorama detalhado da estrutura de um governo totalitário, “1984” pode ser considerada uma “distopia ideológica”, como proposto por Vinícius Liebel (2021, p. 203). Tendo em vista o desgaste que o liberalismo vinha sofrendo nas últimas décadas do século XIX, o século XX foi um cenário fértil para a ascensão de outras ideologias e de outras formas de pensar o Estado e a sociedade, culminando em modernidades alternativas. Por isso, “as narrativas que priorizam a visão ideológica (ou melhor, a totalização ideológica) como um pesadelo distópico compõem grande parte da produção do gênero e, principalmente, da atração que o gênero exerce sobre os leitores” (Liebel, V., 2021, p. 203).

Para o autor, tendo sua origem datada nesse contexto pós-Primeira Guerra Mundial

(1914-1918), as distopias ideológicas não são apenas o ramo mais evidente e influente das distopias, refletindo em vários outros subgêneros distópicos, mas é também perceptível a longevidade e capacidade de reinvenção destas no último século. E, ousa-se dizer aqui, ainda hoje, na perspectiva dos leitores contemporâneos.

1.3. “Fahrenheit 451”: o prazer em queimar livros

Ray Douglas Bradbury nasceu em Illinois, nos Estados Unidos, em 1920. Filho de um técnico em instalação de linhas telefônicas, mudou-se e viveu em muitas cidades do país. Trabalhou como jornalista, roteirista e publicou diversos contos, mesclando gêneros como ficção científica, terror e suspense. Publicou “Fahrenheit 451” em 1953 e, ao longo da vida, recebeu diversos prêmios. Morreu aos 91 anos em Los Angeles, em 2012.

Em “Fahrenheit 451” (2012), Ray Bradbury constrói uma sociedade onde os livros são proibidos e a função dos bombeiros é queimá-los, já que as casas, à época, já são à prova de incêndio. O romance se passa nos Estados Unidos no futuro e o protagonista Guy Montag é um bombeiro.

Na obra, não há só a proibição dos livros, mas o esvaziamento do interesse pelo que estaria contido neles. Prevalece a lógica do consumo imediato, sobretudo com a forte presença do entretenimento, ou mesmo dos incêndios de livros, exibidos e espetacularizados em programas televisionados. Em consonância com isso, Montag segue seus dias cumprindo seu dever. O efeito do fogo atado aos livros é descrito com detalhes, Montag considera queimar um prazer e suas mãos colocando as páginas em chamas são comparadas a de um maestro, como se fosse um artista ao, contraditoriamente, banir a arte.

Mildred, sua esposa, também se satisfaz permanecendo sempre em casa, na companhia apenas das suas pílulas e das tecnologias da comunicação, seja através de grandes telas nas paredes e suas “novelas interativas”, ou das conchas sonoras, “besouros eletrônicos que zumbiam sem parar” (Bradbury, 2012, p. 37), dispositivos muito semelhantes aos atuais fones de ouvido, que transmitem mensagens e músicas ininterruptamente. O incentivo ao consumo, a velocidade do dia a dia, o desenvolvimento tecnológico e a superficialidade das relações ajudam a compor um cenário de conformismo.

Em uma das cenas em que Mildred explica a Montag a dinâmica presente em uma das peças veiculadas no “circuito de tela múltipla” (Bradbury, 2012, p. 39), em que ela desempenha

um papel juntos aos personagens, fica evidente como o avanço tecnológico, o entretenimento e o consumismo estão atrelados e determinam o comportamento dos indivíduos:

- Sobre o que é a peça?
- Eu já lhe falei. Tem essas pessoas chamadas Bob, Ruth e Helen.
- Ah.
- É muito divertido. Vai ficar ainda melhor quando pudermos instalar a quarta tela. Quanto tempo você acha que teremos de economizar até podermos furar a quarta parede e instalar uma quarta tela? Custa só dois mil dólares.
- Isso é um terço do meu salário anual.
- São só dois mil dólares — replicou ela. — Bem que você poderia ter um pouco de consideração por mim de vez em quando. Se tivéssemos uma quarta tela, puxa, seria como se este salão não fosse mais só nosso, mas os salões de todos os tipos de pessoas exóticas. Poderíamos abrir mão de algumas coisas.
- Já estamos abrindo mão de algumas coisas para pagar a terceira tela. Faz apenas dois meses que ela foi instalada, lembra-se?
- Só isso? — Ela ficou sentada olhando para ele demoradamente. (Bradbury, 2012, p. 39-40)

Nesse trecho, denuncia-se a efemeridade dos objetos de consumo que, tão logo são adquiridos, dão lugar ao desejo de novos aparatos tecnológicos. Se o impulso de Mildred para a compra de mais uma tela fosse satisfeito, ela argumenta que o salão da casa em que vive com Montag não seria mais habitado apenas por eles, mas por “todos os tipos de pessoas exóticas”. Esse diálogo ilustra a superficialidade das relações sociais e a imersão nas novas tecnologias, tendo em vista que a interatividade com os personagens das peças, também chamados de “família”, substitui relacionamentos reais.

Outro objeto que inquieta Montag é o Sabujo Mecânico, um animal-máquina que vive no corpo de bombeiros e tem a função de vigiar, caçar, localizar e eliminar possíveis ameaças, uma “fera ao mesmo tempo morta e viva” (Bradbury, 2012, p. 44). O animal é programado para matar, mas Montag não confia em sua funcionalidade, imaginando que este possa ser uma ameaça a ele, de quem o animal não “gosta”. Seu chefe, o capitão Beatty, explica: “Ele não gosta nem desgosta. Apenas ‘funciona’. [...] Ele tem uma trajetória definida por nós. Ele executa. Segue a pista, faz a mira e dispara. É só fio de cobre, baterias recarregáveis e corrente elétrica” (Bradbury, 2021, p. 46). Contudo, essa desconfiança diante da técnica, mais uma vez, é reflexo da época em que o livro foi escrito.

Tal presença marcante das tecnologias, inclusive, permite que a obra seja caracterizada por Vinícius Liebel (2021, p. 209-210), assim como “Admirável Mundo Novo”, como uma “distopia tecnológica”. Segundo o autor, a modernidade e o avanço ganham papéis centrais nessas narrativas, sobretudo, neste caso, influenciadas pelo contexto das corridas tecnológica e espacial da Guerra Fria, época em que a obra de Bradbury foi escrita. Trata-se de um retrato da racionalidade instrumental de uma sociedade anti-intelectual, onde se considera que refletir e pensar geram inquietação e infelicidade, logo, não interessa. Esse tipo de afastamento da cultura

e da memória é elemento comum às três distopias estudadas aqui:

É especialmente notável que, nas maiores distopias do século XX, o gosto pela cultura, arte e ciência venha associado a personalidades tidas como degeneradas, sempre prontas para contestar a ordem social vigente, vistas, portanto, como indivíduos a serem reeducados, o que inclui primordialmente a extinção dos seus pendores culturais. (Matos, 2017, p. 49)

Ao negar aos indivíduos o conhecimento, negam-se suas individualidades e subjetividades. O combate ao livro, como elemento central dessa narrativa, ilustra o combate à cultura e ao pensamento crítico. Sem conhecer a sociedade em que se vive, não há motivos para discordar ou empenhar-se pela mudança.

Contudo, em um dia comum, voltando para casa do trabalho, Montag conhece Clarisse McClellan, uma adolescente curiosa que faz muitas perguntas ao protagonista, perguntas sobre as quais ele nunca tinha pensado: era verdade que os bombeiros apagavam incêndios no passado, em vez de provocá-los? Já havia notado a velocidade excessiva dos carros e a correria da vida? Já havia prestado atenção no orvalho sob a grama de manhã? Era feliz? Todos esses questionamentos dizem respeito a detalhes que Montag não dispõe de tempo para observar ou refletir e, por isso, despertam sua inquietação.

Clarisse não frequenta a escola, conta que lá as pessoas se reúnem, mas não há nada de social, elas não são incentivadas a estabelecer diálogos ou fazer perguntas, apenas assistem a filmes educativos, praticam esportes, transcrevem histórias, pintam e recebem respostas prontas. Aliás, para a personagem, as pessoas não conversam sobre nada interessante: “O que mais falam é de marcas de carros ou roupas ou piscinas e dizem: ‘Que legal!’”. Mas todos dizem a mesma coisa e ninguém diz nada diferente de ninguém. E, nos bares, ligam as *jukebox* e são sempre as mesmas piadas [...]” (Bradbury, 2021, p. 51). Há uma busca pela padronização dos indivíduos, moldando seus interesses, por isso o comportamento de Clarisse mostra-se atípico e ela é vista como “louca”.

Essa uniformização é corroborada na fala do capitão Beatty que esclarece, em uma conversa com Montag, como caminharam para o tipo de vida que conhecem:

Todos devemos ser iguais. Nem todos nasceram livres e iguais, como diz a Constituição, mas todos se *fizeram* iguais. Cada homem é a imagem de seu semelhante e, com isso, todos ficam contentes, pois não há nenhuma montanha que os diminua, contra a qual se avaliar. Isso mesmo! Um livro é uma arma carregada na casa vizinha. Queime-o. Descarregue a arma. Façamos uma brecha no espírito do homem. Quem sabe quem poderia ser alvo do homem lido? Eu? Eu não tenho estômago para eles, nem por um minuto. (Bradbury, 2012, p. 81-82)

Aqui, igualdade não é um dispositivo positivo que humaniza e dignifica os indivíduos no acesso aos seus direitos, mas possui um caráter inibidor da diferenciação que traria debate,

conflito de ideias. O capitão Beatty conta a Montag que, com a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão, as coisas passaram a possuir “massa”. O conhecimento foi resumido, condensado para caber em uma manchete. Não havia mais tempo a desperdiçar e, por fim, com toda a rapidez de que dispunham do entretenimento, o tempo que leva para a leitura de um livro deixa de interessar.

Os encontros e conversas com Clarisse, juntamente com outro episódio em um dos seus plantões noturnos, em que uma mulher se recusa a abandonar sua casa e sua biblioteca clandestina, preferindo morrer junto de seus livros em chamas, causam espanto em Montag, abalando suas supostas certezas. A partir disso, o protagonista passa a roubar livros e escondê-los em sua casa, procurando entender o que havia neles de tão valioso para que aquela mulher não quisesse deixá-los. Assim, passa a questionar as regras sociais às quais está submetido, bem como Bernard Marx, em “Admirável Mundo Novo”, e Winston, em “1984”.

A partir do despertar das suas consciências, os protagonistas dessas obras passam a apresentar mudanças de comportamento. Sua relação com a cultura traduz-se em seus atos de resistência, desde os mais subjetivos, como demonstrações de emoções indesejáveis e pensamentos dissonantes, até ações transgressoras, como é o caso do roubo clandestino de livros por Montag.

Outro personagem importante para a mudança de perspectiva do protagonista é Faber, um professor de inglês que foi aposentado quando, há quarenta anos, fecharam a última faculdade de ciências humanas por falta de alunos e patrocínio. Ao se conhecerem no parque, Montag pode perceber que Faber oculta um livro em seu casaco, por isso o homem é capaz de recitar poesia. Contudo, em seu movimento de intransigência, Montag torna-se seu aliado, ouvindo o que o homem diz, mesmo em uma sociedade imersa no senso comum: “Eu não falo de *coisas*, senhor. [...] Falo do *sentido* das coisas.” (Bradbury, 2012, p. 99)

Para Faber, os livros possuem textura, feições e, por isso, causam medo: “Entende agora por que os livros são odiados e temidos? Eles mostram os poros no rosto da vida” (Bradbury, 2012, p. 108). Dessa forma, o professor argumenta que a magia está no que os livros dizem, o mesmo que poderia ser dito pelos rádios e televisores. Contudo, estes são imediatos, levam apressadamente quem os ouve ou assiste às conclusões, se tornam “a verdade”. É preciso poder dialogar, protestar, dispor de tempo para pensar, como se fazia com os livros.

Além disso, mais um aspecto que se sobressai no cenário da obra é, assim como em “1984”, o cenário de guerra, que recebia pouca atenção da maioria das pessoas:

Dava para sentir a guerra se preparando no céu naquela noite. [...] Montag saiu do metrô com o dinheiro no bolso (tinha ido ao banco, que ficava aberto a noite toda,

robôs atendendo nos guichês dos caixas) e, enquanto caminhava, ouvia a radioconcha num ouvido... “Mobilizamos um milhão de homens. Se a guerra vier teremos uma vitória rápida...” Uma enxurrada de música engolfou a voz, que se foi. “Dez milhões de homens mobilizados”, cochichou a voz de Faber na outra orelha. “Mas *diga* apenas um milhão. É mais alegre.” (Bradbury, 2012, p. 118)

A enxurrada de informações, imagens, sons e sensações que acometem os cidadãos de “Fahrenheit 451” serve como distração para os problemas sociais que, dessa forma, aparentam ser quase inexistentes. Montag e Faber, apesar disso, inquietam-se em relação à iminência do conflito. Faber, ainda, indaga se os números, que logo são interrompidos pela música, são mesmo verdadeiros. Mais uma vez, a distopia serve como motor para construir novos olhares sobre as mudanças ocasionadas pelo suposto progresso técnico, os conflitos mundiais e o cerceamento do livre acesso às informações, bem como à formação de opiniões pelos cidadãos.

Diante disso, conhecendo elementos essenciais ao gênero distopia e o enredo das três obras, faz-se necessário, agora, entender a prática de leitura e o objeto livro como espaços potenciais para múltiplas leituras e interpretações. No capítulo a seguir, desenvolveremos nossas ideias a partir das transformações históricas do livro, do conceito de “protocolo de leitura”, de Roger Chartier (2011), bem como de todo referencial teórico que abarca o enfoque escolhido em relação ao livro, ao leitor e ao ato de leitura. Ademais, para abarcar as distopias como um todo, serão exploradas as edições escolhidas das obras de Huxley, Orwell e Bradbury, em sua composição enquanto produto editorial.

2. UM LIVRO, MÚLTIPLOS SENTIDOS: PRÁTICAS DE LEITURA PLURAIS

O objeto livro, tal como o conhecemos hoje, é resultado de uma história das práticas de escrita e leitura. Alberto Manguel (2021) data a invenção da escrita de cerca de 6 mil anos atrás, na Mesopotâmia, registrada através de duas placas de argila de formato retangular encontradas na Síria, em 1984, e datando do quarto milênio antes de Cristo. Nesse momento da história, os poucos indivíduos que detinham a habilidade de decifrar palavras escritas eram reconhecidos como “escribas”, e não “leitores”.

Contudo, para Manguel (2021), a leitura é uma prática mais antiga que a escrita. Ler as letras de uma página é apenas uma das formas que esse ato assume. O astrônomo lendo um mapa de estrelas, o agricultor lendo o tempo no céu, o zoólogo lendo o rastro de animais na floresta, o público lendo os movimentos da dançarina no palco, todos eles compartilham com os leitores de livros, segundo o autor, a arte de decifrar e traduzir signos. Ler, assim, viria antes de escrever. Uma sociedade pode existir, e de fato muitas existem, sem escrever, mas nenhuma sociedade pode existir sem as diversas práticas de leitura. Para a maioria das sociedades letradas, ainda, ler está no princípio do contrato social.

As reflexões de Manguel (2021) carregam algumas controvérsias, já que podem ser interpretadas como generalistas e simplórias. Afinal, se ler um quadro assemelha-se a ler um livro, pintar seria um exercício de escrita? Não podemos afirmar isso, portanto, ciente de que esta pode ser uma armadilha, o que nos interessa nessa ideia é perceber a abrangência do conceito de leitura, focando, neste trabalho, na leitura da palavra escrita e suas particularidades.

Além disso, é possível estabelecer um diálogo entre o trabalho de Manguel (2021) e o pensamento de Paulo Freire (1989), para o qual a leitura do mundo precede a leitura da palavra e, portanto, a posterior leitura desta não dispensa a continuidade da leitura do primeiro. Para o autor, a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Assim, há a relação intrínseca entre texto e contexto e a linguagem e a realidade estão entrelaçadas dinamicamente.

Dessa forma, lê-se para compreender e atribuir significado ao que se vive, “pois a leitura não é simplesmente uma habilidade, e sim uma maneira de fazer sentido, que deve variar de cultura para cultura” (Darnton, 1990, p. 159). De acordo com Chartier (1992, p. 220-221), pensar na leitura (e aqui se fala da palavra escrita) exige pensar na relação entre três polos: o próprio texto, o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende. Nesse sentido, devem-se reconhecer também as mudanças no objeto de leitura ao longo da história, até chegarmos aos

formatos e modos de ler que temos hoje.

Jesper Svenbro (1998, p.41-42) constata que a escrita alfabética irrompeu na cultura grega por volta do século VIII a.C., em uma cultura de tradição oral. Assim, a escrita só interessava na medida em que visava uma leitura oralizada, pois era dotada de um caráter incompleto, logo se acreditava que a sonorização era necessária para seu entendimento. Por isso, o leitor na Grécia Antiga cede sua voz ao autor do texto, numa relação de servidão (Svenbro, 1998, p. 48). Há, então, os exemplos da literatura épica e da leitura pública.

Nesse cenário, a leitura antiga faz-se a partir de outro formato de livro: o *volumen*, ou rolo, “uma longa faixa de papiro ou de pergaminho que o leitor deve segurar com as duas mãos para poder desenrolá-la” (Chartier, 1998, p. 24). O texto apresenta-se em colunas e, com as duas mãos ocupadas, o leitor não pode escrever ao mesmo tempo em que lê e dificilmente pode transitar livremente entre fragmentos distantes do texto.

Os primeiros testemunhos de uma leitura silenciosa também datam da Grécia Antiga, no final do século V a.C., através das peças de Eurípides e de Aristófanes, e dizem respeito a objetos diferentes do livro (Cavallo; Chartier, 1998, p. 11). Esses registros são de documentos provenientes de Atenas e, por isso, trata-se de uma prática restrita a um grupo limitado de leitores, desconhecida de um bom número de gregos, sobretudo dos analfabetos, que conhecem a escrita do “exterior” (Svenbro, 1998, p. 48). Prevalece, ainda, a leitura em voz alta, uma prática social, coletiva. Contudo, é dessa época em diante que o livro passa a exercer um papel fundamental, pois a ele são confiadas a composição, a circulação e a conservação das obras e da literatura. (Cavallo; Chartier, 1998, p. 13)

“Até os séculos II-III d.C., ‘ler um livro’ significava normalmente ler um rolo” (Cavallo, 1998, p. 78). Roma, inclusive, herdou do mundo grego e helenístico a estrutura física do *volumen* e seus modos de ler (Cavallo; Chartier, 1998, p. 16). Depois disso, porém, há um aumento no número de bibliotecas, inclusive a criação de bibliotecas públicas, e o progresso da alfabetização. É importante destacar que, ainda que essas bibliotecas não fossem reservadas a pequenos círculos, como as helenísticas da Antiguidade, são “bibliotecas eruditas”, pois, apesar de serem abertas, eram frequentadas por um público de leitores de classe média alta, a mesma, ou quase, que já dispunha das bibliotecas particulares. (Cavallo; Chartier, 1998, p. 17)

Contudo, o mundo greco-romano da época imperial marca então uma nova fase das práticas de leitura, onde a circulação da palavra escrita aumenta e passa-se a produzir e distribuir um tipo diferente de livro: o *codex*. (Cavallo; Chartier, 1998, p. 17) Esse livro é composto por folhas dobradas e encadernadas, com o texto distribuído na superfície da página de forma manuscrita, dispondo de elementos como paginação, numeração, índice e sumários. (Chartier,

1998, p. 7) O manuscrito é cuidadosamente ornamentado à mão, podendo ser acrescentados a ele títulos e notas marginais. Com esse formato, já é permitido ao leitor uma maior autonomia diante do objeto lido, já que é possível marcar as páginas com o dedo, bem como confrontar diferentes partes do texto. (Chartier, 1998, p. 14) Esse formato é predominante desde o século II d.C.

Outra prática que se destacou na Europa durante a Idade Média é a passagem da leitura em voz alta para uma leitura silenciosa ou murmurada. Nesse momento histórico, lia-se majoritariamente para conhecer Deus e para a salvação da alma. O formato do *codex*, inclusive, com as páginas seccionando o texto, facilitava o exercício de uma leitura meditativa, passível de releituras. Assim, o livro assume, em grande parte, um caráter sagrado. (Cavallo; Chartier, 1998, p. 21)

Por volta de 1450, no século XV, com a invenção da prensa de tipos móveis e a Revolução de Gutenberg, o livro herda a estrutura do *codex*, o que muda é o custo e o tempo de produção, que diminuem (Chartier, 1998, p. 7) e, conseqüentemente, há o maior acesso e circulação dos textos. Chartier (1998, p. 9) chama atenção, então, para a continuidade que há entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso. Esses formatos e suas práticas de produção, circulação e leitura se reinventam, mas também se aglutinam, e até coexistem, ao longo do tempo.

Dessa forma, as brochuras que compramos hoje são *codex*, com suas folhas encadernadas, o folhear de páginas, os índices e organização do texto. Brochura é um tipo de encadernação, realizada no processo intitulado brochagem, que envolve uma série de operações: desde a organização das páginas, até a sua reunião com a capa. Em oposição ao livro brochura, está o livro de capa dura. (Liv, 2020) Contudo, este também carrega as mesmas estruturas fundamentais do *codex*. É também portátil, mais acessível. Michèle Petit (2019) afirma que, ao tomar em mãos esse objeto, é possível que a leitura seja uma experiência espacial e a relação com o livro acolhedora:

O objeto-livro e seus conteúdos, textos e ilustrações parecem conjugar-se para fazer da leitura essa experiência espacial. O aspecto material do livro, quando se trata do *codex*, contribui provavelmente para seu caráter hospitaleiro. É comum ver bebês pousarem um livro sobre a cabeça, como se fosse um telhadinho. Um livro é uma espécie de cabana que se pode carregar consigo; nós a abrimos, entramos, podemos voltar a ela [...] (Petit, 2019, p. 46)

É entre a Idade Média e a Idade Moderna também que a leitura silenciosa passa a ser uma prática comum e uma norma interiorizada (Cavallo; Chartier, 1998, p. 24), predominante ainda hoje. Michel de Certeau (1998, p. 271) descreve essa prática de ler sem pronunciar em

voz alta como uma experiência “moderna”, levando em conta que a leitura se tornou uma obra da vista há três séculos. Se antigamente o leitor interiorizava o texto, fazia da própria voz o corpo do outro, hoje o texto não impõe mais o seu ritmo ao assunto. A leitura silenciosa liberta ainda mais a atividade de leitura, o texto não está mais preso ao corpo do seu ator. Há a autonomia do olho, a prática da leitura dinâmica e uma maior possibilidade de movimentos:

[...] as técnicas de leitura dinâmica obtêm, diminuindo as paradas da vista, uma aceleração das travessias, uma autonomia maior em relação às determinações do texto e uma multiplicação dos espaços percorridos. Emancipado dos lugares, o corpo que lê se acha mais livre em seus movimentos. Exerce em gestos a capacidade que cada sujeito tem para converter o texto pela leitura e “queimá-lo”, assim como se queimam as etapas. (Certeau, 1998, p. 272)

A atividade leitora abrange para além do olhar sobre a página e a atribuição de sentido aos signos, os movimentos e os gestos do leitor, sua liberdade de ir e vir no texto, de intervir ou não na página. Com as mudanças nessas práticas e nos formatos de leitura ao longo da história, o papel do leitor também adquiriu novas nuances e cada vez mais espontaneidade e possibilidades de escolha.

É interessante acrescentar, contudo, que apesar da tentativa de se traçar uma história do livro e das práticas de leitura, não se trata de um processo linear. Por isso, podemos referenciar-nos nas ideias de McCutcheon (2015). O autor complexifica a ideia de que haveria uma “evolução” do livro e a simples “substituição” de uma tecnologia por outra:

Os estudos do livro mapeiam o desenvolvimento biológico na história deste artefato, referindo-se ao códice manuscrito como a “infância” do livro e ao códice impresso moderno como sua “idade adulta”, sendo o pergaminho o “ancestral” desta nova forma de vida. Além disso, não é incomum falar de um livro como tendo um “ciclo de vida”, desde o nascimento (publicação) à vida (circulação e consumo) até a morte (desuso ou destruição física). [...] Neste caso, essas metáforas biológicas revelam que vemos o livro, em algum nível, como semelhante a uma espécie viva, evoluindo e desenvolvendo-se em direção a uma determinada forma. Tal visão é parte integrante da ideologia geral da “superação” que informa nossa compreensão da tecnologia da informação, onde cada nova forma de tecnologia representa um importante avanço tecnológico e ruptura decisiva com o passado. (McCutcheon, 2015, p. 18, tradução da autora).

Tal perspectiva pode refletir em um determinismo tecnológico. Por isso, apesar da importância de pontuar tais formatos e práticas ao longo da história, é essencial ter em vista a dinamicidade do objeto livro e seus usos. Há, portanto, uma continuidade entre os formatos e tecnologias. Tratando-o como um objeto em “desenvolvimento contínuo” e não um “monumento imóvel”, Vieira e Gonçalves (2020, p. 277) acrescentam: “Monumentalizar o livro e sua história e perder de vista o caráter adaptável e plástico dos livros podem obscurecer o entendimento das práticas de leitura em mídias eletrônicas”, inclusive.

Atualmente, há também a presença do *e-book*: o “livro eletrônico” ou “livro digital” (Mittermayer, 2018, p. 65). Trata-se de um formato que cria novas e mais práticas de leitura na relação com o texto digitalizado. Segundo Marcelle Gomes (2021), em comparação com o contato com a página, o contato com a tela produz diferentes efeitos sensoriais e relações com as materialidades da comunicação. O livro digital pode ser lido em diversos suportes e “em diferentes telas, como a de computadores, celulares, *tablets* e, também, em dispositivos eletrônicos para leitura, os *e-readers*” (Gomes, 2021, p. 4).

Admitindo esses novos formatos, suportes e possibilidades, Roselusia Oliveira (2018) destaca que, na virada do século XX para o XXI, houve um aumento relevante das práticas de leitura, tendo em vista que hoje se vive um período em que muitas obras estão sendo disponibilizadas no meio digital. “Essa discussão gira em torno da promoção e apropriação da leitura, ou seja, da ampliação da oferta dos livros, da recepção dos textos por parte dos leitores e, de alguma forma, também da produção escrita de leitores nas redes sociais” (Oliveira, 2018, p. 98). Por tais mudanças e transformações nas práticas de leitura contemporâneas, torna-se possível também estudar as manifestações escritas dos leitores sobre seus objetos de leitura nas redes sociais, como é aqui o caso do Skoob.

Por isso, é imprescindível conhecer as mudanças do livro ao longo da história para entender e conceber a pluralidade de leituras possíveis no contato com este objeto, o qual é fruto de escolhas autorais, editoriais e dos leitores, e que pode existir em diferentes formatos.

2.1. “Protocolo de leitura”: a leitura implícita de um livro

A fim de entender melhor como a relação do leitor com o livro se desenvolve, toma-se como conceito-chave para a presente pesquisa a ideia de “protocolo de leitura”, de Roger Chartier (2011). Assim, pode-se levar em consideração os caminhos traçados pelo autor e pelo editor ao construírem o objeto de leitura que chegará às mãos do leitor.

Darnton (1990, p. 112) define o ciclo de vida de um livro como um sistema composto por vários agentes: “um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro)⁶

⁶ É interessante destacar as mudanças na figura do editor ao longo da história. Chartier (1998, p. 50-53) afirma que, dos séculos XVI ao XVIII, predomina a figura do livreiro-editor. Portanto, não existe uma autonomia da atividade editorial: primeiro se é livreiro, impressor, ou gráfico e, por isso, se assume a função editorial. Nesse momento, o foco está nas relações de comércio. Com as revoluções industriais, no século XIX, mais propriamente nos anos 1830, fixa-se a figura do editor enquanto uma profissão de natureza intelectual e

que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor.” Perspectiva já questionada por McCutcheon (2015), parte de uma linearidade do ciclo de vida do livro. Contudo, enfatiza a necessidade de pensar no livro como produto de um trabalho coletivo, dotado de atribuições de sentido múltiplas, advindas de cada fase e/ou agente desse ciclo.

Nesse sentido, destacam-se duas etapas principais do processo editorial, antes de se chegar ao leitor: a produção de textos (escrita) e a produção de livros (edição). Primeiramente, “podemos definir como relevante à produção de textos as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção” (Chartier, 2011, p. 96). No que diz respeito a esse aspecto, estão as decisões do autor ao escolher um determinado gênero, os elementos do enredo, personagens, linguagem, a mensagem que quer transmitir. Assim, o leitor não recebe um objeto neutro, mas já dotado de “instruções”, que podem ser explícitas ou impostas inconscientemente a ele.

A atividade de escrita insere então um conjunto de dispositivos textuais, construindo “um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja.” (Chartier, 2011, p. 97) Por isso, é importante, como visto aqui, conhecer o caráter político e histórico das distopias para entender sua intenção e sua contribuição na discussão das questões sociais, bem como o enredo e as possíveis motivações de seus autores. Ademais, adota-se a expressão “autor”, porque é esta que carrega o sentido daquele “cujo nome próprio dá identidade e autoridade ao texto” (Chartier, 1998, p. 32).

Assim, não é possível discorrer sobre um texto deslocado de seu autor e seus objetivos durante o ato de escrita. Trata-se de um ato capaz de intervir na perspectiva que se tem acerca da realidade. Supõe-se que o autor, sobretudo aquele que escreve um gênero de cunho social como a distopia, busca transpor os limites do conhecido para transmitir a quem o lê seu desejo de mudança. Certeau (1998, p. 226) reconhece que “o jogo escriturístico, produção de um sistema, espaço de formalização, tem como ‘sentido’ remeter à realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la. Tem como alvo uma eficácia social. Atua sobre a sua exterioridade.”

Além disso, há a produção dos livros. Nessa etapa, as primeiras instruções incluídas na obra pelo autor são cruzadas com aquelas desenvolvidas no processo de edição: “a disposição

comercial, dotada de inventividade. O editor é quem atribui uma marca pessoal às suas publicações. Neste trabalho, há citações de autores que fazem uso de ambos os termos, mas adota-se aqui o termo e o sentido mais recente, portanto: editor.

e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto.” (Chartier, 2011, p. 97) Nesse momento, nota-se, inclusive, a intenção editorial e suas suposições sobre o público leitor de uma obra. Os livros têm em si inscritos a representação, feita pelo editor, das competências de leitura do público ao qual ele os destina.

Em consonância com isso, a própria tradução fornece ao livro novos contornos, como é o caso das obras estrangeiras aqui elencadas, traduzidas para o português. A partir das ideias de Calvino (2015), é possível afirmar que a tradução envolve entender as peculiaridades estilísticas do autor e saber propor equivalentes no idioma a ser traduzido, numa prosa que se leia “como se fosse escrita diretamente” neste idioma. Por tal razão, o autor ressalta que é necessário não só conhecer a língua, mas saber entrar em contato com o espírito da mesma, saber como duas línguas podem transfundir reciprocamente sua essência secreta.

Serelle (2016) referencia-se em Silverstone ao abordar a comparação entre o movimento transformativo da mediação com a tradução. Essa atividade demanda “do tradutor, intervenção em uma migração não só entre línguas, mas fundamentalmente entre culturas” (Serelle, 2016, p. 81). Por isso, é um trabalho de decodificação, sempre transformador e, assim, confere ainda mais camadas de particularidades à obra, que se modifica ao passar por esse processo.

É no espaço entre o trabalho de escrita do autor e de elaboração editorial, entre seus vários agentes (editor, capista, tradutor, diagramador, revisor, etc.), que os significados são criados para a produção e publicação do livro, sobretudo com a posterior intervenção do leitor. Tendo consciência de como o “protocolo de leitura” é determinante na construção de sentido de uma obra, diversas perguntas podem ser levantadas ao ter um livro em mãos: Qual é a intenção da editora ao incluir um prefácio? É para introduzir melhor a obra? Por que, por vezes, prefere-se incluir um posfácio, já ao final do livro? Se esta for uma obra estrangeira, haverá notas do tradutor? Se é uma obra clássica, como reeditá-la hoje?

Pensemos em três obras de Orwell. A edição de “A Revolução dos Bichos” (2021b) da “Editora Arqueiro”, por exemplo, decidiu incluir um posfácio, ao final do livro, assinado pelo escritor Russell Baker. Nesse texto, são dispostos detalhes da vida e trajetória profissional de Orwell e do contexto político da época, a fim de ilustrar como tais aspectos influenciaram seu trabalho enquanto autor. Tal escolha pretende complementar o entendimento da história, depois que ela já tenha sido lida.

Em outros casos, esse conteúdo poderia ser disposto no início, adiantando informações sobre a obra em si, antes que o leitor entre em contato com ela. No início do livro “A Flor da

Inglaterra” (2020), publicado pela “Editora Pé da Letra”, há registros de imagens, como a reprodução do credenciamento de Orwell no *National Union of Journalists*, em 1943, ou um manuscrito seu da época da primeira edição da obra, por exemplo. Depois disso, ainda antes do romance, há um texto curto, disposto em uma página, intitulado “Apresentação”. Nele, figuram informações como o ano original de publicação do livro, o tema principal da história, a explicação do título e da vida profissional de Orwell na época em que o escreveu. Há, ainda, a exposição do título original e as versões que recebeu no português. Dessa forma, além de ambientar o leitor com o contexto da obra e seu autor, há a justificativa, por parte da edição, da escolha de tal título.

Já no caso de “Por que escrevo e outros ensaios” (2021a), da “Penguin”, selo editorial de clássicos da “Companhia das Letras”, há notas de rodapé da tradução, sinalizadas com a sigla N.T. entre parênteses. Em um dos poemas citados por Orwell, no primeiro ensaio do livro, há a frase: “Mas o sacerdote acenou com um Austin Seven” (Orwell, 2021a, p. 15). Em nota, o tradutor explica que “Austin Seven” é um modelo de carro popular que foi produzido no Reino Unido de 1922 a 1939. Essa nota explica um fato que pode ser pouco conhecido pelo leitor brasileiro contemporâneo, por isso facilita o entendimento do que o autor quis dizer.

Esses exemplos ilustram como o trabalho da edição age como um mediador entre autor e leitor, ainda que essas escolhas possam variar. Por tal motivo é tão importante escolher as edições a serem trabalhadas aqui.

2.2. O leitor enquanto sujeito: a inventividade no ato de leitura

Um livro só existe nessa interação e, sobretudo, a partir do poder de agência dessas figuras no contato com o objeto de leitura: autor, editor e leitor. Apesar de acolher a importância do todo, esta pesquisa reconhece também, no leitor, uma autonomia interessante de ser observada. Darnton (1990), ao propor o modelo do ciclo de vida de um livro reconhece que o “leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores” (Darnton, 1990, p. 112).

Dessa forma, eles contribuem de forma significativa para o valor de uma obra e para as interpretações que são atribuídas a mesma. Por isso, partindo de um mesmo livro, podem-se construir múltiplos sentidos, através de práticas de leitura plurais, mutáveis com o tempo: “toda narrativa pressupõe um leitor, e toda leitura começa a partir de um cerimonial inscrito dentro

do texto. O texto pode ir contra si mesmo, e o leitor pode ir a contrapelo ou extrair um novo sentido das palavras familiares: daí as infinitas possibilidades de interpretação” (Darnton, 1990, p. 167)

Assim, “uma dimensão de apropriação selvagem, quiçá de desvio, está em ação na leitura [...]. E, durante a vida inteira, de forma discreta ou secreta, um trabalho psíquico acompanha essa prática, os leitores escrevem sua própria geografia e sua própria história entre as linhas lidas” (Petit, 2019, p. 52)

Roland Barthes (2004) argumenta que a figura do Autor, muito visada pela crítica literária, limita as interpretações de um texto que se supõe esclarecido ao conhecermos quem o escreveu. Com a “morte do Autor”, um texto não seria “feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas” (Barthes, 2004, p. 62). Para ele, o leitor é o lugar onde toda essa multiplicidade de escrituras se reúne: “o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino” (Barthes, 2004, p. 64).

Em conformidade com isso, Michel de Certeau (1998, p. 264) põe em questão a hierarquia atribuída entre escrita e leitura: a ideia de que escrever é produzir o texto e ler é recebê-lo, sem marcar aí o seu lugar ou refazê-lo. Agora, percebe-se a leitura como um ato capaz de modificar seu objeto e o leitor como uma figura autônoma em sua relação com o livro:

Este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações. (Certeau, 1998, p. 264-265)

Ao admitir a potencialidade do leitor, todavia, Certeau (1998) requer o rompimento com uma estrutura elitista que manteria os privilégios de intérpretes “autorizados”, através da separação rígida entre os produtores do discurso e seus consumidores e onde a atividade “leitória” seria privilégio apenas da crítica literária. A partir disso, amplia-se a possibilidade de uma leitura plural e “o texto se torna uma arma cultural” (Certeau, 1998, p. 267), capaz de mobilizar novas perspectivas acerca da realidade, subvertendo essa tentativa de hierarquização cultural, tornando a leitura um ato de inventividade.

Quer se trate do jornal ou de Proust, o texto só tem sentido graças aos leitores; muda com eles, ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação com a exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias entre duas espécies de “expectativas” combinadas: aquela que organiza um espaço legível (uma literalidade) e aquela que organiza uma *démarche* necessária para a *efetuação* da obra (uma leitura) (Certeau, 1998, p. 266).

Por conseguinte, o sentido é criado no momento de leitura, é construído para além do que já está depositado na obra. O leitor negocia com o livro o que apreende dele, pode abrir e explorar trilhas diferentes e mesmo inexploradas em outras leituras. Nenhuma leitura é única e, dotado dessa potencialidade, ler impulsiona novas atitudes e posicionamentos diante do todo social, possibilita que quem lê seja “um pouco mais sujeito de sua história” (Petit, 2019, p. 43).

Dessa forma, é nesse impulso de perceber o leitor como sujeito que Michèle Petit (2019) defende que há, na prática de leitura, e mesmo da escrita, um importante fator para o exercício da cidadania. Ler e escrever não têm só utilidade social no âmbito escolar ou profissional, mas é um direito que assegura e reafirma o papel do indivíduo diante da sociedade, pois “quando estamos pouco à vontade no uso da palavra escrita, fica muito mais difícil conquistar uma voz no espaço público. [...] a contribuição da leitura e da escrita para uma atitude reflexiva e crítica, para uma capacidade de elaboração e de argumentação” (Petit, 2019, p. 41) é notável. Um indivíduo que lê estaria propenso a questionar e agir sobre as adversidades sociais que o afligem.

É priorizando essa relação entre objeto-livro dotado de discurso e leitor dotado de impulso criativo que se admitem os limites e transgressões possíveis na interpretação de uma obra, movimentos de negociação de sentidos entre o que já está posto, os caminhos traçados pela escrita e edição e a invenção do leitor ou receptor em geral, como bem destacado por Chartier (1998):

De um lado, cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe. [...] De outro lado, deve-se considerar o conjunto dos condicionamentos que derivam das formas particulares nas quais o texto é posto diante do olhar, da leitura ou da audição, ou das competências, convenções, códigos próprios à comunidade à qual pertence cada espectador ou cada leitor singular. A grande questão, quando nos interessamos pela história da produção dos significados, é compreender como as limitações são sempre transgredidas pela invenção ou, pelo contrário, como as liberdades da interpretação são sempre limitadas. (Chartier, 1998, p. 19)

Até aqui, neste capítulo, toma-se brevemente o conhecimento geral da história da leitura e do livro, sobretudo da perspectiva ocidental, além de pensar no papel do autor, do editor e do leitor na atribuição de significados a um livro. Porém, para pensar nos leitores enfocados neste trabalho, é necessário conhecer e transpor nosso foco ao contexto das práticas de leitura contemporâneas no território nacional, tendo em vista que o “modo como um indivíduo dedica atenção a um texto, escolhendo-o, interpretando-o e fazendo uso dele, passa, evidentemente, pela questão subjetiva, mas essa própria subjetividade é construída em diálogo com as mediações dos grupos e das classes” (Serelle, 2016, p. 79), no caso, a realidade brasileira.

A 5ª Edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), realizada pelo Instituto

Pró-Livro (IPL) e pelo Itaú Cultural, define como leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses anteriores à pesquisa.

A pesquisa foi realizada com base em uma amostra de mais de 8 mil pessoas, em 208 municípios. A partir da análise de seus resultados, é possível perceber a predominância de alguns comportamentos por parte dos leitores. Em relação ao lugar em que se costuma ler livros, 82% alega ler em casa, o que ilustra a predominância de uma leitura particular, privada e, provavelmente, silenciosa; ainda que haja um percentual de 23% para as leituras em sala de aula, o que mostra que existe, ainda hoje, práticas de leitura coletiva. Ademais, entre os leitores de literatura, 70% preferem ler livros de literatura em papel em detrimento do livro digital. Há, então, uma continuidade do hábito de leitura advindo do *codex*, com o folhear das páginas dos livros, e é por isso que aqui o foco será nas práticas de leitura do livro físico. Ainda que seja importante destacar que há debates entre pesquisadores da área acerca da substituição ou não do livro físico pelo digital, “tudo aponta antes para a complementaridade entre os suportes, do que para a suposta substituição de um pelo outro”. (Reis; Almeida, 2016, p. 48)

Além disso, os percentuais de leitores são maiores quanto maior é o nível de escolaridade, classe e renda familiar. Tais fatores ilustram a desigualdade ainda notável no acesso à leitura no país, mesmo que haja uma maior circulação da palavra escrita, inclusive por meio das novas tecnologias da comunicação, como a Internet.

Tendo em mente o conceito de “protocolo de leitura” e os limites e transposições que o leitor tem e cria diante de si no momento da leitura, é necessário pensar nas variações de conteúdo e nas transformações a cada reimpressão ou nova edição dos livros, que influenciam o reconhecimento da obra por quem a lê.

Por esse motivo, como se pretende pensar na composição do livro como um todo, além de apresentar o enredo, é importante passar pelos conteúdos de cada uma das edições aqui enfocadas, o que inclui: capa, contracapa, primeira e segunda orelha, epígrafe, prefácio, posfácio, apêndices, etc., além do romance em si.⁷ Assim, será possível entender como cada edição constrói a publicação dessas distopias, escritas pelos seus autores no século XX, mas ganhando novos contornos ao passarem pelo trabalho editorial direcionado ao público contemporâneo.

Com essa finalidade, é preciso entender a estrutura de um livro como conhecemos hoje:

⁷ Para saber mais sobre a estrutura de um livro, ver: <https://www.taglivros.com/blog/quais-sao-as-partes-de-um-livro/>. Acesso em: 26 mai. 2023.

Figura 1 - A estrutura física de um livro



Fonte: Tag Livros.

Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/quais-sao-as-partes-de-um-livro/>.

Acesso em: 26 mai. 2023.

Elementos como capa, orelhas, contracapa, entre outros, compõem a estrutura física de um livro. O conjunto de folhas que compõe seu interior é conhecido como miolo, este inclui parte pré-textual (falsa folha de rosto, folha de rosto, dedicatória, epígrafe, sumário, prefácio, agradecimentos), parte textual (o que corresponde à obra em si) e parte pós-textual (posfácio, apêndice, glossário, bibliografia, índice e colofão). (Fialho, 2017)

A par da organização desse formato de livro, iremos nos debruçar nas edições aqui escolhidas. Justifica-se a escolha dessas edições, além do fato de já estarem sendo utilizadas em pesquisa anterior a esta, sua popularidade.

No dia 23 de janeiro de 2024, “Admirável Mundo Novo” (2014), da “Biblioteca Azul”, posicionava-se em segundo lugar no ranking de mais vendidos na categoria “Ficção Científica Distópico” da Amazon. No mesmo site, “1984” (2009), da “Companhia das Letras”, constava também em segundo lugar no ranking de mais vendidos em “Política, Literatura e Ficção”. Além disso, “Fahrenheit 451” (2012), da “Biblioteca Azul”, ocupava o sétimo lugar na

categoria “Estudos de Línguas Estrangeiras”. Tais dados exemplificam sua ampla circulação e sucesso de vendas.

2.3. A edição de “Admirável Mundo Novo” da “Biblioteca Azul”

Publicado originalmente em 1932, em sua edição brochura de 2014, publicada pela “Biblioteca Azul”, o livro de Huxley traz em sua capa elementos comuns como o título da obra, o nome do autor e a logo do selo “Biblioteca Azul”, pertencente à editora “Globo Livros”. Apresenta, ainda, a imagem da silhueta de vários indivíduos idênticos, onde apenas um deles está em movimento. A contracapa apresenta uma foto do autor, também em movimento.

Figura 2 - Edição de “Admirável Mundo Novo” da “Biblioteca Azul”



(a)

(b)

Legenda: Capa (a) e contracapa (b). Fonte: Divulgação Amazon.

Em seguida, considerando uma suposta leitura linear da estrutura da obra, a primeira orelha do livro traz uma sinopse, com comentários sobre a obra. Relaciona “Admirável Mundo Novo”, “1984” e “Fahrenheit 451” como as principais obras antiutópicas do século XX e faz

uma relação da obra com uma possível crítica aos EUA e à cultura de massa: “Alguns ainda veem na ficção de Huxley [...] uma crítica à crescente influência americana no período entreguerras, que trazia a reboque a cultura de massas e o *american way of life*.”⁸ Por fim, fica evidente a questão ideológica que a obra abarca: considera-se que o livro “descreve as formas mais sutis e engenhosas que o pesadelo do totalitarismo pode assumir, e que resiste inexpugnável às interpretações político-ideológicas de esquerda ou direita suscitadas desde o seu lançamento”. Tais percepções sobre o livro de Huxley, sua relação com as duas outras distopias aqui enfocadas e contextos sociais relacionáveis ao seu enredo já são apresentados ao leitor, portanto, antes da leitura do romance distópico em si.

Já na segunda orelha é apresentada uma pequena biografia do autor, acompanhada de indicações de outras obras do mesmo. Um aspecto interessante ressaltado então é uma das vivências que influenciou seu trabalho, tendo em vista que Huxley viveu na Itália durante o regime fascista de Mussolini, período que viria a exercer influência sobre seus livros.

Ao folhear as páginas do livro, após passar pela falsa folha de rosto, folha de rosto e ficha técnica, chega-se à epígrafe, uma citação do filósofo Nicolas Berdiaeff mantida em seu original, em francês. No trecho em questão fala-se das utopias, o que antecipa a ideia do lugar transitório da obra de Huxley entre a utopia e a distopia, já que apesar do caráter distópico, esta seria uma sociedade aparentemente “perfeita”.

Depois, há um prefácio escrito pelo autor em 1946, 14 anos após a primeira publicação da obra. Nesse texto, Huxley revela que aspectos do livro ele mudaria se viesse a reescrevê-lo, em uma hipotética nova versão do mesmo, mas reitera sua decisão de manter o texto original. O autor, bem como na epígrafe, trata sua obra como uma utopia, e reafirma que se trata de uma história sobre o futuro e, assim sendo, só pode despertar o interesse se der a impressão de que é concebível, pode vir a realizar-se, um dos motivos que torna possível relacionar a literatura distópica à realidade. Para o autor, o “tema de *Admirável mundo novo* não é o avanço da ciência em si; é esse avanço na medida em que afeta os seres humanos.” (Huxley, 2014, p. 11)

O autor cita também acontecimentos históricos e correntes políticas e ideológicas marcantes de seu tempo: a Guerra dos Trinta Anos, bolchevismo, fascismo, inflação, depressão, Hitler, Segunda Guerra Mundial, ruína da Europa, fome, Hiroshima. Inclusive, destaca como

⁸ Junior e Gonçalves (2015, p. 423) defendem que, apesar da associação entre propaganda e nazismo, o uso da comunicação de marketing para a propagação de ideologias também é comum em estados democráticos, como foi o caso da estratégia do presidente Franklin Roosevelt, que governou os Estados Unidos entre 1933 e 1945, período de forte crise econômica e política. Por isso, utilizou-se dos meios de comunicação e da propaganda para impulsionar o *american way of life*. O conceito repercute ainda hoje não só nos EUA, mas em escala global, disseminando como valor o bem-estar gerado pelo capitalismo democrático e exercendo influência nos hábitos de comportamento e consumo.

uma “falha de previsão” não ter incluído na história menções à energia nuclear, tema que, como vimos, foi abordado posteriormente em “1984” e “Fahrenheit 451”, com as guerras atômicas.

Reforçando um dos aspectos da distopia, o autor explica por que o cenário da sua obra se assemelha ao de um Estado totalitário, eficiente a tal ponto que chegaria a “uma população de escravos que não tivessem de ser coagidos porque amariam sua servidão.” (Huxley, 2014, p. 14). Ademais, pontua como centrais para estabelecer essa servidão: a propaganda, a liberdade sexual exacerbada, as drogas, o cinema e o rádio. Nesse sentido, ao falar da propaganda, alega que o maior triunfo da propaganda tem sido não pela transmissão da verdade, mas pela abstenção e o silêncio, citando a “cortina de ferro”, de Churchill⁹. Nesse prefácio, o autor discorre sobre como as previsões da sua obra fictícia continuam sendo possíveis e, agora, em um espaço de tempo menor, segundo ele. Ao mesmo tempo, lança mão de mais previsões e possíveis alternativas a elas.

Depois desse texto introdutório, a edição da “Biblioteca Azul” apresenta o romance, dividido em capítulos numerados. Ao final, a parte pós-textual inclui apenas uma lista indicando outras obras do autor, publicadas pela mesma editora, e o colofão, com informações técnicas sobre o livro.

A partir dessa apresentação dos conteúdos da edição, constata-se que tanto nas orelhas quanto no prefácio, a edição busca introduzir o contexto histórico e social da época, envolto em conflitos armados, crises econômicas e ideologias extremistas, como o fascismo. Ao ressaltar a intenção de refletir o futuro e trabalhar com a aproximação com o real, Huxley deixa claro no prefácio características centrais do gênero distópico. A escolha da edição de incluir esse conteúdo, imaginando que ele será lido antes do romance em si, demonstra a escolha pautada na necessidade de contextualizar o leitor e fazer com que este se familiarize com o tipo de literatura que tem em mãos.

2.4. A edição de “1984” da “Companhia das Letras”

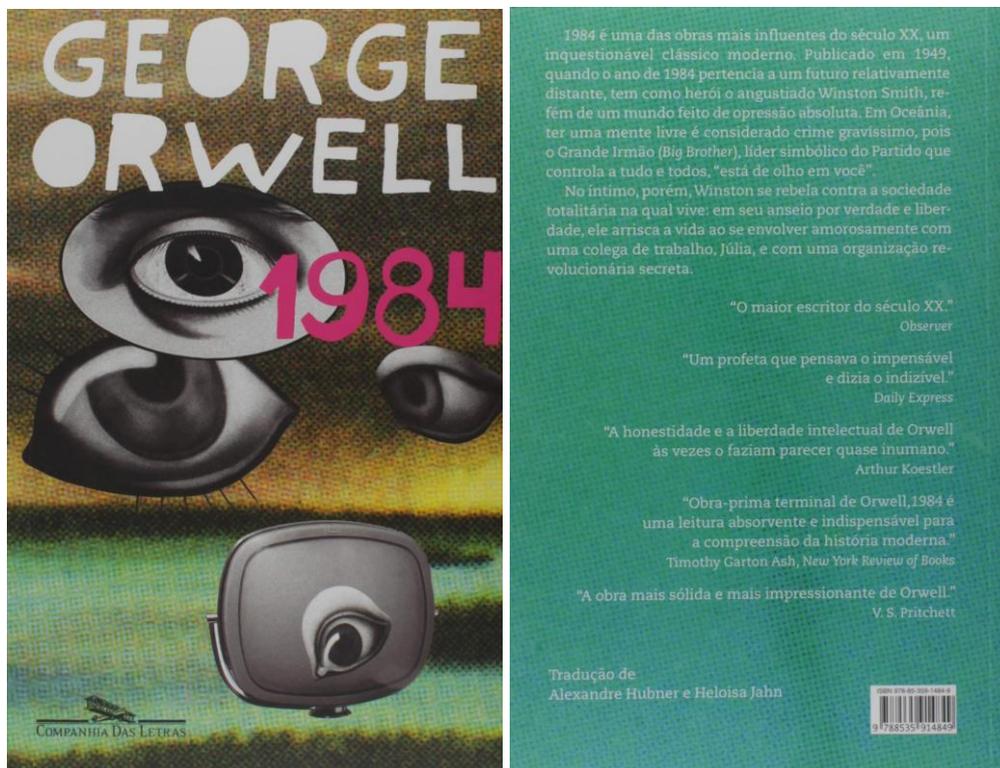
Escrito em 1948 e publicado originalmente em 1949, em sua edição brochura de 2009,

⁹ O termo “cortina de ferro” foi utilizado para designar o bloco de nações socialistas durante o período da Guerra Fria, que dividiu o continente europeu entre nações capitalistas e socialistas. O termo se referia a uma fronteira ideológica e ganhou notoriedade através de um pronunciamento de Winston Churchill, então ex-primeiro-ministro britânico, em 1946. (Silva, s./d.)

publicada pela “Companhia das Letras”, o livro de Orwell também possui em sua capa elementos comuns: título da obra, nome do autor e a logo da editora. Traz ao fundo cores, como verde, amarelo e preto que, através de um efeito que pode remeter aos *pixels*¹⁰, lembra a transmissão de imagens em um televisor. Além disso, apresenta imagens de olhos e de um televisor com um olho em seu interior, passando a sensação de que se está sendo observado.

A contracapa apresenta uma sinopse da obra, seu contexto e personagens, destacando seu lugar enquanto “clássico moderno”. Traz também depoimentos e opiniões de jornais, revistas e personalidades renomadas, elemento também conhecido como “prova social”¹¹, dando credibilidade à obra. Ao final, acrescentam-se os nomes dos tradutores.

Figura 3 - Edição de “1984” da “Companhia das Letras”



(a)

(b)

Legenda: Capa (a) e contracapa (b). Fonte: Divulgação Amazon.

Na sequência, considerando uma leitura linear do livro, a primeira orelha apresenta o contexto de dominação, poder e vigilância da obra, discorre sobre a época em que o livro foi

¹⁰ *Pixel* é a menor unidade de uma imagem digital. Ao fazer uma aproximação (*zoom*) desse tipo de imagem, é possível ver uma série de “quadrados” que a compõem. Cada um desses pontos luminosos é um pixel. (Gogoni; Marques, 2023).

¹¹ A “prova social” é um elemento opcional na contracapa (ou quarta capa) de um livro, mas muito útil comercialmente. Através da inclusão de testemunhos de profissionais e personalidades relevantes, atesta-se a credibilidade da obra. Este elemento funciona também como uma forma de persuasão. (Lima, s./d.)

publicado, poucos meses antes da morte do autor, e seu sucesso de público: “atraíram leitores de todas as idades, à esquerda e à direita do espectro político, com maior ou menor grau de instrução”. Também trata o livro como um clássico moderno e são mencionadas algumas das leituras que já foram realizadas da obra: “Muitos leram *1984* como uma crítica devastadora às belicosas ditaduras nazifascistas da Europa, de cujos terríveis crimes o mundo ainda tentava se recuperar quando o livro foi lançado. Nos Estados Unidos, foi visto como uma fantasia de horror quase cômico dirigida contra o comunismo da hoje extinta União Soviética, na época sob o tacão de Stálin e seu Partido único e inquestionável.” Apesar dos contextos históricos, reafirma a obra como uma “poderosa reflexão ficcional sobre a essência nefasta de qualquer forma de poder totalitário”.

Na segunda orelha do livro, há a continuação do texto da primeira orelha, seguida de uma breve biografia do autor, acompanhada de foto. Ao folhear o livro, após passar pelas falsas folhas de rosto, folha de rosto, ficha técnica e sumário, encontra-se o romance em si, principal conteúdo da obra, dividido em três partes, estas, por sua vez, divididas em capítulos numerados.

Na parte pós-textual, encontra-se um apêndice, onde a edição apresenta “Os princípios da Novafala”. Aqui, esclarecem-se as mudanças no idioma da fictícia Oceânia, a partir da instituição da Novafala, e ilustra-se de que forma essa alteração da língua era capaz de cercear as formas de expressão e pensamento. Expõem-se, então, seus objetivos e alguns exemplos dessas mudanças no vocabulário.

Depois, há a presença de três posfácios, cada um escrito em um momento histórico, por autores diferentes. O primeiro foi escrito pelo filósofo, sociólogo e psicanalista alemão Erich Fromm (1900-1980), em 1961. O autor consta que a obra é a expressão de um sentimento de desespero e advertência acerca do futuro do homem e afirma que esse sentimento de desesperança contrasta com o pensamento ocidental da fé no progresso humano. Resgata na história a ideia medieval de “fim dos tempos”, “Messias”, “Reino de Deus” e conta como, a partir do colapso do mundo medieval, a percepção de esperança e força do homem toma novas formas.

Nesse sentido, continua sua contextualização histórica, abordando o Renascimento, a “Utopia”, de Thomas More e outras utopias que a sucederam, que ilustram a esperança na perfeição individual e social do homem dos iluministas do século XVIII e XIX. Posteriormente, demarca a Primeira Guerra Mundial como um ponto de virada desse sentimento de esperança para o desespero, bem como, depois, outros eventos que se seguiram: a crise de 1920, o stalinismo, a Segunda Guerra Mundial, Hitler, as bombas atômicas no Japão. A partir desta última, destaca ainda a ameaça das armas termonucleares.

Além disso, compara o esforço de Orwell em construir essa imagem de desesperança social ao trabalho de Zamyatin, em “Nós”¹², e de Huxley, em “Admirável Mundo Novo”, seus predecessores. Ao longo do texto, elenca aspectos comuns a estes livros: a industrialização, automatização, desumanização, alienação, produção e consumo. Para o autor, os três exprimiram uma advertência para o futuro em forma de “utopias negativas”. E, ao falar destas últimas, compara e enfatiza, mais uma vez, o paradoxo histórico e o contraste entre a esperança e autoconfiança do homem pós-medieval e a impotência e desesperança do homem moderno, que deram origens às utopias positivas e negativas. Considera “Nós” mais semelhante a “1984” que “Admirável Mundo Novo” e, por conseguinte, levanta uma questão básica comum às três utopias negativas: poderia a natureza humana ser modificada de tal maneira que o homem esquecesse seu desejo de liberdade, dignidade, integridade e amor? Poderia o homem esquecer que é humano?

A partir dessa reflexão, analisa o retrato do homem nas obras a partir da psicologia e, em seguida, destaca a importância da obra de Orwell ao trazer a questão das guerras nucleares e da corrida armamentista contínua, tratando da ilusão que seria pressupor a existência da democracia em um mundo que se prepara continuamente para a guerra. Ademais, Fromm enfatiza a questão da verdade na obra de Orwell: não se limitando à denúncia do stalinismo, mas principalmente indo ao encontro da ideia do poder como um fim. Entre suas referências, cita, ainda, o conceito de Alan Harrington de “verdade móvel”, que compara ao *duplipensamento*, presente na obra de Orwell. Para ele, o *duplipensamento* já existe e não é meramente algo que acontecerá no futuro.

Fromm relaciona, compara e subverte algumas leituras da obra em relação a vários países ou contextos históricos específicos, propondo e questionando várias dessas interpretações. Para o autor, não há só uma relação histórica com a realidade através do cenário ficcional da obra, como é o exemplo da barbárie stalinista, mas também uma advertência poderosa ao momento em que Fromm se encontrava, durante a Guerra Fria.

Já o segundo posfácio é assinado pelo historiador britânico Ben Pimlott, em 1989. O autor escreve sobre aspectos gerais do ambiente, contexto e personagens da obra e afirma que a história de “1984” foi interpretada como um “comentário social” e até mesmo uma “profecia”. Para tal afirmação, contextualiza historicamente a escassez material, a burocracia na Grã-

¹² “Nós”, publicado em 1924, foi escrito pelo engenheiro naval russo Evgueny Zamiatin. O romance é contado através de um diário escrito por D-503, o protagonista, um dos matemáticos responsáveis pela construção da nave interplanetária estatal que tem o objetivo de alcançar planetas e povos desconhecidos. O personagem vive em um país conhecido como Estado Unificado, cercado pelo Muro Verde. Trata-se de uma sociedade em que a existência independente do indivíduo é praticamente inibida. (Kopp, 2011, p. 104)

Bretanha em que o livro foi escrito, a Alemanha nazista num passado recente e a China e Rússia no momento em que escreve.

No sentido de discutir a visão da obra enquanto uma “profecia”, Pimlott elenca pontos em que a previsão da obra equivocou-se, depois que, de fato, passou-se pelo ano de 1984, já que não houve uma terceira guerra mundial e sistemas totalitaristas se tornaram menos comuns que antes. Contudo, o autor compara Goldstein, o inimigo do Grande Irmão e do Partido, a Trotski¹³, dotando a obra de contexto histórico. Analisa, ainda, o livro enquanto obra de arte, pontuando algumas das suas limitações nesse sentido: nos diálogos, nas figuras secundárias, nos personagens principais.

Para o autor, “1984” é um ensaio de não ficção sobre o poder maligno, por isso se relaciona com o real. Por conseguinte, depois disso, Pimlott destaca diversas leituras e relações com a realidade feitas pelos leitores da obra, acrescentando que o livro é mais que uma sátira e, apesar de ser uma espécie de advertência, não é uma profecia, é um livro sobre o presente contínuo, uma atualização da condição humana que nos desperta para o que evitamos pensar.

Assim como Fromm, Pimlott fala do *duplipensar*, e discorre sobre como a dor, o sofrimento e a tortura são alicerces desse estado totalitário, tendo como objetivo apenas o poder em si. Ademais, lança mão de referências, comparando a obra com “A revolução dos gerentes”, de James Burnham, e afirmando que a obra de Orwell tem muito de Freud.

Ao falar de “emoção de massa”, destaca “Os Dois Minutos de Ódio”, momento em que todos se reuniam, em uma pausa durante o horário de trabalho, em frente a uma teletela para assistir ao inimigo do Partido e proferir frases de protesto ao mesmo, até que este desse lugar à imagem do Grande Irmão que, juntamente com os lemas do Partido, gerava comoção e aprovação nos telespectadores.

Mais uma vez, a guerra contra a memória é enfatizada, tendo em vista que, para ele, Orwell lembra o quanto a aceitação do conhecimento e da verdade é volúvel e o quão incerto é nosso domínio do passado. Ao falar da negação do acesso à verdade, menciona Hitler. Ademais, aborda o assassinato da linguagem enquanto testemunho, já que ela é esvaziada no contexto da obra. Por isso, cita exemplos de uma suposta “Novafala” do mundo real, com termos relacionados à guerra nuclear, por exemplo.

A respeito do posicionamento político, afirma que o livro apresenta, com a ideologia do *Socing*, uma perversão do socialismo inglês, não sem destacar o fato de que Orwell se via como

¹³ Leon Trotski foi, juntamente com Vladimir Lenin, o líder da Revolução de outubro de 1917, parte da segunda fase da Revolução Russa. Fez parte do movimento social-democrata e, após a morte de Lenin, em 1924, saiu derrotado na luta pelo poder que o opunha a Josep V. Stalin. (Leon [...], 2015)

um socialista democrata. Nesse sentido, afirma “A revolução dos bichos”¹⁴ e “1984” como contribuições ao debate que se travava dentro dos círculos socialistas. Para esclarecer ainda mais as motivações do autor, relata a experiência de Orwell lutando na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e alega que o mesmo retornou da Espanha amargamente hostil em relação ao comunismo comandado por Moscou, na então União Soviética.

Apesar de tudo, Pimlott não considera a Oceânia descrita no livro socialista e, tampouco, a obra como uma prova da ineficácia do socialismo. Para ele, o foco está na sua distorção, a crítica é direcionada a pessoas “crédulas” e “egoístas” que se dizem socialistas. Aqui, ele aborda acontecimentos específicos dentro da narrativa, mas como se trata de um posfácio, espera-se que o leitor já tenha lido a obra.

Por fim, o terceiro posfácio é escrito pelo escritor norte-americano Thomas Pynchon, em 2003. Este começa contando um pouco da história pessoal de Orwell e sua família, sua decisão de se tornar escritor, a popularidade de “A revolução dos bichos”, seu ensaio “Por que escrevo” e sua intenção, já mencionada aqui, de fundir intenção política e intenção artística, aspectos que o levaram à escrita de “1984”.

Seguindo a mesma linha dos outros posfácios, situa a obra historicamente, e explica como tanto “A revolução dos bichos” como “1984” despertaram analogias com o destino da Revolução Russa, o que esclarece como “1984” foi vendido como uma espécie de propaganda anticomunista nos EUA. Além disso, cita o conflito da Coreia (1950-53)¹⁵ e a prática comunista de imposição ideológica.

Contudo, apesar dessa crítica às práticas totalitárias de regimes comunistas, questiona a interpretação da obra como uma simples condenação às atrocidades stalinistas, o que não era exatamente a intenção de Orwell, já que a política do autor era de esquerda, mas, segundo Pynchon, à esquerda da esquerda, já que se via como um membro da esquerda dissidente. Assim como Pimlott, Pynchon também menciona a vivência do autor na Guerra Espanhola.

¹⁴ O livro “A revolução dos bichos”, publicado três anos antes de “1984”, é considerado uma fábula, uma sátira social. Orwell conta a história dos animais de uma fazenda que, insatisfeitos com suas condições de vida, fazem uma revolução contra seu dono e tomam o poder. Contudo, apesar das suas motivações libertadoras, recaem em uma tirania. Há, nessa narrativa, as figuras emblemáticas dos porcos Napoleão e Bola de Neve, alegorias a Stalin e Trotsky na disputa pelo poder na União Soviética. (Orwell, 2021b)

¹⁵ Após a Segunda Guerra Mundial, a Coreia passou a ser controlada pelo poderio militar e econômico dos norte-americanos e dos soviéticos. Conforme a Guerra Fria avançava, isso resultou na divisão desse território: na porção setentrional, formou-se a República Democrática da Coreia do Norte, de orientação socialista e, na região sul, formou-se a República da Coreia do Sul, de orientação capitalista. Divididos por uma linha situada no Paralelo 38°, os dois países logo entraram em uma série de conflitos, objetivando restabelecer a hegemonia dos territórios sob o comando de um único governo. Em 1953, os conflitos foram encerrados e a divisão do Paralelo 38° foi restaurada. (Sousa, s./d.)

Em seguida, discorre sobre os acontecimentos históricos em decorrência na Inglaterra na época em que a obra foi escrita e a preocupação de Orwell com os rumos do socialismo. Para o autor de “1984”, quase toda a esquerda inglesa foi levada a aceitar o regime russo como “socialista”, embora o espírito e a prática daquele regime fossem inteiramente diferentes de tudo que significava “socialismo”. Mais uma vez, nesse terceiro prefácio, mostra-se a importância dos posicionamentos ideológicos do autor na construção da sua obra. Em outro momento, inclusive, ratifica a noção de que Orwell valorizava sua “raiva política” como forma de impulsionar seu trabalho.

Além disso, aqui o *duplipensamento*, inclusive no nome dos ministérios, é também mencionado, tendo em vista como ele estava relacionado a essas contradições da época, como é o exemplo das próprias distorções do socialismo. Pynchon aborda, ainda, acontecimentos da obra e o papel de personagens como O’Brien, um membro do Partido Interno que Winston acredita ser também um dissidente, mas que, por fim, é responsável pela prisão do protagonista no violento e vigilante Ministério do Amor. Nesse sentido, compara o Ministério do Amor ao Departamento de Defesa dos EUA¹⁶ e faz crítica à ideia de uma suposta imprensa livre da qual se exige uma cobertura “balanceada”.

Continua traçando um paralelo com o real ao mencionar mais acontecimentos da Segunda Guerra e sua influência na obra: os tempos de escassez, a relação contraditória entre países. Bem como Pimlott, reflete sobre a obra de Orwell ser um prognóstico ou uma profecia, discorrendo sobre o que o autor previu ou não.

Diante das tecnologias da Oceânia, compara as teletelas à televisão, às telas planas de plasma conectadas a sistemas a cabo “interativos”, que já existem em 2003. Além disso, discorre sobre a tecnologia dos computadores e da internet como criações que prometem o controle social que os tiranos do século XX não imaginavam.

Acerca do aspecto político, traça correlações entre o Grande Irmão e o fascismo e compara Goldstein, o suposto inimigo do Grande Irmão, a Trotski. Contra-argumenta às ideias de críticos que consideraram Orwell antissemita e, para isso, discute, portanto, a questão racial no desenvolvimento dos acontecimentos da época e sua pouca aparição na obra. Discute também a estrutura de classes “atípica” presente na história, já que, segundo ele, a Oceânia deveria ser uma sociedade sem classes.

¹⁶ O Departamento de Defesa é a maior agência governamental dos Estados Unidos, sendo responsável pela segurança nacional e pelas forças armadas: Exército, Corpo de Fuzileiros Navais, Marinha, Força Aérea, Força Espacial e Guarda Costeira. Disponível em: <https://www.defense.gov/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

No sentido de refletir acerca do impacto cultural do livro, reconhece na música dos proletas uma aparição da predileção de Orwell pela cultura popular. Em geral, faz menção a muitos aspectos de “1984”: a representação da violência e da tortura na ficção, os dilemas em torno da memória, a aparição do desejo sexual como subversivo. Por fim, adentra no enredo assim como os outros autores, perpassando pela história de amor de Winston e Julia e analisando o desfecho da obra, no qual há a tortura e, por conseguinte, a traição entre os dois personagens, vencidos diante do condicionamento inevitável.

Conclui suas ideias examinando o apêndice/ensaio final, “Os princípios da Novafala”, recordando que, no início desta edição, foi oferecida a opção ao leitor, numa nota de rodapé, de avançar diretamente até o fim do livro e começar a leitura por esse texto. Segundo ele, os leitores podem seguir esse caminho ou não, mas pode-se enxergar essa opção hoje em dia como um exemplo precoce de hipertexto. Ao explorar essas escolhas na composição da obra, expõe, ainda, algumas alterações a que gostariam de ter submetido o trabalho de Orwell, como é o caso da supressão desse apêndice e de parte do texto de Goldstein em uma das partes do romance, sugestões às quais Orwell não acatou. Ao final do livro, inclui-se apenas o colofão, com informações técnicas sobre o mesmo.

A partir disso, é perceptível, então, os esforços da edição em contextualizar e dotar o livro de Orwell de momento histórico e político, desde as orelhas até os posfácios. Estes últimos são bem desenvolvidos e esperam do leitor certa bagagem cultural e repertório acerca de acontecimentos de impacto mundial. Nesse caso, o conteúdo complementar ao romance é mais extenso que em “Admirável Mundo Novo”, apresenta-se ao final da obra, e não no início, e não é escrito pelo próprio autor, mas por três personalidades de prestígio em momentos diferentes da história. A quantidade de informações abarcadas é abundante e os posfácios constituem uma parte extensa da edição. Além disso, é possível fazer correlações e paralelos entre as ideias dos autores, que atualizam as perspectivas e interpretações da obra com o passar dos anos.

Ademais, é interessante ressaltar que, no caso da obra de Orwell, torna-se ainda mais importante atentar-se às particularidades da edição, tendo em vista que seu trabalho já se encontra em domínio público. Isso significa que, após 70 anos da morte do autor, para publicar a obra do mesmo não é necessário pagar pelos direitos autorais do texto original. Por isso, livros como “1984” vêm ganhando novas edições com frequência. Segundo o *Poder360*, há 117 registros de obras de George Orwell em português, no sistema da Câmara Brasileira do Livro, levando em conta que os registros começaram em 1970. Dos 117 registros, 47 são de “A Revolução dos Bichos” ou “A Fazenda dos Animais” e 36 são de “1984”. (Spechoto, 2021)

Por conseguinte, há variações abundantes na apresentação do mesmo livro,

exemplificadas em aspectos, como: traduções distintas, projeto gráfico, prefácios ou posfácios complementares à obra, formato, etc. Por isso, entender as escolhas da “Companhia das Letras”, em particular, permite reconhecer os caminhos traçados para os leitores desta edição.

2.5. A edição de “Fahrenheit 451” da “Biblioteca Azul”

Publicado originalmente em 1953, em sua edição brochura de 2012, pelo selo “Biblioteca Azul” da “Globo Livros”, o livro de Ray Bradbury possui a capa em um vermelho vibrante que remete ao fogo, junto do desenho de um uniforme de bombeiro. Além disso, a mesma é ornada pelos elementos comuns já mencionados: título, nome do autor e logo do selo editorial responsável pela publicação.

A contracapa é do mesmo tom de vermelho e, em um parágrafo, apresenta a obra, ressaltando o fato de que esta foi escrita durante a Guerra Fria. É definida, assim, como “uma obra política, uma distopia — ou antiutopia”. O trecho traz uma fala do autor: “Ficção científica é uma ótima maneira de fingir que você está falando do futuro quando, na realidade, está atacando o passado recente e o presente”. Além disso, apresenta o livro como uma crítica aos regimes opressores do século XX, prevendo transformações ocasionadas pela influência da TV. Considera-se a obra “atemporal”. Na parte inferior, apresenta-se, ainda, o nome do tradutor.

Figura 4 - Edição de “Fahrenheit 451” da “Biblioteca Azul”



(a)

(b)

Legenda: Capa (a) e contracapa (b). Fonte: Divulgação Amazon.

Em uma suposta leitura linear, segue-se para a primeira orelha do livro, na qual há uma apresentação da obra com alguns comentários, escrito pelo mesmo autor do prefácio, o jornalista Manuel da Costa Pinto. Nesse curto texto, utiliza-se a palavra “alienação” para caracterizar a sociedade retratada no livro. O jornalista chama as grandes telas, presentes na história, de “televisores” e destaca o livro como um “clássico mundial”, uma “crítica à repressão política”. Na segunda orelha, há uma breve biografia do autor, acompanhada de foto.

Folheando as páginas do livro, depara-se, em seguida, com a falsa folha de rosto, a folha de rosto, a dedicatória e o sumário. Depois, há a seguinte epígrafe: “Se te derem papel pautado, escreve de trás para frente”, de autoria do poeta espanhol Juan Ramón Jiménez. A frase já quebra os padrões convencionais da ideia de uma escrita linear e demonstra uma certa subversão ao que lhe é imposto, uma ação emancipadora incorporada no ato da escrita.

Assim, segue-se para o prefácio, redigido pelo jornalista Manuel da Costa Pinto. Este apresenta, contextualiza e complementa o conteúdo da obra nesse texto introdutório, que começa rememorando o episódio da queima de livros em praça pública pelos nazistas, em 1933. O jornalista lança mão de perguntas, para instigar o leitor a se colocar na situação retratada por Bradbury: se todos os livros fossem queimados, qual seria o próximo passo da barbárie? Queimar os próprios homens, para apagar a memória dos livros?

Para enfatizar a importância da obra, utiliza a expressão “romance visionário” e cita a adaptação para o cinema, de François Truffaut, como uma amplificação do sucesso do livro. Com o intuito de aproximar a obra do leitor, compara o futuro retratado na obra ao nosso presente, para isso descreve o cenário da cidade de “Fahrenheit 451” como “apenas um pouco mais sombria e opressiva do que a maioria das metrópoles contemporâneas, com seu misto de progresso industrial e deterioração do tecido urbano.” (Pinto, 2012, p. 12)

Ao destacar características centrais da história criada por Bradbury, evidencia: o sufocamento das inquietações dos indivíduos por comprimidos narcotizantes, a onipresença da televisão, a noção de um mundo utilitário. No decorrer do texto, ainda apresenta o protagonista e a sinopse da obra, já adiantando alguns acontecimentos decisivos da história e outros personagens importantes, além de fazer citações.

O autor do prefácio busca definir o que é uma distopia, apresentando o que seria seu oposto, a utopia. Assim, explica que, no caso das distopias, “a imaginação literária do século XX” criou sociedades fictícias onde “a racionalidade se transforma num fim em si mesma:

abstrata, mecanicista [...], alienando a consciência na linha de montagem” (Pinto, 2012, p. 14). Dialogando com o campo da comunicação, o jornalista cita Adorno e Horkheimer, importantes autores das Teorias da Comunicação.

A respeito de outras obras do gênero distópico, cita “Nós”, de Zamiátin, “Admirável Mundo Novo”, de Huxley, “A Revolução dos Bichos” e “1984”, de Orwell, como antecedentes de “Fahrenheit 451”. Para Da Costa Pinto, a obra de Bradbury apresenta uma sociedade policialesca, com propensões totalitárias, em que a individualidade é sacrificada por razões de Estado. Ao comparar com as outras obras, destaca “Fahrenheit 451” como um livro mais realista, “muito menos rico em invenções de um mundo alternativo do que seus precursores”. (Pinto, 2012, p. 14)

Ainda em diálogo com as outras distopias, compara “Fahrenheit 451” com “Admirável Mundo Novo”, ao citar as pílulas da primeira e o “soma” da segunda, como narcóticos anestésicos presentes em ambas as sociedades. Ademais, compara “Fahrenheit 451” com “1984”, onde a quebra de privacidade ocasionada pela onipresença do Grande Irmão aproxima-se dos murais televisivos e suas “novelas” na obra de Bradbury. Para ele, “enquanto Huxley e Orwell escreveram seus livros sob o impacto dos regimes totalitários (nazismo e stalinismo), Bradbury percebe o nascimento de uma forma mais sutil de totalitarismo: a indústria cultural, a sociedade de consumo e seu corolário ético.” (Pinto, 2012, p. 15)

Assim, o autor introduz, mais uma vez, o campo da Comunicação na discussão. Ao falar de “indústria cultural”, lança mão de um conceito cunhado pelos já citados teóricos alemães Adorno e Horkheimer. Para estes autores, adeptos da corrente da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt no século XX, “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 113), o que adviria da transformação dos bens culturais em produto do capital. Por isso, haveria uma padronização da cultura e os gostos particulares e universais se fundiriam em prol da manutenção da sociedade de consumo, o que incluiria as tecnologias da comunicação.

Outro momento em que faz referência a Adorno é quando faz crítica ao papel instrumental que a escrita assume na sociedade distópica em questão, tendo em vista que literatura e arte teriam uma função “culinária”, esvaziada de sentido e pensamento crítico. Ainda em diálogo com essas ideias, utiliza expressões comuns ao campo da comunicação, como: “indústria do entretenimento” (Pinto, 2012, p. 17), “sociedade de massas”, “sociedade do espetáculo” e “servidão voluntária” (Pinto, 2012, p. 19).¹⁷

¹⁷ A pesquisa que antecede esta desenvolve a relação entre os meios de comunicação retratados nas obras “1984” e “Fahrenheit 451”, com as Teorias da Comunicação, que estavam em desenvolvimento na mesma época

Não só se refere a outros autores, como discute também sobre uma ditadura da maioria, que puniria o diverso, parte também dessa padronização que atingiria o campo das ideias. O jornalista reflete criticamente a intolerância diante do que é complexo, o que chama de uma “desconfiança em relação ao ficcional”, que é dotado de um poder desestabilizador impulsionado pela literatura, pelo imaginário, como se percebe, em particular, nas discussões sociais levantadas pelas distopias.

Já quase ao final do prefácio, compara “Fahrenheit 451” com “1984”, mais uma vez, alegando que os monitores de televisão, onipresentes no livro, podem ter sido inspirados no Grande Irmão de Orwell, e, hoje, dialogam com os *reality shows*. Apesar de não haver um poder central vigilante na obra de Bradbury, há, ainda, a censura dos bombeiros. Essas figuras, segundo ele, representariam “o rebanho impassível da maioria”. (Pinto, 2012, p. 18)

Nota-se, nesse texto introdutório, como o autor busca traçar paralelos entre o livro e o cenário da época, indicando possíveis diálogos com a atualidade e comparando esta com as outras duas obras aqui destacadas, como se percebe ser comum já nos posfácios de “1984” e na primeira orelha de “Admirável Mundo Novo”.

Em seguida, a edição apresenta o romance dividido em três partes: “A lareira e a salamandra”, “A peneira e a areia” e “O brilho incendiário”, todos os nomes relacionados a elementos da obra ou fazendo menção a alguma metáfora a ser reconhecida ao longo do texto.

Ao final, há ainda um posfácio escrito pelo autor, em que o mesmo conta sobre o processo de escrita do romance, antes publicado como um folhetim barato nomeado *The Fire Man*, em sua primeira versão, no ano de 1950. Relata o ambiente de trabalho, primeiro, escrevendo em casa, no ambiente familiar e, depois, na sala de datilografia no porão da biblioteca da Universidade da Califórnia.

É interessante como, assim, o autor quebra o distanciamento com o leitor para falar da sua experiência e contexto de escrita, ao mencionar suas andanças pela biblioteca, ao relatar como percorria e manuseava os livros das prateleiras, falando diretamente a quem lê: “Que lugar, vocês não acham, para escrever um romance sobre a queima de livros no futuro!” (Bradbury, 2012, p. 202). Dessa forma, deixa evidente seu fascínio crescente pelos livros desde o início da escrita da obra.

Ademais, relata a experiência de revisitar a história e seus personagens. Expõe a ideia

em que os livros foram escritos. Para isso, faz um paralelo entre as ideias de autores como os aqui citados Adorno e Horkheimer, desenvolvendo uma análise cultural dessas distopias. Para saber mais: MORAES, Ana Carla F. L. Diálogos entre comunicação e literatura: uma análise cultural dos meios de comunicação na literatura distópica de *1984* e *Fahrenheit 451*. Orientadora: Rejane de Mattos Moreira. 2021, 79 p. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.

de uma peça em dois atos derivada da história inicial, menciona uma dessas novas cenas, mudanças, acréscimos e conta ter resistido à tentação de incluí-los na nova edição da obra, 32 anos depois. Tal inquietação é aspecto comum a Huxley, que confessa seus dilemas em relação à própria obra no prefácio da edição de “Admirável Mundo Novo”, já explorada aqui. A relação do autor com o próprio trabalho mostra-se curiosa e apaixonada e ele oferece curiosidades ao leitor sobre sua relação com a escrita: “Só recentemente, revendo o romance, percebi que Montag foi batizado com o nome de uma fábrica de papel. E Faber, naturalmente, é um fabricante de lápis! Como meu inconsciente foi astuto ao dar esses nomes a eles. E em não contar isso a *mim!*” (Bradbury, 2012, p. 207)

Bradbury inclui o leitor no texto e se aproxima mais uma vez dele, ao abordar a adaptação para o cinema, já mencionada no prefácio:

[...] muitos leitores me escreveram protestando pelo desaparecimento de Clarisse, querendo saber o que aconteceu com ela. François Truffaut sentiu a mesma curiosidade e, em sua versão de meu romance para o cinema, resgatou Clarisse do esquecimento e a colocou entre os Homens-Livros que vagavam pela floresta [...]. Sentí a mesma necessidade de salvá-la pois, afinal de contas, foi ela, beirando a conversa boba e a tietagem, a responsável por Montag começar a se perguntar sobre os livros e o que havia neles. (Bradbury, 2012, p. 207)

Essa passagem ilustra a importância da figura do leitor para o autor, podendo influenciar este em relação às possíveis mudanças a que submeteria seu texto, além de trazer à discussão a liberdade das adaptações cinematográficas, ao transformar um livro em um produto audiovisual e construir versões diferentes da mesma história.

O conteúdo complementar ao romance continua. Depois, há uma seção intitulada CODA, também escrita por Bradbury. Nesse segundo texto, o autor elenca exemplos de cartas de leitores e editores sugerindo mudanças nos seus textos, sobretudo em relação às minorias: pedidos por mais personagens mulheres, para que trate os personagens negros de outra forma, para que deixe de utilizar determinadas expressões.

Bradbury encara isso de forma pessimista, não cedendo às alterações dos personagens ou à supressão de expressões. Segundo ele, essa edição das histórias torna todas semelhantes, simplificadas demais. Por isso, faz então uma crítica às minorias e aos editores que pedem essas mudanças, usando um tom irônico ao se referir a eles.

Logo depois, cita alguns exemplos e conclui suas ideias deixando claro a esses “juízes” que é ele quem toma as decisões a respeito do seu texto. Esse texto deixa claro que, apesar do diálogo constante com os leitores, essa relação mostra-se, em alguns momentos, conflituosa para o autor. Por isso, abre o debate sobre o papel de cada um desses agentes na construção do sentido de um livro: autor, editor e leitor, evidenciando as mudanças acerca da demanda por

pautas sociais e representatividade por parte do público leitor e, por conseguinte, do mercado editorial, mas destacando a figura do autor também na medida em que este toma decisões sobre o que incluir ou não no seu trabalho. Por fim, há duas páginas dedicadas à biografia do autor e, ainda, um colofão, com informações técnicas sobre a obra.

Esse detalhamento de cada edição justifica-se pela influência do trabalho editorial na composição e na apresentação de um livro ao leitor. Referenciando-se em Chartier (2011), é a edição que oferece suportes móveis às atualizações do texto. Os editores “permitem um comércio perpétuo entre textos imóveis e leitores que mudam, traduzindo no impresso as mutações de horizonte de expectativa do público e propondo novas significações além daquelas que o autor pretendia impor a seus primeiros leitores.” (Chartier, 2011, p. 100)

Portanto, os leitores de hoje conhecem as obras de Huxley, Orwell e Bradbury a partir das formas que estas edições atribuem aos textos desses autores, seja através do projeto gráfico, seja através de prefácios, apêndices, posfácios ou notas de rodapé. No próximo capítulo, parte-se para o conhecimento do Skoob, enquanto rede social e espaço de expressão e interação dos leitores, destacando o papel das resenhas na elaboração de leituras e percepções dessas distopias. Antes disso, apresenta-se aqui um resumo de cada edição:

Tabela 1 - Resumo das edições de “Admirável Mundo Novo”, “1984” e “Fahrenheit 451”

Edição	Estrutura física	Parte pré-textual	Parte textual	Parte pós-textual
“Admirável Mundo Novo” da “Biblioteca Azul” (2014)	Capa; Primeira orelha (comentários sobre a obra); Segunda orelha (biografia e outros títulos do autor); Contracapa (foto do autor).	Falsa folha de rosto; Folha de rosto; Ficha técnica; Epígrafe; Prefácio escrito pelo próprio autor 14 anos após a primeira publicação da obra.	Romance dividido em capítulos numerados.	Lista de obras do autor, publicadas pela mesma editora; Colofão.
“1984” da “Companhia das Letras” (2009)	Capa; Primeira orelha (comentários sobre a obra); Segunda orelha (continuação da primeira orelha e biografia do	Falsas folhas de rosto; Folha de rosto; Ficha técnica; Sumário.	Romance dividido em três partes, estas, por sua vez, divididas em capítulos numerados.	Apêndice (“Os princípios da Novafala”); 1º posfácio: Erich Fromm (1961); 2º posfácio: Ben Pimlott (1989);

	autor com foto); Contracapa (sinopse e depoimentos).			3º posfácio: Thomas Pynchon (2003); Colofão.
“Fahrenheit 451” da “Biblioteca Azul” (2012)	Capa; Primeira orelha (apresentação da obra); Segunda orelha (biografia do autor com foto); Contracapa (parágrafo único de apresentação da obra e citação do autor).	Falsa folha de rosto; Folha de rosto; Dedicatória; Sumário; Epígrafe; Prefácio: Manuel da Costa Pinto.	Romance dividido em três partes: “A lareira e a salamandra”, “A peneira e a areia” e “O brilho incendiário”.	Posfácio escrito pelo autor; CODA escrito pelo autor; Biografia do autor; Colofão.

Fonte: A autora, 2024.

3. O SKOOB: A REDE SOCIAL BRASILEIRA PARA LEITORES

Raquel Recuero (2009, p. 24) afirma que uma “rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”. Martino (2015) ressalta que, apesar de ser utilizado para se referir a agrupamentos sociais *online*, o conceito de “rede social” foi desenvolvido pelas Ciências Sociais para explicar alguns tipos de relação entre pessoas, mas ganha novos contornos ao ser transposto para o ambiente virtual:

Redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes. Apesar de relativamente antiga nas ciências humanas, a ideia de rede ganhou mais força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela internet, definidas pela interação via mídias digitais. (Martino, 2015, p. 55)

O autor afirma que, nessas redes, os laços sociais tendem a ser menos rígidos, são geralmente formados por interesses, temas e valores compartilhados, mas sem a força de instituições como a família, as religiões ou mesmo o trabalho, possuindo uma dinâmica de interação específica, ainda que seja importante destacar que essas relações também possam ser transpostas para essas redes. Sua flexibilidade diz respeito ao fato de que os vínculos são fluidos, podem se transformar a todo instante.

É justamente por esse foco nas conexões entre os atores que uma das suas principais características é seu caráter *relacional*. “Em uma rede, as relações entre os participantes dão o tom de seu funcionamento mais do que as características de cada um” (Martino, 2015, p. 57). Trata-se de uma perspectiva mútua e recíproca das interações, onde relações interferem em outras relações.

As ideias de Martino (2015) dialogam com as de Recuero (2009) quando o primeiro também compreende a rede como um conjunto de “nós” interconectados (Martino, 2015, p. 100), esses “nós”, por sua vez, são formados pela ligação entre os “atores” dessa rede (Martino, 2015, p. 57). Uma rede social seria composta por “elementos que se *comunicam* entre si — e, por conta disso, [...] é uma estrutura complexa de comunicação, na qual vários nós interagem em múltiplas ligações.” (Martino, 2015, p. 100)

Por tal razão, o conceito de rede social não advém com a Internet e o avanço da tecnologia, é antes de tudo uma forma de relação específica entre um grupo de pessoas que, hoje, é presente e se constitui também no meio digital. É o que afirma Lucilene Messias (2019), ao alegar que “a tecnologia por si só não se caracteriza uma rede social, pois depende da

interação de pessoas que de fato é quem constroem as redes. [...] é preciso que ocorra uma interação real com outros sujeitos” (Messias, 2019, p. 70). Logo, o foco recai sobre os indivíduos que compõem a rede e dialogam e interagem no espaço virtual, ainda que a tecnologia seja uma ferramenta para que essas relações ocorram.

No ambiente digital, Recuero (2009) estabelece ainda a diferença entre a rede social e os sites de redes sociais, tendo em vista que estes últimos são “os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet”, ferramentas, sistemas que permitem que essas redes se mantenham e se estruturam:

Embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. (Recuero, 2009, p. 103)

Por isso, mais uma vez, o enfoque recai nas conexões, tendo em mente que, a partir desses sistemas, como um site ou aplicativo, é que se constitui um tipo de relação que o caracteriza como rede social, esta “realmente viva através das trocas conversacionais dos atores, aquela que a ferramenta auxilia a manter” (Recuero, 2009, p. 103). Levando em consideração esse quadro, aqui o interesse se mantém no Skoob enquanto rede, que se estabelece a partir das trocas entre seus usuários ou atores.

O Skoob¹⁸ é a maior rede social brasileira para leitores. Criada em 2009, já conta com mais de 9 milhões de usuários¹⁹. Através dela, é possível interagir com outros leitores e saber o que os mesmos estão lendo. Por isso, é uma rede criada para estabelecer trocas e compartilhamentos de experiências de leitura. Rodrigues e Farias (2016) definem o Skoob como uma Rede Social Segmentada e, por isso, destinada a uma única temática:

Nas Redes de Nicho ou Segmentadas, o motivo inicial para o estabelecimento dos vínculos sociais entre os atores não são os laços sociais já preestabelecidos entre eles, e sim a noção de pertencimento, caracterizada a partir da interação dos atores com o grupo ou instituição, ou seja, o indivíduo passa a fazer parte de um determinado grupo por se sentir pertencente a ele. Consequentemente, a partir dessas interações é que serão criados os laços sociais. (Rodrigues; Farias, 2016, p. 98)

Dessa forma, o que conecta os atores dessa rede, conhecidos como *scoobers*, é o interesse comum pelos livros. Tauana Jeffman (2014, p. 2) afirma que a diferença das redes sociais segmentadas para as redes sociais generalistas, como o Facebook, é que nas generalistas, “o usuário geralmente aceita em seu perfil pessoas que já conhece, ou que tem pretensões de

¹⁸ Disponível em: <https://www.skoob.com.br/>. Acesso em: 31 mar. 2023.

¹⁹ Dado disponível na página inicial do site do Skoob. É importante relativizar esse número, já que não é possível afirmar se estes 9 milhões de usuários se mantêm ativos na rede.

conhecer.” Já nas redes de nicho, “o usuário não adiciona, necessariamente, as pessoas que já conhece, mas aquelas que possuem interesses em comum. Conhecer ou não o outro usuário é um fator independente.”

Por isso, é muito comum no Skoob acompanhar as atividades de pessoas que não são conhecidas no ambiente *offline*, já que este não é um fator fundamental para que se faça parte desta rede. Essas variações na densidade das relações entre os atores de uma rede pode constituir diversos tipos de laços sociais. Rodrigues e Farias (2016, p. 103) percebem no Skoob, assim como nas redes sociais segmentadas em geral, que os laços podem se estabelecer tanto entre os atores sociais, como laços fracos, quanto do ator para o grupo no qual ele se relaciona, enquanto um laço associativo.

Os conceitos de laços fortes e laços fracos foram construídos por Mark Granovetter (1973, p. 1362). O autor explica que, quanto mais forte um laço conectando dois indivíduos, com mais frequência eles interagem e mais semelhantes eles são. Portanto, os laços fortes são caracterizados pela proximidade e confiança, geralmente atribuídos a “amigos próximos” (Granovetter, 1983, p. 201). No caso dos laços fracos, atribuídos a “conhecidos”, os indivíduos são mais propensos a se moverem em círculos diferentes dos habituais. Por isso, eles são mais suscetíveis a estabelecer pontes entre pessoas socialmente distantes, sendo importantes para o compartilhamento de novas ideias e para a expansão dos relacionamentos e trocas de informações. Dora Kaufman (2012, p. 208) argumenta que, por romper com o isolamento em grupos já estabelecidos pelos laços fortes, os laços fracos assumem a configuração de rede social.

Além disso, o conceito de laço social pode passar pela ideia de interação social e, assim, ser “constituído a partir dessas interações e das relações, sendo denominado laço relacional” (Recuero, 2009, p. 38). Contudo, também pode se estabelecer para além dessas interações. Recuero (2009, p. 38-39) se referencia no trabalho de Breiger (1974) para explicar que, através de um laço associativo, “a conexão entre um indivíduo e uma instituição ou grupo torna-se um laço de outra ordem, representado unicamente por um sentimento de pertencimento”. Portanto, no Skoob, a interação com uma frequência assídua e/ou a proximidade entre seus usuários não são estritamente necessárias para garantir que haja um sentimento de identificação que permita que esses indivíduos sintam-se parte de um grupo.

Nesse sentido, e por se constituir com base em relações pautadas em uma temática específica, é possível reconhecer no Skoob ainda alguns traços de uma comunidade virtual. Rheingold (1995) foi um dos primeiros a utilizar o termo para falar das relações no ambiente *online*. Martino (2015, p. 44-45), ao se referenciar no autor, as define como “agrupamentos

sociais construídos a partir de relações interpessoais mediadas por uma tela digital”, quando as pessoas que compõem esses grupos “mantêm conversas sobre assuntos comuns durante um período de tempo relativamente longo”. Nessas comunidades, bem como naquelas que não estão no ambiente virtual, o que une os indivíduos são os interesses, intenções, vontades e afetos compartilhados. O diferencial, neste caso, é que, nas comunidades virtuais, são construídas relações diferentes com o tempo e o espaço, já que as relações são mediadas pelo computador.

Contudo, redes sociais e comunidades virtuais não são sinônimos. Como ressalta Recuero (2009, p. 145), a comunidade é uma característica das redes, “um núcleo mais denso na rede social”. Trata-se de “uma tentativa de explicar os agrupamentos sociais surgidos no ciberespaço [...] uma forma de tentar entender a mudança da sociabilidade” (Recuero, 2009, p. 146) que advém desse meio.

Dessa forma, há tanto estudos que abordam o Skoob enquanto uma rede social (Araújo *et. al.*, 2018; Araújo, Sousa e Cavalcanti, 2020; Damasceno e Neves, 2022; Guanabara e Sakamoto, 2018; Jeffman, 2014; Rodrigues e Farias, 2016), quanto aqueles que o tratam enquanto uma comunidade virtual (Batista, 2022; Carvalho e Crippa, 2013; Oliveira, 2015; Silva, Oliveira e Vázquez, 2016). Aqui, reconhecemos traços de ambos os conceitos, mas aderimos, sobretudo, o de rede social, por ser mais abrangente e focar nas conexões entre os *scoobers*.

Adere-se também à ideia de uma comunidade de leitores, tendo em vista o foco no caráter particular de uma rede social em que os atores são leitores. Chartier (2002) toma como ponto de partida o conceito de “comunidades interpretativas (*interpretative communities*), de Stanley Fish, para pensar em grupos que compartilham práticas comuns de leitura e apreensão dos textos, o que, aqui, podemos adaptar para a realidade dos leitores do Skoob. Nesse caso, além das práticas predominantes de leitura silenciosa e individual contemporâneas, os leitores brasileiros que são usuários dessa plataforma mantêm o hábito de compartilhar experiências de leitura, opiniões e avaliações sobre os livros, fazendo parte de uma rede.

É importante destacar, contudo, que não se deve limitar ou determinar que as relações entre os membros do Skoob estão restritas ao meio virtual, como é o caso do estudo de Jeffman (2014) sobre o Encontro dos *Scoobers* na cidade de Porto Alegre. Todavia, sem a pretensão de aprofundar nosso olhar sobre os tipos de laços sociais criados e a densidade das relações entre os *scoobers*, a intenção aqui é entender as especificidades dessa rede social constituída através de um interesse comum, uma identidade (ser leitor), bem como esclarecer suas funcionalidades.

3.1. As funcionalidades do Skoob

Figura 5 - Exemplo de perfil no Skoob (continua)

skoob Busque por título, autor, editora, ISBN... Explorar

anacarlalongo > Rio de Janeiro - RJ

LIDOS **208** LENDO **5** QUERO LER **77** RELENDO **0** ABANDONEI **1** RESENHAS **36** **46.170** paginômetro

Favoritos 33 Tenho 124 Desejados 0 Emprestados 0 Troco 0 Meta 13

Autora do livro "Casa de Incertezas" | Organizadora e coautora das antologias "Sexo Frágil" e "Cartas para elas"
 Jornalista pela UFRRJ | Mestranda em Comunicação na UERJ
<https://linktr.ee/anacarla>

30 AMIGOS
31 SEGUINDO
28 SEGUIDORES
SUGESTÕES
3 AUTORES
1 GRUPOS
EDITORAS

Meta de Leitura 2023 Lidos 9 de 13 (69%) 2.507 de 3.384 páginas (ritmo: 13 por dia)

Amigos Seguindo Minhas Grupos Editoras

Ana Carla Lonoo um mês atrás

Minhas Leituras 2022
Meus Desejados
ANIVERSARIANTES 1
META DE LEITURA 2023 69% Lidos 9 / 13

(a)

Figura 5 - Exemplo de perfil no Skoob (conclusão)

The screenshot shows the Skoob website interface. At the top, there is a search bar with the text "Busque por título, autor, editora, ISBN..." and a magnifying glass icon. To the right of the search bar are navigation options: "Explorar" with a dropdown arrow, and icons for email, a person, a cat, and a woman's profile. Below the search bar, there are tabs for "Amigos", "Seguindo", "Minhas" (which is selected), "Grupos", and "Editoras". On the left side, there are icons for a question mark and "EDITORAS". The main content area displays two posts from the "Minhas" tab, both about the book "Odeio Te Amar" by Ali Hazelwood. Each post includes a progress bar, a timestamp, a short review, a book cover image, and a promotional text: "Inclui as histórias Sob o mesmo teto, Presa com você e Abaixo de zero. E um capítulo extra! Nesta coleção de três histórias românticas, Ali Hazelwood faz o leitor suspirar e gargalhar, brindando-o ainda com um capítulo especial com o ponto de vista de Liam, Erik e la". The first post is from 21 minutes ago and shows 64% progress (226 / 352). The second post is from 7 hours ago and shows 53% progress (190 / 352). Both posts have a comment count of 2 and icons for bookmarking and sharing.

(b)

Legenda: Perfil do Skoob na versão da rede social para navegador (a), com atualizações de “Amigos” (b).
 Fonte: Perfil do Skoob da autora.

Neste exemplo da Figura 5, percebe-se que há, no perfil do usuário, uma barra de busca para pesquisa de livros, editoras e outros usuários. É possível acessar, já no perfil, o número de livros lidos, aqueles que se está lendo, relendo, abandonados, resenhados, amigos, seguidores, além da “meta de leitura”, ferramenta pela qual o leitor pode estabelecer metas acerca de quais e quantos livros deseja ler naquele ano, a fim de acompanhar seus avanços. O Skoob fornece, inclusive, a porcentagem da meta que já foi atingida até o momento e quantas páginas por dia se deve ler para alcançar o objetivo até o final do ano, além do paginômetro geral, no canto superior direito, com o total de páginas lidas desde o primeiro registro na rede social.

O Skoob possui uma versão para navegador, para ser acessada através do computador, e também para celular, através do aplicativo. No navegador, o *feed* ainda pode ser visualizado com as atualizações do próprio usuário (“Minhas”), dos seus “Amigos”, daqueles que está “Seguindo”, ou mesmo de “Grupos” que faça parte ou das “Editoras” de seu interesse.

O Skoob também oferece, na seção “Explorar”, informações sobre *booktubers*²⁰, trocas de livros (disponíveis para perfis PLUS²¹), lançamentos das editoras parceiras, “Top Mais Lidos”/“Lendo”/“Quero Ler”, etc., além do sorteio de livros cortesias. A rede também permite que os autores cadastrem seus próprios livros e seus perfis de autores, o que facilita a participação de autores independentes e a divulgação de suas obras.

Figura 6 - Top Mais Lidos no Skoob

The screenshot shows the Skoob website interface. At the top, there is a search bar with the text "Busque por título, autor, editora, ISBN..." and a magnifying glass icon. To the right of the search bar are navigation links: "Explorar", a mail icon, a person icon, a cat icon, and a profile icon. Below the search bar, the section is titled "Top Mais Lidos" with the subtitle "Abaixo a lista dos livros mais marcados como 'lidos' no SKOOB." On the left side, there is a vertical menu with options: "Mais Lidos", "Mais Lendo", "Mais Quero ler", "Mais Abandonados", "Mais Desejados", "Mais Favoritos", and "Mais Trocados". The main content area shows a grid of 21 book covers, each with a green number in the top left corner indicating its rank. Below each cover is the book title, author, and the number of times it has been marked as "read". A "ver ofertas" button is located below each book cover.

Ranque	Título	Autor	Quantidade de "Lidos"
1	O Pequeno Príncipe	Antoine de Saint-Exupéry	824.743
2	Harry Potter e a Pedra Secreta	J. K. Rowling	773.178
3	Harry Potter e a Câmara Secreta	J. K. Rowling	651.898
4	Culpa é das Estrelas	John Green	649.841
5	Harry Potter e o Cálice de Fogo	J. K. Rowling	599.049
6	Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	J. K. Rowling	548.991
7	O Adão e os Raios	Michael Crichton	506.994
8	Harry Potter e o Príncipe Mestizo	J. K. Rowling	504.490
9	Harry Potter e o Enigma do Príncipe	J. K. Rowling	491.550
10	Harry Potter e as Relíquias da Morte	J. K. Rowling	473.975
11	A Seleção	Kiera Cass	458.318
12	Menina que roubava livros	Marcos Senna	443.278
13	Crepúsculo	Stephanie Meyer	441.408
14	A Elite	Kiera Cass	382.072
15	Os Jogos Vorazes	Suzanne Collins	-
16	Os Jogos Vorazes	Suzanne Collins	-
17	GOS VORAZES	Suzanne Collins	-
18	Anne	Lucy Collet	-
19	Menino	-	-
20	Isa Nova	-	-
21	Os Jogos Vorazes	Suzanne Collins	-

Legenda: Livros mais marcados como “Lidos” no Skoob (versão para navegador). Fonte: Skoob. Disponível em: https://www.skoob.com.br/livro/top_mais/lidos/. Acesso em: 23 jan. 2024.

É possível, ainda, acompanhar o “Ranking de Leitura” e sua colocação em número de páginas lidas em relação a amigos e outros usuários, sortear a próxima leitura de acordo com os livros presentes na “meta de leitura” e participar de desafios, como o “Dias seguidos”, para

²⁰ Segundo Tauana Jeffman (2017, p. 22), o *booktube* é “uma comunidade formada por leitores que produzem e consomem conteúdo relacionado — direta ou indiretamente — à cultura literária, também conhecidos como *booktubers*”. Suas atividades se concentram na rede social audiovisual YouTube.

²¹ O perfil PLUS no Skoob é uma ferramenta gratuita criada para permitir a troca de livros entre os leitores. Ele possui uma busca especializada, onde é possível ver as edições, quantidade de cópias disponíveis e todas as pessoas que estão trocando o livro desejado, com fotos reais, as qualificações dos perfis que já realizaram trocas, entre outras funcionalidades. Para saber mais: <https://www.skoob.com.br/plus/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

descobrir por quantos dias seguidos o usuário consegue ler, e o “Leia mais!”, para desafiar o leitor a estipular um número de livros que pretende ler no ano. Assim, a plataforma pretende ser uma ferramenta de incentivo ao hábito de leitura.

Figura 7 - Ranking de Leitura



Legenda: Ranking de Leitura na versão para celular no dia 23 jan. 2023.
Fonte: Skoob da autora.²²

Guanabara e Sakamoto (2018, p. 132) afirmam que estratégias desse tipo utilizam “mecânicas de jogos com o objetivo de incentivar as pessoas a praticarem uma ação. [...] como forma de instigar seus usuários a lerem com mais frequência e por consequência, a acessarem mais o *site*”, técnica conhecida como gameificação, que tornaria as ações e interações na plataforma mais dinâmicas e instigantes.

Nesta rede social, além de interagir e acompanhar outros leitores, autores e editoras, o usuário pode organizar suas leituras, através de uma “estante virtual”, separando os livros em categorias, como: “Lidos”, “Lendo”, “Quero ler”, “Relendo”, “Abandonou”, “Favoritos”,

²² Apesar das resenhas, atualizações e demais informações serem publicadas de forma pública no Skoob, neste trabalho ocultamos a foto de perfil e o nome de usuário dos leitores por respeito à sua privacidade. Também serão ocultados anúncios de publicidade.

“Desejados”, “Avaliado”, “Resenhado”, “Tenho”, “Troco”, “E-book/Digital”, “Audiobooks” entre outras, algumas delas separadas por cores.

Figura 8 - Exemplo de “estante virtual” no Skoob

The screenshot shows the Skoob user interface for the profile 'anacarlalongo'. At the top, there is a search bar with the text 'Busque por título, autor, editora, ISBN...' and a search icon. To the right of the search bar are navigation options: 'Explorar', a mail icon, a user profile icon, and a notification icon. Below the search bar, the user's profile picture and name 'anacarlalongo' are displayed. A row of tabs includes 'Estante', 'Resenhas', 'Recados', 'Amigos', 'Grupos', 'Seguidores', 'Seguidos', and 'Plus / Trocas'. Below these tabs, there are icons for 'Livros 292', 'Quadrinhos', 'Revistas', and an 'organizar' button. A search bar is also present in this section. The main content area shows a grid of 36 book covers (1 to 36 of 292 found). On the left side of the grid, there is a sidebar with filters and counts:

Filter	Count
Todos	292
Lido	208
Lendo	5
Quero ler	77
Relendo	0
Abandonei	1
Favorito	33
Desejado	0
Avaliado	98
Resenhado	36
Tenho	124
Troco	0
Emprestei	0
Meta de Leitura	13
Ebook / Digital	59

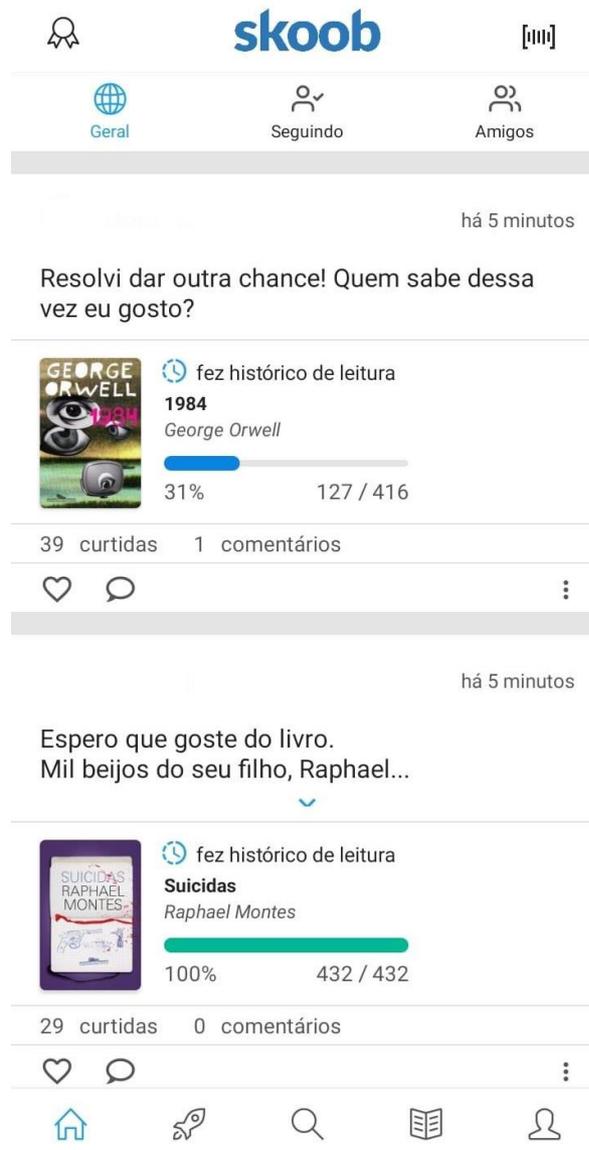
The book covers in the grid include titles like 'A gente mira no amor e acerta na solidão', 'Talvez você deva conversar com alguém', 'Amor', 'Amor', 'Charlier', 'A Vida Mentirosa dos Adultos', 'Daisy Jones & The Six', 'DE LO GI', 'Cinzas de Arca', 'A ESCRAVA', 'A Visita', 'OCTAVIA E BUTLER', 'Minha querida', 'CASA INCERTezas', and 'ocínio Pair'. Each book cover has a star rating indicator below it, ranging from 1 to 5 stars.

Fonte: Perfil do Skoob da autora.

Nesta imagem, percebe-se ainda que é possível ver a avaliação de até cinco estrelas dos livros que já foram “Lidos” (marcador verde) e o andamento da leitura daqueles que estão marcados como “Lendo”(marcador amarelo).

Outra função da plataforma é registrar e acompanhar as atualizações diárias de milhões de leitores. Na versão para celular, esta é a página principal apresentada ao usuário assim que ele acessa sua conta.

Figura 9 - O “histórico de leitura” no Skoob



Legenda: Página inicial do Skoob para celular no dia 11 jun. 2023 com as atualizações diárias de leitura dos usuários.

Fonte: Skoob da autora.

Ao atualizar o número de páginas lidas no seu “histórico de leitura”, o leitor consegue acompanhar a porcentagem do livro que já leu e pode fazer comentários sobre suas impressões até o momento. Além de ser uma forma de interagir e acompanhar leitores que estão lendo os mesmos livros, serve como uma forma de registro das próprias leituras. A partir disso, essa comunidade torna-se também produtora de ideias, exemplificadas aqui na publicação de resenhas.

3.2. As resenhas do Skoob e as interpretações dos leitores

Enquanto “consumidores culturais” (Certeau, 1998), os leitores presentes no Skoob produzem trocas culturais a partir de suas leituras. Portanto, como alega Almeida (2009, p. 168), as TICs²³, em especial a Internet, multiplicaram os canais de expressão desses “consumidores culturais”, “ampliando o espaço de produção e circulação de informações culturais e reconfigurando os circuitos de mediação.”

A partir da função presente na plataforma de escrever resenhas após a conclusão de uma leitura, esse papel ativo do leitor ganha novas formas de atuação, incentivando a participação e a criação de discursos por parte de quem lê:

[...] a criatividade e a ponte entre as atividades de ler e escrever estreitam laços, incentivando o surgimento de verdadeiros produtores textuais. Nesta rede social, através da produção de resenhas, vemos autênticos aspirantes a escritores que, a partir de suas leituras, mantêm o ciclo da literatura em movimento, tecendo e compartilhando suas opiniões criteriosas. Sem dúvida, a produção e reprodução de conhecimento por meio da leitura e da escrita de resenhas corroboram para que sejam deixados, nesta rede social, registros culturais de diferentes pensamentos e diferentes épocas. (Araújo; Sousa; Cavalcanti, 2020, p. 29)

Assim, defende-se a potencialidade do Skoob enquanto instrumento de registro das novas e múltiplas práticas de leitura contemporâneas, espaço no qual os leitores exercem sua inventividade e constroem sentidos e significados a serem adicionados a uma obra que se constitui também a partir das diferentes leituras que são feitas dela. É por isso que práticas de leitura podem desdobrar-se em práticas de escrita, sobretudo no meio digital, já que “as TICs configuram agora a possibilidade de criação de espaços menos hierárquicos de circulação dessas informações, podendo fazer de cada leitor um co-autor, um potencial crítico ou um mediador da informação cultural.” (Almeida, 2009, p. 169)

Em uma pesquisa realizada com 22 usuários do Skoob, Guanabara e Sakamoto (2018, p. 140), concluíram que 99.9% dos participantes alegaram que costumam ler resenhas de livros na rede social, “geralmente com o objetivo de criar uma impressão acerca do livro que se pretende ler, mas também existem aqueles que procuram as opiniões de outros leitores ao terminar sua leitura, para comparar suas experiências”. Além disso, “68.2% dos entrevistados afirmam já terem compartilhado suas opiniões por meio de resenhas e avaliações na plataforma”

²³ Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

(Guanabara; Sakamoto, 2018, p. 126), no entanto a maioria relata fazê-lo com pouca frequência, somente se a leitura “impacta de alguma forma”.

Esses dados, sem a pretensão generalizante de estabelecerem-se como regras, oferecem uma pista da importância e do papel das resenhas para os usuários, que recorrem a elas tanto antes quanto depois da leitura e podem escrevê-las a fim de explicitar o impacto e suas impressões sobre uma obra.

Segundo o *PublishNews* (2022), as resenhas têm sido utilizadas ainda como estratégias de venda, exemplo disso é que a Americanas S.A. integrou mais de 2 milhões de resenhas do Skoob a plataformas de compra *online* como Americanas, Submarino e *Shoptime*, como forma de avaliação dos produtos, no caso, dos livros. Tal iniciativa foi tomada na expectativa de aumentar as vendas em até 40% nesses sites. Tais fatos justificam a relevância dessas resenhas enquanto fomentadoras de trocas de opiniões, mas também de influenciadoras na tomada de decisões.

Esse tipo de uso da rede social para o mercado remete às ideias de Chris Anderson (2006), para quem a cultura de nicho vem crescendo e, conseqüentemente, expandindo seu mercado. Assim, segundo a sua Teoria da Cauda Longa, a cultura e a economia estão cada vez mais se afastando do foco em alguns *hits*, produtos e mercados da tendência dominante, relativamente pouco numerosos, no topo da curva da demanda, e avançando em direção a uma grande quantidade de nichos na parte inferior ou na cauda da curva de demanda.

Ao atentar-se a esse nicho de leitores e utilizar o Skoob para alavancar vendas e aproximar-se da opinião do público, neste caso, público-consumidor, empresas como a Americanas apropriam-se da rede social como um negócio. Neste trabalho, contudo, centra-se no papel ativo do leitor ao traçar caminhos de interpretação e entendimento dos livros que lê e faz reverberar nas resenhas.

Faz-se necessário, contudo, complexificar a ideia de “interpretação” do leitor. No livro “*Obra Aberta*” (1991), Umberto Eco discorreu sobre o campo de probabilidades e a manifestação ambígua da arte na relação com seu intérprete. O autor buscou “definir os limites dentro dos quais uma obra pode lograr o máximo de ambigüidade e depender da intervenção ativa do consumidor, sem contudo deixar de ser ‘obra’” (Eco, 1991, p. 23). O autor incluiu no conceito de “obra” não apenas textos verbais, mas pintura, cinema, televisão, música. Para o autor, “a abertura, entendida como ambigüidade fundamental da mensagem artística, é uma constante de qualquer obra em qualquer tempo” (Eco, 1991, p. 25), por isso uma pluralidade de significados podem conviver num só significante.

Em seu trabalho posterior, no livro “Os limites da interpretação” (2015), Eco retoma as ideias de “Obra Aberta” e complexifica-as. Ainda que separado de seu emissor e das condições e contextos de sua emissão, um texto depende de determinadas regras acerca do uso da língua e de seu significado. Há, dessa forma, um sentido literal, uma restrição preliminar a essa interpretação. Eco (2015) admite, com isso, que há limites à interpretação e que esta nunca é única e definitiva.

Porém, segundo ele, um texto “aberto” continuaria sendo um texto, podendo potencialmente suscitar um número extenso de leituras sem, contudo, permitir uma leitura qualquer. Seria impossível mensurar qual interpretação é melhor, mas seria possível afirmar quais interpretações estão erradas, já que um texto poderia dizer muitas coisas, mas jamais poderia dizer o que não diz. Para Eco (2015), frequentemente os textos dizem mais do que seus autores pretendiam, mas menos do que muitos leitores gostariam que dissessem.

Quando se direciona, então, não a um único leitor, mas a uma comunidade de leitores, o autor compreende que o texto seria interpretado para além das suas intenções, levando em consideração uma complexa estratégia de interações que coenvolve os leitores, a competência destes em relação à língua, as convenções culturais produzidas pela mesma e a história das interpretações precedentes de muitos textos, entre eles o que o leitor lê naquele momento.

As ideias gerais do trabalho de Eco (1991; 2015) são úteis para compreender os limites e as transgressões presentes na livre leitura dos livros de distopia aqui relacionados, sem a intenção, contudo, de determinar se as interpretações relatadas nas resenhas do Skoob estão certas ou erradas, mas conscientes de que as mesmas se constroem levando em conta o sentido literal do texto, as intenções do autor, o trabalho da edição e as relações com o texto e o contexto construídas pelos próprios leitores, que também estão imersos em seus próprios repertórios.

3.3. Metodologia: a teoria fundamentada na análise qualitativa

A metodologia visa, então, à análise das resenhas publicadas no Skoob. Para tal feito, toma-se como base teórica o estudo de Kathy Charmaz (2009) sobre o uso da teoria fundamentada no desenvolvimento de uma análise qualitativa. Os métodos da teoria fundamentada baseiam-se em diretrizes flexíveis para coletar e analisar dados, visando à construção de teorias “fundamentadas” nos próprios dados. Em outras palavras, esses dados formam a base da teoria a ser desenvolvida (Charmaz, 2009, p. 15). Esse tipo de pesquisa

traça um caminho que se inicia com os dados, a partir da codificação qualitativa destes, passa-se à redação de memorandos, à criação de categorias de análise e à utilização da amostragem para a criação de uma “teoria fundamentada” nesse processo, “uma compreensão teórica da experiência estudada” (Charmaz, 2009, p. 16).

Charmaz (2009) atribui aos sociólogos Glaser e Strauss, por volta dos anos 1960, a criação dessa teoria, fornecendo um método para a análise de processos²⁴. Strauss, seguindo uma tradição filosófica pragmatista, imbuiu ainda em seus estudos o conceito de “interacionismo simbólico”:

(...) uma perspectiva teórica que compreende que a sociedade, a realidade e o indivíduo são construídos por meio da interação e, assim, conta com a linguagem e a comunicação. Essa perspectiva pressupõe que a interação é inerentemente dinâmica e *interpretativa*, e trata de como as pessoas criam, representam e modificam os significados e as ações. (...) O interacionismo simbólico pressupõe que as pessoas possam refletir, e de fato reflitam, sobre as suas ações, e não apenas respondam de forma mecânica a estímulos. (Charmaz, 2009, p. 21)

Essas ideias dialogam com a ação desempenhada pelos leitores no Skoob, que interagem e se comunicam de forma dinâmica e interpretativa, refletindo, de fato, sobre suas ações, aqui ilustradas pelo ato de leitura. Influenciada por tais aspectos, a teoria fundamentada de Glaser e Strauss tornou-se uma forma de argumentar a confiabilidade e a legitimidade da pesquisa qualitativa, partindo de diretrizes básicas que fornecem determinadas etapas, mas desenvolvendo-se de forma flexível, podendo ter seus métodos adotados e adaptados, como é feito no presente trabalho.

É importante destacar também que a maneira “*como* os pesquisadores utilizam essas diretrizes não é neutra; nem o são os pressupostos que eles levam para as suas pesquisas e organizam durante o processo” (Charmaz, 2009, p. 23), portanto, o que se pretende fazer é construir *um* dos caminhos possíveis para a análise das resenhas, ciente de que este não é neutro, ainda que criterioso e detalhado, já que escolhas são feitas ao longo do estudo.

Atualizando a teoria de Glaser e Strauss, Charmaz (2009, p. 24-25) defende que “nem os dados nem as teorias são descobertos. Ao contrário, somos parte do mundo o qual estudamos e dos dados os quais coletamos. Nós *construímos* as nossas teorias fundamentadas”. Por isso, toda teoria é um retrato “interpretativo” da realidade estudada e

²⁴ Charmaz (2009, p. 24) explica que um “processo” se constitui “por sequências temporais reveladas que podem apresentar limites identificáveis com inícios e finais claros e marcas de referência entre eles.” Assim, eventos individuais fariam parte de uma totalidade mais ampla. Aqui, apropria-se dessa ideia ao entender que as interpretações depreendidas nas resenhas do Skoob fazem parte de uma totalidade de leituras possíveis dos livros, portanto, processos de leitura, significações e compartilhamento de experiências.

não uma imagem fiel da mesma. É o que se pretende fazer aqui com as resenhas, desenvolver uma análise qualitativa e interpretativa das experiências de leitura transmitidas pelos leitores.

Reconhece-se que, apesar das diretrizes reproduzirem um caminho linear, na prática, a teoria fundamentada não é tão linear. “Os pesquisadores que utilizam a teoria fundamentada param e escrevem sempre que as ideias lhes ocorrem” (Charmaz, 2009, p. 25). Segundo Charmaz (2009), a vantagem da pesquisa qualitativa centra-se na possibilidade de acrescentar novas peças ao quebra-cabeça da pesquisa, ou mesmo criar quebra-cabeças inteiramente novos, enquanto os dados são coletados, e isso pode ocorrer até mesmo depois, durante a análise. “A flexibilidade da pesquisa qualitativa permite ao pesquisador seguir as indicações que vão surgindo.” (Charmaz, 2009, p. 31).

Por isso, desde o início do trabalho, passou-se a escrever memorandos, “anotações analíticas informais” (Charmaz, 2009, p. 106), considerados pela autora a etapa intermediária entre a coleta de dados e a redação dos relatos de pesquisa. Os memorandos permitem instigar a criatividade do pesquisador e, dessa forma, “dependem de que a sua elaboração seja espontânea, e não mecânica” (Charmaz, 2009, p. 115), portanto estes podem ser fluidos, escritos de forma livre para uso pessoal do pesquisador, impulsionando novas ideias e passíveis de serem escritos em diversos momentos da pesquisa:

Redigir memorandos sucessivos em todas as partes do processo de pesquisa o mantém envolvido na análise, bem como o ajuda a elevar o nível de abstração de suas ideias. Determinados códigos destacam-se e assumem a forma de categorias teóricas à medida que você escreve sucessivos memorandos. (Charmaz, 2009, p. 106)

Assim, os memorandos permitem reunir os dados, explorá-los, descobrir e definir códigos e categorias a partir deles, sempre comparando-os. As teorias fundamentadas podem ser produzidas a partir de diversos tipos de dados: notas de campo, entrevistas, gravações, relatórios (Charmaz, 2009, p. 30). Somado a isso, os dados são construídos por pessoas, logo qualquer tipo de dado “procede de algum propósito para a realização de um objetivo específico. Por sua vez, os propósitos e objetivos surgem sob determinadas condições históricas, sociais e situacionais.” (Charmaz, 2009, p. 33)

Nesse caso, como já foi mencionado, nossos dados, as resenhas, são escritas com a intenção de registrar e compartilhar com outros leitores as interpretações sobre uma obra, por isso são construídas a partir de uma linguagem comum e para a interação específica entre essa comunidade de leitores. Leitores estes que estão sob determinadas condições

históricas e sociais: tendo em vista que, por ser uma rede social brasileira, pode-se depreender que a maioria dos usuários presentes no Skoob são também brasileiros e que as resenhas aqui analisadas foram escritas no ano de 2023. As resenhas não são, portanto, dados objetivos, mas construídos, a partir de todos esses fatores, pelos leitores.

Os pesquisadores que utilizam a teoria fundamentada partem, muitas vezes, de conceitos gerais e de interesses de pesquisa que servem como pontos de partida, mas não limitadores, do trabalho a ser desenvolvido. É o caso aqui dos conceitos de “distopia”, “leitores” e “leitura”. Tais conceitos são chamados por Blumer (*apud* Charmaz, 2009, p. 34) de conceitos sensibilizadores. Por isso, apesar de partir destes, podemos nos deparar e buscar outros temas levantados como relevantes por aqueles que estão sendo pesquisados, os leitores.

Na análise qualitativa da teoria fundamentada, preza-se pela qualidade dos dados (nesse caso, ilustrada pela quantidade numerosa de resenhas disponíveis, pela multiplicidade de interpretações dos leitores e pelo potencial comparativo entre elas) e pelo respeito pelos pesquisados (refletido no reconhecimento do papel ativo dos leitores e das interpretações variadas expostas nas resenhas). Estas devem ser analisadas e complexificadas não em busca do “certo” ou “errado”, ou mesmo da confirmação do ponto de vista da própria pesquisadora, mas sim focalizando as múltiplas experiências de leitura.

Pelo fato de partirmos das resenhas, trabalhamos com a abordagem da análise textual. Charmaz (2009, p. 58) afirma que toda pesquisa qualitativa, em alguma medida, requer a análise textual, contudo, há diferentes tipos de textos que podem ser estudados. Destacam-se dois deles: textos extraídos e textos existentes. Textos extraídos são produzidos em resposta a uma solicitação do pesquisador, enquanto textos existentes provêm de documentos variados, cuja elaboração não contou com a participação do pesquisador.

As resenhas, portanto, consistem em textos existentes, elaboradas pelos leitores sem a interferência da pesquisadora e, portanto, com outras finalidades que não aquelas da pesquisa. Podem assumir, assim, um caráter detalhado e potencializador das discussões acerca da leitura das distopias na atualidade. Contudo, apesar da não participação da pesquisadora na produção desses dados conferir uma maior liberdade de expressão aos leitores, é necessário enfatizar que as resenhas podem ser influenciadas pelas escolhas do que os usuários decidem ou não destacar em seus relatos, a depender do que pretendem transmitir uns aos outros. São, como já dito, produtos construídos, não objetivos.

Levando isso em consideração, a teoria fundamentada se encaminha para a

codificação dos dados. Nessa etapa, busca-se “nomear segmentos de dados com uma classificação que, simultaneamente, categoriza, resume e representa cada parte dos dados. A codificação é a primeira etapa para passarmos dos enunciados reais presentes nos dados à elaboração das interpretações analíticas” (Charmaz, 2009, p. 69). Há dois momentos nessa fase: a codificação inicial e a codificação focalizada.

3.4. Aplicação da metodologia: resenhas e eixos de discussão

Para isso, seguiu-se o seguinte caminho: foi realizada uma análise inicial de 61 resenhas de cada livro, registradas em janeiro de 2023, comparando-as entre si, tendo em mente a seguinte questão: “quais as categorias teóricas que esses enunciados poderiam indicar?” (Charmaz, 2009, p. 69). Esse primeiro contato com os dados, correspondente à codificação inicial, impulsiona que o pesquisador “permaneça aberto a todas as direções teóricas possíveis indicadas pelas suas leituras dos dados” (Charmaz, 2009, p. 72).

É interessante lembrar, como já mencionado em nota de rodapé (p. 51), que a pesquisa com enfoque em distopias teve início em meu trabalho de monografia, onde se refletiu sobre a relação entre os meios de comunicação retratados nos livros “1984” e “Fahrenheit 451” e as Teorias da Comunicação. Havia, portanto, um enfoque nos fenômenos comunicacionais presentes nas obras. No mestrado, todavia, através do contato com a perspectiva dos leitores, novas questões de análise surgiram, ampliando nosso escopo de pesquisa para a produção editorial e as práticas de leitura.

Charmaz (2009, p. 72) esclarece que, na pesquisa com base na teoria fundamentada, criamos códigos a partir do que observamos nos dados, não usamos códigos preconcebidos, por isso é possível chegar a novas questões de pesquisa. A autora recomenda que trabalhe com ações e enfatiza três abordagens de codificação inicial: palavra por palavra, linha a linha e incidente por incidente. Neste trabalho, nos aproximamos mais da codificação linha a linha, ainda que se tenha buscado analisar as temáticas e ações destacadas nas resenhas de forma mais flexível, estendendo-se em uma codificação parágrafo a parágrafo e, por isso, adaptando os métodos da autora. É, portanto, um caminho de pesquisa possível para estudar questões centrais levantadas pelos leitores de distopias, mas não um retrato fechado das suas experiências de leitura:

Pelo fato de destacarem a identificação de padrões, os pesquisadores adeptos à teoria fundamentada tipicamente invocam os relatos dos respondentes para ilustrar os pontos essenciais, e não para fornecerem retratos acabados das suas vidas ou mesmo uma narrativa completa de uma experiência. Quando você leva os dados brutos diretamente para o seu memorando, você conserva indícios expressivos para as suas ideias analíticas desde o início. (Charmaz, 2009, p. 116)

Tendo tal fato em mente, a partir da análise/codificação inicial, foram percebidos, então, pontos centrais ou, conforme Charmaz (2009, p. 78), “códigos iniciais” recorrentes, enfatizados pelos leitores nas resenhas. Nessa codificação das primeiras 61 resenhas de cada livro, foram redigidos “memorandos iniciais” (Charmaz, 2009, p. 117).

Em “Admirável Mundo Novo” (2014), destacaram-se:

- A descrição de “aspectos gerais” da obra.
- Discordâncias em relação aos gostos de cada leitor (se achou a leitura “dinâmica” ou não, se a leitura “prende ou não a atenção”).
- Comparações com a “realidade atual”.
- Em geral, os leitores costumam se mostrar assustados com a possibilidade da realidade da obra se tornar parte da “realidade atual”.
- Alguns relatam “dificuldade” para ler “clássicos”.
- Chama a atenção de alguns leitores o fato de que nessa “distopia”, em particular, as pessoas são “felizes”.
- Há algumas resenhas em que os leitores afirmam já ter tido contato com opiniões de outros leitores antes de lerem o livro.
- A partir das resenhas, alguns leitores “recomendam” ou não a leitura do livro.
- Há várias resenhas em que os leitores afirmam estar fazendo uma “releitura” da obra.
- Muitas resenhas destacam a questão da repressão das emoções contida na história.

De “1984” (2009), os leitores enfatizam:

- A alteração de “notícias” e “registros”.
- “Controle social”, “manipulação” e “vigilância”.
- A proximidade com a “realidade contemporânea”.
- O “governo autoritário”.
- O “tamanho” do livro (para alguns, muito “longo” e “arrastado”, com “capítulos muito extensos”, mas para outros uma “leitura fluida”).
- O “caráter político” da obra (há discordâncias e críticas sobre o posicionamento da obra e do autor, para alguns há um “viés anticomunista”).

- Destaques para o fato da obra ser um “clássico” (alguns leitores alegam merecer esse título, outros acham superestimado).
- Opinam também sobre gostar ou não de alguns “personagens”.
- Algumas resenhas focam mais nos gostos de cada leitor (se gostou ou não, se cumpriu as “expectativas”, se “recomenda” ou não).
- Alguns fazem resenhas mais delimitadas à história em si, como uma “sinopse” ou “apresentação” da obra.
- Algumas resenhas destacam as “teletelas” e sua “vigilância”.
- É comum também relatos em que os leitores confessam ter tido “dificuldade” para conseguir estabelecer um “ritmo de leitura”.

Em relação a “Fahrenheit 451” (2012), é possível ressaltar ainda:

- Discordâncias quanto à “fluidez” e “dinamicidade” da leitura.
- Opiniões sobre os “personagens”.
- Destaque para o fato do livro ser um “clássico”.
- A semelhança com a “realidade” e os tempos atuais.
- A questão da “alienação” e da “censura” presentes na obra.
- Há ainda algumas resenhas com comentários sobre o “prefácio” e “conteúdos extras” presentes na “edição”.
- Ênfase para a mensagem da obra sobre a “importância da leitura”.
- Muitas resenhas também apresentam o “enredo” da obra.
- Menções aos diálogos e a passagens presentes na história, “citações”.
- Há resenhas que comparam “1984”, “Admirável Mundo Novo” e “Fahrenheit 451”.
- É comum alguns leitores confessarem ter interesse em “reler” a obra em outro momento ou “com outra cabeça” para aproveitar mais a leitura.

Percebe-se, portanto, que muitas perspectivas novas sobre esses livros de distopia foram suscitadas, expandindo os horizontes de análise. Essa codificação inicial cuidadosa “auxilia o pesquisador a abster-se de imputar os seus motivos, os seus medos e as suas questões pessoais não resolvidas aos seus respondentes e aos seus dados coletados” (Charmaz, 2009, p. 83), portanto, permitiu a familiarização com pontos de vista e experiências diferentes se comparadas umas com as outras, ou mesmo com as interpretações pessoais da presente autora.

Ainda que as percepções da pesquisadora influenciem o trabalho, é essencial que

estas não determinem de forma limitante as compreensões acerca das resenhas, por isso a codificação inicial ampliou o “olhar” de pesquisa, bem como foi capaz de refrear que ideias preconcebidas se tornassem definidoras, permitindo o diálogo e a compreensão de “estruturas interpretativas de referência” (Charmaz, 2009, p. 100) dos participantes da pesquisa, que podem não ser as mesmas que as da pesquisadora.

Paralelamente a essa análise inicial, sentiu-se a necessidade de serem revisitados os conteúdos das obras como um todo (prefácio, posfácio, orelhas, etc.). É importante destacar que, apesar da possibilidade de escolher a edição no Skoob, há a impossibilidade de efetivamente saber se o leitor se atentou à edição registrada na plataforma. Apesar disso, é possível perceber menções a aspectos específicos das edições em algumas resenhas, o que torna esse um ponto relevante e expõe a atenção dos leitores a esse detalhe. Há, além disso, a possibilidade do Skoob apresentar resenhas de outras edições junto à edição selecionada, como veremos que será pontuado, para fins de comparação, em algumas resenhas dispostas adiante. Ciente das possíveis margens de erro, ainda assim, considera-se essa funcionalidade importante para uma maior aproximação do aspecto editorial dos livros enfocados neste trabalho.

É possível, então, perceber pontos de enfoque que se repetem e são comumente levantados pelos leitores. Esses códigos iniciais fornecem, dessa forma, “tendências para serem analisadas” (Charmaz, 2009, p. 116). A partir disso, partimos para a codificação focalizada, registrada em “memorandos avançados” (Charmaz, 2009, p. 117). Nesse momento, pôde-se utilizar os códigos anteriores mais significativos e/ou frequentes para direcioná-los e analisar mais dados.

“A codificação focalizada exige a tomada de decisão sobre quais os códigos iniciais permitem uma compreensão analítica melhor para categorizar os seus dados de forma incisiva e completa” (Charmaz, 2009, p. 87) A partir dela, foram estabelecidos eixos de discussão ou “categorias conceituais” (Charmaz, 2009, p. 129) em que as resenhas podem ser analisadas. Essas categorias explicam ideias presentes nos dados, e o fazem em termos reveladores. “Uma categoria pode agrupar temas e padrões comuns em vários códigos”. (Charmaz, 2009, p. 129)

Os eixos de discussão/categorias são:

1) Apresentação e aspectos gerais da obra: algumas resenhas apresentam uma espécie de sinopse, discorrendo sobre o enredo, o gênero literário e os personagens da obra.

2) Gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura: relatos que destacam

se o leitor gostou ou não do livro, opiniões sobre personagens, escrita do autor, momento de leitura, comparação entre as obras estudadas, etc.

3) Composição das obras: quando os leitores fazem menção à composição do livro como um todo: prefácio, posfácio, divisão da obra em partes, etc.

4) Comparação com a realidade e/ou questões políticas: quando os leitores comparam o livro com a realidade, podendo dizer respeito tanto ao passado em que a obra foi escrita quanto ao presente. Essa comparação pode estar relacionada, ou não, a questões políticas.

5) Comentários relacionados à comunicação e suas tecnologias: para entender se são feitos destaques, ou não, aos fenômenos comunicacionais presentes nesses livros.

Percebe-se, então, que a codificação não só inicia a pesquisa com dados, como também colabora para a estruturação do trabalho. Além de flexível e passível de ser adaptada a cada situação de pesquisa, a codificação também “permite que você faça o salto dos eventos concretos e das descrições destes para o *insight* teórico e as possibilidades teóricas” (Charmaz, 2009, p. 104).

Assim, foram escolhidas para destaque as resenhas mais recentes²⁵, dentro do período disponível para a realização da pesquisa, e os eixos de discussão não serviram apenas para a análise, mas também como critérios de seleção das resenhas, a partir do momento da “codificação focalizada”: destacaram-se as que mais desenvolveram um ou mais desses pontos centrais/categorias. Além disso, foram levados em conta diferenciais, como: as resenhas que fizeram menção a algum outro formato de livro, as resenhas que trouxeram exemplos concretos do cotidiano, aquelas que exemplificam diferentes graus de desenvolvimento das ideias ou divergências de opiniões entre leitores, aquelas que se aproximam mais da realidade brasileira, aquelas que questionam a leitura linear da obra e destacam as escolhas da edição, entre outros aspectos. A partir disso, as resenhas aqui apresentadas e analisadas foram publicadas no Skoob dentro do período de janeiro a novembro de 2023.

Ao total, foram observadas 372 resenhas, sendo 124 de cada livro, durante o ano de 2023. Apresentam-se os números aqui a título de informação, embora o enfoque desta pesquisa não seja quantitativo. Antes de serem dispostas e analisadas mais profundamente neste trabalho,

²⁵ Além da classificação das resenhas como “Recentes”, o Skoob as categoriza, na versão para navegador, como: as que os usuários “Mais Gostaram”, as “Mais Comentadas”, aquelas escritas pelos “Amigos” ou por outros usuários “Seguidos”. No aplicativo para celular, essas categorias são reduzidas para: “Todos”, “Amigos” e “Seguindo”. Na aba “Todos”, elas estão dispostas a partir das mais recentes.

parte das resenhas foram reunidas, como já mencionado, em memorandos, nos quais eram esboçados comentários gerais e livres, codificando-as, depois destrinchando-as com base nos eixos de discussão ou categorias que elas mesmas suscitaram e sobre as quais elas seguiram sendo selecionadas e, posteriormente, foram analisadas aqui, em menor número. Para isso, foram selecionadas as resenhas mais representativas do conjunto, seguindo como critérios de escolha os próprios eixos de discussão/categorias.

Mais uma vez, é importante ressaltar que esses métodos da teoria fundamentada foram adaptados para a presente pesquisa, tendo em vista, até mesmo, que se tomou conhecimento destes depois que a pesquisa já havia sido iniciada. Portanto, nem todas as diretrizes presentes no livro de Charmaz (2009) são seguidas à risca, já que o próprio método permite ajustes.

4. LEITURAS DE DISTOPIAS CLÁSSICAS NA ATUALIDADE: ANÁLISE DAS RESENHAS DO SKOOB

A partir disso, pensamos as resenhas do Skoob enquanto lugar de construção de sentidos sobre os livros na contemporaneidade e, por isso, justifica-se sua relevância no estudo das leituras que são feitas de livros de distopia, datados do século XX, nos dias de hoje. Defende-se a ideia de que, através da manifestação e liberdade de expressão dos leitores nessa rede, a mesma torna-se espaço de registro das práticas e impressões de leitura, uma importante ferramenta para pensar a história da leitura e a relação com o livro que se desenrola na atualidade.

Neste capítulo, serão analisados exemplos de resenhas que discorrem sobre as três obras de distopia aqui estudadas: “Admirável Mundo Novo” (2014), “1984” (2009) e “Fahrenheit 451” (2012), nas edições já explicitadas. Seguindo os eixos de discussão/categorias como instrumento de seleção e também de análise, busca-se delinear algumas das possibilidades e caminhos que os leitores constroem ao entrar em contato com esses livros.

4.1. Análise das resenhas de “Admirável Mundo Novo”

Até o dia 29 de novembro de 2023, 77.984 usuários do Skoob alegaram já ter lido a edição da “Biblioteca Azul” de “Admirável Mundo Novo” (2014), 7.977 marcaram o livro como “Favorito” e estavam registradas no Skoob 3.806 resenhas da obra²⁶. Além disso, 47.407 leitores avaliaram o livro, fazendo-o ficar com a média de 4.3 estrelas.

Figura 10 - “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob (continua)

²⁶ É importante destacar que algumas edições podem ter sido registradas mais de uma vez na plataforma e, por isso, estão duplicadas. Esta pesquisa selecionou a edição da “Biblioteca Azul” que primeiro apareceu através da ferramenta de busca.

skoob Busque por título, autor, editora, ISBN... Explorar

Admirável mundo novo

4.3 47.407 avaliações

LERAM	LENDO	QUEREM LER	RELENDO	ABANDONOS	RESENHAS
77.984	5.735	64.789	228	2.459	3.806

Favoritos (7.977)
 Desejados (7.409)
 Trocam (190)
 Avaliaram (47.407)

Um clássico moderno, o romance distópico de Aldous Huxley é indispensável para quem busca leituras sobre autoritarismo, manipulação genética, ficção especulativa e outros temas que, embora tenham surgido com força durante a primeira metade do século XX, se tornam cada dia mais atuais.

Em uma sociedade organizada segundo princípios estritamente científicos, Bernard Marx, um psicólogo, sente-se

[ver mais](#)

Admirável mundo novo
Aldous Huxley

Nenhuma oferta encontrada

ISBN-13: 9788525056009
ISBN-10: 8525056006
Ano: 2014 / Páginas: 312
Idioma: português
Editora: Biblioteca Azul

4

Edições (39) [ver mais](#)

Similares (212) [ver mais](#)

(a)

skoob Busque por título, autor, editora, ISBN... Explorar

Lido

Compartilhe

Sinopse

Edições **39**

Vídeos **22**

Grupos **28**

Resenhas **3.806**

Leitores **155.683**

Similares **212**

Ofertas

Leia online (PDF)

Editar

Resenhas para Admirável mundo novo (3.806) [ver mais](#)

Admirável Mundo Novo em 13/7/21

Em uma sociedade organizada por princípios científicos, as pessoas são condicionadas e criadas para exercer determinados papéis. Todos seguem suas ordens e possuem o Soma para amenizar os questionamentos. Até que Bernard se mostra insatisfeito com os rumos da sua existência. O livro é narrado em terceira pessoa e acompanhamos alguns personagens. A linguagem, apesar de simples, apresenta uma densidade considerável, principalmente nos momentos de reflexão e questionamento. A ideia do ... [leia mais](#)

Vídeos Admirável mundo novo (22) [ver mais](#)

Vlog de leitura: Admirável Mundo Novo - Aldou

?ADMIRÁVEL MUNDO NOVO?

BIENAL DO LIVRO RIO: vlog, dicas e o que eu c

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO: uma DÍSTOPIA que bate a

Estatísticas

Desejam	7.409	Trocam	190	Avaliações	4.3 / 47.407
---------	-------	--------	-----	------------	--------------

(b)

Figura 10 - “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob (conclusão)

koob Busque por título, autor, editora, ISBN... Explorar

Estadísticas

Desejam	7.409	Trocam	190	Avaliações	4.3 / 47.407
---------	-------	--------	-----	------------	--------------

5 estrelas 52%
 4 estrelas 34%
 3 estrelas 12%
 2 estrelas 2%
 1 estrela 1%

32%
66%

best-seller sci-fi ficção científica autoritarismo desumanização história literatura futurista huxley
 literatura estrangeira romance distopia ficção literatura inglesa aldous huxley ficção científica sociedade clássico
 futuro

Aldous Huxley
 Sua família incluía os mais distintos membros da classe dominante inglesa; uma vasta elite intelectual. Seu avô era Thomas Henry Huxley, um grande biólogo defensor da teoria evolucionista de Charles Darwin, tendo desenvolvido o conceito agnóstico. Sua mãe era irmã ...

cadastro em: 11/02/2014 18:15:52 editou em: 13/10/2022 14:27:17 aprovou em: 08/11/2022 17:43:32

f YouTube Twitter Instagram FAQ

(c)

Legenda: Primeira (a), segunda (b) e terceira parte (c) da página do livro “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob para navegador. Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/996ED422871>. Acesso em: 29 nov. 2023.

A imagem mostra como a página do livro traz, além dos dados numéricos, a sinopse e as informações da edição (ISBN, ano, número de páginas, idioma, editora). Ademais, relaciona outras edições do livro, além de indicar títulos similares. Cabe destacar que, nesse caso, “Fahrenheit 451” e “1984” figuram entre esses títulos. Depois, há o espaço dedicado às resenhas e aos vídeos sobre o livro, bem como as estatísticas acerca de quais e quantos usuários desejam ou trocam o seu exemplar, as avaliações e a porcentagem de leitores de cada gênero que leram a obra. Por fim, há as palavras-chave relacionadas ao livro (“*best-seller*”, “*sci-fi*”, “ficção científica”, “autoritarismo”, etc.) e uma biografia do autor. É interessante notar que a edição em questão foi cadastrada na plataforma em 2014, logo, esses registros têm seu início nessa época.²⁷

²⁷ O Skoob permite que todos os seus usuários, não apenas autores, cadastrem livros no site. Portanto, as informações contidas na página de cada livro são construídas de forma coletiva e colaborativa. Podem ser editadas as seguintes informações: Título, Subtítulo, Série / Coleção, Volume, Autor(a), Tradutor(a), Editora, Páginas, Ano de publicação, Gêneros, Sinopse, Capa, Livros Similares e, ainda, Vídeos do YouTube relacionados à obra. Ademais, é possível cadastrar novas edições da mesma obra. Na versão para navegador, é possível ter acesso, ainda, ao histórico de colaborações e alterações dos usuários no registro da obra.

Agora, partiremos para a análise das resenhas, buscando entender como este livro de distopia, publicado originalmente em 1932, é lido na atualidade por leitores brasileiros que compartilham sua experiência de leitura na comunidade de leitores do Skoob.

Figura 11 - Resenha 1 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★☆  minha estante

13/01/2023

Uma distopia atemporal

Em Admirável Mundo Novo, Huxley nos mostra um mundo onde é inconcebível estar triste e ansioso, onde qualquer animosidade se resolve com uma pequena dose de "soma", uma droga capaz de estabilizar as emoções humanas. Contemplamos um mundo onde a maternidade é abominável e a poligamia é norma, um universo de relacionamentos vazios baseados no puro prazer sexual. Um mundo sem fé, sem religião, onde os deuses são os próprios homens. Um mundo onde as pessoas são fabricadas e divididas em castas, nas quais serão devidamente condicionadas para viver conforme as regras pré-estabelecidas, para acreditar no que devem acreditar.

Pode parecer um futuro distante e impensável, mas na realidade está mais próximo do que imaginamos e já é possível fazer analogias com a realidade que estamos vivenciando neste momento. Assim como no mundo arquitetado por Huxley, observamos atualmente uma sociedade fascinada pela perfeição e que busca mascarar de toda forma as suas deformações sentimentais. As pessoas querem ter o corpo perfeito e a vida perfeita sem decepções ou tragédias que é exibida pelos grandes ícones das redes sociais.

Admirável Mundo Novo se mostra como uma obra atemporal porque está estritamente vinculado à natureza humana, que persegue a qualquer custo domesticar a perfeição. Neste intuito, ele nos apresenta um conflito de realidades, entre a sociedade perfeita e os denominados selvagens, aqueles que não foram fabricados e/ou condicionados, que estão condenados à não conter suas emoções. A obra é essencialmente um diálogo entre a razão e o sentimento, nos fazendo questionar: "é errado sentir?".

Apesar da história começar rastejando, ao nos introduzir a este admirável e maluco mundo novo; aos poucos vai galopando mais rápido até um final explosivo, metaforicamente falando. Tenho críticas quanto aos personagens, pois são meio rasos e acabamos não nos apegando a eles, mas acredito que o autor quis realmente que eles fossem meras peças de xadrez, pois o que importa é o jogo que está sendo jogado. O livro quer passar uma mensagem ao leitor, um alerta, de que o Admirável Mundo Novo já pode estar entre nós, só nos negamos a ver, ao consumir a nossa dose de "soma", os vícios que nos distanciam da realidade.

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>. Acesso em: 18 jul. 2023.

Nessa resenha, percebemos um dos traços comuns às resenhas no Skoob, que diz respeito ao eixo 1: o leitor oferece a apresentação do enredo e expõe aspectos gerais da obra. Por isso, o primeiro parágrafo é dedicado a desenhar um panorama da sociedade criada por Huxley.

A partir do segundo parágrafo, porém, ele começa a esboçar suas opiniões, faz analogias com a realidade atual (eixo 4), através da busca desenfreada pela perfeição e a necessidade de fugir dos sentimentos desagradáveis, atitudes que, segundo o mesmo, podem ser ilustradas pelo atual uso das redes sociais. Por isso, há aqui também a relação do contexto da obra à comunicação e suas tecnologias (eixo 5). No que diz respeito às comparações com a realidade (eixo 4), há ainda afirmações, como: “Pode parecer um futuro distante e impensável, mas na

realidade está mais próximo do que imaginamos” e “o Admirável Mundo Novo já pode estar entre nós”.

Acerca do seu gosto pessoal e experiência de leitura (eixo 2), opina também sobre os personagens não serem tão desenvolvidos, o que ilustra a liberdade do leitor de questionar as escolhas do autor, mas também de dialogar com ele, ao supor que este tenha sido um efeito intencional, já que é um enfoque da obra falar de pessoas e relações superficiais. Também caracteriza o livro como “atemporal” mais de uma vez, não somente no título. Ao afirmar, no último parágrafo, que a história começa “rastejando” evidencia outro aspecto notado em parte das resenhas: os relatos sobre o ritmo de leitura desses clássicos.

Nesse exemplo, temos uma resenha mais longa, com uma linguagem mais impessoal, que desenvolve quatro dos cinco eixos de discussão aqui propostos.

Figura 12 - Resenha 2 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★ ★ ★ ★ ☆ minha estante

29/03/2023

Um ótimo livro para entender o capitalismo.
 Admirável Mundo Novo é uma distopia que se passa muitos anos no futuro, numa Inglaterra totalmente modificada a fim de usar as pessoas apenas como parte funcional da engrenagem de uma sociedade baseada no consumo e nas linhas de produção. Nesse novo modelo de sociedade as pessoas são criadas em laboratórios pelo próprio Estado, e ainda em seu estado embrionário, são destinadas à sua classe social, ou seja, alguns são condicionados a serem trabalhadores braçais em fábricas, outros a trabalharem nos laboratórios de fecundação, outros, os mais privilegiados, são destinados aos cargos mais altos do sistema, os que tomam as decisões e comandam todos os outros, e assim por diante. Aqui não se admite distrações por paixões ou problemas emocionais, não se admite doenças nem a velhice, tudo é feito cuidadosamente para evitar esses infortúnios; doses e mais doses de substâncias a fim de manter as pessoas sempre jovens, felizes e aptas para o trabalho: "A engrenagem não pode parar".
 É uma história impactante que, do meu ponto de vista, mostra até que ponto se pode chegar por causa do capitalismo. Pessoas sem direito de pensar por si só, o incentivo desenfreado ao consumo ao ponto de um dos condicionamentos ser que não se pode consertar nem remendar nada, se quebrou ou rasgou alguma peça de roupa, joga fora e compra outra, e muitas outras coisas absurdas que não vou falar aqui para não entregar demais o livro. É uma leitura que nem sempre agrada a todos, mas acredito que seja muito importante para nós que, como bons leitores, queremos desenvolver melhor nosso senso crítico, além de ser muito interessante de ver o ambiente futurista que o autor criou em pleno 1932, com coisas que são inéditas até para nós atualmente. Recomendo muito a leitura.

gostei (2) comentários(0) comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.

Acesso em: 18 jul. 2023.

No segundo exemplo, a leitora também começa a resenha apresentando a obra (eixo 1) e descreve que, nessa Inglaterra do futuro apresentada por Huxley, as pessoas são usadas “apenas como parte funcional da engrenagem de uma sociedade baseada no consumo e nas linhas de produção”. Destaca, portanto, a divisão das castas e a fecundação em laboratório, a

inibição dos sentimentos e a felicidade e juventude constantes. O primeiro parágrafo é inteiramente dedicado a descrever esse universo, que a mesma reconhece como um “ambiente futurista”.

Já no segundo parágrafo, a leitora traça paralelos com a realidade (eixo 4), tendo em vista que considera a história “impactante” e, a seu ver, esta ilustraria o capitalismo. Assim, ela compara tal sistema com o cenário da obra, onde há o incentivo desenfreado ao consumo, ilustrado na regra social perpetuada de que mais vale comprar um objeto novo que consertar algo quebrado. Destaca ainda como é interessante ver que, em 1932, o autor imaginou cenários inovadores e inéditos até mesmo para a atualidade, trazendo mais uma vez o cenário do livro para a sua realidade.

É notável, ainda, o tom de diálogo com outros leitores em trechos, como: “É uma leitura que nem sempre agrada a todos, mas acredito que seja muito importante para nós que, como bons leitores, queremos desenvolver melhor nosso senso crítico”, bem como ao final, quando recomenda a leitura a outros usuários do Skoob. Para Oliveira (2015), o papel do leitor no Skoob se conduz através das interações, por isso, nas resenhas “os leitores são ‘pares’, as resenhas são feitas de leitores para leitores, o que se observa nas formas evocativas muitas vezes presentes” (Oliveira, 2015, p. 86).

Nesse caso, a resenha desenvolve dois dos cinco eixos de discussão aqui propostos. Também se trata de uma resenha mais longa, porém a linguagem já é um pouco mais pessoal, visto que dialoga diretamente com outros leitores, fornecendo um tom mais íntimo.

Figura 13 - Resenha 3 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★★  minha estante

11/01/2023

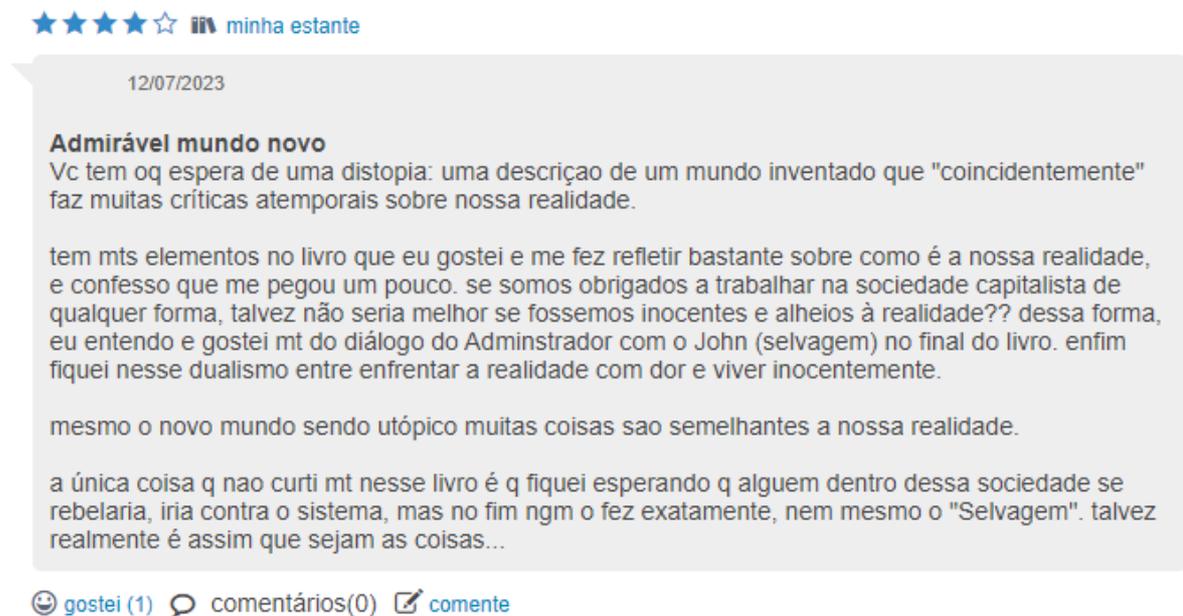
acho esse livro impressionante, uma distopia fenomenal que reflete muito o caráter capitalista da sociedade a qual o trabalhar se condiciona a aceitar tal realidade e devem ser felizes não importa como. No livro esse mundo novo não possui relações profundas, por isso mesmo que as pessoas são produzidas por incubadoras, é interessante ver como é tudo superficial por que os sentimentos atrapalham o ?progresso? do trabalho, assim não existe amor, as pessoas vivem por nada, não há religião, arte, ciência? uma realidade vazia igual ao sistema submetido.

 gostei (0)  comentários (1)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.
Acesso em: 18 jul. 2023.

É recorrente ainda a presença de resenhas mais curtas, como nesse exemplo²⁸. Nesse caso, a resenha desenvolve dois dos cinco eixos de discussão aqui propostos. Aqui, a leitora discorre brevemente sobre alguns aspectos da obra (eixo 1), como as relações e sentimentos superficiais, a fecundação em incubadoras e a vida esvaziada pelo condicionamento. Mas o que se destaca aqui é o eixo 4, que, no que concerne à comparação com a realidade, a leitora enfatiza o caráter capitalista presente na obra, ponto em comum com o exemplo anterior, destacando sobretudo a ideia de “progresso” e as relações de trabalho. Tal comparação do contexto da obra com o sistema capitalista se repete em outras resenhas.

Figura 14 - Resenha 4 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.
Acesso em: 18 jul. 2023.

Neste outro caso, a resenha desenvolve três dos cinco eixos de discussão. A leitora destaca o gênero “distopia” e uma das características centrais dele: “uma descrição²⁹ de um mundo inventado que “coincidentemente” faz muitas críticas atemporais sobre nossa realidade”. Ao discorrer sobre o gênero da obra, alinha-se ao eixo 1 e apresenta aspectos gerais do romance. Nessa e em outras resenhas, vemos o empenho dos leitores em se familiarizar ou

²⁸ Em alguns casos, aparece nas resenhas o ponto de interrogação (?) no lugar do uso de emoji, aspas, etc.

²⁹ Onde houver possíveis erros de ortografia ou gramática, como supressão de letras, falta de acentuação, nesse caso a supressão do til (~), ou outros, reproduziremos o texto original para respeitar a forma de expressão dos leitores.

se aproximar das características da distopia para entendê-la melhor ou mesmo explicar a dinâmica de funcionamento de suas sociedades.

Sobre seu gosto pessoal e experiência de leitura (eixo 2), a leitora desenvolve opiniões sobre os personagens: diz ter gostado do diálogo entre o Administrador e o Selvagem e confessa que a única coisa que não “curtiu” foi que ninguém de fato se rebelou contra o sistema. Há, assim, através da narrativa distópica, um impulso ao ímpeto mobilizador do leitor, que sente a necessidade de ver os personagens rebelarem-se e, dessa forma, também são convidados à ação e reflexão sobre a sua própria experiência.

Nesse sentido, a leitora ainda compara o livro com a realidade várias vezes (eixo 4), o que transparece em frases, como: “faz muitas críticas atemporais sobre nossa realidade”, “me fez refletir bastante sobre como é a nossa realidade”, “mesmo o novo mundo sendo utópico muitas coisas são semelhantes a nossa realidade”. Em uma dessas vezes, aborda o sistema capitalista: “se somos obrigados a trabalhar na sociedade capitalista de qualquer forma, talvez não seria melhor se fossemos inocentes e alheios à realidade??”. É interessante notar como o dualismo entre realidade e felicidade é colocado na interrogação da leitora: enfrentar a realidade com dor ou viver inocentemente e alheios a mesma? Essa indagação só se constrói a partir da relação que a mesma faz do livro com o sistema econômico em que vive.

Essa recorrência da menção ao sistema capitalista pode ser explicada através do diálogo com as ideias de Mark Fisher (2020). Ao abordar o filme distópico “Filhos da Esperança”, o autor faz uso do conceito de “realismo capitalista” para pensar na construção desse gênero:

[...] o que quero dizer por “realismo capitalista”: o sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa à ele. Houve um tempo em que filmes e romances distópicos eram exercícios semelhantes ao ato de imaginação – os desastres que descreviam serviam de pretexto para a emergência de diferentes formas de vida. Não é assim em *Filhos da Esperança*. O mundo ali exibido parece mais com uma extrapolação ou exacerbação da nossa própria realidade do que com uma alternativa a ela. Neste mundo, tal como no nosso, o ultra-autoritarismo e o capital não são de modo algum incompatíveis (Fisher, 2020, p. 10).

Apesar de tratar de outra obra, é possível apropriar-se dessas ideias do autor para refletir de que formas a estrutura social descrita em *Admirável Mundo Novo* (2014) reproduz estruturas sociais já conhecidas. A distopia seria, então, “um espaço ficcional caracterizado pela extrapolação dos aspectos negativos presentes na sociedade” (Pavloski, 2005, p. 1), bem mais do que uma alternativa ao que se vive.

Notar as semelhanças de alguns comportamentos da sociedade distópica de Huxley com a sociedade atual permite que esses paralelos sejam traçados, como de fato alguns leitores fazem. É interessante constatar como é difícil imaginar futuros que não carreguem aspectos da

sociedade do capital, tamanha normalização desse sistema na contemporaneidade. Por isso, Fisher (2020) lança mão da constatação: “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher, 2020, p. 10).

Figura 15 - Resenha 5 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★ ★ ★ ☆ ☆  minha estante

10/07/2023

Livro muito manipulador: distopia ou utopia? Fonte de debates sobre temas interessantes e reflexivos

Se você é um leitor do subgênero literário distopia, certamente já deve ter ouvido falar de Admirável Mundo Novo, um clássico... tendo contato com o livro, consigo entender o porquê.

Por mais que se trate sim de um universo distópico, é meio louco notar como o tempo todo o livro tenta te imputar a ideia de que na real é uma utopia, afinal, quem não quer viver em um mundo onde ninguém é de ninguém, onde existe uma "pílula mágica" que alivia suas dores, um mundo sem culpa e sem tristeza por causa de morte, um mundo que você é de fato feliz com o que faz, independente do que seja? Além de todas essas características que chamam atenção, as coisas de fora desse mundo (Selvagens) são tidas como antiquadas, arcaicas e exageradas.

Minha conclusão sobre isso tudo é que o autor tenta manipular o leitor a se sentir seduzido por aquele universo, e por isso não deixa tão evidente o quão prejudicial é a falta de acesso à cultura que aquelas pessoas têm, como o capitalismo já dominou tanto aquele mundo que tudo é feito para ser pensado no consumo e na economia, é quase como uma prisão disfarçada de liberdade. Além disso, Admirável Mundo Novo vai além de debater liberdade e também toca em tópicos como apego fraternal, importância da religião e da arte, etc. Aldous Huxley consegue contar uma história interessante (por mais que às vezes um pouco maçante devido ao tecnicismo de suas palavras) e reflexiva, tanto é que os melhores momentos do livro são conversas sobre tradição x novo.

 gostei (1)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.

Acesso em: 18 jul. 2023.

Neste caso, a resenha desenvolve três dos cinco eixos de discussão. No que concerne ao eixo 1, o leitor reafirma o lugar de clássico que a obra ocupa e destaca a dualidade presente no universo “distópico” de Huxley que dialoga com a “utopia” ao delinear uma sociedade feliz e estável. Por isso, cita elementos da história, como: o “soma” (“pílula mágica”), a liberdade sexual e a escassez de vínculos (“ninguém é de ninguém”), entre outros aspectos do enredo. É interessante notar que essa dualidade e conflito entre a ideia de “utopia” e “distopia” já se encontra na própria apresentação da edição da “Biblioteca Azul”, visto que o termo “utopia” figura na epígrafe da obra e no prefácio, escrito pelo próprio autor.

Sobre essa relação entre “utopia” e distopia”, é possível dialogar com as ideias de Matos (2017), para quem o limite entre os dois gêneros não é tão inquestionável:

A distância entre a utopia e a distopia é pequena e pode ser apenas uma questão de opinião e de juízos de valor. [...] Uma vez postas em ação, as utopias não podem ser

controladas, e, muitas vezes, pretendem libertar ou tornar felizes os homens, independentemente de suas próprias vontades. A missão de toda utopia é regenerar as pessoas, ainda que precise enfrentá-las e impor-lhes esse alto destino. Eis o caminho que imperceptivelmente nos leva da utopia ao seu gêmeo fantasmático, ao seu *doppelgänger*: a distopia. (Matos, 2017, p. 45)

Por isso, há uma ponte entre ambos os termos e essa dualidade e confusão percebida entre eles, em algumas resenhas, é justificável. O paradoxo presente na obra de Huxley, onde todos são artificialmente felizes, mas em um cenário distópico, faz com que os conceitos de utopia e distopia confrontem-se.

Relativo à comparação com a realidade (eixo 4), opina: “Minha conclusão sobre isso tudo é que o autor tenta manipular o leitor a se sentir seduzido por aquele universo, e por isso não deixa tão evidente o quão prejudicial é a falta de acesso à cultura que aquelas pessoas têm, como o capitalismo já dominou tanto aquele mundo que tudo é feito para ser pensado no consumo e na economia, é quase como uma prisão disfarçada de liberdade.” Nesse trecho, é possível notar, mais uma vez, que o leitor cita o impacto do sistema capitalista. Ele se posiciona criticamente acerca da falsa liberdade apresentada no livro, falando da privação à cultura, da importância da arte e do debate sobre “tradição x novo”.

Apresentando um parecer mais particular acerca do seu gosto pessoal e experiência de leitura (eixo 2), apesar de destacar seu interesse e a importância da obra, menciona as dificuldades que podem derivar da linguagem utilizada pelo autor: “(por mais que às vezes um pouco maçante devido ao tecnicismo de suas palavras)”.

Um aspecto muito interessante destacado não só nessa, como em resenhas dos três livros, é o lugar de “clássico” ocupado por essas obras. Tal nomeação parece trazer a elas uma importância inegável e diferentes pareceres sobre a facilidade ou dificuldade de leitura, motivo pelo qual há relatos de leitores que alegam ter vontade de ler os livros novamente ou mesmo já se tratar de uma releitura.

Figura 16 - Resenha 6 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★☆  minha estante

09/07/2023

Não é um livro para qualquer um ?
Se você tem a mente fechada; se sua imaginação é fraca; se você desiste fácil, esse livro não é para você.

Confesso que no início, minha mente explodiu com tantas informações despejadas de uma vez e que necessitam de muita imaginação, pois são coisas que não existem (ainda). Mas ideia geral em si deu para pegar. Conforme você vai avançando, consegue pegar o ritmo melhor. Não é focado em apenas um protagonista, o que achei interessante.

Me lembrou Black Mirror. Numa versão mais... "fraca", talvez? Ainda assim: assustador e totalmente possível de acontecer.

Chamar de clássico é obrigatório aqui, pois mesmo que tenha sido escrito há muito tempo, acaba sendo muito atual. Houve coisas que achei bastante absurdas, mas novamente, não impossíveis. Pretendo ler de novo um dia, para entender melhor tudo. Com certeza algumas coisas me escaparam.

Cheio de citações que gostei muito, tais quais:

"Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar." (Pág. 26)

"Reprimido, o impulso transborda, e a inundação é sentimento; a inundação é paixão; a inundação é loucura até: tudo depende da força da corrente, da altura e da resistência do dique. O curso de água não contido flui tranquilamente pelos canais que lhe foram destinados, rumo a uma calma euforia." (Pág. 51)

"As palavras podem ser como os raios x, se as usarmos adequadamente: penetram em tudo. A gente lê e é transpassado." (Pág. 74)

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.
Acesso em: 18 jul. 2023.

Em consonância com o que já foi apresentado até aqui, este texto ressalta, novamente, o lugar de clássico da obra: “Chamar de clássico é obrigatório aqui, pois mesmo que tenha sido escrito há muito tempo, acaba sendo muito atual”. Nesse caso, a resenha desenvolve dois dos cinco eixos de discussão. Nessa resenha, percebe-se mais uma vez o tom de diálogo, quando o leitor inicia fazendo suposições sobre o gosto e preferências literárias de outros leitores, utilizando-se da segunda pessoa (“você”) para falar diretamente a outros leitores.

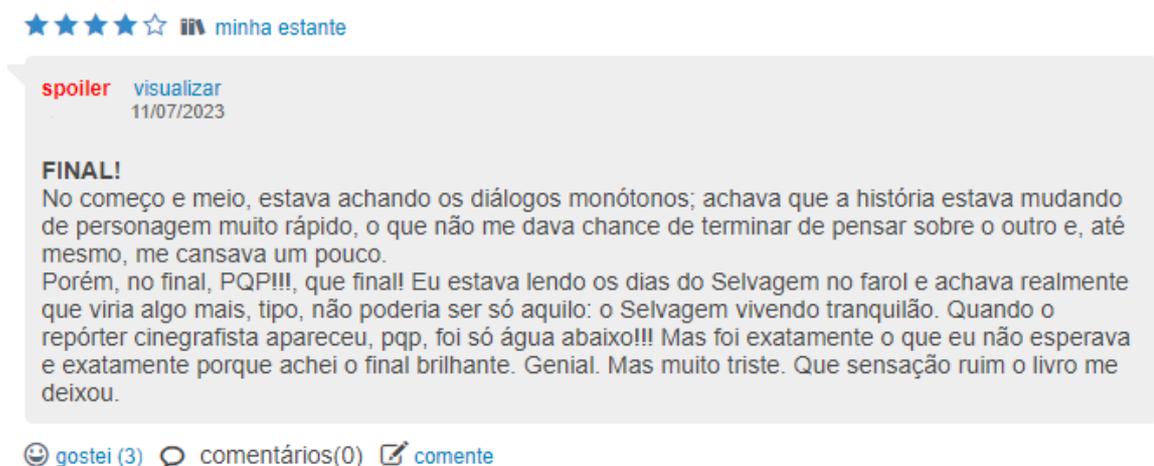
É possível refletir ainda sobre a separação entre “tipos” de literatura. Ao afirmar que esse não é um livro “para qualquer um”, o leitor coloca em questão a ideia de que existam “níveis” de literatura que são ou não para todos os leitores. Essa ideia poderia caminhar em direção a um embate entre “popular” e “erudito”, trazendo à tona a ideia de que haveria uma “alta” literatura, tornando-se, por isso, uma armadilha e podendo afastar o leitor da literatura considerada “clássica”.

Sobre seu gosto pessoal e experiência de leitura (eixo 2), elogia que a história não seja centrada apenas no protagonista e declara ter vontade de ler o livro de novo futuramente: “Com

certeza algumas coisas me escaparam”. Alega que, no início, o livro traz muitas informações e precisa de muita imaginação, pois trata de “coisas que não existem (ainda)”. Por essa abertura para a dúvida em relação ao futuro, ao utilizar o “ainda”, há certa comparação com a realidade (eixo 4) e um estranhamento a coisas “bastante absurdas”. Compara a obra do século XX com a série distópica *Black Mirror* (2011), que pode ser incluída em uma onda mais recente de produções distópicas e, portanto, aproxima-se da obra dessa forma.

Para compor suas ideias, o leitor faz também várias citações, elemento comum na resenha acadêmica, mas utilizado com outra intenção na resenha do Skoob. Enquanto na primeira “esse artifício teria a função de embasar a argumentação do resenhador, [...] na resenha do Skoob, a citação de partes do livro tem o papel de permitir que o escritor evidencie as partes de que mais gostou e, por meio disso, incite o público a querer ler o livro.” (Araújo *et al.*, 2018, p. 114-115)

Figura 17 - Resenha 7 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.

Acesso em: 18 jul. 2023.

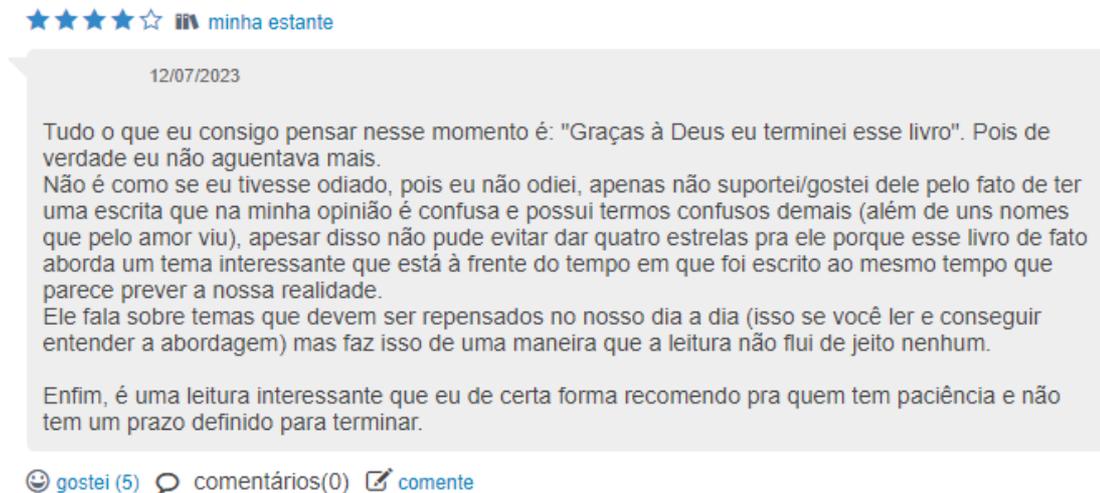
Já este exemplo mostra outro recurso da plataforma. Ao escrever uma resenha que contenha algum acontecimento muito relevante da narrativa, o usuário pode selecionar a opção “Com spoiler”, assim o leitor só visualiza a resenha se estiver de acordo em receber o *spoiler*³⁰ ou se já tiver lido o livro.

Aqui, há apenas um dos eixos de discussão. Em relação à experiência de leitura (eixo 2), mais uma vez há queixas em relação à escrita e ao ritmo de leitura. No começo, a leitora

³⁰ No dicionário, a tradução de “to spoil” é o verbo “estragar”. A expressão é usada quando alguém revela o desfecho ou uma informação importante sobre filmes, séries ou livros que alguém ainda não assistiu ou leu. (Beggiora, 2020)

achava os diálogos monótonos e as passagens de um personagem a outro muito rápidas, o que era um pouco cansativo. Apesar disso, ela ressalta o impacto do final, que a surpreendeu: “foi exatamente o que eu não esperava e exatamente porque achei o final brilhante.”

Figura 18 - Resenha 8 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.
Acesso em: 18 jul. 2023.

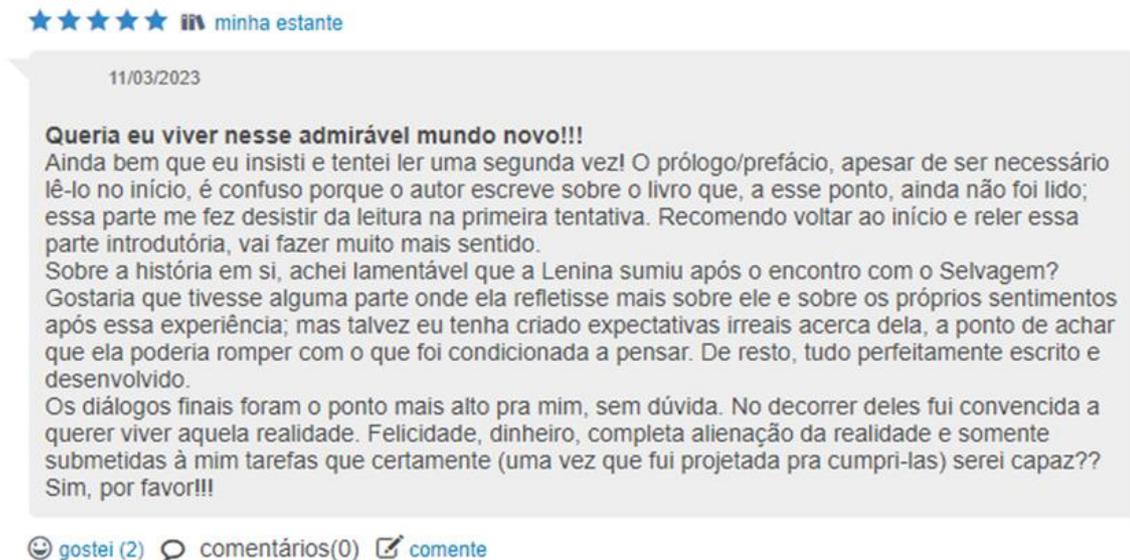
Neste outro exemplo, há dois dos cinco eixos de discussão. Relativo ao gosto pessoal e à experiência de leitura (eixo 2), a leitora se mostra insatisfeita com a escrita, segundo ela, confusa da obra. Por isso, deixa claro seu desgaste durante a leitura: “Graças à Deus eu terminei esse livro”, “eu não aguentava mais”, “isso se você ler e conseguir entender a abordagem”, “a leitura não flui de jeito nenhum”.

Apesar disso, assim como no caso anterior, ela reconhece a temática interessante da obra “à frente de seu tempo”, que “parece prever a nossa realidade” e, por isso, justifica ter atribuído quatro estrelas ao livro. Pela sua recorrência nas resenhas, percebe que a comparação com a realidade (eixo 4) torna-se um dos pontos fortes das obras de distopia, de onde provém parte do potencial de conexão desses livros com seus leitores.

É o que corrobora Vinícius Liebel (2021, p. 192-193), para quem as narrativas distópicas se relacionam com nossa realidade por sua abordagem de temas de interesse, como a sujeição social, alienação, opressão, ética e poder. Para o autor, um dos caminhos narrativos que insere a distopia no imaginário social é através da conexão com espaços e conjunturas reais que ganham um tom premonitório, além da construção de personagens relacionáveis com o leitor.

Contudo, em geral, a escrita dessas obras clássicas divide opiniões, havendo casos em que a leitura se torna cansativa, outros em que demora a fluir e, ainda, aqueles que afirmam ter lido bem rápido. Nesse caso, a leitora mostra-se majoritariamente insatisfeita com a linguagem utilizada pelo autor.

Figura 19 - Resenha 9 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.
 Acesso em: 18 jul. 2023.

Esta resenha elabora dois dos eixos de discussão propostos. Primeiramente, no que concerne ao gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura (eixo 2), a resenha surpreende logo no título, onde a leitora afirma: “Queria eu viver nesse admirável mundo novo!!!”. Fugindo da ideia negativa que acompanha as distopias, entendidas como descrições de mundos que vivenciam verdadeiros cenários de “pesadelo social” (Pavloski, 2005, p. 1), a leitora afirma que gostaria de viver em tal realidade. Mais um exemplo da dualidade e diálogo entre a “utopia” e a “distopia” presentes na obra de Huxley.

Aqui, a leitora conta que se trata de uma segunda tentativa de leitura, o que deixa subentendido que, na primeira vez em que começou a ler o livro, abandonou a leitura. Nesse segundo momento, ela se mostra satisfeita por ter tentado novamente, tece opiniões sobre o comportamento da personagem Lenina e sobre o que gostaria que tivesse ocorrido de forma diferente, mas elogia a escrita e o desenvolvimento da obra, destacando os diálogos como o ponto alto da leitura: “No decorrer deles fui convencida a querer viver aquela realidade. Felicidade, dinheiro, completa alienação da realidade e somente submetidas à mim tarefas que

certamente (uma vez que fui projetada pra cumpri-las) serei capaz?? Sim, por favor!!!”.

Acerca da composição da obra (eixo 3), a leitora confessa que o prólogo/prefácio foi o que fez com que ela desistisse da leitura na primeira tentativa, alegando que é “confuso porque o autor escreve sobre o livro que, a esse ponto, ainda não foi lido”. Ela sugere então que se volte ao início para reler essa parte introdutória após ler toda a obra, o que, segundo ela, faria mais sentido. Esse tipo de comportamento demonstra a liberdade e autonomia da leitora diante da “leitura implícita” pela edição da obra.

Figura 20 - Resenha 10 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★☆  minha estante

22/01/2023

O nosso admirável mundo novo é logo ali

Que leitura difícil, meu Deus do céu! Apesar de ter gostado da introdução com as várias explicações sobre como, de certa forma, funciona essa sociedade utópica (ou seria tão utópica assim?), achei tão difícil de manter um ritmo de leitura que quase desisti várias vezes de ler.

Mas ainda bem que persisti, porque passado esse momento difícil, fui lendo e entendo bem mais e, mais que isso!, compreendendo o quão grande o autor foi ao praticamente adivinhar as várias coisas que são parte, ou estão se tornando parte, da nossa sociedade.

E o que falar sobre os personagens? Não são complexos, nem tão profundos, mas ainda sim peculiares, porque o que importa na história é o todo, o que é incrível porque o autor aplicou de forma sutil uma das principais ideias apresentadas: a falta de individualidade.

Enfim, é um livro interessante, bom quando se pega a ideia e tbm faz refletir em até que ponto as similaridades vão.

 gostei (1)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.

Acesso em: 18 jul. 2023.

Nesta resenha, percebem-se três dos cinco eixos de discussão propostos. Nesse caso, o gosto pessoal em relação à obra (eixo 2) e a comparação com a realidade (eixo 4) estão em diálogo, tendo em vista que a leitora explicita as dificuldades que sentiu em estabelecer um ritmo de leitura: “Que leitura difícil, meu Deus do céu!”, “quase desisti várias vezes de ler”. Contudo, destaca que, por persistir e continuar lendo, pôde identificar “várias coisas que são parte, ou estão se tornando parte, da nossa sociedade”. A leitora comenta, ainda, com uma linguagem informal e simples, sobre a falta de individualidade dos personagens e as estratégias do autor ao construí-los.

Acerca da composição da obra (eixo 3), a leitora destaca a “Introdução” do livro como algo relevante para a experiência de leitura, trazendo várias “explicações” sobre a “sociedade

utópica (ou seria tão utópica assim?)” descrita no livro. Há aí, novamente, uma tensão entre as ideias de “utopia” e “distopia” .

A questão recorrente em torno desses conceitos nos remete ao trabalho de Reinhart Koselleck. Como destacado no prefácio da edição brasileira de “História de Conceitos” (2020), para o autor, um conceito social e político possui uma natureza singular e única, assim como o estado de coisas a que se refere em um determinado momento e, por isso, não muda. Contudo, os significados de um vocabulário conceitual, que abriga os significados desse conceito, podem ser objetos de reapropriações, releituras. Dessa forma, é possível estabelecer relações entre determinados conceitos e os novos conceitos que advêm dele:

Tudo o que acontece pode ser único e novo, mas não ao ponto de não ter exigido condições sociais prévias a longo prazo que possibilitassem esse acontecimento único. Pode-se inventar um conceito novo que traduza em palavras experiências ou expectativas antes inexistentes. Mas não pode ser tão novo para já não estar virtualmente presente na linguagem dada e não receber o seu sentido do contexto linguístico do qual é herdeiro. (Koselleck, 2012, p. 20, tradução da autora)

Assim, entende-se como o conceito de “distopia” pode estar “virtualmente presente” e contido no conceito de “utopia”, já que seus sentidos se tensionam. Publicado originalmente em 2006, esse trabalho de Koselleck traça a temporalização do conceito de “utopia”. O autor explica que a origem do termo, na obra de mesmo nome de Thomas Moore, tem como significado “lugar nenhum”, por isso atribui a ele um lugar espacial, mesmo pelo fato do livro tratar de uma ilha com esse nome (Koselleck, 2012, p. 171). Com movimentos como a Revolução Inglesa (1640-1688) e a Revolução Francesa (1789-1799), o termo teria passado a ser utilizado também no cenário político e expressões como “utopistas” e “utopismo” caracterizariam também comportamentos e posicionamentos sociopolíticos (Koselleck, 2012, p. 172-173).

Ao traçar o histórico desse conceito, Koselleck perpassa pelas reapropriações de seus significados. Como gênero literário, explica ainda como este passou da dimensão espacial para a dimensão temporal, quando as “utopias” passaram a imaginar não somente um Estado ideal, mas projetaram-no no futuro (Koselleck, 2012, p. 174). É a partir dessa contextualização que o autor chega às utopias negativas, as quais ele considera características da segunda metade do século XIX:

As utopias negativas são uma resposta à possibilidade de tornar realidade as utopias. A primeira onda que criticava a utopia a considerava má por não ser factível. Pelo contrário, as utopias negativas partem do princípio de que é possível realizar as fantasias utópicas de uma sociedade absolutamente justa, embora com consequências especialmente terríveis. O que Bentham já havia expressado em sua formulação tornou-se o tema do novo gênero da utopia negativa que abarca desde Edward

Bellamy até Aldous Huxley e desde Cari Schmitt até George Orwell. (Koselleck, 2012, p. 182, tradução da autora)

Nesse trecho, além de Koselleck citar dois dos autores destacados no presente trabalho, Huxley e Orwell, nos permite traçar uma continuidade entre os conceitos de “utopia” e “distopia”, visto que esta última traria em seu cerne a ideia de uma “utopia negativa”. O próprio “Admirável Mundo Novo” exemplifica o ideal de uma “uma sociedade absolutamente justa, embora com consequências especialmente terríveis”. Por isso, é compreensível e mesmo interessante notar como os conceitos continuam dialogando, confundindo-se e se tensionando através das repetidas menções nas resenhas dos leitores.

Figura 21 - Resenha 11 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★☆  minha estante

22/01/2023

Não, muito obrigada

Adoro distopias - e geralmente os grandes clássicos me agradam demais, mas nossa que livro chato. Me decepcionei demais com a leitura, não consegui me conectar em nenhum momento. A escrita é boa, mas não salva pra mim. E ainda li em formato de audiobook e o narrador era um chato pomposo que me irritou ainda mais. Sei que não estou com a maioria nessa opinião mas fazer o que, foi tão meh que já to esquecendo tudo.

 gostei (2)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.

Acesso em: 18 jul. 2023.

Existem casos, ainda, como neste exemplo, em que há a utilização de outros formatos de leitura. Acerca do eixo 2 (Gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura), nesta resenha a leitora relata ter tido uma experiência ruim em relação a outras distopias que já leu. Mais uma vez, é possível notar a reiteração do lugar de “grandes clássicos” que livros como esse ocupam. Ela conta também ter lido em formato de “audiobook” e faz críticas à figura do narrador, aspecto que nos permite pensar em outro tipo de composição da obra literária (eixo 3).

Segundo Anderson Amaral de Oliveira (2020, p. 63), este formato recebe nomes variados: audiolivro, *audiobook*, Livro falado (*spoken book*, *talking book*) e Livro narrado (*narrated book*). Compõe-se a partir de “gravações de livros escritos, lidos em voz alta, realizados por narradores profissionais, amadores, ou mesmo pelo próprio autor” (Oliveira, 2020, p. 63).

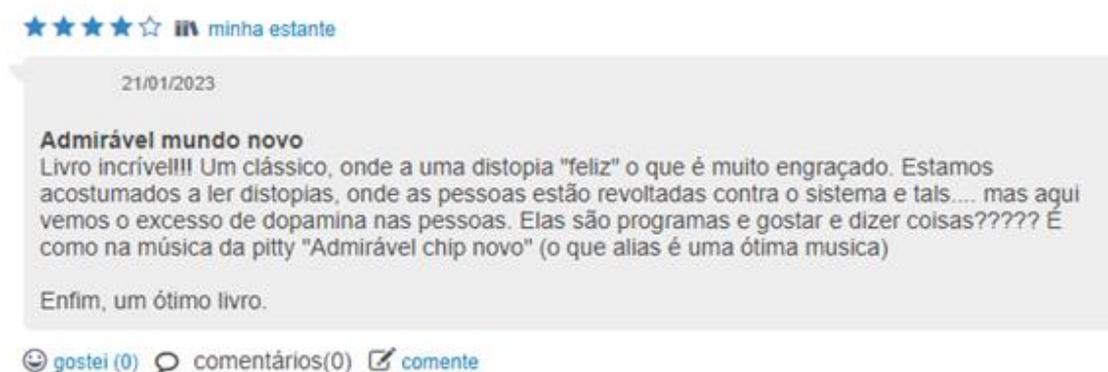
A dinâmica de leitura, portanto, ocorre de outra forma, resgatando a prática da leitura em voz alta, tão comum na Grécia Antiga. Tal formato, apesar de disponibilizar-se através do ambiente digital, distingue-se dos *e-books*, tendo em vista que os *e-readers* “simulam a experiência com o livro físico, seja no formato da folha ou mesmo no som da troca de páginas” (Oliveira, 2020, p. 63). Aqui, a lógica é outra:

Diferentemente do processo de leitura com o livro que exige um processo de interação com sua mídia física, ouvir um audiolivro, apresenta-se enquanto um processo distinto, no qual a interação com leitor ocorre a partir das suas propriedades virtuais, como a materialidade da voz do narrador ou narradora, em uma interação imediata com um dos objetos fim da literatura, ou seja, a própria narrativa em sua manifestação primeva. (Oliveira, 2020, p. 63)

Dessa forma, a materialidade do objeto livro é outra, dialogando com o passado da história da leitura e atualizando-se para o presente, através do ambiente virtual, potencializado pelas novas tecnologias digitais. Ao relatar essa especificidade no seu contato com a obra, a leitora abre espaço para refletir sobre novos aspectos das práticas de leitura contemporâneas, que até então não haviam sido abordados ou pensados para este trabalho.

Este é um exemplo de como o leitor se adapta e se apropria da obra literária, aderindo ao formato preferível de acordo com seus gostos e sua realidade.

Figura 22 - Resenha 12 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>. Acesso em: 18 jul. 2023.

Neste exemplo, a leitora detém-se no eixo 2, trazendo pareceres pessoais acerca da sua experiência de leitura. Assim como em casos anteriores, ela enfatiza o fato de que as pessoas são felizes na sociedade de Huxley, algo surpreendente para uma distopia. Além disso, apropria-se da obra ao compará-la à música da cantora baiana Pitty, “Admirável Chip Novo” (2003), do álbum de mesmo nome.

Pane no sistema, alguém me desconfigurou
 Aonde estão meus olhos de robô?
 Eu não sabia, eu não tinha percebido
 Eu sempre achei que era vivo

Parafuso e fluido em lugar de articulação
 Até achava que aqui batia um coração
 Nada é orgânico, é tudo programado
 E eu achando que tinha me libertado

Mas lá vêm eles novamente
 Eu sei o que vão fazer
 Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga

Não, senhor, sim, senhor
 Não, senhor, sim, senhor (Pitty, 2003)

Na letra da música, percebem-se críticas semelhantes às contidas na obra de Huxley, como à automatização e padronização dos indivíduos (“Aonde estão meus olhos de robô?”, “Parafuso e fluido em lugar de articulação”) e à uniformização dos gostos e comportamentos sociais, sobretudo através dos imperativos presentes na música (“Pense, fale, compre, beba”), muitos deles atrelados ao incentivo ao consumo e ao capitalismo, tópico também muito destacado nas resenhas. Faz ainda referência a um “sistema”, onde “tudo é programado”, por isso questiona os diversos tipos de controle exercidos sobre o indivíduo, que apenas obedece ordens (“Não, senhor, sim, senhor”).

Esse é um exemplo de intertextualidade, em que a cantora se referencia na obra de Huxley não só pelo título da música, mas pelas temáticas em questão, fato que não passa despercebido pela leitora e que contribui para a aproximação do livro dos leitores contemporâneos.

Figura 23 - Resenha 13 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.

Acesso em: 18 jul. 2023.

Outro exemplo em que a música serve como forma de aproximação do leitor com a obra do século XX faz-se presente nessa resenha. Neste caso, o leitor caracteriza sua experiência de leitura (eixo 2) única e exclusivamente através da citação de um trecho da canção “Soma” (2001), da banda estadunidense The Strokes.

Soma é o que eles tomariam quando
 Tempos difíceis abrissem os seus olhos
 Vissem a dor de um novo jeito
 Riscos altos para poucos nomes
 Correndo contra raios de sol
 Perdendo contra seus sonhos (The Strokes, 2001)

A música leva o mesmo nome da droga utilizada pelos personagens de “Admirável Mundo Novo” (2014) para escapar das suas emoções e sentimentos desagradáveis e se manterem contentes e inertes, em meio ao que foram condicionados a viver, o “Soma”. Da mesma forma, a letra da música faz alusão a uma substância que seria utilizada como forma de escapismo e anestesiamento diante dos cenários adversos da vida: “Soma é o que eles tomariam quando / Tempos difíceis abrissem os seus olhos / Vissem a dor de um novo jeito”.

Trata-se, assim, de mais um exemplo de intertextualidade, atualização e apropriação de significados, onde a bagagem cultural do leitor opera como um suporte para a atribuição de sentido à obra.

Figura 24 - Resenha 14 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★☆  minha estante

10/01/2023

Confuso

O livro é cheio de referências literárias que eu não entendo, e talvez se eu entendesse eu acharia a obra genial. Além disso, achei o desenrolar da história confuso e bagunçado, definitivamente um estilo de leitura que eu não estava pronta pra ler.

 gostei (0)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.

Acesso em: 18 jul. 2023.

A intertextualidade não é uma exclusividade das músicas da cantora Pitty ou da banda The Strokes, estando presente também no próprio livro de Huxley e sendo destacada por alguns leitores nas resenhas do Skoob. Nesta resenha, por exemplo, a leitora confessa ter achado o livro confuso, sobretudo pelas “referências literárias” presentes na história.

Há muitas referências às obras de Shakespeare, como é o caso do próprio título da obra, advindo da fala da personagem Miranda (“Oh admirável mundo novo”), do livro “A Tempestade” (Figueiredo, 2011, p. 188-189). Tal fato permite refletir sobre o repertório e a bagagem de cada leitor, o que também interfere na experiência de leitura do livro, positiva ou negativamente (eixo 2).

Figura 25 - Resenha 15 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★★  minha estante

spoiler [visualizar](#)
10/01/2023

Uma obra sensacional
Demorei muito tempo para ler (em parte de propósito). Foi um livro que li com mais calma, não tem como ler na pressa. Não sem ao menos parar e pensar no comportamento de diferentes sociedades em relação a cada estrutura que as definem como tal, assim como também em seu comportamento diante de sociedades que são distintas. Enfim, é uma obra que te faz ter reflexões a cada página.

Inicialmente pode gerar algum espanto ao saber como é a estrutura dessa sociedade, mas, para mim, surtiu um efeito de a cada leitura tentar entender/decifrar como chegou a tal ponto.

Os diálogos são muito bons e aí chega a destreza de colocar Shakespeare na história: uma rajada de emoções construída através das obras desse autor, ou seja, emoções, emoções e emoções (claro, sem tirar a construção dos sentimentos do personagem ao viver na sociedade que ainda comporta-se analogamente ao que vemos atualmente) em contraste com uma sociedade a qual a emoção é basicamente a inimiga da civilização.

"Mas eu não quero o conforto. Quero Deus, quero a poesia, quero o perigo autêntico, quero a liberdade, quero a bondade. Quero o pecado." (p. 286)

 gostei (3)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.

Acesso em: 18 jul. 2023.

Neste outro caso, a intertextualidade é vista de forma positiva pelo leitor. Novamente, a resenha centra-se no gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura (eixo 2). Aqui, o leitor confessa sua escolha de ler o livro mais devagar, levando em conta que o mesmo exige “parar e pensar” nos comportamentos e nas estruturas da sociedade criada por Huxley, capaz de causar “espanto” e surtir “efeito”, impactando o leitor quando este decifra e entende “como chegou a tal ponto”.

Diferentemente da resenha anterior, nesta há elogios aos diálogos e às referências a Shakespeare: “Os diálogos são muito bons e aí chega a destreza de colocar Shakespeare na história: uma rajada de emoções construída através das obras desse autor”. Dessa forma, demonstra-se admiração pela escolha de Huxley ao referenciar-se no autor. Ao final, o leitor ainda acrescenta uma citação que destaca a valorização da cultura, da “poesia”, do “perigo autêntico” e da “liberdade”.

Figura 26 - Resenha 16 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★★ [minha estante](#)

13/03/2023

Eles são todos iguais

Admirável mundo novo era a leitura que faltava para eu completar a trindade distópica, junto com 1984 e Fahrenheit 451, e posso dizer com tranquilidade que foi a minha preferida das 3, superando inclusive o clássico de George Orwell. É um livro aclamadíssimo, a magnum opus de Huxley, e não deixa a desejar em momento algum, repleta de referências clássicas, paralelos com nossa sociedade atual (mais que em 1984, na minha opinião) e reflexões a serem feitas sobre o nosso futuro, que parece se encaminhar cada vez mais para a realidade narrada pelo autor.

A história se passa em Londres, em meados de 2540, e nos mostra uma sociedade diferente e, por incrível que pareça, totalmente feliz. As pessoas perderam o direito de se sentirem mal, tristes, melancólicas ou qualquer outro sentimento considerado maléfico, já que o governo autoritário começa o processo de estancamento dessas sensações antes mesmo de as pessoas nascerem. Nesse mundo, a maternidade e o parto de uma criança, assim como o nosso conceito de família, são coisas extremamente abomináveis e nojentas, praticadas apenas nas poucas partes não civilizadas do mundo, nas populações conhecidas como selvagens. A propagação da espécie humana ocorre por meio da inseminação artificial, que, após anos e anos de evolução, permite que os cientistas criem até 80 pessoas advindas dos mesmos gametas, o que cria grupos com dezenas de pessoas idênticas em aparência.

A sociedade é dividida em castas, indo dos mais baixos Ípsolons até os soberanos Alphas. Todos os seres humanos criados recebem, antes mesmo de serem gerados, uma casta, e com isso começam as mudanças genéticas para se adaptarem aos seus grupos e não sentirem vontade de sair dele. Os Ípsolons, por exemplo, tem uma quantidade reduzida de oxigênio enquanto estão em fase de desenvolvimento embrionário, o que faz com que cresçam com retardo mental, conseguindo realizar apenas as tarefas que não demandam inteligência. Essa desvantagem intelectual os obriga a continuarem para sempre na mesma casta, impedindo que algum indivíduo propague ideais revolucionários. Além dessas peculiaridades biológicas, cada casta recebe um tratamento psicológico desde que nascem, com mensagens sendo repetidas incessantemente instruindo-os com

(a)

as regras de cada casta, fazendo com que esses dogmas fiquem guardados no subconsciente de cada indivíduo, o que acaba contribui ainda mais para a aceitação de suas posições sociais e o desprezo às demais.

Essa é uma sociedade totalmente movida pelo consumismo e pelas sensações de prazer, e o governo faz tudo que é possível para manter a população seguindo fielmente esses princípios; distribui comprimidos de soma, uma droga que teoricamente não apresenta efeitos colaterais e que dá uma sensação muito prazerosa ao usuário, impõe que as pessoas não devem se apegar emocionalmente a uma pessoa, seja como companheiro amoroso ou como um amigo e propagam a ideia de que "é melhor comprar um novo do que consertar um velho", o que continua movendo a economia dessa sociedade. O individualismo é considerado quase como um pecado nessa sociedade, com as pessoas sendo desencorajadas desde cedo a possuírem qualquer opinião própria ou peculiaridade. Essa é a receita para a felicidade global, mas será que nós realmente queremos atingi-la algum dia?

As sensações ruins fazem parte da vida e do aprendizado humano. Nos tornamos pessoas fracas e sem personalidade quando não enfrentamos problemas em nossas vidas, e isso é exatamente o que acontece com a população representada no livro. As pessoas se entopem de soma e sexo sem sentido ao mínimo sinal de desconforto, como se fossem crianças fazendo birra quando suas vontades são contrariadas, e esse sistema pode facilmente entrar em colapso. Apesar de o livro nos seduzir com a ideia de felicidade eterna, temos que nos lembrar constantemente de que essa felicidade é falsa e baseada em preceitos errados como os excessos e as fugas constantes da realidade, e que uma população 100% feliz é totalmente insustentável, se não for impossível. Não devemos tentar nos isentar de sentimentos como raiva, tristeza, melancolia e nostalgia, mas sim aprender a viver com eles para que nos tornemos pessoas melhores e menos suscetíveis a ataques de ansiedade que nos façam jogar tudo pro alto ao menor sinal de dificuldade.

😊 gostei (0) 💬 comentários(0) ✍️ comente

(b)

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.
Acesso em: 18 jul. 2023.

Além disso, há também resenhas que comparam as obras aqui enfocadas, demonstrando que o tratamento das mesmas como relacionáveis no próprio conteúdo editorial das mesmas, como é o caso não só da orelha da edição de “Admirável Mundo Novo” (2014), como do posfácio de “1984” (2009) escrito pelo filósofo Erich Fromm e do prefácio de “Fahrenheit 451” (2012), mas também do aparecimento dos mesmos como “Similares” no próprio Skoob, de fato impulsiona a relação entre esses autores.

Nesta resenha, o leitor desenvolve em um texto mais extenso suas ideias. É, por isso, perceptível um maior número de eixos de discussão, totalizando três deles. O leitor já inicia discorrendo sobre seu gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura (eixo 2) e alega ter lido o livro de Huxley após já ter lido outros dois da “trindade distópica”: “1984” e “Fahrenheit 451”. Considera a obra de Huxley a sua favorita entre elas e deixa isso evidente: “superando inclusive o clássico de George Orwell”.

A partir do segundo parágrafo, o leitor apresenta um panorama geral da obra (eixo 1). Ele discorre, sobretudo, acerca da supressão da ideia de família, do nascimento em laboratórios, sobre a busca pelo prazer e pela felicidade, a ingestão do “soma”, a falta de envolvimento emocional entre as pessoas, o incentivo ao consumo do novo, além das relações e organização da sociedade em castas.

Ademais, o leitor compara a obra com a realidade (eixo 4) quando considera que ela faz mais “paralelos com nossa sociedade atual” que “1984”, trazendo “reflexões a serem feitas sobre o nosso futuro, que parece se encaminhar cada vez mais para a realidade narrada pelo autor.” Logo, ele vê verossimilhança e potencial na leitura de futuro da obra.

Faz comparações com a realidade também ao falar de consumismo e da necessidade de encarar as emoções e sensações desconfortáveis no nosso dia a dia, já no último parágrafo, fazendo o uso, inclusive, da 1ª pessoa do plural (“nós”): “Apesar de o livro nos seduzir com a ideia de felicidade eterna, temos que nos lembrar constantemente de que essa felicidade é falsa e baseada em preceitos errados como os excessos e as fugas constantes da realidade, e que uma população 100% feliz é totalmente insustentável, se não for impossível.”

Figura 27 - Resenha 17 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★★  minha estante

03/03/2023

Liberdade ou felicidade?
Admirável mundo novo, distopia está que comecei a ler após ler outra das duas distopias famosas 1984 e Fahrenheit 451.

A princípio eu achei que a obra de Aldous Huxley seria bem semelhante a de George Orwell, mas elas são o completo oposto.

Em 1984 temos um estado autoritário que se baseia na mudança da história, tortura, punição.

Em Admirável mundo apesar de ser um estado autoritário não é um gestão baseada na força ela é completamente baseado no prazer.

Orwell temia que no futuro os livros seriam banidos.

Huxley temia no futuro não houvesse a menor razão para as pessoas lerem um livro.

Orwell achava que seríamos sucumbidos pela censura e a tortura, já Huxley que seríamos sucumbidos pelo próprio prazer.

Orwell foi brilhante,mas Huxley foi genial em prever que viveríamos numa sociedade anestesiada pelo prazer em busca do que se acredita ser feliz.

Relações líquidas, prazeres imediatos e cada momento queremos fugir de sentimentos ruins e abraçar apenas os bons.

A questão é será que como em Admirável mundo novo não estamos apenas sendo condicionados a pensar desta forma?

 gostei (0)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.
Acesso em: 18 jul. 2023.

Nesta resenha, o leitor detém-se em discorrer sobre seu gosto pessoal em relação à obra (eixo 2). Aqui, o leitor também alega ter lido a obra de Huxley após já ter lido “1984” e “Fahrenheit 451”. Em consonância com isso, passa quase toda a resenha fazendo comparações entre Orwell e Huxley, destacando aspectos como “censura” e “tortura” na sociedade de Orwell e “prazer” e anestesiamento no Admirável Mundo Novo, a primeira considerada uma distopia sustentada pela punição e pela força e a segunda pelo prazer.

É interessante notar a correlação entre os autores desenvolvida pelo leitor, já que, de fato, Huxley é predecessor de Orwell, por isso inspirou e influenciou este, tendo sido, inclusive, seu professor de francês. Tal fato é reiterado pela carta recebida por Orwell em 1949, meses após o lançamento de “1984”, em que Huxley tece comentários e opina sobre sua obra, após ter recebido um exemplar da mesma. Huxley elogia o trabalho do seu aluno e indaga-se acerca de qual das duas se aproxima mais do futuro vindouro:

Dentro da próxima geração, eu acredito que os governadores do mundo irão descobrir que o condicionamento infantil e a narco-hipnose são mais eficientes, como instrumentos de governança, do que porretes e prisões, e que a cobiça pelo poder pode

ser completamente satisfeita ao sugerir que as pessoas amem a sua servidão, ao invés de chicoteá-las e chutá-las à obediência. Em outras palavras, eu sinto que o pesadelo de 1984 está destinado a ser modulado ao pesadelo de um mundo mais semelhante ao que eu imaginei em Admirável Mundo Novo. (Em carta [...], 2018)

Nesse trecho da carta, o autor chama atenção justamente para um dos pontos de enfoque do leitor. Aqui, Huxley defende a ideia de que o “condicionamento infantil e a narco-hipnose” serão usados como instrumentos de governo mais eficientes que a violência, pois assim as pessoas amariam sua servidão. De fato, a oposição destacada pelo leitor se sobressai e prazer se contrapõe à força quando se compara os dois livros.

Figura 28 - Resenha 18 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★☆ 📖 minha estante

26/02/2023

Simple mas da uma boa base pra quem quer ler ?

Rapidamente sobre o que eu chamaria de primo do 1984 de George Orwell: incrível. O que mais me impressionou nessa ficção-científica/ distopia foi como uma obra de 90 anos descreveu parte da sociedade em que vivemos atualmente. Sério, impressionante.

Similar a 1984, Huxley foi firme para fazer uma crítica aos regimes totalitários soviético e capitalista - com os grandes lemas ?comunidade, estabilidade e identidade? e o ?grande Ford?, respectivamente, trazendo um contexto incrível de produção em massa e manipulação desta pelo prazer; o que basicamente caracteriza um governo totalitário do século XX. (muito importante esse ponto!!!!)

Outro ponto que me cativou muito foi a presença do Selvagem e a forma como a ?civilização? tentou entendê-lo e civiliza-lo, muito semelhante ao que os (neo)colonizadores fizeram rsrs, bem como a reação dele frente a isso? passaria um bom tempo discutindo esse choque cultural.

Também gostei dos trocadilhos de nome que o autor introduziu como o ?soma?, ?Mustaph Mond? e ?Marx? nos personagens e medicamentos para manipular a população.

Para finalizar, adorei essa edição pois tem dois posfácios muito interessantes e ela é a coisa mais linda.

😊 gostei (3) 💬 comentários(0) ✍️ comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.

Acesso em: 18 jul. 2023.

Neste caso, há mais um exemplo de comparação entre as distopias, tendo em vista que a leitora chama o livro de Huxley de “primo do 1984”, logo no início da resenha. Tecendo comentários acerca do seu gosto pessoal e experiência de leitura (eixo 2), ela se surpreende por uma obra de 90 anos descrever parte do que vivemos atualmente (eixo 4). Destaca a presença do personagem Selvagem como algo que a cativou, bem como os trocadilhos com os nomes de alguns personagens, como é o caso de “Marx” como sobrenome do protagonista “Bernard Marx”.

Continua comparando o contexto da obra com a realidade (eixo 4) quando alega: “Similar a 1984, Huxley foi firme para fazer uma crítica aos regimes totalitários soviético e

capitalista.” Com essa afirmação, a leitora defende a ideia de que não apenas o regime soviético foi totalitário, mas assim também o capitalista, retratado na obra e presente na atualidade, bem como em oposição ao soviético em contextos como a Guerra Fria (1947-1991). A leitora afirma que a obra traz à tona um contexto de “produção em massa” e “manipulação pelo prazer”, destacando essas enquanto características de governos totalitários do século XX. Compara o comportamento da “civilização” diante do Selvagem com o neocolonialismo, com a tentativa de impor uma cultura sobre outra, causando um “choque cultural”.

Ademais, acerca da composição da obra (eixo 3), a leitora finaliza elogiando a edição e os dois posfácios. Trata-se, contudo, de outra edição da “Biblioteca Azul”, uma edição especial comemorativa de 90 anos da obra, confeccionada em capa dura³¹:

Figura 29 - Edição comemorativa de 90 anos de “Admirável Mundo Novo” (2022) pela “Biblioteca Azul”



Fonte: Globo Livros.

Essa edição de luxo diferencia-se da enfocada neste trabalho pelo projeto gráfico (com a capa dura metalizada, por exemplo) e pelos conteúdos extras. Enfatizados pela leitora, essa

³¹ Disponível em: <https://globolivros.globo.com/livros/admiravel-mundo-novo-edicao-especial>. Acesso em 28 nov. 2023.

edição conta com dois posfácios: um escrito pela autora de ficção científica e ficção especulativa, Ursula K. Le Guin, e o outro escrito por Samir Machado de Machado, escritor gaúcho que discorre sobre o percurso das obras de Aldous Huxley e de “Admirável Mundo Novo” no Brasil, desde sua primeira edição publicada no país. Além disso, ela conta com uma nova tradução.

É interessante perceber como a mesma editora trabalhou em edições diferentes de um mesmo livro, o que evidencia o caráter mercadológico do trabalho editorial. Apesar de se tratar de um clássico contestatório, esse livro vende e, por isso, está, de certa forma, dentro da lógica do mercado. Por tal motivo, recebeu um trabalho minucioso para compor uma edição de luxo, apreciada pelos leitores por seu caráter colecionável.

Tal fato pode ser explicado pelas ideias de Chartier (1998, p. 149), quando este alega que “mesmo em tempos de massificação e de universalização, não se poderá impedir os colecionadores de construir a raridade”, já que um “livro é raro quando há bibliófilos para procurá-lo”. Sob esse ponto de vista, mesmo com a disponibilização de novos formatos, como os já mencionados *e-books* e *audiobooks*, o critério de raridade atrai leitores afeiçoados pelas particularidades de um determinado exemplar físico e que, assim, escolhem as edições de luxo.

Figura 30 - Resenha 19 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★☆  minha estante

10/04/2023

Interessante

Para começar, posso dizer sem peso na consciência que me auto declaro uma porta após ler essa obra. Honestamente, no início, quando o autor dava detalhes e mais detalhes sobre o lugar, o processo e todo o resto, eu não consegui acompanhar nas primeiras 2 vezes que eu li. Em uma terceira vez, tentei imaginar o cenário e ações descritas e fico feliz em dizer que fui bem sucedida. O problema era que eu não esperava que esse repertório se repetiria mais vezes do que eu estava afim de ler. De modo geral, o livro foi exatamente como o título dessa resenha, interessante. Eu tive que lê-lo para a escola, então finalizei seu terceiro terço em 2 dias. Os capítulos finais são os melhores e são os que eu obtive uma leitura mais fluida e satisfatória. Gostaria de dizer também que tenho a impressão de que ou o autor inventou várias palavras e termos ? além das que remetem ao processo do tempo d.f. e etc ? ou eu posso jogar meu cérebro no lixo e ler um dicionário para me inteirar melhor sobre a variedade da língua portuguesa. Bjs queridos ?

 gostei (0)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.
Acesso em: 18 jul. 2023.

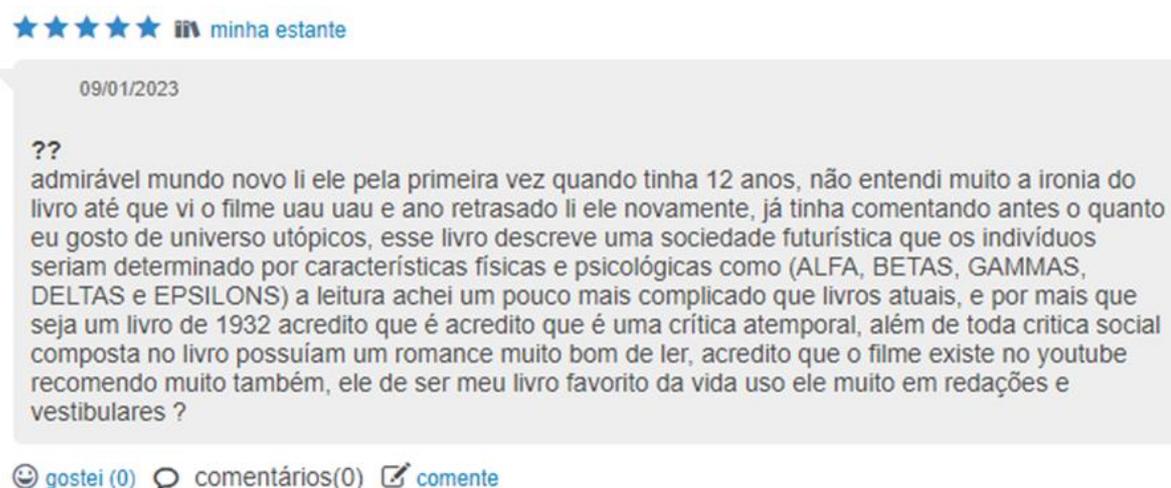
Nesta resenha, a leitora alega ter tido uma experiência de leitura (eixo 2) conflituosa, já que o que sobressai é a dificuldade de leitura, tópico recorrente em algumas das resenhas desses clássicos. Ela considera a obra muito detalhada, por isso não conseguiu acompanhar nas

primeiras duas vezes que leu. Tem a impressão, inclusive, de que o autor inventou termos e palavras novas. Na terceira vez, disse que teve de imaginar o cenário e as ações descritas, o que mostra a necessidade de releitura e de novas estratégias de leitura para compreensão do livro. Outro fator que chama atenção é o fato da leitora ter lido a obra para a escola.

Tais aspectos parecem ter afastado a leitora do livro, tendo em vista que esta se considerou pouco apta para a leitura do mesmo: “me auto declaro uma porta após ler essa obra”, “ou eu posso jogar meu cérebro no lixo e ler um dicionário para me inteirar melhor sobre a variedade da língua portuguesa”.

Fazendo menção ainda à composição da obra (eixo 3), fala da separação do livro em partes: “finalizei seu terceiro terço em 2 dias”, “Os capítulos finais são os melhores e são os que eu obtive uma leitura mais fluída e satisfatória”, ilustrando como o leitor toma ciência das escolhas do autor na construção e organização da narrativa.

Figura 31 - Resenha 20 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.
 Acesso em: 18 jul. 2023.

Nesta outra resenha, a leitora detém-se no eixo 2, relativo ao seu gosto pessoal. Mais uma vez, há aqui uma experiência de releitura. A leitora alega ter tido vontade de reler a obra depois de assistir ao filme. É interessante notar como, a partir do diálogo entre as duas mídias (livro e produção audiovisual), sua experiência passa a ser mais positiva, culminando no fato de que ela considera ter entendido melhor a obra. Torna-se possível, então, ancorar-nos no conceito de “transposição midiática”:

A **transposição midiática**, na conceituação de Irina Rajewsky, é o processo “genético” de transformar um texto composto em uma mídia, em outra mídia de acordo com as possibilidades materiais e as convenções vigentes dessa nova mídia.

[...] O conceito de transformação midiática aplica-se claramente ao processo que chamamos de **adaptação**, normalmente para uma mídia plurimidiática (romance para o cinema, peça teatral para a ópera, conto de fadas para o balé, etc.), onde o novo texto retém elementos do texto-fonte (trechos do diálogo, personagens, enredo, situações, ponto de vista, etc.). (Clüver, 2011, p. 18)

Trata-se de uma subcategoria da “intermedialidade”, conceito que, segundo Clüver (2011, p. 9), “implica todos os tipos de interrelação e interação entre mídias”. O diálogo entre as mídias, nesse caso, permite à leitora estabelecer outra relação com a obra de Huxley, tendo em vista que as técnicas e especificidades do cinema atribuem novos olhares sobre o texto que é sua fonte.

Vale a pena destacar ainda a menção, por parte da leitora, de que a obra faria uma “crítica atemporal”. Além disso, a mesma afirma que a utiliza como repertório em redações e vestibulares. A resenha traz também alguns aspectos gerais do enredo (eixo 1), como a sociedade de castas.

Figura 32 - Resenha 21 de “Admirável Mundo Novo” (2014) no Skoob

★★★★★  minha estante

05/01/2023

Daqueles que fazem a gente criar um mundo na cabeça
 O que é a felicidade?
 Ou melhor, o que é a felicidade plena, constante?
 Ela existe?
 Felicidade precisa de estabilidade?
 Ou melhor, o que é a estabilidade?
 Melhor ainda, a troco de quê vale ter estabilidade?
 Ainda mais nesse momento, covid-19, Bolsonaro, bolsa sobe, cai. Essas são perguntas que me parecem bem pertinentes e interessantes.

Então, não por acaso, resolvi ler o livro ?Admirável Mundo Novo? do Aldous Huxley.
 O livro é uma ficção científica que fala a respeito de uma sociedade estável, eu diria até utópica. Mas o que é utopia. Seria isso uma coisa boa?
 Em troca de quem estamos dispostos a viver uma estabilidade utópica.
 O livro foi escrito em 1931 e cabe muito bem pros dias de hoje (contando que ainda tem umas especulações de futuro que chegam até a ser engraçadas levando em conta a realidade que vivemos).
 Um livro muito bom para aqueles buscam igualdade (e não equidade), para aqueles que acham que todos deveriam seguir um caminho, uma ?verdade?. Para aqueles que acham correto esconder livros, prender a história num cofre.
 Livro curto, livro fácil, livro indispensável.
 Recomendando bastante.
 Livre-se

 gostei (5)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/996/edicao:422871>.
 Acesso em: 18 jul. 2023.

Por fim, indo na mesma direção, esse leitor inicia a resenha com uma série de questionamentos despertados pela leitura da obra acerca das ideias de felicidade e estabilidade, fazendo comparações diretas com a realidade contemporânea em que vive (eixo 4) e elencando aspectos do cenário político, como: a pandemia da Covid-19, o governo Bolsonaro e a economia instável³². Alega que, por tais motivos, “não por acaso” resolveu ler o livro de Huxley. Mais uma vez, o paralelo com a realidade aproxima a obra do leitor.

O autor define a obra (eixo 1) como uma ficção científica, a respeito de uma sociedade estável, “até utópica”. Complementa: “Um livro muito bom para aqueles que buscam igualdade (e não equidade)”. Essa afirmação é interessante, pois ajuda a refletir que o caráter utópico da obra é estabelecido através da noção de “igualdade”, enquanto uniformização dos indivíduos e de suas vidas (ainda que uma “igualdade” baseada num sistema de separação em castas). Tal conceito se difere do de “equidade”, já que este “prevê particularidades e diferenças no caso concreto que não observadas pelo tratamento generalizado da lei” (Lopes, 2023), como é o caso das desigualdades impostas entre as castas.

Enquanto a igualdade tem como princípio promover as mesmas oportunidades para todas as pessoas sem observar as suas necessidades e particularidades, a equidade reconhece que, no plano real, não somos todos iguais, haja vista que nem todos iniciamos do mesmo ponto de partida. (Lopes, 2023)

Acerca de aspectos da comunicação (eixo 5), questiona ainda o lugar de uma “verdade” única na construção da história, um lugar onde é correto “esconder livros, prender a história num cofre”, ou seja, censurar e cercear o acesso ao conhecimento e à informação. Por fim, recomenda a leitura, considerando este um livro “curto”, fácil” e “indispensável” (eixo 2).

Até aqui, é notável, portanto, como as resenhas e as opiniões dos leitores são relacionáveis, ainda que diversas e longe de estabelecerem um consenso, variando no nível de profundidade e extensão dos textos. O mesmo acontece com as demais obras de distopia.

³² No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2) (Moreira; Pinheiro, 2020). Tal cenário causou mudanças na rotina dos indivíduos em nível global, como a instituição do isolamento social, para conter a disseminação do vírus. No Brasil, tal cenário se deu durante o governo Bolsonaro (2019-2022), presidente que proferiu diversos discursos negacionistas diante da doença, chamando-a de “gripezinha” e até mesmo considerando a mobilização coletiva da população e da imprensa uma “histeria” (Relembre [...], 2020). Diante disso, tal período foi marcado pela propagação de desinformação sobre a doença, problemas socioeconômicos e tensão política. Apesar da gradual “normalização” das atividades, a OMS só declarou oficialmente o fim da emergência de saúde pública de interesse internacional da pandemia do coronavírus no dia 5 de maio de 2023 (Ferrari, 2023), o que só ocorreu após a publicação desta resenha no Skoob.

4.2. Análise das resenhas de “1984”

Até o dia 29 de novembro de 2023, 176.963 usuários do Skoob alegaram já ter lido a edição da “Companhia das Letras” de “1984” (2009), 17.712 marcaram o livro como “Favorito” e estavam registradas no Skoob 10.211 resenhas da obra³³. Além disso, 91.469 leitores avaliaram o livro, fazendo-o ficar com a média de 4.4 estrelas. Esses são os números mais expressivos, em comparação com as distopias aqui elencadas, tornando a obra de Orwell a mais popular entre elas.

Figura 33 - “1984” (2009) no Skoob (continua)

The screenshot shows the Skoob website interface for the book '1984' by George Orwell. At the top, there is a search bar and navigation icons. The book's cover is on the left, featuring a large eye and the title '1984'. To the right of the cover, the title '1984' is displayed in large letters. Below the title, a green box shows a 4.4 star rating with 91,469 reviews. A horizontal bar contains statistics: LERAM (176.963), LENDO (23.521), QUEREM LER (179.955), RELENDO (482), ABANDONOS (6.001), and RESENHAS (10.211). Below this, there are icons for Favorites (17.712), Desejados (10.854), Trocam (290), and Avaliaram (91.469). A short description follows: 'Publicada originalmente em 1949, a distopia futurista 1984 é um dos romances mais influentes do século XX, um inquestionável clássico moderno. Lançada poucos meses antes da morte do autor, é uma obra magistral que ainda se impõe como uma poderosa reflexão ficcional sobre a essência nefasta de qualquer forma de poder totalitário.' The genre is listed as 'Ficção científica / Ficção'. Below the description, there are sections for 'Edições (115)' and 'Similares (170)', each with a 'ver mais' button and a row of book covers.

(a)

³³ Novamente, esta pesquisa selecionou a edição de “1984” da “Companhia das Letras” que primeiro apareceu através da ferramenta de busca.

Figura 33 - “1984” (2009) no Skoob (conclusão)

skoob Busque por título, autor, editora, ISBN... Explorar

Lido +

Compartilhe

Sinopse

Edições 115

Vídeos 35

Grupos 28

Resenhas 10.211

Leitores 394.720

Similares 170

Ofertas

Leia online (PDF)

[Editar](#)

Resenhas para 1984 (10.211) [ver mais](#) em 7/5/21

★★★★☆

Olha... comecei esse esperando algo, me decepcionei e dps terminei em choque. Antes de tudo, eu queria dizer que as 3 partes que dividem o livro são muito bem separadas, e isso foi importante pra mim. O livro não tem um desenvolvimento de personagem chocante, e isso que me pegou de início. Você lê pela crítica, pela história, o personagem é mais um fantoche. Isso foi complicado, mas acabei amando no final. É estranho ler esse livro e fazer pequenas conexões mentalmente sobre o nosso... [leia mais](#)

Vídeos 1984 (35) [ver mais](#)

#27 - Audiolivro - 1984 - George Orwell (Part)

CORTE 12: O VERDADEIRO Final de 1984 Explicad

1984 (George Orwell) trailer legendado pt br

1984 - GEORGE ORWELL - RESENHA

Estatísticas

Desejam 10.854 Trocam 290 Avaliações 4.4 / 91.469

5 estrelas 64%

28%

(b)

skoob Busque por título, autor, editora, ISBN... Explorar

Estatísticas

Desejam 10.854 Trocam 290 Avaliações 4.4 / 91.469

5 estrelas 64%

4 estrelas 27%

3 estrelas 7%

2 estrelas 1%

1 estrela 0%

28%

72%

totalitarismo futuro grande irmão best-seller ficção política política futurista socialismo orwell clássico

literatura inglesa romance ficção george orwell ficção científica distopia política literatura estrangeira big brother

George Orwell

Eric Arthur Blair foi um jornalista, ensaísta e romancista britânico, que escreveu sob o pseudônimo George Orwell. Sua escrita é marcada por descrições concisas de eventos e condições sociais e o desprezo por todos os tipos de autoridade. É mais conhecido por su...

cadastro em: 01/01/2014 15:38:50

editou em: 24/07/2023 13:25:09

(c)

Legenda: Primeira (a), segunda (b) e terceira parte (c) da página do livro “1984” (2009) no Skoob para navegador. Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/941ED412608-1984>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Assim como no caso de “Admirável Mundo Novo” (2014), a página do livro traz os dados numéricos, a sinopse e as informações da edição. Além disso, relaciona outras edições

do livro e títulos similares. Cabe destacar que “Admirável Mundo Novo” e “Fahrenheit 451” constam entre esses títulos. Novamente, há o espaço dedicado às resenhas e aos vídeos sobre o livro, bem como as estatísticas acerca de quais e quantos usuários desejam ou trocam o seu exemplar, assim como as avaliações e a porcentagem de leitores de cada gênero que concluíram a leitura. Ao fim, há ainda as palavras-chave relacionadas ao livro (“totalitarismo”, “futuro”, “grande irmão”, etc.) e uma biografia do autor. A edição em questão foi cadastrada na plataforma em 2014, logo, esses registros têm seu início nessa época.

A partir disso, partiremos para a análise das resenhas mais representativas do conjunto, buscando compreender como um livro de distopia, publicado originalmente em 1949, é lido na atualidade por leitores brasileiros usuários do Skoob.

Figura 34 - Resenha 1 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★★  minha estante

16/01/2023

?Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força.?

O livro é considerado uma distopia, tendo como cenário uma sociedade governada pelo regime totalitário do Partido, em que os fatos são distorcidos e impera censura e vigilância constante da população.

O Partido, liderado pelo Grande Irmão, vigia a rotina e as relações interpessoais. O principal instrumento usado são as ?teletelas?, existentes em todas as casas, que se assemelham a uma ? placa metálica retangular semelhante a um espelho fosco, embutido na parede?. Além disso, há microfones escondidos nas ruas e pequenos helicópteros (drones) que filmam dentro das casas.

Aqueles que não obedecem ao Partido são entregues à ?Polícia do Pensamento?. A função desse departamento é justamente fiscalizar o comportamento, repreender e punir todos aqueles que pensam de forma independente e contrariando o Grande Irmão.

Mesmo sendo escrito em 1949, todas essas formas de vigilância estão presentes no cotidiano dos cidadãos, às vezes de forma velada. A tecnologia tem contribuído cada vez mais para ampliar o controle dos cidadãos e há perda da privacidade.

Não só no livro 1984, como atualmente é possível perceber a existência de diferentes formas de punição para aqueles que contrariam o governo, e se recusam a ser constantemente vigiados.

Recomendo.

 gostei (2)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
Acesso em: 30 nov. 2023.

Nesta resenha de “1984” (2009), o leitor utiliza como título os slogans do “regime totalitário” do Partido e desenvolve os três primeiros parágrafos do texto esclarecendo aspectos da obra (eixo 1), como: o seu gênero distopia, a constante vigilância (através da “Polícia do Pensamento”) e a figura do Grande Irmão. Entre esses pontos de enfoque, é possível destacar

também elementos relacionados à comunicação e suas tecnologias (eixo 5), como: censura, a presença de teletelas e de microfones nas ruas. Ademais, o leitor aproxima a obra da realidade atual (eixo 4), quando compara as formas de vigilância do romance distópico com as tecnologias e a perda de privacidade de hoje, que acontecem mesmo que de “forma velada”.

Segundo o leitor: “Não só no livro 1984, como atualmente” é possível perceber “formas de punição” para quem contraria o governo e a constante vigilância. Em decorrência disso tudo, termina a resenha recomendando o livro a outros leitores. Nesse caso, há três dos cinco eixos de discussão.

Figura 35 - Resenha 2 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★★  minha estante

PLUS 04/04/2023

Finalmente li esse grande clássico britânico!

A distopia "1984" é uma obra publicada por George Orwell em 1949, que descreve uma sociedade controlada por um governo totalitário, onde a liberdade individual é suprimida e a verdade é manipulada para se adequar aos interesses do estado. Embora muitos a enxerguem somente como uma advertência contra a ameaça do comunismo – sobretudo o soviético –, trata-se também de uma crítica ao inevitável crescimento da centralização do poder dos estados modernos (de viés materialista) e à erosão dos direitos individuais em nome da segurança e do bem-estar comum.

No livro, o Partido controla todos os aspectos da vida dos cidadãos, desde o que eles pensam e sentem até o que comem e leem. Esse controle é exercido através de vigilância constante, propaganda, manipulação da linguagem e punições severas para qualquer dissidência. Podemos identificar e traçar paralelos claros entre a ficção e certas tendências atuais da nossa sociedade. O aumento da censura nas redes sociais e a manipulação da linguagem e da mídia por governos e corporações são exemplos de como a liberdade está sendo ameaçada.

"1984" é uma obra rica em simbolismos que ilustram a opressão e o controle do estado sobre a sociedade. Um dos principais símbolos é o "Grande Irmão", figura onipresente que representa a autoridade absoluta do Estado e que tem um papel fundamental na manipulação das massas. Outro símbolo importante é o Ministério da Verdade, que controla a informação e a história de forma a adequar-se aos interesses do Estado. Isso remete à ideia de "verdade oficial" ou "verdade imposta", distorção utilizada para manter o controle e a opressão.

Além disso, a obra também pode ser interpretada a partir da perspectiva do existencialismo, corrente filosófica que coloca a liberdade e a escolha individual no centro da existência humana. A opressão e o controle do Estado em 1984 limitam a liberdade individual e impedem a realização da escolha pessoal, colocando em xeque a própria existência humana. Tais símbolos ilustram a necessidade da liberdade individual e a importância da escolha pessoal como um aspecto fundamental da existência humana.

 gostei (3)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.

Acesso em: 30 nov. 2023.

Nesta outra resenha, o leitor define o livro como um “grande clássico” logo no título. Em seguida, discorre sobre aspectos do enredo (eixo 1) durante todo o texto, apresentando um panorama geral da sociedade de Orwell e se atendo a aspectos, como: a vida sob um regime

totalitário, o controle do Partido, a figura do Grande Irmão, o Ministério da Verdade, o contexto de vigilância, manipulação, punições e propaganda.

Ao discorrer acerca de tais características, vai introduzindo ao longo da resenha suas percepções e opiniões sobre a obra (eixo 2), muito perpassadas por questões políticas (eixo 4). Por isso, faz menção ao período histórico em que a obra foi escrita, ao afirmar que esta se trata de mais do que “uma advertência contra a ameaça do comunismo – sobretudo o soviético”, pois é também “uma crítica ao inevitável crescimento da centralização do poder dos estados modernos (de viés materialista)”. Conforme foi visto, tal caráter político da obra é também evidenciado na orelha dessa edição da “Companhia das Letras”, assim como nos posfácios, e pode ser interpretado diante de várias realidades diferentes.

Para o leitor, “podemos identificar e traçar paralelos claros entre a ficção e certas tendências atuais da nossa sociedade” (eixo 4). Por isso, ele relaciona as questões trazidas pelo livro à ideia do “existencialismo” e o faz em defesa da liberdade e da escolha individual, direitos tão oprimidos em “1984”. Nicola Abbagnano (2007) define “existencialismo” da seguinte forma:

Costuma-se indicar por esse termo, desde 1930 aproximadamente, um conjunto de filosofias ou de correntes filosóficas cuja marca comum não são os pressupostos e as conclusões (que são diferentes), mas o instrumento de que se valem: a análise da existência. Essas correntes entendem a palavra *existência* [...] como o modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada *situação*, analisável em termos de *possibilidade*. A análise existencial é, portanto, a análise das situações mais comuns ou fundamentais em que o homem vem a encontrar-se. [...] Existir significa *relacionar-se com* o mundo, ou seja, com as coisas e com os outros homens, e como se trata de relações não-necessárias em suas várias modalidades, as situações em que elas se configuram só podem ser analisadas em termos de *possibilidades* (Abbagnano, 2007, p. 402).

Indo na mesma direção do sentido contido na resenha do leitor, Jack Reynolds (2013) acrescenta que, para o “existencialismo”, nossa identidade não é determinada por nosso *status* social ou biológico, mas que ela deve ser continuamente criada, pois existe uma ênfase resultante sobre nossa liberdade, nossa transcendência. Tal liberdade, segundo o leitor, estaria sendo cerceado na sociedade distópica de Orwell.

Esta resenha faz, portanto, uma relação tanto com o presente quanto com o passado e, sobretudo, com o real (eixo 4). Nesse sentido, o leitor ainda faz menção aos fenômenos da comunicação (eixo 5). Para ele, também podemos identificar hoje exemplos de manipulação: “O aumento da censura nas redes sociais e a manipulação da linguagem e da mídia por governos e corporações são exemplos de como a liberdade está sendo ameaçada.” Ao mencionar também

o Ministério da Verdade, traz à tona a ideia de “verdade oficial” ou “verdade imposta”. Há, dessa forma, quatro dos cinco eixos de discussão.

Figura 36 - Resenha 3 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★☆  minha estante

spoiler [visualizar](#)

06/03/2023

Página 49 : "era aplicado não apenas a jornais, mas a livros, revistas, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, músicas, desenho, fotografias; a todos os tipos de literatura ou documentação que pudesse conter alguma significância política ou ideológica."

Página 61: "cada ano teremos menos palavras, e o alcance da consciência ficará sempre um pouco menor. Mesmo agora, claro, não há razão ou desculpa para cometer pensamentocrime."

Página 213 "Atualmente, eles não estão em combate; cada grupo dominante empreende a guerra contra os próprios súditos, e o objetivo não é promover ou impedir a conquista de territórios, e sim manter intacta a estrutura da sociedade. A palavra "guerra", portanto, se tornou enganosa."

Página 216 : "sociedade de desigualdade

Os objetivos desses três grupos são totalmente incompatíveis. O objetivo dos Altos é permanecer onde estão. O objetivo dos Médios é trocar de lugar com os Altos. O objetivo dos Baixos, quando eles o têm (pois é uma característica permanente dos Baixos que eles estejam oprimidos" Este livro critica a estrutura social da cidade utópica e vemos como que a mídia é as pessoas são amplamente modificadas.

Muitos desses aspectos refletem drasticamente na sociedade, podemos observar fazendo uma analogia ao nosso passado e como o povo constantemente é imposto a um sistema de privilegiados e de oprimidos em que a auto é baixos.

Li esse livro principalmente para usar em redação, gostei bastante da temática que ele aborda. Porém ele tem uma leitura bem lenta e que você tem que ter com a mente aberta.

😊 gostei (1) 💬 comentários(0) ✍️ comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.

Acesso em: 30 nov. 2023.

Nesta outra resenha, a leitora destaca quatro citações que, a seu ver, foram marcantes durante a leitura. Tal recurso remete, mais uma vez, às resenhas acadêmicas. Sobre seu gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura (eixo 2), ela relata que teve como motivação de leitura a possibilidade de usar o livro como referência em redações, diz que gostou do livro, mas confessa que é uma leitura lenta, que se deve ter com a “mente aberta”.

O principal ponto que a leitora compara com a realidade (eixo 4) é a questão de “privilegiados” e “oprimidos” que se mantém através da desigualdade de classes. Nesse momento, a vemos referir-se a isso como a “estrutura social da cidade utópica”. Ainda que a obra de Orwell não retrate exatamente pessoas felizes, como a de Huxley, há aqui a tensão entre os termos “utopia” e “distopia” novamente.

Além disso, é interessante notar como duas das quatro citações destacadas podem relacionar-se com a comunicação (eixo 5), através de aspectos, como: as modificações em

jornais, livros, revistas, etc. e os limites impostos às palavras. Limitando as formas de comunicação, limitam-se as formas de expressão dos indivíduos. A leitora faz menção também à modificação da mídia e, conseqüentemente, das pessoas. Há, por isso, três dos cinco eixos de discussão.

Figura 37 - Resenha 4 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★☆  minha estante

03/03/2023

Essencial & Cansativo

Primeira parte ? A apresentação ao universo do livro é **EXTREMAMENTE CANSATIVA**. Muita descrição, pouquíssimos diálogos, leitura bastante lenta. Apesar disso, ainda é um universo interessante de se ler.

Segunda parte ? Tem um romancinho então é uma leitura mais animada e dinâmica. Tem mais diálogos e coisas acontecendo. A parte do livro da Confraria é uma tortura literária, absurdamente necessária de ser lida por causa dos temas tratados, mas muito maçante.

Terceira parte ? A melhor disparado (e ainda bem pq eu tava quase dropando). Comecei o livro com um herói idealizado achando que a história ia girar em torno de derrubar o Partido então a quebra de expectativa aqui foi legalzinha.

No geral, livrinho muito bom pra mimir, melhor consumido em doses pequenas e quando vc tá sem sono. Com ctz deve ser lido pelo menos uma vez na vida, mas eu não sei se leria de novo ??

😊 gostei (0) 💬 comentários(0) ✍️ comente

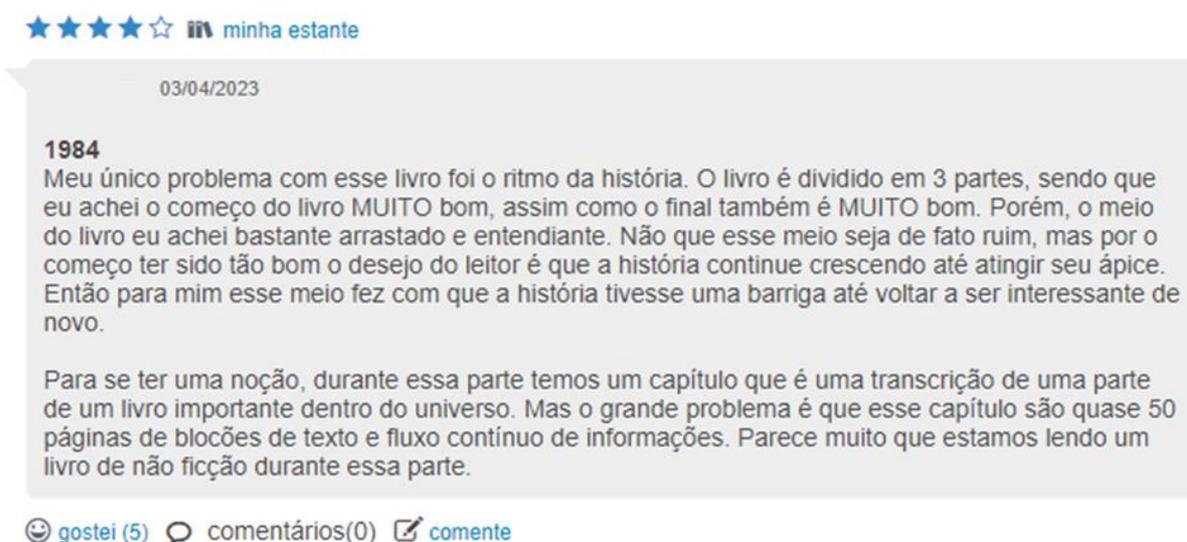
Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
Acesso em: 30 nov. 2023.

Neste caso, a resenha se alonga menos que as anteriores. Aqui, o leitor foca, principalmente, nas suas opiniões pessoais (eixo 2), fato já perceptível pelo título, através do uso dos adjetivos “Essencial & Cansativo”. Ao tecer comentários pontuais sobre a obra, faz menção ainda à composição da mesma (eixo 3), já que utiliza a separação do texto em partes como forma de dividir os momentos da narrativa e também suas impressões sobre cada uma delas, parágrafo por parágrafo da resenha.

Define a apresentação do livro como “EXTREMAMENTE CANSATIVA”, tendo em vista que conta com “muita descrição” e “pouquíssimos diálogos”. No segundo parágrafo, descreve a segunda parte do romance como “mais animada e dinâmica”, com mais “coisas acontecendo”. Contudo, queixa-se do “livro da Confraria”, suposta organização inimiga do Partido, tratando-a como uma “tortura literária”, “necessária”, mas “maçante”. É interessante recordar, como dito no terceiro posfácio, que no trabalho de edição da obra tentou-se retirar parte desse texto do produto final, mas a modificação não foi aceita por Orwell.

Por fim, ele elogia a terceira parte da obra como a melhor delas e confessa ter quase desistido da leitura: “A melhor disparado (e ainda bem pq eu tava quase dropando³⁴)”. Recomenda ler o livro devagar (“em doses pequenas”) e finaliza: “Com ctz deve ser lido pelo menos uma vez na vida, mas eu não sei se leria de novo”. Nesta resenha, foi possível perceber, então, abreviações próprias do ambiente *online*, sobretudo das redes sociais, como é o caso de “pq” (porque) e “ctz” (certeza).

Figura 38 - Resenha 5 de “1984” (2009) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
 Acesso em: 30 nov. 2023.

Nesta resenha, a leitora também faz menção à composição da obra (eixo 3) para expor seu gosto pessoal em relação à leitura (eixo 2), já que a mesma discorre quase durante todo o tempo acerca do conteúdo do livro em si. Por isso, questiona a escolha de dividir a obra em três partes e a discrepância entre elas, sendo, segundo ela, o começo e o fim muito bons e o meio do livro “arrastado e entediante”, como se “a história tivesse uma barriga até voltar a ser interessante de novo”. Para a leitora, falta continuidade no interesse e no ritmo da leitura.

Para exemplificar, relata a transcrição do livro de Goldstein, na segunda parte, como um texto muito longo, onde parece que se está lendo não ficção. Essa opinião está em conformidade com a da resenha anterior e nos leva a pensar como, apesar da insistência do autor em manter tal texto, o trabalho da edição atenta-se para a “legibilidade” do texto para o

³⁴ O leitor utiliza um vocabulário específico de um grupo social, característico, principalmente, da geração Z. Advinda do inglês (*drop*), a palavra “dropar” significa “cair, largar”. É utilizada, sobretudo, no universo dos jogos *online* (Barbosa, 2023). Neste caso, o leitor quer dizer que estava quase “largando” a leitura.

público leitor, como atesta Cristina Yamazaki (2007):

O compromisso do editor de texto com a precisão, o rigor, a legibilidade e a compreensibilidade está na essência da ação de editar um texto. Os editores de texto não surgiram, portanto, com o propósito de corrigir erros num texto, mas com o princípio de divulgar uma obra clara, tornando-a acessível a um público vasto. [...] A supressão dos erros, a busca por um texto sem lapsos de nenhum tipo, também faz parte da atividade de edição, mas na medida em que o erro pode prejudicar a legibilidade textual ou visual. (Yamazaki, 2007, p. 7)

Nota-se, então, como o trabalho de edição busca ir além de possíveis “erros”, mas foca, principalmente, na clareza e na busca de tornar o texto acessível ao grande público, um texto “sem lapsos”. Há, através desse exemplo, certa “tensão” entre a escolha do autor e a forma que os leitores recebem o conteúdo do livro. Por isso, o editor agiria “como um facilitador na tensão entre o significado intencional e o significado recebido e tem que reduzir essa tensão ao máximo para que o significado possa ser transmitido da forma mais eficaz possível” (Yamazaki, 2007, p. 7), intermediando o processo entre esses dois agentes. Contudo, ainda assim, o autor possui certa autonomia e autoridade diante do seu texto.

Figura 39 - Resenha 6 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★★  minha estante

03/05/2023

Necessário

Eu acho que é o tipo de leitura que todo mundo deveria fazer com certa frequência, então eu recomendo muito. Ele te ajuda a entender ou pelo menos te faz refletir sobre tudo ao seu redor. A história fala sobre um passado distópico(? talvez não tão distópico assim) que se encaixa como uma luva nos tempos atuais.

Eu achei o livro bem denso, no sentido de que a história tem muita coisa pra contar e as camadas são muitas, mas ao mesmo tempo de fácil leitura.

Eu só não dei 5 estrelas porque na parte do confronto final entre o Winston e o colega de trabalho dele, eu acho que poderia dar uma leeeve enxugada no capítulo. Por um momento me pareceu que as explicações já não eram novas, só explicavam o que já havia sido explicado com um pouco mais de informação.

O final me deixou bem revoltada. Não porque ele fosse ruim, mas porque eu tinha uma expectativa e ela não se cumpriu. Aquele tipo de ?decepção positiva? que só a literatura consegue fazer você passar.

 gostei (3)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.

Acesso em: 30 nov. 2023.

Neste exemplo, há três eixos de discussão. Referente à experiência pessoal (eixo 2), a leitora recomenda a leitura e fala como o livro a fez pensar no mundo ao seu redor, “o tipo de leitura que todo mundo deveria fazer com certa frequência”. Alega ter achado o livro “denso”,

uma história com muitas “camadas”, mas ainda assim de “fácil leitura”. Esta facilidade não aparece como uma característica nas duas últimas resenhas aqui elencadas, o que ilustra a diversidade de experiências de leitura a partir de uma mesma obra.

Acerca da composição do livro (eixo 3), destacam-se também as opiniões da leitora relativas às “partes” do livro. Ela considera o “confronto final” entre Winston e O’Brien longo, opinando que o autor poderia ter dado uma “enxugada” nesse capítulo, onde ele parece repetir-se. Mais uma vez, percebe-se como o tamanho do livro interfere na recepção do mesmo pelo público contemporâneo.

Além disso, a leitora compara a obra com a realidade (eixo 4), quando afirma: “A história fala sobre um passado distópico(? talvez não tão distópico assim) que se encaixa como uma luva nos tempos atuais.”

Figura 40 - Resenha 7 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★☆☆  minha estante

03/05/2023

Jurei que seria bem melhor.

Eu tava muito ansiosa pra ler esse livro e saber do que ele fala, porém eu coloquei expectativa demais e nenhuma atendeu ao que o livro fala.

No meu ponto de vista ele fica repetindo a mesma coisa, clicando na mesma tecla. Ele fala sim sobre coisas da atualidade, porém ele é muito chato, a linguagem é muito cansativa e isso acaba tornando a leitura um pouco lenta.

Esse livro é com certeza um daqueles que eu não recomendaria pra ninguém (apenas se a pessoa quisesse ter a experiência, assim como eu queria ter tido), porém esse livro é uma das leituras “obrigatórias” então meio que é bom ler. Eu tava até cogitando ler a revolução dos bichos, mas depois disso, não quero ler mais nada desse cara.

 gostei (2)  comentários (2)  comente

03/05/2023  minha estante

Tenho fé que a revolução dos bichos vai ser melhor

03/05/2023  minha estante

Vou ler e te falo

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.

Acesso em: 30 nov. 2023.

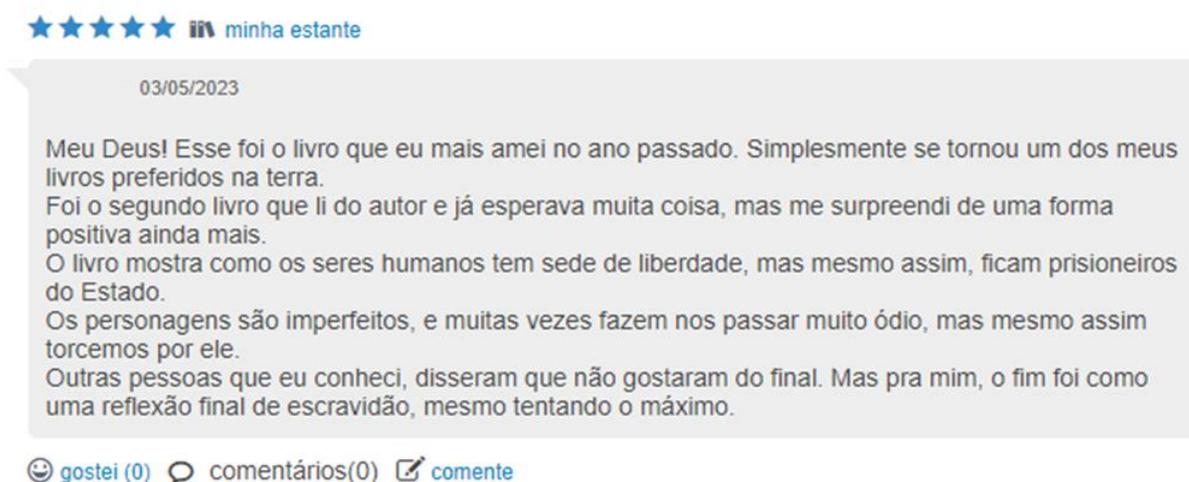
Continuando a pensar na diversidade de opiniões possíveis acerca da mesma obra, esta resenha relata uma experiência de leitura negativa. Ainda que compare o livro com a atualidade (eixo 4), aqui predominam as percepções pessoais em relação às preferências do leitor em

questão (eixo 2). Ele conta que o livro não atendeu suas expectativas, considera-o repetitivo, “chato”, uma leitura “cansativa” e “lenta”.

Em geral, o leitor “não recomendaria pra ninguém”, mas considera esta uma leitura “obrigatória”, o que reforça, apesar de tudo, o lugar de clássico que o livro ocupa. Finaliza de forma direta: “Eu tava até cogitando ler a revolução dos bichos, mas depois disso, não quero ler mais nada desse cara”. O uso da expressão “cara” para referir-se a Orwell ilustra como o distanciamento entre autor e leitor pode ser quebrado tanto no momento da leitura, quanto na escrita dessas resenhas, que por vezes possuem uma linguagem dinâmica e informal.

Há ainda, neste caso, um exemplo de interação nos comentários, em que outro leitor demonstra também sua possível insatisfação com “1984”, afirmando: “Tenho fé que a revolução dos bichos vai ser melhor” e “Vou ler e te falo”, o que pressupõe uma continuidade no contato entre esses dois usuários da rede social.

Figura 41 - Resenha 8 de “1984” (2009) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.

Acesso em: 30 nov. 2023.

Aqui, a resenha centra-se no gosto pessoal da leitora (eixo 2). Em contraste com a resenha anterior, a leitora afirma este como um dos seus “livros preferidos na terra”. Alega já ter lido outra obra do autor e, por isso, ter tido altas expectativas, tendo se surpreendido ainda mais positivamente. Tece comentários em relação aos personagens, à falta de liberdade e à intervenção do Estado no contexto da obra.

Ao final da resenha, mostra já ter tido contato com a opinião de outros leitores antes de fazer sua leitura, mas faz sua própria consideração, alegando ter gostado da reflexão do final. Tal fato mostra o impulso de tornar a experiência de leitura coletiva, não só pelo uso de uma

rede social de nicho, como é o caso do Skoob, mas estabelecendo o contato e compartilhando experiências com leitores dentro e fora do ambiente virtual, mesmo em tempos em que predomina uma leitura silenciosa e individual.

As últimas resenhas são exemplos de como é possível haver discordâncias entre os leitores e uma mesma obra pode dividir opiniões e não agradar a todos. Por isso, nenhuma interpretação é uma regra ou consenso, tendo em vista que a leitura é uma prática ativa, dinâmica.

Figura 42 - Resenha 9 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★★  minha estante

01/05/2023

1984: George Orwell
 Atemporal, de qualidade absurda, extramente influente, e claro, um dos livros mais revolucionários do século passado. George Orwell trata mais uma vez do grande tema das distopias: A LIBERDADE. Desde ?A Revolução dos Bichos?, Orwell deixa claro que mesmo as ?melhores? intenções podem resultar em tirania quando os indivíduos concordam em abrir mão da própria liberdade. Aqui, ele escreveu sobre uma sociedade no futuro, mais precisamente em 1984, onde não há liberdade - tudo é controlado (inclusive a língua e o passado). O protagonista é Winston Smith, funcionário do Ministério (ironicamente chamado de Ministério da Verdade) dentro do governo tirânico e repressivo, liderado por uma figura central: O Grande Irmão, que assumiu o poder após uma guerra de escala global (análoga à Segunda Guerra Mundial), que eliminou as nações e criou três grandes Estados transcontinentais totalitários. É um mundo sombrio e opressivo, do qual não se tem para onde fugir. A função de Winston é editar reportagens antigas de jornal, alterando os fatos para que o passado esteja ?de acordo? com as diretrizes do governo atual (prática comum na União Soviética). Sendo assim, a única verdade existente nessa sociedade é a do governo/partido. As pessoas somente podem amar O Grande Irmão, do contrário, é considerado crime, punível até mesmo com a morte - existe para isso a Polícia das Ideias, que atuava como uma ferrenha patrulha do pensamento. Relações amorosas estavam entre as muitas proibições. Nesse cenário de submissão em que não há leis, mas inúmeras regras determinadas pelo Partido, ninguém nunca viu o Grande Irmão em pessoa - uma sacada genial do autor: o tirano mais amedrontador é também aquele mais abstrato. Winston detesta o sistema, mas evita desafiá-lo além das páginas de seu diário. Isso muda quando se apaixona por Júlia. O sentimento transgressor o faz acreditar que uma rebelião é possível. Mas combater o regime não é fácil? Encerrei o livro com lágrimas nos olhos, o último parágrafo é de destruir o coração.

O ano é 2023? 74 anos depois, o livro é mais atual do que nunca.

 gostei (0)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
 Acesso em: 30 nov. 2023.

Ao longo desta outra resenha, a leitora traz um panorama geral da sociedade de Orwell (eixo 1): o tempo no futuro, o controle da língua e do passado, o trabalho do protagonista no Ministério da Verdade, o Grande Irmão, a Polícia das Ideias, etc. Dessa forma, vai introduzindo sua opinião de forma pincelada algumas vezes (eixo 2), quando alega, por exemplo, ter terminado o livro “com lágrimas nos olhos” ou quando considera este “um dos livros mais

revolucionários do século passado” e usa expressões, como: “uma sacada genial do autor” e “de qualidade absurda” para transmitir o seu ponto de vista positivo.

Um aspecto relevante desta resenha é que a leitora traça paralelos com a realidade histórica e com questões políticas da época em que a obra foi escrita (eixo 4), ao elencar, por exemplo, o fato da Oceania viver sob o regime do Partido “que assumiu o poder após uma guerra de escala global (análoga à Segunda Guerra Mundial)” e, ainda, ao mencionar o trabalho de Winston editando reportagens de jornal, “alterando os fatos para que o passado esteja de acordo com as diretrizes do governo atual (prática comum na União Soviética)”. Corroborando este último fato, é possível mencionar as lacunas de informações da União Soviética, sob o regime de Stalin:

Com relação ao período de incontestado domínio de Stálin, de 1929 em diante, o arquivo de Smolensk tende a confirmar o que já sabíamos antes através de fontes menos irrefutáveis. Isso se aplica até, a algumas de suas estranhas lacunas, especialmente quanto a dados estatísticos. Pois essa falta de dados prova apenas, neste ponto como em outros, que o regime de Stálin era cruelmente coerente: eram tratados como mentiras todos os fatos que não concordassem, ou pudessem discordar, com a ficção oficial, fossem dados sobre as colheitas de trigo, a criminalidade ou as reais ocorrências de atividades “contra-revolucionárias” (Arendt *apud* De Alcantara; Ivano, 2010, p. 114-115).

Dessa forma, a leitora elenca casos históricos, onde é possível perceber veracidade e crítica social na obra. Ao dar destaque à questão da alteração dos registros jornalísticos perpassa ainda por mais um eixo de discussão, relativo às tecnologias da comunicação (eixo 5). Compara, por fim, a obra com a realidade atual (eixo 4): “O ano é 2023? 74 anos depois, o livro é mais atual do que nunca.” Há, portanto, nesse caso, quatro dos cinco eixos de discussão.

Figura 43 - Resenha 10 de “1984” (2009) no Skoob

★ ★ ★ ★ ☆ 📖 minha estante

PLUS 03/03/2023

Um ótimo livro para os dias atuais

Apesar do título dessa resenha indicar uma preocupação com os dias atuais, vale ressaltar que esse livro sempre será um lembrete de atenção para qualquer época. Isso ocorre pois o autoritarismo e a busca por poder sempre estará a tona em qualquer regime político.

Sinceramente, eu não creio que os personagens foram muito bem desenvolvidos ou possuam traços de personalidades interessantes. No entanto, isso combina com a ambientação do livro. De fato, num regime autoritário não ocorre o desenvolvimento de nenhuma personalidade individual, já que o pensamento é sempre coletivista.

Tenho certeza que você vai reconhecer muitos problemas atuais nesse livro. A vigilância de um Estado cada vez mais interessado em "meter o bedelho" na vida das pessoas; a ideia de um Estado protetor e amoroso que vai cuidar de você; a disseminação de mentiras para que você acredite numa narrativa aliada com a mudança da história e que culmina no chamado duplipensamento, entre outros métodos.

Alias, esse termo usado pelo autor para justificar pensamentos que são contraditórios é bem evidente no mundo atual. Em 2023 temos um presidente corrupto no poder, todos sabem que é corrupto, mas você é levado a acreditar que não por meio de justificativas idiotas. Isso é o duplipensamento. Isto é, o Estado, junto com a propaganda da mídia, te convencendo de que algo que é óbvio é uma mentira. Ahh... e antes que escrevam aqui na resenha, a outra opção também tinha um filho envolvido com corrupção, e também é feito uma ginástica mental para te convencer que não. As desculpas são as mais absurdas de ambos os lados e há milhares de pessoas que acreditam neles piamente.

Em resumo, o livro é muito interessante pois você vai reconhecer os métodos de um estado de regime autoritário presentes no nosso regime democrático. Isso faz desse livro algo sempre atual e relevante para que você possa abrir sua mente.

😊 gostei (30) 💬 comentários(0) ✍️ comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
Acesso em: 30 nov. 2023.

Neste caso, em meio ao desenvolvimento da sua opinião, o leitor apresenta algumas características cruciais da trama (eixo 1), como: vigilância, a ideia de um Estado protetor, disseminação de mentiras, *duplipensamento*. Acerca do seu gosto pessoal em relação à obra (eixo 2), o leitor confessa que não achou os personagens muito bem desenvolvidos, mas que acredita que isso combina com o livro, já que, em um regime autoritário, as personalidades individuais não se desenvolvem.

Redige toda a resenha aproximando o livro de Orwell não somente da realidade histórica, mas sobretudo da contemporânea e do cenário político brasileiro (eixo 4). Para o leitor, apesar do título da resenha “indicar uma preocupação com os dias atuais, vale ressaltar que esse livro sempre será um lembrete de atenção para qualquer época”.

Ao falar do *duplipensamento*, ele destaca a presença de pensamentos contraditórios na atualidade. Para o leitor, tal termo ilustra o contexto político brasileiro, por isso ele faz críticas aos dois candidatos do segundo turno da última eleição presidencial, ocorrida em 2022, ainda que não cite seus nomes: o atual presidente Luís Inácio Lula da Silva e o ex-presidente Jair

Bolsonaro. O primeiro, pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT), está posicionado à esquerda do espectro político, o segundo, considerado de direita³⁵, concorreu às últimas eleições pelo Partido Liberal (PL). A disputa entre eles foi considerada a mais acirrada da história desde a redemocratização, em 1989, após a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Lula foi eleito, no segundo turno, com 50,90% dos votos, enquanto Bolsonaro recebeu 49,10% dos votos (Cerqueira; Moliterno, 2022), cenário que ilustra a polarização da nação brasileira e o momento de tensão política pelo qual o país ainda passa.

Para ele, “desculpas” são contadas para que se acredite na honestidade de ambos os lados. Através de “justificativas idiotas”, seria realizada uma “ginástica mental” para convencer a população. O leitor faz, portanto, comentários relacionados à comunicação e suas tecnologias (eixo 5), ao tratar do papel do Estado e da “propaganda da mídia” na disseminação de mentiras. Tais reflexões levantadas por ele podem ser um reflexo de como a disseminação de *fake news* (notícias falsas) impactaram as últimas eleições.

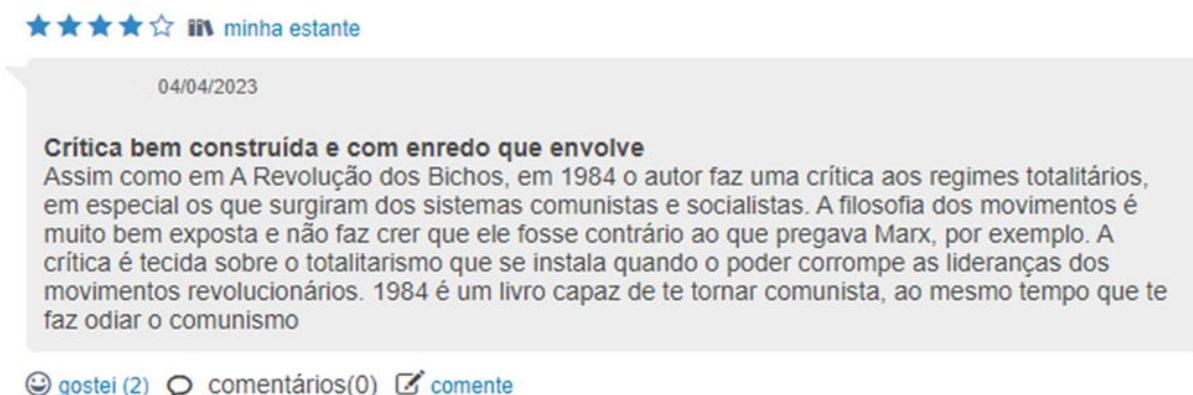
O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) recebeu ao longo do segundo turno mais de 500 alertas diários de *fake news* relacionadas à eleição. Ao todo, o TSE repassou para análise das redes sociais, na campanha de 2022, 12.573 casos com suspeita de desinformação, o que representou um crescimento de 1.671% em comparação com as eleições municipais de 2020. (Falcão; Vivas, 2022). Tal cenário alimenta a insegurança e a desconfiança da população diante do conteúdo midiático e dos discursos políticos e explica parte da tensão política e das reflexões críticas levantadas pelo leitor na resenha.

Em consonância com isso, o leitor também relaciona autoritarismo e democracia, aproximando a ideia de distopia da realidade (eixo 4): “o livro é muito interessante pois você vai reconhecer os métodos de um estado de regime autoritário presentes no nosso regime democrático”. Todas essas comparações com o cenário brasileiro ilustram como o leitor, no ato de leitura, é capaz de interpretar a obra segundo a sua própria realidade e como, mesmo em regimes democráticos, é possível reconhecer traços de abusos de poder. Ademais, durante toda

³⁵ A origem dos termos “esquerda” e “direita” remonta à França do século XVIII. Durante a Revolução Francesa, os representantes que se sentavam à direita, na Assembleia Nacional Constituinte, se posicionavam a favor do poder de veto do rei, aqueles que eram contra sentavam-se à esquerda. Conservadores e liberais da época. (Prioli, 2022, p. 11-12). Contudo, além de “terem variado imensamente ao longo do tempo, os conteúdos das definições de esquerda e de direita também variam conforme a história e o contexto cultural de cada país” (Madeira; Tarouco, 2011, p. 172). Segundo Madeira e Tarouco (2011), no caso do Brasil, após o regime militar, a definição de “esquerda” e “direita” estava relacionada ao envolvimento, ou não, de partidos e grupos políticos com o antigo regime. No estabelecimento do multipartidarismo atual e ao longo dos anos 1990, contudo, a dimensão econômica ganha mais força e o grau de ingerência do estado na economia passa a ocupar papel relevante nessa definição. Apesar disso tudo, há controvérsias e debates acerca das posições políticas e ideológicas desses conceitos.

a resenha, ele fala diretamente com outros leitores, o que fica evidente no uso da segunda pessoa do discurso (“você”) nesse trecho. Há, assim, quatro dos cinco eixos de discussão.

Figura 44 - Resenha 11 de “1984” (2009) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
Acesso em: 30 nov. 2023.

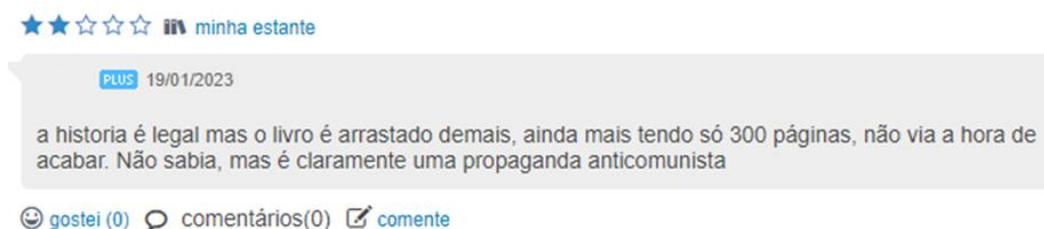
A associação da obra de Orwell com contextos políticos não se restringe às interpretações dos leitores da sua própria realidade ou da história, como nos exemplos anteriores. Há casos que questionam, inclusive, o posicionamento do próprio autor.

Relativo, portanto, ao eixo 4 (Comparação com a realidade e questões políticas), o leitor desenvolve o argumento de que “o autor faz uma crítica aos regimes totalitários, em especial os que surgiram dos sistemas comunistas e socialistas”. Contudo, expõe que isso não faz crer que ele fosse contrário a Karl Marx, um dos autores do “Manifesto Comunista” (1998), escrito em coautoria com Friedrich Engels e publicado pela primeira vez em 1848, em Londres. O documento, que influencia debates políticos e ideológicos até hoje, defende o fim da sociedade de classes, fruto do capitalismo, a partir de uma revolução que seria liderada pelos trabalhadores.

Há aí, na visão do leitor, uma crítica ao totalitarismo que corrompe os movimentos revolucionários. É interessante a observação de que 1984 é “um livro capaz de te tornar comunista, ao mesmo tempo que te faz odiar o comunismo”, pois enfatiza o caráter ideológico da obra, já que esta, de fato, dialoga com tal ideologia ao retratar uma hierarquia de classes onde os “proletas”, trabalhadores comuns, estão entre a mais baixa entre elas. Inclusive, a célebre frase do protagonista: “*Se é que há esperança [...] a esperança está nos proletas*” (Orwell, 2009, p. 88) remete ao chamado do “Manifesto Comunista”: “PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!” (Marx; Engels, 1998, p. 69). Tais frases emblemáticas carregam a ideia de uma luta de classes, encabeçada pelos trabalhadores.

Este leitor compara este com outro trabalho do autor, que também faz críticas ao totalitarismo, além disso, não é o único a ater-se a aspectos ideológicos do romance.

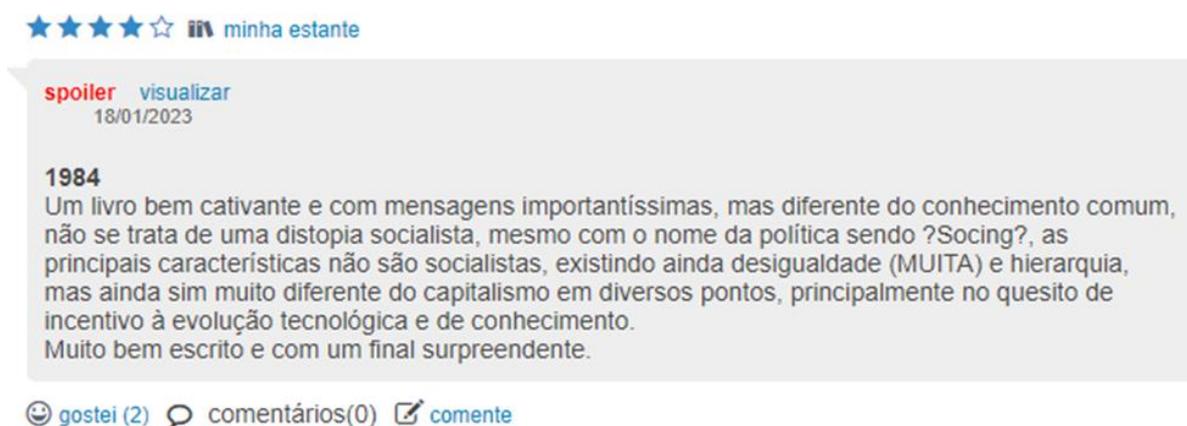
Figura 45 - Resenha 12 de “1984” (2009) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
Acesso em: 30 nov. 2023.

Nesta resenha, a leitora atribui apenas duas estrelas ao livro. Apesar de desenvolver sua opinião de forma breve, ela deixa claro o seu gosto pessoal (eixo 2), pois, mais uma vez, são apresentadas críticas em relação à leitura ser cansativa, arrastada. Além disso, são trazidas à tona questões políticas, já que ela define a obra como “uma propaganda anticomunista”.

Figura 46 - Resenha 13 de “1984” (2009) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
Acesso em: 30 nov. 2023.

Neste outro exemplo, a aproximação com a realidade com base em questões políticas (eixo 4) também se faz presente. A leitora nega que se trata de uma distopia sobre o “socialismo”, mesmo que o livro utilize *Socing* como o nome para a ideologia do Partido, já que existe muita desigualdade e hierarquia. Ainda assim, considera o cenário bem diferente do impulsionado pelo “capitalismo”. Tais reflexões colocam em evidência, novamente, as discordâncias dos leitores sobre o posicionamento ideológico da obra.

Figura 47 - Resenha 14 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★☆  minha estante

06/03/2023

Um livro complicado...
 1984 têm tantos modos de ser visto que chega a ser confuso,
 O que eu consegui compreender (msm sendo leiga no assunto) é que o livro n critica o socialismo e
 seus ideais,mas suas distorções e fantasias.
 N gostei do Winston a natureza dele é cruel e egoísta, claro q isso pode ter sido feito
 propositalmente pelo George Orwell.
 Uma leitura quase que obrigatória nos tempos de hoje.

 gostei (5)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
 Acesso em: 30 nov. 2023.

Neste caso, a leitora discorre sobre sua experiência de leitura (eixo 2) e confessa que as formas de interpretar o livro são tantas que ele se torna “confuso”. Diz não ter gostado do protagonista, mas ressalta que pode ser proposital, por parte do autor, criar um personagem egoísta. Destaca sua percepção individual, através da expressão: “O que eu consegui compreender”. Tal alegação abre espaço para possíveis outras interpretações por parte dos demais leitores.

Acerca das discussões de ordem política (eixo 4), a interpretação da leitora é de que a crítica não é feita diretamente ao “socialismo”, mas às suas “distorções e fantasias”.

Figura 48 - Resenha 15 de “1984” (2009) no Skoob

★☆☆☆☆  minha estante

01/05/2023

Anticomunismo barato
 Livro usa de ficção para propagar literais mentiras criadas pelo regime nazi e posteriormente
 propagado pela CIA e outros agentes reaccionarios

 gostei (0)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
 Acesso em: 30 nov. 2023.

Nesta resenha, o tom do leitor é crítico ao tratar das questões ideológicas e políticas em torno do livro (eixo 4). Mais uma vez, é possível notar as ambiguidades e questionamentos

acerca do posicionamento ideológico do autor, que tem sua obra frequentemente associada a um viés anticomunista. O leitor é direto em sua opinião no título: “Anticomunismo barato”.

É interessante pensar como as ideologias podem ter diversas interpretações e perspectivas a depender do momento e do lugar histórico onde as pessoas estão inseridas, inclusive para pensar sobre os contornos que o conceito “comunismo” assume ao longo da história. O que tal palavra reflete hoje pode diferenciar-se do teor que detinha na época da publicação do “Manifesto Comunista” (1998), em 1848, por Marx e Engels:

Na época, o “socialismo” era considerado uma doutrina burguesa, identificada com os vários esquemas reformistas experimentais e utópicos dos ideólogos pequeno-burgueses. Os comunistas eram aqueles que estavam claramente a favor da derrubada revolucionária da ordem existente e do estabelecimento de uma ordem igualitária. O comunismo dessa época originara-se de uma dissidência de extrema esquerda do jacobinismo francês. (Coggiola, 1998, p. 10)

Assim, segundo Prioli (2022, p. 15), o “comunismo” seria uma das vertentes do “socialismo”, já que ideologias “não são categorias fixas, mas um espectro de possibilidades”. Ele seria mais radical por defender a supressão do modelo capitalista, das formas de poder tais como conhecemos e o fim da propriedade privada. Enquanto isso, o “socialismo” questiona também as jornadas de trabalho excessivas, sobretudo nas fábricas da época, mas os socialistas que vieram antes de Marx e Engels, rotulados por estes de “socialistas utópicos”, detinham níveis diferentes de opiniões sobre esses aspectos:

Em resumo, os socialistas utópicos são pensadores que defenderam sistemas sociais novos que negavam, total ou parcialmente, a propriedade privada. Em suas teorias — cada uma a seu modo — está sempre presente a ideia da construção de um modelo de organização da sociedade, fruto das capacidades e do pensamento humanos. Para grande parte deles, esses novos arranjos venceriam com o tempo porque sua superioridade ficaria provada na prática. Portanto, a maioria desses teóricos não é revolucionária, mas deseja promover reformas que apontem para a superação do modelo econômico existente. (Prioli, 2022, p. 169)

No século XX, o termo “comunismo” já carregava a experiência da União Soviética, por isso os termos já se atualizavam e ganhavam novas nuances, que podem se refletir no trabalho crítico de Orwell. Por isso, é importante tomar conhecimento de que há diversas vertentes de uma mesma ideologia de esquerda, como de qualquer outro espectro político, ainda que “socialismo” e “comunismo” sejam, muitas vezes, tomados como sinônimos.

No Brasil, o “comunismo” se materializa com a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1922 (Magenta, 2022). Mas, hoje, o termo adquire ainda mais nuances, para além do histórico trazido pelo fim da União Soviética, dos abusos de poder e violência levados à cabo durante o governo de Stalin. “No debate político no Brasil e em outros países, o significado da palavra ‘comunista’ se afastou da definição original e se tornou ferramenta para

atacar adversários políticos. Algo parecido ao que acontece com os termos fascista e nazista.” (Magenta, 2022). Por isso, a palavra “comunista” é utilizada para desacreditar ideais e partidos de esquerda, associando-os à radicalidade e à violência, “uma espécie de xingamento usado por alguns adeptos da direita no Brasil — mesmo quando o alvo está no lado oposto do comunismo no espectro político” (Magenta, 2022).

Voltando à resenha, é possível contestar, ainda, a ideia de que o Orwell propagava ideias nazistas, já que este se posicionava claramente enquanto socialista, sobretudo por conta de sua vivência profissional e política e do momento histórico em que desenvolveu seu trabalho:

Numa época pacífica, eu poderia ter escrito livros ornamentais ou meramente descritivos, e permanecido quase inconsciente das minhas lealdades políticas. Mas acabei sendo obrigado a virar uma espécie de panfletário. Primeiro, passei cinco anos em uma profissão inadequada (na Polícia Imperial Indiana, na Birmânia), e depois experimentei a pobreza e o sentimento de fracasso. Isso aumentou o meu ódio natural pela autoridade e, pela primeira vez, fez com que me tornasse plenamente ciente da existência das classes trabalhadoras; e o trabalho na Birmânia já me permitira alguma compreensão da natureza do imperialismo: mas essas experiências não foram suficientes para me proporcionar uma orientação política definida. Então vieram Hitler, a Guerra Civil Espanhola etc. (Orwell, 2021a, p. 14)

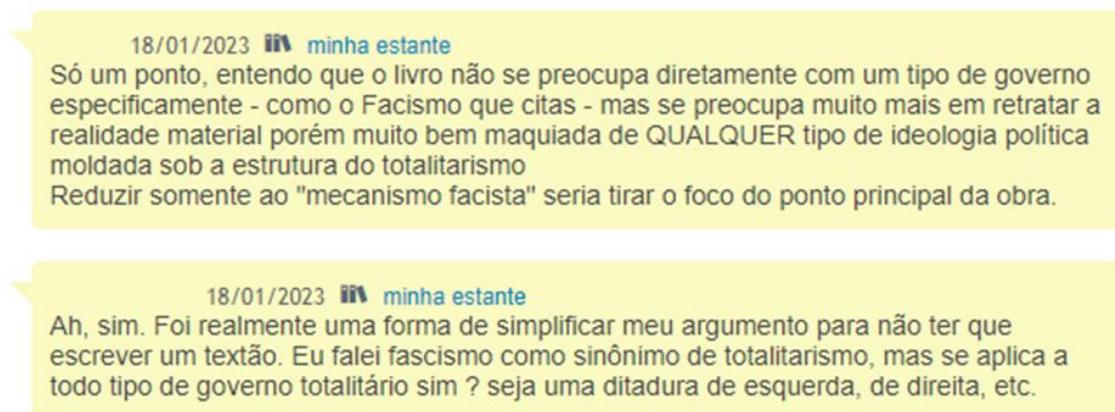
E acrescenta: “Todas as linhas das obras sérias que escrevi a partir de 1936 foram escritas , direta ou indiretamente *contra* o totalitarismo e *a favor* do socialismo democrático, tal como eu o entendo”. (Orwell, 2021a, p. 16). Vale ressaltar, então, que “1984” foi escrito e publicado após essa data. Tendo vivenciado a guerra e observado as disputas de poder de seu tempo, Orwell considera a crítica política extremamente contundente e marcante nos seus escritos, como deixa claro neste ensaio. Contudo, ele mesmo considera-se socialista, um socialista democrático, ou como dito no terceiro posfácio escrito por Thomas Pynchon: um membro da esquerda dissidente, à esquerda da esquerda.

Carla Milani Damião (2002) explica como, de fato, suas obras podem fazer alegorias à União Soviética, visto que o autor realmente mostrava-se muito insatisfeito com o socialismo liderado por Stalin. Apesar de socialista, era avesso à desonestidade e propaganda. Contudo, também era contrário ao uso que Hitler fazia dos meios de comunicação como um instrumento de propagação de ideais racistas, por isso sua “crítica ao totalitarismo de direita e de esquerda e ao papel da propaganda e dos meios de difusão e controle estatal é o elemento que forma o pano de fundo negativo da visão de mundo de Orwell.” (Damião, 2002, p. 64)

Ainda assim, ao dispor de uma obra, o leitor pode interpretá-la de maneiras distintas, a partir das suas próprias crenças e posicionamentos, sob a ótica de seu tempo e espaço. Por isso, percebem-se tantos conflitos e questionamentos acerca das ideologias retratadas e criticadas na obra de Orwell, tendo em vista que apesar do contexto histórico, o contexto político e social do

Brasil no presente serve de mediador significativo da leitura. Isso explica a desconfiança deste e de outros leitores diante da possibilidade da obra ser “anticomunista”, tendo em vista a tensão política que o termo carrega no contexto brasileiro hoje.

Figura 49 - Interação entre leitores de “1984” (2009) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
Acesso em: 30 nov. 2023.

Ilustrando, novamente, os debates em torno da questão ideológica e a aproximação da obra da realidade (eixo 4), essa interação entre dois usuários do Skoob discorre acerca do posicionamento do livro de Orwell.

O primeiro comentário responde a uma resenha que destaca, sobretudo, uma crítica a um tipo de governo baseado no “fascismo”. O leitor discorda e alega acreditar que a obra se preocupa com todo tipo de ideologia que se estruture a partir do totalitarismo, não apenas a fascista. Em resposta, a leitora diz que usou o “fascismo” para simplificar seu argumento, mas que, no seu ponto de vista, acredita que a crítica se aplica a todo tipo de governo totalitário, seja uma ditadura de esquerda ou de direita.

Como é perceptível nos exemplos anteriores, tal ambiguidade e atualização histórica da leitura de “1984” (2009) abre espaço para uma pluralidade de interpretações e relações com cenários políticos diferentes.

Figura 50 - Resenha 16 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★★  minha estante

18/01/2023

Tão antigo mas tão atual

A gente lê esse livro achando um absurdo como as pessoas se permitem acreditar nas bobagens e serem manipuladas nesse nível. Dai a gente sai do nosso quarto e lembra que estamos na época do whatsapp ???

 gostei (0)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.

Acesso em: 30 nov. 2023.

Além dos debates políticos, a obra impulsiona reflexões acerca do uso da comunicação e suas tecnologias (eixo 5). Neste exemplo, a leitora compara o estado de imersão dos personagens manipulados pelo Partido com a realidade atual (eixo 4), principalmente em relação ao uso de redes sociais como o *WhatsApp*.

Müzzel (2020, p. 59) alega que o *WhatsApp* era reconhecido como “um *software* cujo propósito era simples: facilitar e baratear a comunicação móvel entre pessoas permitindo trocar mensagens usando a conexão à internet do celular”. Desde a sua criação em 2009, contudo, aproximou-se mais da ideia de uma rede social, através do recurso da criação de grupos de conversas (Müzzel, 2020, p. 63) que, atualmente, podem ter até 1.024 participantes (Fabro, 2023).

Apesar disso, a rede social em questão tornou-se um terreno fértil para a propagação de uma “desordem informacional”. Müzzel (2020, p. 21) defende o uso do termo no lugar de *fake news* (notícia falsa), tendo em mente que este último “apresenta problemas que vão desde sua contradição intrínseca – se uma informação é falsa, não pode ser chamada de notícia – até sua apropriação por agentes suspeitos de disseminá-la”.

Por outro lado, a “desordem informacional”, segundo Wardle, teria três tipos de ocorrência: desinformação (informações falsas/inventadas, criadas com o propósito de causar dano), informação incorreta (informação falsa, mas que não foi criada para causar dano) e mal-informação (informação verdadeira, mas veiculada de forma descontextualizada ou apenas para causar dano). (*apud* Müzzel, 2020, p. 26)

Entre o conteúdo do *WhatsApp* analisado por Müzzel (2020, p. 84), 71% dos casos eram de desinformação, ou seja, informações deliberadamente falsas, o que corrobora com a sensação de insegurança e o caráter de alerta para os usos que são feitos da rede, que tem o potencial de compartilhar um grande volume de informações com muitas pessoas ao mesmo tempo.

Figura 51 - Resenha 17 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★☆  minha estante

spoiler [visualizar](#)

17/01/2023

O Grande Irmão está te observando

Nesse livro, George Orwell narra uma distopia baseada nos regimes totalitários que ocorreram na Europa na primeira metade do século XX. A narrativa foca no personagem Winston Smith, cidadão da Oceania ? uma das três potências citadas no livro ? e em como ele se sente vivendo numa sociedade onde a censura e o controle estatais são predominantes. Para além de uma história, a leitura nos permite interpretar como um governo ditatorial é sustentado. É nítida ao decorrer dos acontecimentos a importância das instituições sociais e das mídias para controlar o comportamento da população, bem como é imprescindível alienar as crianças para formar adultos obedientes e, assim, fazer a manutenção de uma sociedade passiva e ignorante. Sendo assim, para amantes das ciências humanas e políticas, 1984 é um livro muito interessante de ter na sua estante.

😊 gostei (1) 💬 comentários(0) ✍️ comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.

Acesso em: 30 nov. 2023.

Neste outro exemplo, a leitora considera que Orwell se baseou “nos regimes totalitários que ocorreram na Europa na primeira metade do século XX” para escrever “1984” (2009). Há, portanto, a aproximação da obra da realidade e das questões políticas da época em que o livro foi escrito (eixo 4).

Enfatizando a censura e o controle nas ditaduras, ela pontua como um dos agentes fundamentais para que isso ocorra a mídia, que contribuiria para “alienar” a população, até mesmo as crianças. Por isso, trata-se de um comentário relacionado à comunicação e suas tecnologias (eixo 5).

Por fim, a leitora considera a leitura interessante para “amantes das ciências humanas e políticas”, colocando em evidência, de novo, o caráter político da obra.

Figura 52 - Resenha 18 de “1984” (2009) no Skoob

★★★★★  minha estante

17/01/2023

Livro necessário
 É um livro extremamente necessário para os dias atuais, porque além de nos proporcionar uma boa leitura, também nos leva a refletir sobre as diversas ferramentas que são usadas para o autoritarismo (e nisso eu não irei especificar o que seria esse autoritarismo exatamente, tire suas próprias conclusões) por exemplo, a forma como o mal se apresenta como bem, a dominação da mente, onde a pessoa não pensa mas como indivíduo, mas agora em coletivo, assim como em 1984 onde o partido que é o cérebro da sociedade.

A realidade agora também não é mais externa, só existe na mente humana, ou seja, não adianta se a pessoa ver com seus próprios olhos a verdade que está diante dela, porque agora ela que cria a sua verdade na própria mente, no caso de 1984, o partido é quem dita a verdade, ele que é a mente das pessoas.

O domínio da língua também é uma peça chave para a dominação do ser, pois quanto mais você diminui a quantidade de palavras, tira seus significados e eliminar palavras indesejáveis, mais reduzirá a capacidade das pessoas pensarem e de se expressarem, fazendo com que elas não sejam mais capazes de se colocarem contra o partido.

Enfim, tem muito mais do que isso, recomendo bastante, tenho certeza de que a sua mente irá explodir ao ler essa belezinha. Eu passei a amar distopias por conta de 1984.

 gostei (4)  comentários (1)  comente

17/01/2023  minha estante
 Esse é ótimo!

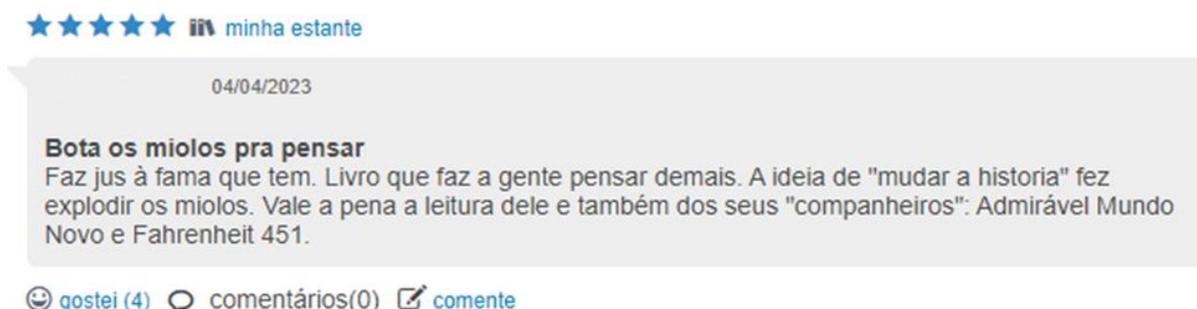
Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
 Acesso em: 30 nov. 2023.

Neste outro caso, a leitora mescla a apresentação da obra (eixo 1), com opiniões pessoais (eixo 2) durante boa parte da resenha. Utiliza a primeira pessoa do plural (“também nos leva a refletir”) e fala diretamente a outros usuários (“tenho certeza que sua mente irá explodir ao ler essa belezinha”).

A leitora afirma não querer especificar a que tipo de autorismo a obra se refere e propõe que o leitor que estiver lendo sua resenha “tire suas próprias conclusões”. Contudo, pontua aspectos que chamam sua atenção, entre esses pontos: “a dominação da mente”, a noção de “verdade” e o “domínio da língua”.

Nos últimos parágrafos, sua atenção recai sobre a comunicação e as suas tecnologias (eixo 5), já que é possível notar como o destaque da leitora às mudanças e imposições redutoras no idioma faz refletir acerca das limitações das formas de comunicação. Há, dessa forma, três dos cinco eixos de discussão propostos.

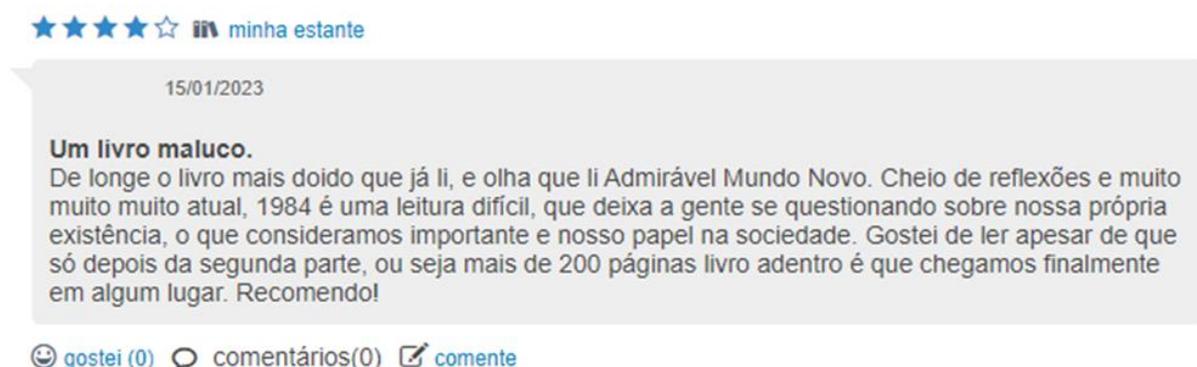
Figura 53 - Resenha 19 de “1984” (2009) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
Acesso em: 30 nov. 2023.

Assim como no caso de “Admirável Mundo Novo” (2014), há ainda exemplos de resenhas onde os três livros aqui estudados se relacionam. Segundo o gosto pessoal desta leitora (eixo 2), “o livro “faz jus à fama que tem”, fazendo refletir. Por isso, para ela, vale a pena a leitura de “1984” (2009) e de seus “companheiros”: “Admirável Mundo Novo” e “Fahrenheit 451”.

Figura 54 - Resenha 20 de “1984” (2009) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/941/edicao:412608>.
Acesso em: 30 nov. 2023.

Por fim, há aqui, novamente, a comparação da obra de Orwell com a de Huxley: “De longe o livro mais doido que li, e olha que já li Admirável Mundo Novo”.

A leitora centra-se em discorrer sobre seu gosto pessoal e experiência de leitura (eixo 2), considerando, bem como outros leitores, o livro “muito atual”, mas também “difícil” e extenso: “mais de 200 páginas livro adentro é que realmente chegamos em algum lugar”. Quando constata que passou a gostar do livro “só depois da segunda parte” faz menção à separação da narrativa em partes e, portanto, à forma de composição da obra (eixo 3).

Com os exemplos aqui elencados, percebe-se que o caráter político (eixo 4) de “1984” (2009) se sobressai em relação ao mesmo aspecto em “Admirável Mundo Novo” (2014), tornando-se tema de várias resenhas e questionamentos. Os leitores também ressaltam mais o cenário comunicacional da obra (eixo 5) em comparação com a sua predecessora, tendo em vista que a censura, a disseminação de notícias falsas e a alteração das mesmas são bastante evidenciadas e trazidas para a contemporaneidade. Este último eixo de discussão, em parte atrelado à censura, também é muito recorrente nas resenhas de “Fahrenheit 451” (2012).

4.3. Análise das resenhas de “Fahrenheit 451”

Até o dia 29 de novembro de 2023, 76.095 usuários do Skoob alegaram já ter lido a edição da “Biblioteca Azul” de “Fahrenheit 451” (2012), 6.304 marcaram o livro como “Favorito” e estavam registradas no Skoob 6.248 resenhas da obra³⁶. Além disso, 46.750 leitores avaliaram o livro, fazendo-o ficar com a média de 4.1 estrelas.

³⁶ Novamente, esta pesquisa selecionou a edição de “Fahrenheit 451” da “Biblioteca Azul” que primeiro apareceu através da ferramenta de busca.

Figura 55 - "Fahrenheit 451" (2012) no Skoob (continua)

skoob Busque por título, autor, editora, ISBN... Explorar

Fahrenheit 451

4.1 ★★★★☆ 46.750 avaliações

LERAM	LENDO	QUEREM LER	RELENDO	ABANDONOS	RESENHAS
76.095	4.620	71.424	80	1.407	6.248

Favoritos (6.304) Desejados (6.837) Trocam (85) Avaliaram (46.750)

Escrito após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1953, Fahrenheit 451, de Ray Bradbury, revolucionou a literatura com um texto que condena não só a opressão anti-intelectual nazista, mas principalmente o cenário dos anos 1950, revelando sua apreensão numa sociedade opressiva e comandada pelo autoritarismo do mundo pós-guerra. Agora, o título de Bradbury, que morreu recentemente, em 6 de junho de 2012, ganhou nova edição pela Biblioteca Azul, selo de alta literatura e clássicos da Globo Livros, e atualização para a nova ortografia.

[ver mais](#)

Fahrenheit 451
Ray Bradbury

Nenhuma oferta encontrada

ISBN-13: 9788525052247
ISBN-10: 8525052248
Ano: 2012 / Páginas: 216
Idioma: português
Editora: Biblioteca Azul

★★★★★ 5

Edições (22) [ver mais](#)

Similares (129) [ver mais](#)

(a)

skoob Busque por título, autor, editora, ISBN... Explorar

Lido +

Resenhas para Fahrenheit 451 (6.248) [ver mais](#)

Resenha ★★★★★ em 19/11/21

"Temos tudo o que precisamos para ser felizes, mas não somos felizes." Já pensou se você vivesse em uma sociedade onde você não poderia ler livros? Surreal não? É isso que temos em Fahrenheit 451 que me conquistou de uma maneira incrível. - Guy Montag é um bombeiro, mas não um desses que você conhece. No tempo em que ele vive (no futuro) bombeiros tem a função de queimar e destruir todos os livros ainda existentes. Montag vive até então uma vida tranquila e normal, casado com Mildr... [leia mais](#)

Videos Fahrenheit 451 (33) [ver mais](#)

Resenha Fahrenheit 451 - Ray Bradbury

FAHRENHEIT 451

BIENAL DO LIVRO RIO: vlog, dicas e o que eu c

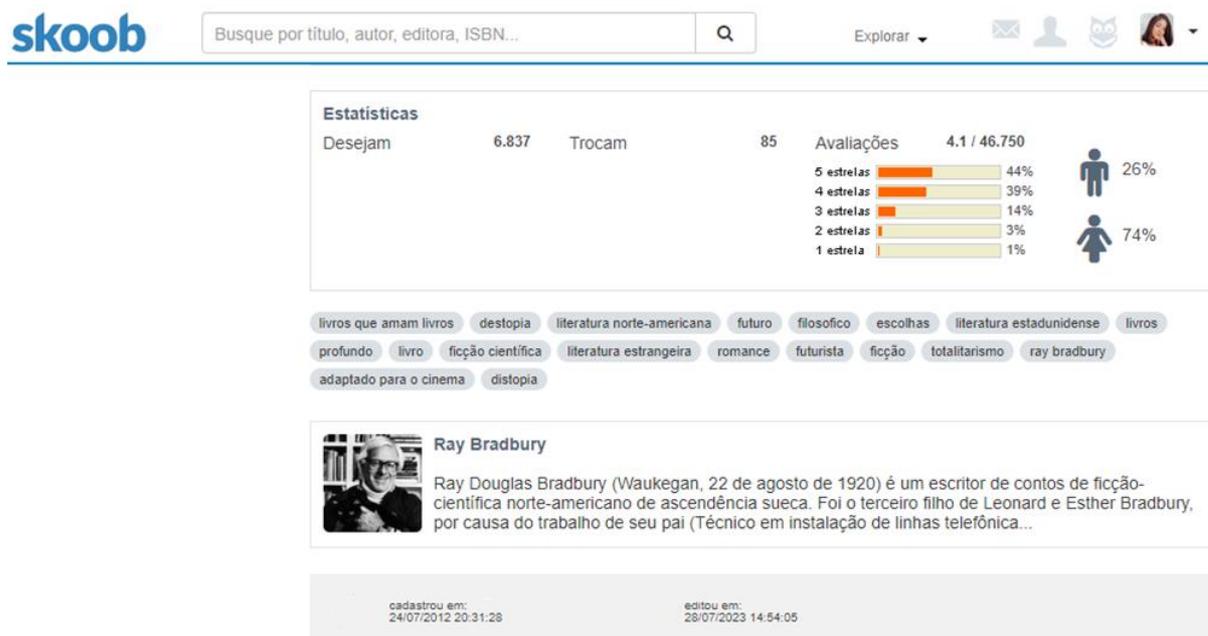
MINHA VIDA DE LEITORA (HÁBITO DA LEITURA) | P

Estatísticas

Desejam	6.837	Trocam	85	Avaliações	4.1 / 46.750	26%
---------	-------	--------	----	------------	--------------	-----

(b)

Figura 55 - “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob (conclusão)



(c)

Legenda: Primeira (a), segunda (b) e terceira parte (c) da página do livro “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob para navegador. Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/136ED284939>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Assim como nos casos anteriores, a página do livro mostra os dados numéricos, a sinopse e as informações da edição, além de relacionar outras edições do livro e títulos similares. Novamente, é possível constatar que “Admirável Mundo Novo” e “1984” constam entre esses títulos. Ademais, há o espaço dedicado às resenhas e aos vídeos sobre a obra, bem como as estatísticas acerca de quais e quantos usuários desejam ou trocam o seu exemplar, as avaliações e a porcentagem de leitores de cada gênero que concluíram a leitura. Ao final, é possível ver, ainda, as palavras-chave relacionadas ao livro (“livros que amam livros”, “destopia”, “literatura norte-americana”, etc.) e uma biografia do autor. A edição enfocada foi cadastrada na plataforma em 2012, logo, esses registros têm início nessa época.

Figura 56 - Resenha 1 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★★★★☆  minha estante

22/05/2023

Liberdade de expressão, a manipulação da informação, o conformismo e a alienação da sociedade moderna.

"Fahrenheit 451" é um romance distópico escrito pelo autor norte-americano Ray Bradbury. Publicado em 1953, o livro se passa em um futuro sombrio e apresenta uma crítica à censura, à manipulação da informação e à falta de valorização da literatura e do pensamento crítico.

A história se passa em uma sociedade totalitária onde os livros são proibidos e queimados pelo Corpo de Bombeiros, que tem como função principal a supressão de qualquer forma de conhecimento considerada perigosa pelo governo. O protagonista, Guy Montag, é um bombeiro que, inicialmente, é um fiel executor dessa tarefa de queimar livros.

No entanto, à medida que Montag se envolve com sua nova vizinha, Clarisse, uma jovem questionadora, ele começa a despertar para a importância da literatura e do pensamento crítico. Influenciado por Clarisse e por um grupo de pessoas que se rebelam contra a sociedade opressiva, Montag se torna cada vez mais desiludido com seu papel como bombeiro e decide lutar contra o sistema.

"Fahrenheit 451" aborda temas como a liberdade de expressão, a manipulação da informação, o conformismo e a alienação da sociedade moderna. O livro também critica a superficialidade e a falta de conexão humana em uma era de avanços tecnológicos. O título do livro refere-se à temperatura em que o papel entra em combustão espontânea, simbolizando a destruição da literatura e do conhecimento.

A obra de Ray Bradbury é conhecida por sua prosa poética e pelas imagens vívidas que evoca. "Fahrenheit 451" alerta sobre os perigos de uma sociedade onde o acesso à informação e à literatura é controlado e restrito. O livro continua sendo uma obra influente no gênero distópico, lembrando aos leitores a importância da liberdade intelectual, do pensamento crítico e da preservação do conhecimento.

😊 gostei (0) 💬 comentários(0) ✎ comente

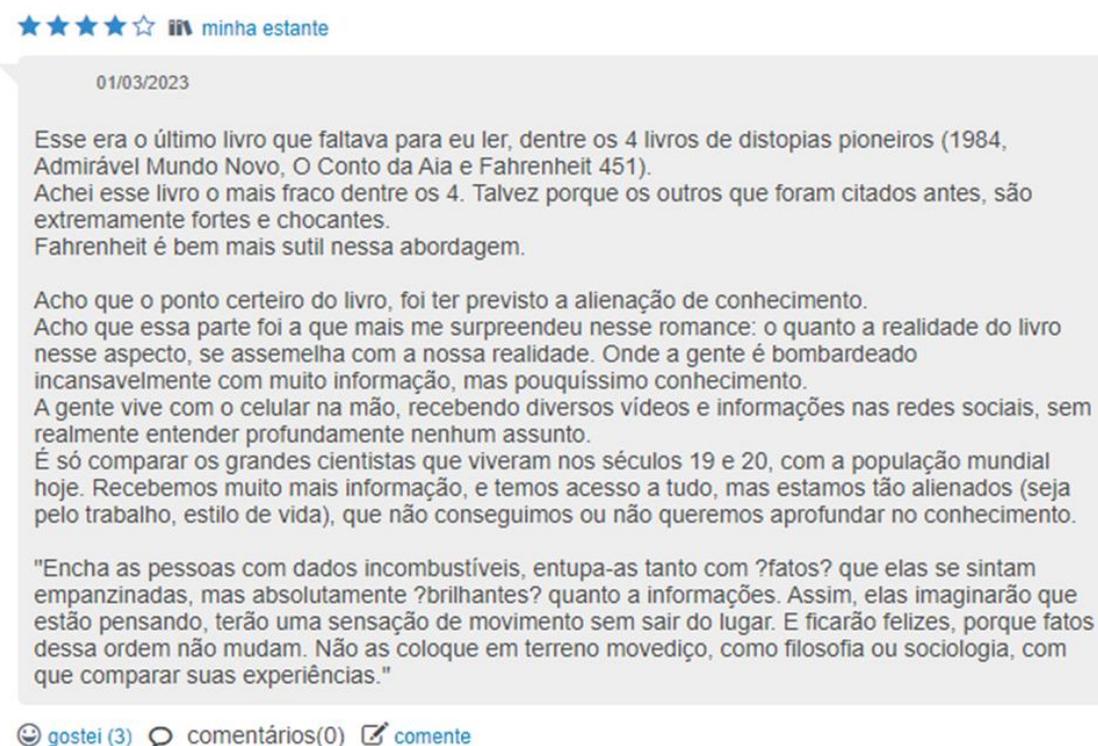
Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.
Acesso em: 12 dez. 2023.

Nesta resenha, o leitor apresenta a obra (eixo 1), descrevendo a função da distopia de descrever um “futuro sombrio”. Nos três primeiros parágrafos, ele discorre sobre o enredo e os personagens, destacando alguns acontecimentos da história, como o encontro do protagonista, Montag, com a personagem Clarisse.

Entre os pontos de enfoque levantados pelo leitor, nos dois últimos parágrafos, destacam-se: a “crítica à censura”, a “manipulação da informação”, a “falta de valorização da literatura” e da “liberdade de expressão”, “o conformismo e a alienação”, todos aspectos passíveis de serem relacionados à comunicação (eixo 5), sobretudo em uma era onde, segundo ele, as relações humanas são marcadas pela superficialidade, pela opressão e onde os avanços tecnológicos ganham propulsão. O leitor acredita que, ao trazer à reflexão o “acesso à informação”, o livro enfatiza a importância do “pensamento crítico e da preservação do

conhecimento”. Centra-se, portanto, em dois dos cinco eixos de discussão, e é mantido um tom bastante impessoal ao longo da resenha.

Figura 57 - Resenha 2 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Neste outro exemplo, a leitora perpassa por três eixos de discussão. Acerca da sua experiência de leitura (eixo 2), compara a obra de Bradbury com “1984”, “Admirável Mundo Novo” e “O Conto da Aia”³⁷, considerando “Fahrenheit 451” (2012) o mais sutil entre eles.

Ela enfatiza como ponto central a previsão da “alienação do conhecimento”. A partir disso, compara a obra com a realidade (eixo 4), principalmente por meio do contexto comunicacional atual (eixo 5): “Onde a gente é bombardeado incansavelmente com muita informação, mas pouquíssimo conhecimento. A gente vive com o celular na mão, recebendo diversos vídeos e informações nas redes sociais, sem realmente entender profundamente nenhum assunto.”

³⁷ Publicado pela primeira vez em 1985, “O Conto da Aia” (2017), da autora canadense Margaret Atwood, se passa num futuro próximo e tem como cenário a república de Gilead (que já foi Estados Unidos da América). Um lugar onde não existem jornais, revistas, livros ou filmes e as universidades foram extintas. Em um Estado teocrático e totalitário, as mulheres são as maiores vítimas, anuladas por uma opressão sem precedentes. O livro inspirou, inclusive, a série de televisão de mesmo nome, do canal *Hulu*.

Através dessa crítica ao uso frequente dos celulares e das redes, a leitora questiona a quantidade de informação a que temos acesso rapidamente, mas coloca em evidência, em contrapartida, a falta de aprofundamento e conhecimento, de fato, sobre os assuntos. Um exemplo recente de grande impacto é a pandemia da Covid-19. Diante do cenário de emergência de saúde e do volume de informações que circularam sobre a doença, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a utilizar o termo “infodemia”, “para designar *o excesso de informações, precisas ou não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa*”. (Freire *et al.*, 2021, p. 4066)

Tal cenário alimenta a “desordem informacional”, levantada por Müzzel (2020), e é um risco para a credibilidade e veracidade do que se noticia, o que dificulta o trabalho de jornalistas e o combate a doenças, como foi o caso da pandemia. Essa propagação de uma desordem informacional “pode ocorrer como um *viés de confirmação*, que leva os indivíduos a buscarem informações que ratifiquem as suas próprias crenças” (Freire *et al.*, 2021, p. 4066), e não a buscarem o que é, de fato, verdadeiro, ou mesmo irem a fundo no conhecimento de determinado assunto.

Ao fim da resenha, a leitora demonstra, mais uma vez, sua preocupação com esse aspecto e acrescenta uma citação da obra, que também diz respeito ao bombardeio de informações.

Figura 58 - Resenha 3 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★ ★ ★ ★ ☆  minha estante

01/03/2023

Escrito após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1953, Fahrenheit 451, de Ray Bradbury, revolucionou a literatura com um texto que condena não só a opressão anti-intelectual nazista, mas principalmente o cenário dos anos 1950, revelando sua apreensão numa sociedade opressiva e comandada pelo autoritarismo do mundo pós-guerra. Agora, o título de Bradbury, que morreu recentemente, em 6 de junho de 2012, ganhou nova edição pela Biblioteca Azul, selo de alta literatura e clássicos da Globo Livros, e atualização para a nova ortografia. A singularidade da obra de Bradbury, se comparada a outras distopias, como Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, ou 1984, de George Orwell, é perceber uma forma muito mais sutil de totalitarismo, uma que não se liga somente aos regimes que tomaram conta da Europa em meados do século passado. Trata-se da ? indústria cultural, a sociedade de consumo e seu corolário ético ? a moral do senso comum?, segundo as palavras do jornalista Manuel da Costa Pinto, que assina o prefácio da obra. Graças a esta percepção, Fahrenheit 451 continua uma narrativa atual, alvo de estudos e reflexões constantes. O livro descreve um governo totalitário, num futuro incerto, mas próximo, que proíbe qualquer livro ou tipo de leitura, prevendo que o povo possa ficar instruído e se rebelar contra o status quo. Tudo é controlado e as pessoas só têm conhecimento dos fatos por aparelhos de TVs instalados em suas casas ou em praças ao ar livre. A leitura deixou de ser meio para aquisição de conhecimento crítico e tornou-se tão instrumental quanto a vida dos cidadãos, suficiente apenas para que saibam ler manuais e operar aparelhos.

 gostei (0)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.

Acesso em: 12 dez. 2023.

Neste outro exemplo, todos os eixos de discussão propostos fazem-se presentes. Primeiramente, o leitor apresenta algumas características centrais da obra (eixo 1): governo totalitário, futuro incerto, proibição dos livros, leitura instrumental, sociedade de consumo, etc. Enquanto desenvolve esses aspectos, insere suas opiniões pessoais em relação à obra (eixo 2). Nesse sentido, compara “Fahrenheit 451” (2012) com os livros de Huxley e Orwell, destacando neste uma forma mais sutil de totalitarismo, não se ligando apenas aos regimes de governo europeus do século passado.

Além disso, faz menção à composição da obra (eixo 3), quando enfatiza o fato da edição da “Biblioteca Azul” ter sido lançada próxima à morte do autor e ainda cita o prefácio do jornalista Manuel da Costa Pinto, como aspectos característicos da edição em questão.

O leitor localiza a obra no tempo em que foi escrita, trazendo à tona a opressão anti-intelectual nazista, a Segunda Guerra Mundial e o autoritarismo do mundo pós-guerra, tópicos também suscitados no prefácio. Por isso, faz-se evidente o desenvolvimento de uma comparação com a realidade e questões políticas da época (eixo 4).

Por fim, quando pontua aspectos, como: “indústria cultural”, a predominância dos “aparelhos de TV” e o caráter “instrumental” dos livros e da leitura, dialoga com a comunicação (eixo 5). O tom da resenha é bem impessoal e, assim como os exemplos anteriores, é uma resenha mais longa.

Figura 59 - Resenha 4 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★★★★★  minha estante

spoiler [visualizar](#)
01/04/2023

Os bons escritores quase sempre tocam a vida?
 Esse foi um dos melhores livros que ja li na vida sem dúvida!! leitura super fluida não é cansativo e muito bem escrito, é um daqueles livros que todo mundo devia ler!
 a relação o mundo atual, o vício em telas e poucas são as pessoas que ainda querem ler hoje em dia (e nem sempre podem pelo valor abusivo dos livros que não para de aumentar)
 o jeito que os livros são odiados e temidos, e como querem que as pessoas apenas sentem sem pensar ou refletir, mas apenas se entreter onde eles tem tudo pra ser feliz e mesmo assim nem todos são porque tem algo faltando!
 a relação do montag com a Clarisse e como ela é diferente de todos e faz ele abrir a mente para o mundo e pensar em tudo é incrível! queria ter visto eles por mais tempo durante o livro fiquei com abalada com a morte dela porque amava a relação deles
 e como o livro mostra que apesar de tudo ainda gente que é diferente e não segue o mesmo ? padrão? dos outros, como o caso da mulher que preferiu ser queimado ao largar seus livros ou as pessoas que se escondem pelas florestas do resto mundo e decoram os livro para poder passar para as próximas gerações e tentar consertar esse enorme estrago! que final sensacional! que livro fascinante!

?Quanto mais poros, quanto mais detalhes de vida fielmente gravados por centímetro quadrado você conseguir captar numa folha de papel, mais ?literário? você será.
 Entende agora por que os livros são odiados e temidos? Eles mostram os poros no rosto da vida. Os que vivem no conforto querem apenas rostos com cara de lua de cera, sem poros nem pelos, inexpressivos. ?

 gostei (2)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.
 Acesso em: 12 dez. 2023.

Neste caso, há a presença de três dos cinco eixos de discussão. Referente ao seu gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura (eixo 2), a leitora elogia o livro, coloca-o entre seus favoritos e recomenda a leitura que, segundo ela, é “super fluida”: “daqueles livros que todo mundo devia ler!”.

Em seguida, faz um paralelo do livro de Bradbury com a realidade (eixo 4), enquanto comenta sobre aspectos da comunicação (eixo 5). A leitora relaciona o contexto da obra com o atual “vício em telas” e alega que “poucas são as pessoas que ainda querem ler”. De fato, segundo uma pesquisa do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), houve um aumento da frequência de adultos gastando três ou mais horas por dia em celular, computador ou tablet, considerado tempo prolongado, que passou de 19,9% para 25,5%, entre 2016 e 2021. Tal comportamento pode culminar em problemas para a saúde ocular e sedentarismo, bem como afetar as relações sociais. (Rocha, 2023)

Ademais, a leitora faz uma crítica ao “valor abusivo” dos livros, que também impede o acesso de algumas pessoas a eles. Chama a sua atenção, bem como no caso de outros leitores,

a relação do protagonista com a personagem Clarisse e a cena em que a mulher escolhe ser queimada com seus livros, cenas mencionadas já no prefácio desta edição. A leitora considera o final do livro “sensacional”, quando as pessoas que vivem nas florestas e se isolam da cidade decidem decorar os livros.

Ao fim, conclui a resenha trazendo citações da obra. Nesta resenha, o tom já é um pouco mais informal.

Figura 60 - Resenha 5 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★★★★☆  minha estante

27/02/2023

"Quantas vezes um homem pode afundar e continuar vivo?"
Publicado em 1953 mas facilmente poderia ter sido nos dias atuais, incrível.

Bombeiros que até então tem como dever socorrer e apagar fogos, em fahrenheit 451 não é bem assim que funciona. O único objetivo deles é fiscalizar quem possui livros em casa e queima-los, e se você quiser, eles te queimam junto, sem piedade.

O livro é muito bom, fácil de ler e consegui ter uma leitura fluída. Mas, teve partes que me encontrei confuso.

A morte de uma das personagens me deixou bem decepcionado porque além de passar em vão, ela foi um dos motivos da, até então, revolução acontecer. E não houve nem uma página sequer honrando ela.

O final achei bem vasto e estranho pois dá a entender que tem uma continuação, uma parte dois. Mas não tem.

Já lido esse livro e me pergunto uma coisa, será que num futuro próximo isso vai acontecer com a gente? Será que as telas irão nos dominar e os livros cada vez mais distanciados? Acredito que não, pois sempre haverá um Montag, uma Clarisse, um Faber...

 gostei (2)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>. Acesso em: 12 dez. 2023.

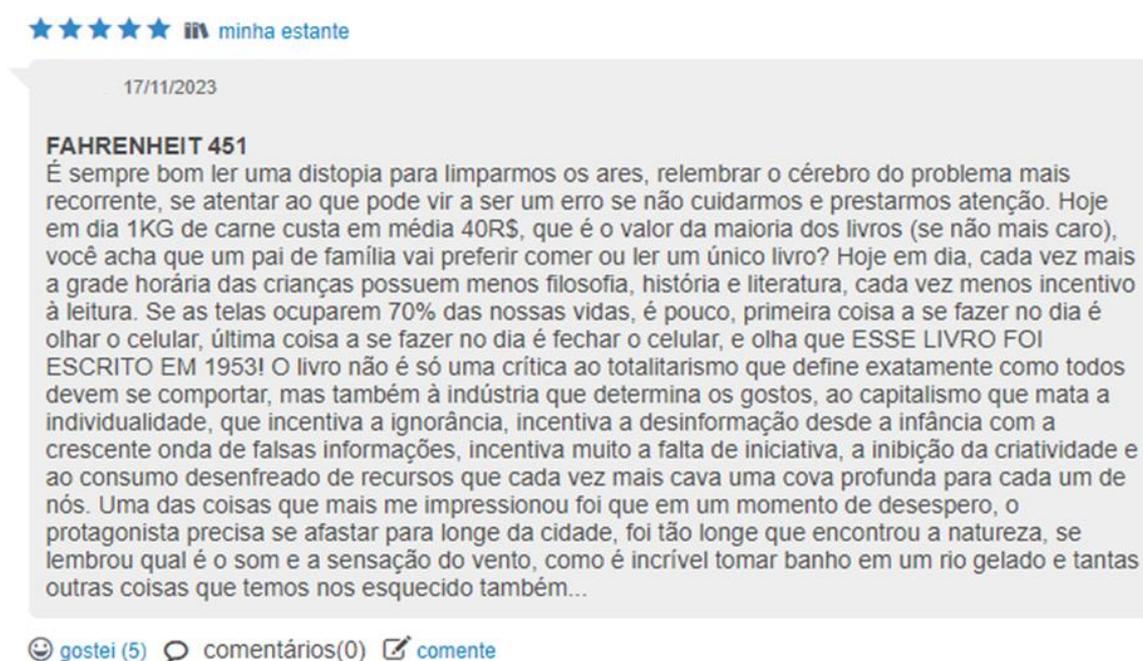
O leitor já inicia a resenha comparando o livro com a realidade (eixo 4): “Publicado em 1953 mas facilmente poderia ter sido nos dias atuais, incrível”. Em seguida, discorre sobre aspectos gerais da obra (eixo 1), sobretudo a função dos bombeiros de queimar livros.

A partir disso, expõe sua opinião pessoal (eixo 2), considerando o livro “fácil de ler”, embora com partes onde se encontrou “confuso”. Questiona, então, a morte de uma das personagens e diz ter se decepcionado com isso. Tal fato, como já mencionado, é trazido à tona pelo próprio Bradbury, e está presente no posfácio escrito pelo autor, que reconhecia o apreço dos leitores pela personagem em questão.

Além do mais, o leitor explica ter achado o final vasto, dando a entender que haveria uma continuação e, já que não há, causa estranheza.

Por fim, destaca a atualidade da obra e se pergunta: “será que num futuro próximo isso vai acontecer com a gente? Será que as telas irão nos dominar e os livros cada vez mais distanciados?”, o que remete à realidade (eixo 4) e ao uso dos meios de comunicação (eixo 5). Mas, logo responde: “Acredito que não, pois sempre haverá um Montag, uma Clarisse, um Faber...”, ou seja, pessoas resistindo ao sistema imposto. O final da resenha mostra o otimismo com o qual o leitor encarou o final da obra, considerando que sempre haverá alguém para questionar o estado das coisas. O impacto positivo do final aparece também na resenha anterior e nos permite pensar neste como o final mais positivo entre as distopias aqui estudadas.

Figura 61 - Resenha 6 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.

Acesso em: 12 dez. 2023.

Esta resenha se inicia pela ênfase na importância do gênero “distopia” ao “se atentar ao que pode vir a ser um erro se não cuidarmos e prestarmos atenção”. Por isso, a leitora aproxima a obra da realidade brasileira (eixo 4), através das seguinte constatação: “Hoje em dia 1KG de carne custa em média 40R\$, que é o valor da maioria dos livros (se não mais caro), você acha que um pai de família vai preferir comer ou ler um único livro?”. Assim, coloca em questão as disparidades sociais e econômicas do país, que trazem empecilhos ao acesso a livros.

Segundo o “Painel do Varejo do Livro”, pesquisa realizada pela *Nielsen Book* e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livro (SNEL), a venda de livros caiu 8,9% no sétimo

período de 2023 (de 19/6 a 16/7) em comparação com o mesmo período do ano de 2022. Além disso, o preço médio do livro subiu 7,75%: de R\$39,55 para R\$42,62 (Gabriel, 2023). Tal fato corrobora com a crítica trazida pela leitora e ilustra como o acesso ao livro é dificultado por questões socioeconômicas no Brasil.

A leitora acrescenta ainda mais uma problemática atual do país (eixo 4): “Hoje em dia, cada vez mais a grade horária das crianças possuem menos filosofia, história e literatura, cada vez menos incentivo à leitura”. Acerca desse aspecto, ela faz referência às mudanças curriculares ocorridas nas escolas brasileiras, sobretudo nos últimos anos da educação básica.

Desde 2022, foi instituído um novo modelo obrigatório em todas as escolas públicas e privadas do país: o Novo Ensino Médio. Além do aumento da carga horária, uma das mudanças é que as disciplinas tradicionais passaram a ser agrupadas em áreas do conhecimento (linguagens, matemática, ciências da natureza e ciências humanas). Assim, não só os estudantes podem escolher as áreas (ou “itinerários formativos”) em que irão se aprofundar, mas as redes de ensino têm a liberdade de distribuir a carga horária dessas áreas. (Santos; Tenente; Calgaro, 2023).

A mudança divide opiniões e é alvo de debates muito antes de sua implementação, tendo em vista as desigualdades sociais do país e, conseqüentemente, dos estudantes brasileiros, bem como as dificuldades de infraestrutura de algumas escolas e a precarização do trabalho dos professores, ainda que tenha como objetivo tornar esta etapa da formação mais atrativa aos alunos e direcionada aos seus interesses.

Em relação ao aspecto ressaltado pela leitora, no caso, o ensino das Ciências Humanas e Sociais (Filosofia, Geografia, História e Sociologia), é interessante notar que se tratam de áreas de caráter mais teórico, onde o volume de leituras é mais extenso. Com a divisão dos conhecimentos em itinerários, é possível que esta área ocupe um lugar secundário na formação dos cidadãos, tendo em vista que os conhecimentos de tais áreas “estiveram/estão a disposição de diferentes interesses de classe. Por isso, nem sempre estiveram contemplados ou ocuparam lugares de destaque nas matrizes curriculares da educação básica.” (Simões, 2017, p. 48)

Segundo Simões (2017), tais mudanças apresentam a tendência a construir uma educação aos moldes empresariais-neoliberais, o que poderia inibir o potencial das Ciências Humanas “de elevar a compreensão dos sujeitos da aprendizagem acerca do tecido social de que fazem parte” (Simões, 2017, p. 50-51). Por tal caráter de reflexão crítica e entendimento social, a área das Ciências Humanas teria os atributos necessários para formar os estudantes enquanto sujeitos e cidadãos, para além de uma formação técnica e focada apenas no mercado de trabalho. Tal direcionamento técnico e prático, criticado pelos que não apoiam o novo

modelo de ensino, pode ser ilustrado, inclusive, pela presença dos manuais e livros de regras como as únicas práticas de leitura permitidas e incentivadas em “Fahrenheit 451” (2012).

Além desses aspectos, a leitora passa a destacar suas opiniões pessoais (eixo 2) ao enfatizar o caráter de crítica ao totalitarismo, à indústria “que determina os gostos” e ao capitalismo, como fatores determinantes para a sua experiência de leitura da obra. É interessante que todos os aspectos da história que a leitora ressalta, ela o faz em comparação com a realidade atual.

Acerca do eixo 5 (Comentários relacionados à comunicação e suas tecnologias), a leitora comenta: “Se as telas ocuparem 70% das nossas vidas, é pouco, primeira coisa a se fazer no dia é olhar o celular, última coisa a se fazer no dia é fechar o celular”. Aqui, ela deixa clara sua preocupação em relação ao tempo que passamos em frente às telas, bem como outros leitores. Por isso, salienta repetidamente a atualidade da obra: “e olha que ESSE LIVRO FOI ESCRITO EM 1953!”.

Referente à comunicação, pontua ainda como temática relevante a “desinformação” e a crescente onda de “falsas informações”. Nota-se que tais questões são destacadas também pelos leitores de “1984” (2009).

Figura 62 - Resenha 7 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★ ★ ☆ ☆ ☆ 📖 minha estante

03/04/2023

Não gostei

Fui obrigada a ler pela escola e não gostei demorei um mês inteiro, pq ia ler um livro meu e pensava: e aquele livro da escola??

Acho que faltou inovação e achei q era um livro super fácil de entender, mas tem que ser muito criativo para entender KKKK

A história em si parece legal, mas na hora de ler fica chato e repetitivo? enfim não foi para mim?

😊 gostei (4) 💬 comentários(0) ✍️ comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.

Acesso em: 12 dez. 2023.

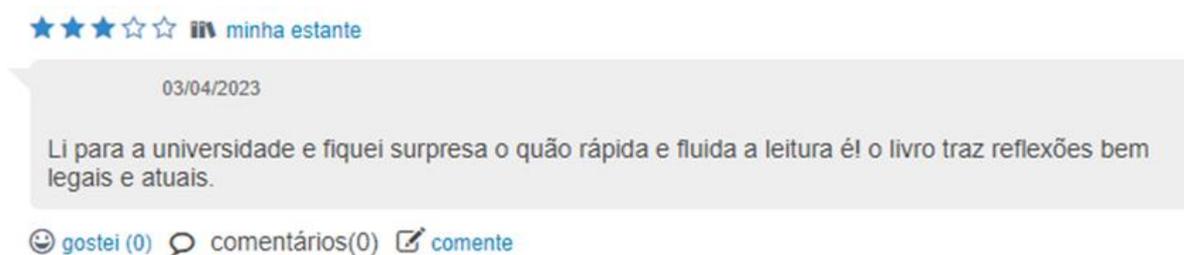
Nesta resenha, a leitora ressalta, como aspecto relevante na sua experiência de leitura (eixo 2), a obrigatoriedade de ler o livro, por ter sido indicado pela escola. Tal relação com o texto trouxe outro olhar sobre a leitura, o que se pode ver pela forma como ela diferencia, nas suas palavras, a experiência de “ler um livro meu” e ler um “livro da escola”. Assim, há uma certa impessoalidade na relação com a obra que não a cativa, já que a “história em si parece legal, mas na hora de ler fica chato e repetitivo”.

Essa “obrigatoriedade” imposta ao ato de ler é questionada por Michèle Petit (2019):

[...] o fato de que muitos pais e profissionais veem na leitura, antes de tudo, uma garantia antifraco ou um passaporte para a cidadania, tem efeitos perversos: essa atividade tornou-se uma obrigação, originando discursos de cunho moralizante sobre o fato de que ler é necessário ou, pior ainda, de que é necessário desejar ler. E as ladainhas sobre o fato de que os jovens “não leem mais” irritam os interessados, que veem nisso uma vontade de controle sobre seu suposto tempo livre, uma intrusão em seu universo. Dessa maneira, não é de espantar que, para uma parte cada vez maior deles, a leitura seja uma tarefa ingrata, à qual seria necessário submeter-se para satisfazer os adultos (Petit, 2019, p. 41-42).

Neste caso, a atividade de leitura torna-se uma “tarefa”, algo que caracteriza o livro de Bradbury na sua estante como um objeto externo: o livro não é dela, mas da escola. Por isso, apesar da leitora ressaltar sua vontade de ler outros livros, este simboliza uma certa intrusão nos seus hábitos de leitura, uma impossibilidade de escolha.

Figura 63 - Resenha 8 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Há casos, contudo, que o fato da leitura ser indicada pela instituição de ensino surte outro efeito. Neste exemplo, a leitura foi indicada pela universidade, dessa forma, espera-se uma faixa etária mais avançada que na resenha anterior, entre jovem e adulto.

Aqui, a leitora alega que a sua experiência de leitura (eixo 2) foi mais positiva. Ainda assim, tal fato causa certo espanto: “fiquei surpresa o quão rápida e fluida a leitura é!”, mostrando, mais uma vez, como a relação com o texto lido se diferencia nos casos em que há uma obrigatoriedade no ambiente escolar e acadêmico. Sabemos, contudo, que tais ambientes exercem um papel importante no incentivo à leitura, tendo em vista que esse hábito é, em boa parte, introduzido pela escola.

A 5ª Edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019) aponta que, entre leitores de literatura, 38% leram o último livro de literatura por gosto. Ademais, entre os lugares em que os leitores afirmam costumar ler, “Casa” aparece em primeiro lugar, concentrando 82% das respostas, mas “Sala de aula” aparece logo em seguida, com 23%. Apesar da diferença notável,

há aí, ainda, uma complementaridade entre esses dois ambientes, onde a leitura apresenta-se, por um lado, como individual e privada, mas, por outro, coletiva, ao também se fazer presente no ambiente escolar.

Por tal razão, Petit (2010) chama atenção para o fato de que a relação do leitor com o livro precisa ser instigada de maneira que se dê com liberdade e autonomia e o leitor seja visto como sujeito:

De fato, para “encontrar vida nas palavras”, é preciso “estar com livros sem pudores” [...] esses objetos não podem constituir um monumento intimidador, enfadonho. Se o adulto impõe à criança o comportamento que ela deve ter, o bom jeito de ler, se ela se submete passivamente à autoridade de um texto, encarando-o como algo que lhe é imposto e sobre o que ela deve prestar contas, são poucas as chances de o livro entrar na experiência dela, na sua voz, no seu pensamento. Apropriar-se efetivamente de um texto pressupõe que a pessoa tenha tido contato com alguém — uma pessoa próxima para quem os livros são familiares, ou um professor, um bibliotecário, um fomentador de leitura, um amigo — que já fez com que contos, romances, ensaios, poemas, palavras agrupadas de maneira estética, inabitual, entrassem na sua própria experiência e que soube apresentar esses objetos sem esquecer isso. Alguém que desconstruiu o monumento, fazendo com que encontrasse uma voz singular. (Petit, 2010, p. 47-48)

Baseando-se nisso, é interessante o papel que a autora atribui a quem apresenta ou aproxima o indivíduo da leitura de introduzir o objeto livro enquanto objeto de intimidade, que constitui e constrói uma “voz singular”, e não um “monumento” distante. É por isso que a liberdade de escolha e a relação de pertencimento que aparecem nos relatos das leitoras anteriores questionam esse lugar de que ler é obrigatório, pois é, antes de tudo, apropriação e relação direta entre leitor e livro.

Voltando à resenha, é importante ressaltar ainda, que, apesar de ser uma resenha curta e objetiva, a leitora abrange ainda mais um eixo de discussão, já que pontua que as reflexões trazidas pelo livro são “atuais” (eixo 4).

Figura 64 - Resenha 9 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★★★★★  minha estante

21/01/2023

Bombeiros que ao invés de apagarem incêndios, os criam e para apagar qualquer sinal e rastro de cultura.

Inspirado pelos eventos de 10 de maio de 1933 em Berlim em que nazistas, como parte da disseminação de uma doutrina de alienação de massas, queimaram livros em praça pública. Bibliotecas foram destruídas. Não é tratado no livro, como a população chegou de fato querer o que quis, o que se sabe é que as mudanças ocorreram por vontade popular, assim como o nazismo acendeu como um ato de vontade popular, não de toda claro, mas de uma parcela considerável da população alemã da época.

Junto com Admirável Mundo Novo e 1984, é um dos três grandes do subgênero “distopia”.

 gostei (3)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.

Acesso em: 12 dez. 2023.

Nesta outra resenha, o leitor faz um pequeno resumo da trama (eixo 1) nas duas primeiras linhas, destacando como eixo principal da história o papel dos bombeiros de queimar livros. Em consonância com isso, compara esse cenário às queimas de livros em praças públicas na Alemanha nazista, aproximando o livro da realidade histórica (eixo 4). Tal fato é abordado logo no prefácio desta edição da obra. O que chama a atenção do leitor, todavia, é o fato de parte da população da cidade de “Fahrenheit 451” querer e concordar com essa prática, bem como parte da população alemã na época.

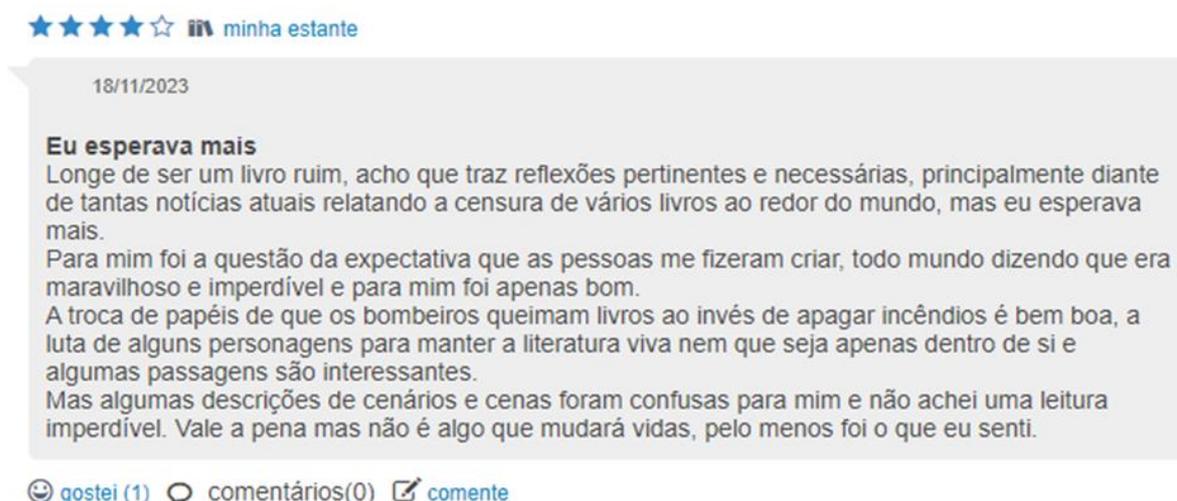
Esse tópico é interessante para se pensar no poder do uso da cultura e da já mencionada “indústria cultural” para propagar certos ideais dominantes, ainda que estes signifiquem a perda de liberdades e a limitação do acesso a outros bens culturais que refletem visões dissonantes e diversas, ou seja, ainda que se queimem livros, como ocorreu na propagação do nazismo na Alemanha. Chartier (1998) reconhece que a perseguição aos livros é ato recorrente ao longo da história:

A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem. Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e à interdição dos textos tidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas. Esta “apropriação penal” dos discursos, segundo a expressão de Michel Foucault, justificou por muito tempo a destruição dos livros e a condenação de seus autores, editores ou leitores. [...] A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual. Dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com freqüência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas idéias. (Chartier, 1998, p. 23)

É possível, contudo, que suas mensagens resistam às violências, como é o caso da memorização dos livros pelos homens-livros na distopia de Bradbury.

Além disso, acerca do seu gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura (eixo 2), mais uma vez, há na resenha o destaque para a relação entre “1984”, “Admirável Mundo Novo” e “Fahrenheit 451” como três grandes nomes da distopia. Há, portanto, três eixos de discussão.

Figura 65 - Resenha 10 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.
 Acesso em: 12 dez. 2023.

Neste exemplo, o leitor discorre sobre sua experiência de leitura (eixo 2) e confessa que “esperava mais” do livro, diante de toda expectativa criada a partir do contato com outros leitores que elogiaram a obra. Apesar de considerar interessante a inversão de papéis dos bombeiros e a luta em prol da preservação da literatura, considera algumas descrições de cenários e cenas “confusas” e, portanto, não acha uma leitura “imperdível”. Apesar das suas ressalvas, finaliza a resenha afirmando “pelo menos foi o que eu senti”, o que evidencia a ideia de que há leituras e experiências particulares a cada leitor, o que ele reconhece.

Mais dois eixos de discussão são incluídos no seu relato: Comparação com a realidade e questões políticas (eixo 4) e Comentários relacionados à comunicação e suas tecnologias (eixo 5). Entre os pontos que considera que tornam o livro relevante, enfatiza a reflexão acerca da censura, tema ainda atual, “principalmente diante de tantas notícias atuais relatando a censura de vários livros ao redor do mundo”.

Assim, é interessante mencionar que as práticas de censura não se restringem ao período da Inquisição ou das fogueiras nazistas, mas há, ainda hoje, casos de restrição das práticas de leitura.

Um relatório da *PEN America* (2022), uma organização voltada para a defesa da literatura, dos direitos humanos e da liberdade de expressão nos Estados Unidos e no mundo, divulgou o relatório *Index of School Book Bans* (Índice de Proibições de Livros Escolares). Os dados foram coletados de julho de 2021 a março de 2022, um período de nove meses, e contabilizam uma lista com 1.586 ocorrências de livros individuais sendo banidos nas escolas estadunidenses.

Entre os livros contabilizados no Índice, destacam-se: livros sobre raça, temáticas LGBTQIA+, sobre sexualidade e educação sexual, além de livros de História, biografias, e livros sobre direitos e ativismo. Há, inclusive, casos envolvendo livros de distopia. O livro “O Conto da Aia”, de Margaret Atwood, por exemplo, foi banido em Leander, no Texas, assim como “Admirável Mundo Novo” estava entre os cinco livros removidos de circulação em bibliotecas, salas de aula e restritos em aulas de inglês, na *Bristow Public Schools*, em Oklahoma. (Banned [...], 2022).

Tais casos não se restringem aos EUA, pois também acontecem no Brasil. Reimão, Nery e Maués (2023) realizaram uma pesquisa referente ao período de 2019 a 2022, durante o governo Bolsonaro, e levantaram casos de censura noticiados por jornais e revistas, entendendo por censura qualquer atividade que buscasse cercear a atividade de agentes do circuito de produção dos livros, proposto por Darnton (1990), de autores a livreiros e leitores. A pesquisa inclui desde vídeos propagados por autoridades do governo desincentivando a leitura de algum livro, até o veto da participação de editoras ou o cancelamento da participação de convidados em feiras do livro.

Há, portanto, casos como o de 5 de setembro de 2019, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, onde o então prefeito da cidade, Marcelo Crivella, tentou determinar que fossem recolhidos os exemplares de um livro de histórias em quadrinhos em que havia a ilustração de um beijo gay. Ou mesmo a proposta de reforma tributária de 2020, levantada pelo então ministro da Economia, Paulo Guedes, que intencionava taxar os livros que são isentos de tributos pela Constituição Federal de 1988, alegando que “só rico compra livro”. Ou, ainda, a tentativa de expurgo e remoção de títulos da biblioteca da Fundação Cultural Palmares, em 2021. Os pesquisadores ressaltam, todavia, os atos de resistência a essas práticas, essenciais na luta pela democracia.

Tais pesquisas corroboram o argumento do leitor de que essa não é uma prática restrita ao passado e, por isso, deve-se continuar atento aos possíveis ataques ao livre acesso a livros.

Figura 66 - Resenha 11 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★★★★★  minha estante

26/02/2023

Um livro muito bom, eu adorei os personagens, muito bem construídos. Se tornou uma das minhas distopias favoritas.

Não vou negar que no meio do livro eu desisti de ler, achava que estava tudo muito arrastado e deixei quieto por um tempo. Depois que voltei a ler, me questionei no porque eu não tinha terminado o livro ainda, me apeguei totalmente ao livro após esta pausa.

 gostei (1)  comentários(0)  comente

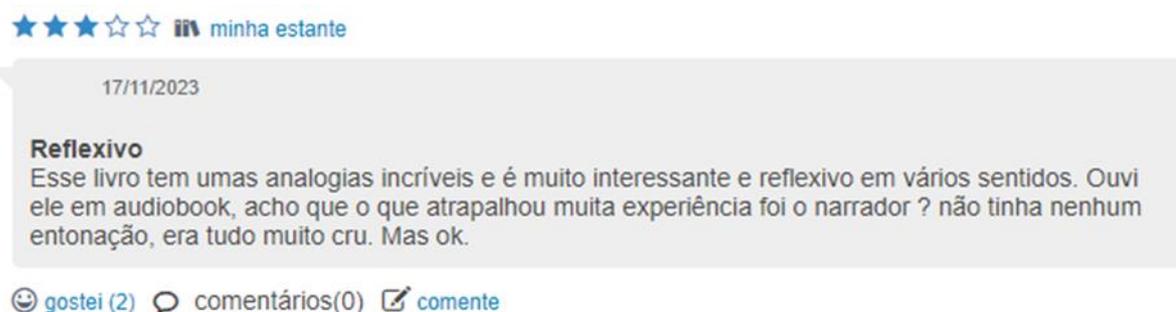
Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Neste outro caso, a leitora centra-se no seu gosto pessoal em relação à obra (eixo 2). Ela elogia os personagens e confessa que o livro se tornou um dos seus favoritos do gênero. Todavia, relata que fez uma pausa na leitura por um tempo (“estava tudo muito arrastado”) e, após retomar o livro, conseguiu se conectar melhor com a história e finalizar mais rápido (“me questionei no porquê eu não tinha terminado o livro ainda”).

Tal exemplo remete ao conceito de “leitura extensiva”, de Cavallo e Chartier (1998). Primeiramente, até a metade do séc. XVIII, havia o acesso a um *corpus* limitado de livros e, em consequência disso, a leitura, releitura, recitação e memorização dos textos, sobretudo textos religiosos, como a Bíblia, numa relação de sacralidade e reverência com o livro: uma prática de “leitura intensiva”. A partir da segunda metade do séc. XVIII, contudo, o leitor passa a consumir impressos numerosos, diferentes e efêmeros. Por isso, lê rápido, com avidez, de forma mais livre e irreverente, numa relação de intimidade com o objeto lido: uma prática de “leitura extensiva”.

Já que a leitora faz uma pausa e depois retoma a leitura, depreende-se que intercalou outras leituras com o livro de Bradbury, corroborando com a ideia de há, nas práticas dos leitores contemporâneos, o contato com muitos textos ao mesmo tempo, uma prática de “leitura extensiva”.

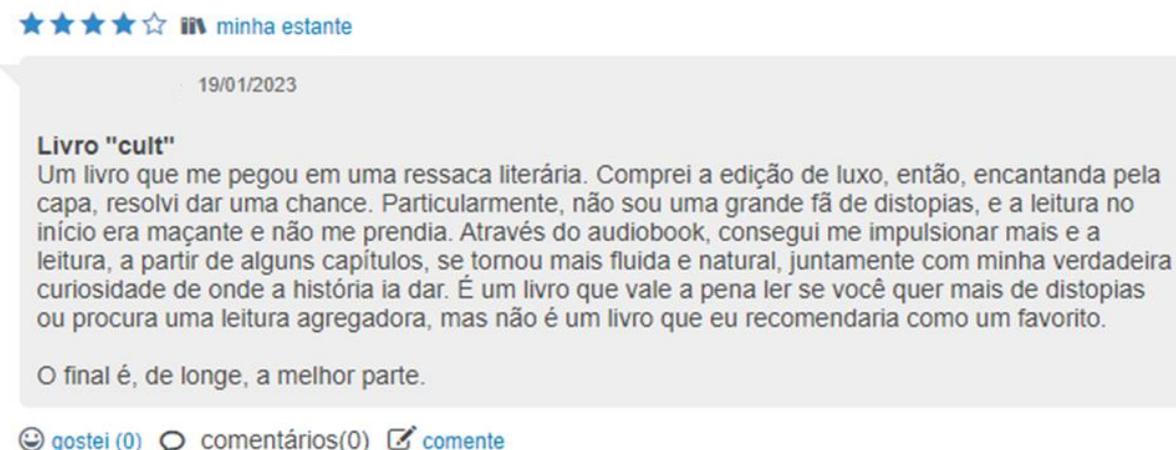
Figura 67 - Resenha 12 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.
Acesso em: 12 dez. 2023.

Nesta resenha, a leitora também foca na sua experiência particular de leitura (eixo 2). Há, então, mais um caso onde se alega ter ouvido o “audiobook” do livro. Assim, sua experiência de leitura é marcada pela presença do narrador que, segundo ela, não tinha “entonação” e, por conta disso, “era tudo muito cru”. Tal caso remete a outro eixo de discussão, acerca da composição da obra (eixo 3), e reflete outras dinâmicas na relação com a história, influenciando-a negativamente, já que, apesar de achar o livro “interessante e reflexivo”, a leitora acredita que a narração “atrapalhou” sua experiência.

Figura 68 - Resenha 13 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.
Acesso em: 12 dez. 2023.

Nesta outra resenha, referente ao gosto pessoal e experiência de leitura (eixo 2), é interessante observar que o leitor considera esse um livro “cult”, enfatizando seu lugar de impacto e destaque cultural.

Apesar de focar seus estudos no audiovisual, em especial nas telenovelas, Clarice Greco (2019, p. 15) explica que nas definições mais aceitas, “a expressão *cult* refere-se a obras com alto valor ritualístico ou nostálgico, de conteúdo inovador ou fora do padrão [...] que angariam fãs devotos e fiéis”. Camargo (2003) ressalta, ainda, que a expressão:

[...] “cult”, evoca, nesse termo, não apenas a palavra cultura, mas um certo campo de abrangência para a noção de cultura: insere-se num jargão contemporâneo e na vizinhança com a cultura de massa “elevada”, em que o termo “cult” abriga também a idéia de objeto de culto, cultuado (mais do que cultivado). Se pensarmos nas expressões usuais “cult movie” ou “cult fiction”, estaremos no campo desses produtos culturais que, mesmo pertencendo ao universo dos produtos geralmente classificados como cultura de massa, deles se diferenciam por alguma marca de distinção que, se não faz deles os mais festejados e promovidos pelo sistema da indústria cultural, garante-lhes uma permanência no tempo, uma apreciação diferenciada por grupos que os tomam como um certo objeto de culto, à margem do que ocupa o centro da cena e das atenções. É aquele tipo de produto que está ao mesmo tempo dentro e fora da moda, ou dentro e fora do “mainstream”. (Camargo, 2003, p. 101)

Trata-se, portanto, de uma expressão que atribui um lugar de “culto” para produtos culturais, sejam eles séries, filmes, telenovelas, ou mesmo livros. Tal lugar também é muito marcado nas resenhas das distopias aqui abarcadas em outras expressões, como: “atemporal”, “clássico”, “leitura obrigatória”, entre outros. Tal percepção de que esses seriam símbolos de uma cultura “elevada” traz debates e questionamentos acerca da hierarquização da cultura, mas é interessante perceber como essas percepções são incorporadas pelos leitores que, ainda que reconheçam a popularidade das obras, corroboram com a ideia de que estas estariam “dentro e fora do ‘mainstream’”.

O leitor explica, ainda, ter tido contato com o livro durante uma “ressaca literária”, termo comumente usado entre leitores para se referir a um período onde há um bloqueio e os leitores perdem o interesse ou não conseguem manter suas leituras, “geralmente acontece depois de um livro muito bom, ou muito ruim, mas também pode surgir por conta de outros aspectos da vida do leitor, como sobrecarga de atividades e momentos emocionalmente difíceis.” (Das Letras, 2023)

Por isso, há, novamente, a queixa de uma leitura “maçante” e o leitor conta ter intercalado a leitura do livro impresso (em sua edição de luxo) com o “audiobook”, unindo duas práticas de leitura, silenciosa e em voz alta, e duas materialidades e formas de composição do livro (eixo 3).

Apesar das dificuldades no prosseguimento, ressalta que a história despertou sua curiosidade, tornando-se “uma leitura agregadora”, ainda que não seja seu livro “favorito”. Nesse caso, portanto, diferentemente do anterior, o “audiobook” agregou fluidez ao seu contato com a obra e o leitor perpassa por dois eixos de discussão.

Figura 69 - Resenha 14 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★★★★☆  minha estante

13/01/2023

Fahrenheit 451 - para ler em fogo baixo

Difícilmente a leitura de um clássico é uma completa surpresa, porque a gente lê acompanhado de todos os discursos já proferidos sobre a obra. Por outro lado, um clássico só é clássico porque se renova e permanece relevante no tempo. Desta vez, a chama que brilhou para mim ao longo de toda a leitura foi a relação das personagens com o tempo. Sim, estão lá as telas, a “família”, as conchas acústicas e tudo o mais explodindo em fogos de artifício e reclamando a atenção da Mildred e dos leitores em geral. A identificação com o nosso próprio contexto de TikToks e Reels é instantânea, mas o que ardeu mesmo no meu coraçãozinho foi a lição de Faber: “Não é de livros que você precisa, é de algumas coisas que antigamente estavam nos livros.” (P. 96) Três coisas – ele explica – qualidade ou textura da informação, lazer, no sentido de tempo para refletir, e a possibilidade de agir de acordo com estes dois primeiros fatores.

A vida é sempre frenética enquanto Montag está na cidade, os carros explodem nas vias expressas, o trem pneumático voa nos trilhos subterrâneos, as vozes se atropelam na sala, o laranja é sempre febril. Falta às pessoas silêncio, tempo para caminhar, para conversar e para refletir, o tal lazer. Quando forçado a deixar esse espaço, Montag flutua de costas em um rio “suave e pachorrento”, “...afastando-se das pessoas que comiam sombras no café da manhã, vapores no almoço e gases no jantar. O rio era muito real; ele o sustinha e finalmente lhe concedia o tempo, o lazer, para pensar neste mês, neste ano e, em toda uma sucessão de anos.” (P. 156)

Toda em tons de amarelo, vermelho e preto, por vezes, a edição lindíssima da Globo me fez sentir que o livro queimava nas minhas próprias mãos. Apesar disso, penso que o comentário crítico de Neil Gaiman, anexo ao final, decifra a charada: Fahrenheit é ficção especulativa e, como tal, não é um livro sobre o futuro, é um livro sobre a extrapolação do presente, um livro preventivo. Para mim, ele interroga “E se a gente fosse mais devagar em 2023?” “E se apurássemos os sabores em uma temperatura mais branda desta vez?”. Para você, certamente haverá outro “E se...”, mas que seja uma leitura suave a pachorrenta, no tempo do rio. Amém!

 gostei (1)  comentários (2)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.

Acesso em: 12 dez. 2023.

Relativo ao seu gosto pessoal (eixo 2), a leitora começa a resenha com a seguinte ideia: “Difícilmente a leitura de um clássico é uma completa surpresa, porque a gente lê acompanhado de todos os discursos já proferidos sobre a obra. Por outro lado, um clássico só é clássico porque se renova e permanece relevante no tempo.” É interessante notar a consciência, por parte da leitora, de todos os contextos que influenciam sua interpretação da obra, com destaque para as novas leituras que podem ser feitas dela no presente.

Tal percepção corrobora com as ideias de Italo Calvino (1993, p. 11), para quem toda primeira leitura de um clássico é uma releitura, visto que este já ocupa um lugar no inconsciente coletivo ou individual. O lugar de “clássico” e “atemporal”, tão recorrente nas resenhas até aqui, está de acordo com as ideias do autor, visto que, para ele, um “clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Por isso, se mantém “relevante no tempo”, como bem disse a leitora.

Ademais, ela relaciona as tecnologias da comunicação contemporâneas com as retratadas na obra (eixo 5) e, assim, aproxima-a da realidade (eixo 4). Ao enfatizar a relação dos personagens com o tempo, modificada pela presença das “telas” e das “conchas acústicas”, ela compara tais tecnologias com a presença atual do *Tik Tok*³⁸ e do *Reels*³⁹, ambos voltados para vídeos curtos. Por conseguinte, fala do ritmo frenético do cotidiano na cidade e, ao longo da resenha, faz algumas citações, trazendo à tona também personagens como Mildred, Faber e Montag.

Ao final, destaca ainda o projeto gráfico e o texto do autor Neil Gaiman, presente na edição de luxo da obra: “Toda em tons de amarelo, vermelho e preto, por vezes, a edição lindíssima da Globo me fez sentir que o livro queimava nas minhas próprias mãos”. Esse trecho permite refletir sobre como a sensorialidade e o tato definem parte do contato com o livro físico, já que ficam claros no relato da leitora como os detalhes compõem seu imaginário sobre o que lê.

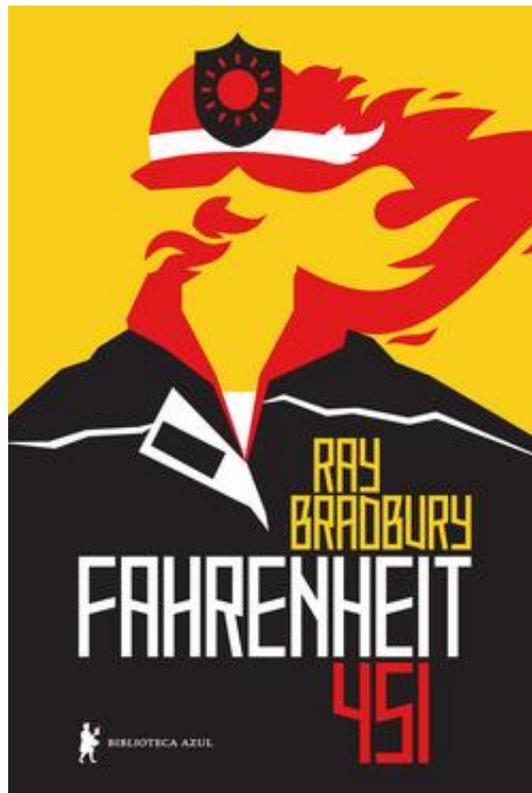
Assim como a resenha anterior, o destaque para a edição de luxo nos permite acrescentar mais um eixo de discussão, referente à composição da obra (eixo 3). Trata-se de outra edição da “Biblioteca Azul”, confeccionada em capa dura⁴⁰.

³⁸ Rede social de vídeos curtos. Saiba mais em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/05/como-funciona-o-tiktok-saiba-usar-o-aplicativo-de-videos.ghtml>. Acesso em: 01 abr. 2023.

³⁹ Muito semelhante ao *Tik Tok*, o *Reels* é uma ferramenta da rede social *Instagram* para o compartilhamento de vídeos curtos. Saiba mais em: <https://meunegocio.uol.com.br/blog/o-que-e-e-como-funciona-o-reels-do-instagram/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

⁴⁰ Disponível em: <https://globolivros.globo.com/livros/fahrenheit-451-edicao-especial>. Acesso em: 22 dez. 2023.

Figura 70 - Edição especial de “Fahrenheit 451”
(2020) pela “Biblioteca Azul”



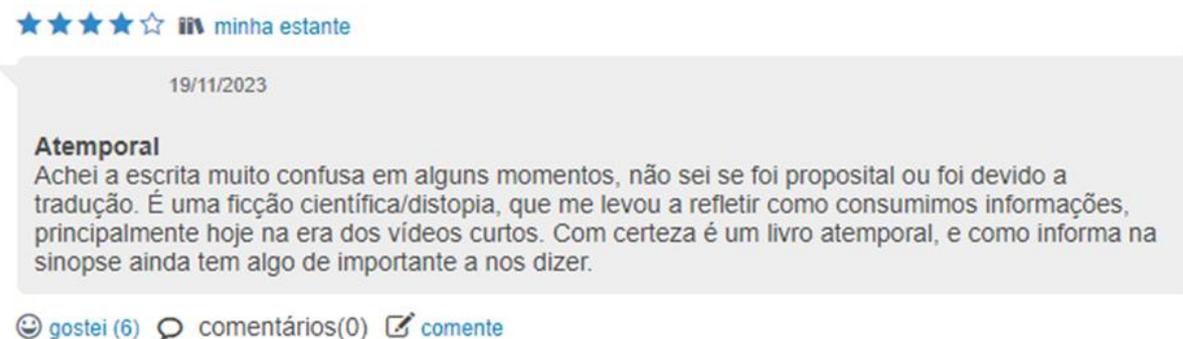
Fonte: Globo Livros.

Assim como ocorreu com “Admirável Mundo Novo”, a presença de uma edição de luxo da obra publicada pela mesma editora ilustra seu impacto e seu caráter mercadológico, corroborando com a ideia de “cult” expressa por Camargo (2003, p. 101): “É aquele tipo de produto que está ao mesmo tempo dentro e fora da moda, ou dentro e fora do ‘mainstream’”, questionador, mas vendável, possibilitando novas roupagens e edições e, assim, mais vendas.

Percebe-se, portanto, como a resenha da leitora é carregada de metáforas que advêm da história em si, mas também da arte gráfica desta edição de luxo, evidente em expressões, como: “a chama que brilhou para mim ao longo de toda leitura”.

Além disso, ela finaliza com a indagação: “E se a gente fosse mais devagar em 2023?”, o que aproxima novamente suas reflexões da realidade (eixo 4), totalizando, por fim, quatro eixos de discussão.

Figura 71 - Resenha 15 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

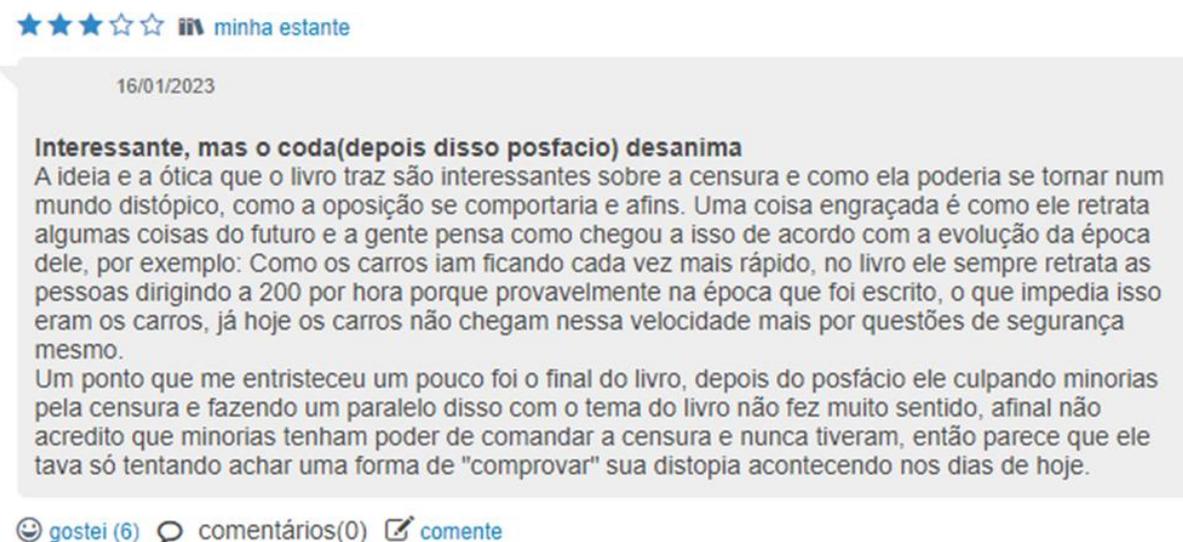


Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.
Acesso em: 12 dez. 2023.

Esta outra resenha perpassa por três eixos de discussão de forma mais sucinta. Sobre seu gosto pessoal em relação à obra (eixo 2), a leitora relata ter achado a escrita “muito confusa” em alguns momentos, alegando não saber se o fato se deu propositalmente ou pela questão da tradução. Esse último aspecto, inclusive, ilustra como ela se atenta ao processo editorial pelo qual passa uma obra estrangeira ao ser traduzida, nos remetendo à composição da obra (eixo 3).

A leitora trata a obra como uma ficção científica/distopia, alegando que a mesma a fez refletir sobre “como consumimos informações, principalmente hoje na era dos vídeos curtos”, aspectos que dizem respeito à comunicação (eixo 5). É interessante destacar, por fim, como assim como outros leitores, ela trata o livro como “atemporal”.

Figura 72 - Resenha 16 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.
Acesso em: 12 dez. 2023.

Neste outro exemplo, o leitor considera interessantes as reflexões que o livro traz sobre censura e futuro. Um aspecto que ele compara com a realidade (eixo 4) é a velocidade dos carros narrada na obra: “pessoas dirigindo a 200 por hora”. Para ele, hoje os carros só não chegam a tais níveis de velocidade mais por questões de segurança do que por questões tecnológicas.

Um fator que marcou sua experiência de leitura (eixo 2) diz respeito à composição da obra (eixo 3). O conteúdo presente ao final do romance (posfácio e Coda) tem tamanha relevância para o leitor que ele já trata disso logo no título. Ao final da resenha, retoma esse ponto fazendo uma crítica à visão do autor em relação às minorias, algo que o “entristeceu” e desanimou, tendo em vista que, como já foi abordado no segundo capítulo, o autor critica e mostra-se resistente aos comentários das minorias sobre a falta de personagens mulheres ou sobre o tratamento de personagens negros em sua obra, por exemplo. O autor considera isso uma forma de intervenção no seu trabalho.

Tendo ciência disso a partir do conteúdo complementar ao romance, o leitor afirma que não acredita que “minorias tenham poder de comandar a censura e nunca tiveram”.

Figura 73 - Resenha 17 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★★★★☆  minha estante

16/01/2023

Primeiro do ano

Curti muito a história e as provocações do livro, foi uma leitura cativante no geral, e iniciou o caminho que quero tomar nas leituras desse ano. Foi um livro bom o suficiente e político o bastante.

A nota do autor no final do livro é meio absurda ao meu ver, foi algo que quebrou demais a experiência de tudo que eu tinha lido, mas é isso, não passa de um livro bom. Faz pensar pra além das páginas.

😊 gostei (2) 💬 comentários(0) ✍️ comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.

Acesso em: 12 dez. 2023.

Nesta resenha, a leitora perpassa, de forma breve, por dois eixos de discussão. Acerca do seu gosto pessoal em relação à obra (eixo 2), afirma ser um bom livro, uma “leitura cativante”, um livro “bom o suficiente e político o bastante”.

No segundo parágrafo, seu comentário remete à composição da obra (eixo 3), pois a leitora faz uma crítica à nota do autor presente ao final do livro como algo que “quebrou” sua experiência de leitura, bem como no caso da resenha anterior. Ambos os exemplos, assim como

os questionamentos acerca do posicionamento de Orwell aqui destacados, ilustram como há possíveis tensões entre autor e leitor, levando em conta que os leitores se posicionam de forma ativa e crítica diante do que foi escrito, tendo como bagagem as reflexões e problemáticas de seu tempo.

Figura 74 - Resenha 18 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★★★★☆  minha estante

spoiler visualizar
23/01/2023

Altas expectativas e...

Confesso que, há uns meses atrás eu estava bem ansioso para lê-lo, mas conforme comecei a ler Fahrenheit 451, fui perdendo um pouco aquela chama; aquele gosto pela leitura. Não que essa ansiedade tenha sido inútil, mas no fim não me agradou conforme minhas expectativas.

Os personagens não me cativaram muito, principalmente o protagonista. Montag se mostrou monótono demais do início ao fim, apesar de ter tido um bom desenvolvimento; o único momento em que senti mais proximidade com o personagem, foi em meio a uma discussão entre ele e a Sra. Phelps, em que apresentou mais de sua "personalidade" (poderia chamar assim?); fui imensamente cativado ? infelizmente ? pela personagem mais incrível e marcante da obra, Clarisse, que teve seu fim trágico, mas bem trabalhado, e me deixou uma falta gigantesca ao longo do enredo; Faber foi maçante até certo ponto, devido ao seu "medo incondicional", mas depois de algumas páginas (lá pelas últimas) foi me ganhando; não tenho muito o que dizer de Beaty; e quanto aos demais, faltou mais construção para eles, principalmente para a esposa de Montag, Mildred, que, ao meu ver, agregou pouquíssimo ao enredo.

A escrita do autor me deixou desnorteado no início, mas me acostumei com o tempo e depois de umas 20 páginas fui compreendendo-o mais.

O final foi um tanto precoce (ao menos pra mim), mas também não esperava muito do que poderia ocorrer depois da fuga de Guy. Foi um desfecho bem fechadinho e, apesar de deixar muitas dúvidas a respeito dos personagens e da própria sociedade apresentada, me deixou contente.

Enfim, para aqueles que ficaram com esta lacuna de explicações, há, no posfácio, uma contribuição interessante do autor quanto aos personagens da obra, onde ele fala sobre uma peça teatral apresentada nos anos 50 que serviu de elucidação para muitos leitores, inclusive eu, pois parte do que faltou no livro, havia na apresentação.

 gostei (0)  comentários(0)  comente

Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.
Acesso em: 12 dez. 2023.

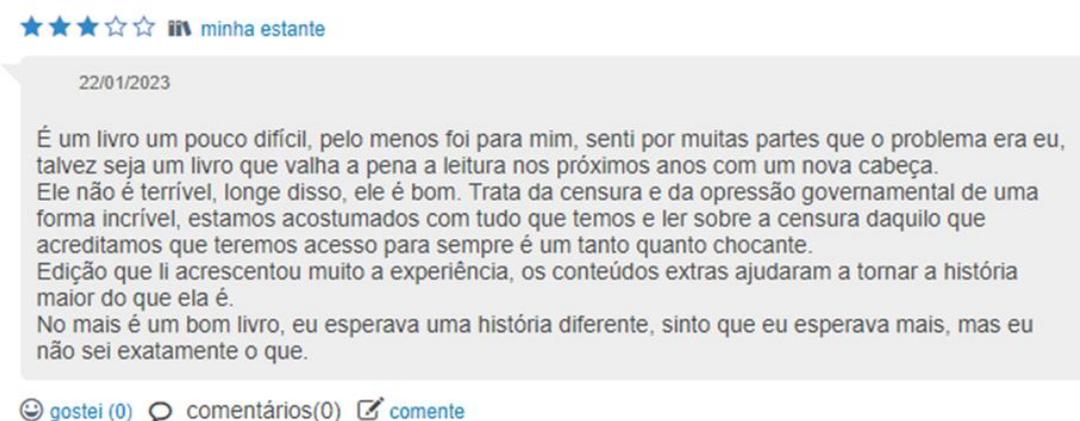
Neste outro exemplo, o leitor foca mais nas características dos personagens, suas expectativas e impressões sobre eles (eixo 2), tendo em vista que por estes não o cativarem muito, quebraram parte das suas expectativas. Ao afirmar “fui perdendo um pouco aquela chama; aquele gosto pela leitura”, o leitor ainda faz uma metáfora com o elemento “fogo” presente na trama e comumente utilizado como atribuidor de sentido ao livro nas resenhas.

Após discorrer longamente sobre os personagens, tece ainda mais críticas referentes ao ritmo da escrita, afirmando que esta o deixou desnorteado no início, mas que se adaptou ao longo da leitura, bem como críticas referente ao final, já que, para ele, há “lacunas de

explicações”. É possível perceber também, novamente, o apreço do leitor pela personagem Clarisse e sua decepção com seu “fim trágico”, muito recorrente nas resenhas aqui reunidas.

Além disso, o leitor faz menção à composição da obra (eixo 3), quando, ao final, chama atenção para os esclarecimentos que o posfácio traz sobre as escolhas do autor e a peça teatral derivada da obra, alegando que esta serviu de “elucidação” para muitos leitores, incluindo ele.

Figura 75 - Resenha 19 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Aqui, o leitor considera o livro “um pouco difícil”, influenciando na sua experiência de leitura (eixo 2). Por isso, fala das suas expectativas em relação à obra e diz que “talvez seja um livro que valha a pena a leitura nos próximos anos com uma nova cabeça”. Essa afirmação mostra como ele acredita que, a depender do momento da sua vida, pode-se fazer leituras diferentes do mesmo livro. Ademais, estabelece como tema central da trama a “censura” e a “opressão governamental”.

Ao final, é interessante notar o destaque dado aos “conteúdos extras”, que complementam a história e fazem com que o leitor elogie o trabalho da “Biblioteca Azul”: “Edição que eu li acrescentou muito a experiência” (eixo 3). Por fim, considera este um bom livro, ainda que tenha esperado mais.

Figura 76 - Resenha 20 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob

★★★★☆☆  minha estante

20/01/2023

Feroz
 “Entende agora por que os livros são odiados e temidos? Eles mostram os poros no rosto da vida.”

Neste clássico da literatura distópica acompanhamos um bombeiro que, num estado totalitarista, tem como função criar incêndios com a queima de livros e contribuir para alienação do povo com telas, drogas e isolamento. Com uma premissa interessante dessas não sei como não o li antes. Mas na verdade sou grata por tê-lo lido agora, talvez antes eu não estivesse pronta para digerir sua mensagem. Feroz. Foi o que ecoou em minha mente ao terminar a leitura. Não falo nem tanto do desenrolar da história em si, confesso, não me apeguei ao protagonista e fiquei entediada em alguns momentos, porém me refiro ao retrato da sociedade que é pintado e do quão palpável e assustadoramente verossímil ele poderia ser. O brutal deste livro são as pessoas comuns, tão cegas e afogadas em futilidade de forma a se tornarem desumanas. Nada mais importava, apenas estar o tempo todo sendo nutrido por um bombardeio de inutilidades a ponto de não se ter tempo útil para conversar uns com os outros, quiçá de pensar em qualquer coisa com algum tipo de profundidade. Atemporal e assustador.
 “Quantas vezes um homem pode afundar e ainda continuar vivo?”

 gostei (0)  comentários(0)  comente

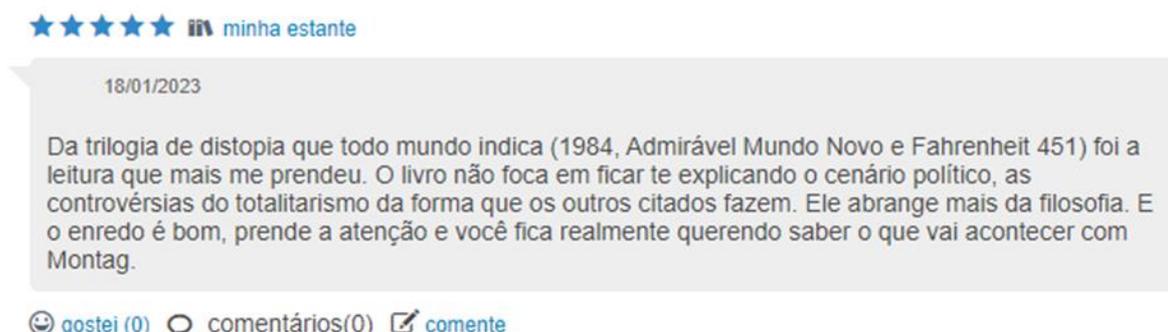
Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.
 Acesso em: 12 dez. 2023.

Neste exemplo, a leitora inicia e finaliza a resenha com citações da obra. No começo, faz uma espécie de apresentação da trama (eixo 1), inserindo em alguns momentos sua opinião acerca da sua experiência de leitura (eixo 2), em geral muito positiva, ainda que não tenha se apegado ao protagonista e tenha se entediado em alguns momentos: “Com uma premissa interessante dessas não como não o li antes”.

Para a leitora, o que chama a atenção na história é o retrato da sociedade, o “quão palpável e assustadoramente verossímil ele poderia ser”. Há, portanto, a comparação do livro com a realidade (eixo 4). Por conseguinte, ela destaca a função dos bombeiros com a queima de livros e aspectos, como: a “alienação do povo com telas, drogas e isolamento”. Como visto em outras resenhas, a presença das telas faz-se relevante, por isso é possível fazer um paralelo com a comunicação e suas tecnologias (eixo 5).

Tais questões, bem como a desumanização das pessoas comuns e a falta profundidade das relações sociais fazem com que a leitora defina o trabalho de Bradbury como “Atemporal e assustador”.

Figura 77 - Resenha 21 de “Fahrenheit 451” (2012) no Skoob



Fonte: Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/136/edicao:284939>.
Acesso em: 12 dez. 2023.

Nesta resenha, a leitora caracteriza sua experiência de leitura (eixo 2) a partir da relação entre “1984”, “Admirável Mundo Novo” e “Fahrenheit 451”, tratando estas como uma “trilogia”. Segundo ela, a obra de Bradbury foi a que mais a prendeu, e ela explica: “O livro não foca em ficar te explicando o cenário político, as controvérsias do totalitarismo” como os outros, ele “abrange mais da filosofia”.

Tal caráter político, de fato, faz-se mais evidente nas resenhas de “1984”, por exemplo. Assim, este é mais um exemplo de relato em que a relação entre as obras aqui enfocadas é determinante para quem lê, o que justifica parte das escolhas desta pesquisa ao trabalhar as três obras em conjunto.

Finalmente, a fim de recapitular o que foi analisado nesta dissertação, apresenta-se um resumo dos principais eixos de discussão/categorias e de alguns pontos de interesse elencados nas resenhas:

Tabela 2 - Resumo das resenhas de “Admirável Mundo Novo” (2014)

Resenha	Eixos de discussão/categorias
Resenha 1	<p>Eixo 1: Apresentação e aspectos gerais da obra (“soma”, prazer sexual, castas sociais);</p> <p>Eixo 2: Gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura (“atemporal”);</p> <p>Eixo 4: Comparação com a realidade e/ou questões políticas (busca pela perfeição, fuga das emoções);</p> <p>Eixo 5: Comentários relacionados à comunicação e suas tecnologias (uso das redes sociais).</p>

Resenha 2	Eixo 1 (“ambiente futurista”); Eixo 4 (capitalismo , incentivo ao consumo).
Resenha 3	Eixo 1 (relações superficiais , condicionamento); Eixo 4 (capitalismo , a ideia de “progresso”, as relações de trabalho).
Resenha 4	Eixo 1 (o gênero distopia); Eixo 2 (opiniões sobre os personagens); Eixo 4 (“ críticas atemporais sobre a nossa realidade”, capitalismo).
Resenha 5	Eixo 1 (clássico , dualidade utopia/distopia); Eixo 2 (dificuldade da linguagem); Eixo 4 (falta de liberdade e acesso à cultura , capitalismo)
Resenha 6	Eixo 2 (o lugar de clássico); Eixo 4 (comparação com <i>Black Mirror</i>).
Resenha 7	Eixo 2 (queixas em relação ao ritmo de leitura , ênfase para o final).
Resenha 8	Eixo 2 (escrita confusa , temática interessante); Eixo 4 (“parece prever a nossa realidade”).
Resenha 9	Eixo 2 (ideia positiva de distopia, dualidade utopia/distopia , segunda tentativa de leitura); Eixo 3 : Composição da obra (sugere ler o prólogo/prefácio ao final);
Resenha 10	Eixo 2 (dificuldade no ritmo de leitura, dualidade utopia/distopia); Eixo 3 (relevância da “ Introdução ”); Eixo 4 (“várias coisas que são parte, ou estão se tornando parte, da nossa sociedade”).
Resenha 11	Eixo 2 (o lugar de clássico , experiência negativa de leitura, Eixo 3 (“ audiobook ”).
Resenha 12	Eixo 2 (surpresa com o fato dos personagens serem felizes em uma distopia , intertextualidade e menção a uma música).
Resenha 13	Eixo 2 (intertextualidade e menção a uma

	música).
Resenha 14	Eixo 2 (confuso, em parte, devido à intertextualidade e às referências à obra de Shakespeare).
Resenha 15	Eixo 2 (escolha de ler o livro devagar, elogios às referências à obra de Shakespeare, valorização da cultura).
Resenha 16	Eixo 1 (nascimento em laboratórios, busca pelo prazer, “soma”); Eixo 2 (compara as três obras aqui estudadas como uma “trindade distópica”); Eixo 4 (consumismo, fuga das emoções).
Resenha 17	Eixo 2 (compara a obra de Huxley e de Orwell).
Resenha 18	Eixo 2 (“primo do 1984”); Eixo 3 (edição de luxo); Eixo 4 (regimes totalitários soviético e capitalista).
Resenha 19	Eixo 2 (dificuldade de leitura); Eixo 3 (separação do romance em capítulos).
Resenha 20	Eixo 1 (sociedade de castas); Eixo 2 (experiência de releitura, contato com a adaptação cinematográfica, uso em redações).
Resenha 21	Eixo 1 (ficção científica, utopia); Eixo 2 (livro “curto”, “fácil”); Eixo 4 (pandemia da Covid-19, governo Bolsonaro, economia instável); Eixo 5 (a noção de “verdade”, censura).

Fonte: A autora, 2024.

Tabela 3 - Resumo das resenhas e interações de “1984” (2009)

Resenha	Eixos de discussão/categorias
Resenha 1	Eixo 1: Apresentação e aspectos gerais da obra (Polícia do Pensamento, Grande Irmão); Eixo 4: Comparação com a realidade e/ou questões políticas (vigilância , perda de privacidade);

	Eixo 5: Comentários relacionados à comunicação e suas tecnologias (censura, teletelas, microfones).
Resenha 2	Eixo 1 (“grande clássico”); Eixo 2: Gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura (“advertência”, “rica em simbolismos”); Eixo 4 (comunismo soviético, atuais ameaças à liberdade, “existencialismo”); Eixo 5 (uso das redes sociais, manipulação da linguagem da mídia por governos e corporações, “ verdade oficial” ou “verdade imposta”).
Resenha 3	Eixo 2 (referência em redações); Eixo 4 (desigualdade de classes , utopia/distopia); Eixo 5 (modificações em jornais, livros, etc., limitação no uso da linguagem) .
Resenha 4	Eixo 2 (essencial, mas cansativo); Eixo 3: Composição da obra (separação do texto em partes , a leitura “ maçante ” do “ livro da Confraria ”).
Resenha 5	Eixo 2 (falta de continuidade e ritmo de leitura); Eixo 3 (separação do texto em partes , críticas ao livro de Goldstein).
Resenha 6	Eixo 2 (livro denso , com muitas “camadas”, mas de “ fácil leitura”); Eixo 3 (opiniões sobre as “partes” do livro); Eixo 4 (“se encaixa como uma luva nos tempos atuais”).
Resenha 7	Eixo 2 (experiência negativa , leitura “ cansativa ”, lenta”); Eixo 4 (fala sobre “coisas da atualidade”).
Resenha 8	Eixo 2 (um dos seus “livros preferidos na terra”, comentários sobre os personagens).
Resenha 9	Eixo 1 (Ministério da Verdade, controle da língua, Grande Irmão); Eixo 2 (ponto de vista positivo , “um dos livros mais revolucionários do século passado); Eixo 4 (Segunda Guerra Mundial, União Soviética);

	Eixo 5 (alterações nos registros jornalísticos).
Resenha 10	Eixo 1 (<i>duplipensamento</i> , Estado protetor); Eixo 2 (personagens pouco desenvolvidos) Eixo 4 (comparação com a realidade brasileira: eleição presidencial de 2022); Eixo 5 (“ propaganda da mídia ”, disseminação de mentiras).
Resenha 11	Eixo 4 (“ crítica aos regimes comunistas e socialistas ”, cita Karl Marx).
Resenha 12	Eixo 2 (leitura “ cansativa ”, “propaganda anticomunista ”).
Resenha 13	Eixo 4 (discorda que seja uma distopia sobre o “ socialismo ”).
Resenha 14	Eixo 2 (livro “ confuso ”, discorre sobre o protagonista); Eixo 4 (não é uma crítica ao “ socialismo ”, mas às suas “distorções e fantasias”).
Resenha 15	Eixo 4 (posicionamento do autor, “ anticomunismo ”, “regime nazi ”).
Interação entre leitores	Eixo 4 (posicionamento do autor, “ fascismo ”).
Resenha 16	Eixo 4 (“Tão antigo mas tão atual ”); Eixo 5 (redes sociais, <i>WhatsApp</i>).
Resenha 17	Eixo 4 (regimes totalitários da Europa no século XX); Eixo 5 (alienação , mídia).
Resenha 18	Eixo 1 (o Partido, a noção de “ verdade ”); Eixo 2 (“Livro necessário ”); Eixo 5 (limitações do idioma e das formas de comunicação).
Resenha 19	Eixo 2 (“faz jus à fama que tem”, compara os três livros).
Resenha 20	Eixo 2 (“ difícil ”, compara Orwell e Huxley); Eixo 3 (separação da narrativa em partes).

Fonte: A autora, 2024.

Tabela 4 - Resumo das resenhas de “Fahrenheit 451” (2012)

Resenha	Eixos de discussão/categorias
Resenha 1	<p>Eixo 1: Apresentação e aspectos gerais da obra (“futuro sombrio”, apresenta Montag e Clarisse);</p> <p>Eixo 5: Comentários relacionados à comunicação e suas tecnologias (censura, “manipulação da informação”, “alienação”, “liberdade de expressão”).</p>
Resenha 2	<p>Eixo 2: Gosto pessoal em relação à obra e experiência de leitura (compara com “Admirável Mundo Novo” e “O Conto da Aia”);</p> <p>Eixo 4: Comparação com a realidade e/ou questões políticas / Eixo 5 (o uso excessivo dos celulares e das redes sociais hoje, o bombardeio de informações).</p>
Resenha 3	<p>Eixo 1 (governo totalitário, proibição dos livros, futuro incerto);</p> <p>Eixo 2 (compara com Orwell e Huxley);</p> <p>Eixo 3: Composição da obra (fala da edição da “Biblioteca Azul” e do prefácio)</p> <p>Eixo 4 (opressão anti-intelectual nazista, Segunda Guerra Mundial),</p> <p>Eixo 5 (“indústria cultural”, predominância da TV, caráter “instrumental” dos livros).</p>
Resenha 4	<p>Eixo 2 (leitura “super fluida”, final “sensacional”);</p> <p>Eixo 4 / Eixo 5 (atual “vício em telas”, , “valor abusivo” dos livros).</p>
Resenha 5	<p>Eixo 1 (a função dos bombeiros de queimar livros);</p> <p>Eixo 2 (“fácil de ler”, porém “confuso”, questiona a morte de uma das personagens, impacto positivo do final);</p> <p>Eixo 4 / Eixo 5 (o uso das telas, o distanciamento dos livros).</p>
Resenha 6	<p>Eixo 4 (comparação com a realidade brasileira: desigualdades sociais e econômicas, o preço alto dos livros, , menos incentivo à leitura nas escolas);</p> <p>Eixo 5 (uso frequente de telas, celulares, “desinformação”).</p>

Resenha 7	Eixo 2 (leitura obrigatória da escola, “chato e repetitivo”).
Resenha 8	Eixo 2 (leitura indicada pela universidade , surpresa com a fluidez da leitura); Eixo 4 (reflexões “atuais”).
Resenha 9	Eixo 1 (papel dos bombeiros, queima de livros); Eixo 2 (compara as três obras); Eixo 4 (queima de livros na Alemanha nazista).
Resenha 10	Eixo 2 (“esperava mais”); Eixo 4 / Eixo 5 (tema atual, “diante de tantas notícias atuais relatando a censura de vários livros ao redor do mundo”);
Resenha 11	Eixo 2 (leitura, a princípio, arrastada, mas um dos seus favoritos, relata ter feito uma “ pausa ” na leitura).
Resenha 12	Eixo 2 / Eixo 3 (“audiobook”, a figura do narrador).
Resenha 13	Eixo 2 (livro “cult”); Eixo 3 (uso de dois formatos: a edição de luxo e o “audiobook”).
Resenha 14	Eixo 2 (“clássico”, “permanece relevante no tempo”); Eixo 3 (edição de luxo); Eixo 4 / Eixo 5 (compara as “telas e “conchas acústicas” ao <i>Tik Tok</i> e ao <i>Reels</i> do <i>Instagram</i>).
Resenha 15	Eixo 2 (escrita “muito confusa ”); Eixo 3 (a questão da tradução); Eixo 5 (“era dos vídeos curtos ”).
Resenha 16	Eixo 2 / Eixo 3 (crítica ao autor, menção ao posfácio e CODA); Eixo 4 (velocidade dos carros).
Resenha 17	Eixo 2 (“leitura cativante”); Eixo 3 (crítica à “ nota do autor ” ao final do livro).
Resenha 18	Eixo 2 (crítica aos personagens , ao ritmo da escrita, decepção com o fim da personagem Clarisse); Eixo 3 (menção aos posfácio e seus

	“esclarecimentos”).
Resenha 19	Eixo 2 (“um pouco difícil ”); Eixo 3 (destaque para os “ conteúdos extras ”).
Resenha 20	Eixo 1 (papel dos bombeiros, queima de livros, drogas, isolamento); Eixo 2 (“premissa interessante ”); Eixo 4 (“palpável”, “ verossímil ”); Eixo 5 (a presença das telas).
Resenha 21	Eixo 2 (compara as três obras).

Fonte: A autora, 2024.

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, reconheceu-se a leitura enquanto um organismo vivo, coletivo, onde as relações entre autores, editores e leitores se constrói de forma dinâmica. O leitor possui papel ativo, apropria-se do objeto livro e lhe atribui novos significados e sentidos, advindos de seu próprio tempo e espaço no mundo. Além disso, os leitores estão longe de ocupar um lugar apenas de receptores, já que, no recorte aqui focado, eles são ainda produtores de discursos, compartilhando suas interpretações e experiências em uma rede social para leitores.

O Skoob tornou-se, então, um aliado no registro das práticas de leitura e no compartilhamento de ideias entre leitores, potencializando e abrindo caminhos para o presente trabalho. Através do contato com as resenhas, foi possível reiterar o potencial crítico e mobilizador do gênero distópico, que suscita questionamentos sociais e impulsiona o papel de sujeito de cada indivíduo. Ainda que as obras escolhidas tenham sido escritas e publicadas no século XX, é possível perceber a renovação contínua do interesse nas suas histórias, o que as mantém ocupando a categoria de “clássicos”.

Diante da perspectiva dos leitores brasileiros usuários do Skoob, pôde-se elaborar ainda algumas teorias fundamentadas nos dados coletados e dispostos, em parte, neste trabalho: as resenhas. Assim, percebe-se que não há consenso sobre uma leitura. Seus significados e interpretações são múltiplos e diversos, a depender da bagagem e da perspectiva de cada leitor. Analisadas em conjunto, as três distopias estudadas se relacionam de formas diferentes e permitem diálogos entre si e seus leitores.

Os livros de distopia, sobretudo os “clássicos”, podem oferecer diferentes graus de dificuldade de leitura, bem como as resenhas aqui reunidas possuem diferentes graus de profundidade. O gênero distópico possui um caráter político e social que se sobressai diante de quem lê, permitindo aproximações com a realidade histórica e contemporânea, inclusive a brasileira.

O conceito de Chartier (2011) de “protocolo de leitura”, tão central para este trabalho, permite a reflexão acerca dos papéis de todos os agentes envolvidos na construção de sentido de um livro, sobretudo: autor, editor e leitor. Tendo em vista os processos de escrita e edição pelos quais uma obra passa até chegar a quem lê, pode-se, inclusive, pensar e discorrer acerca dos “caminhos” de leitura traçados, seja nos prefácios, posfácios, notas, apêndices, ou mesmo na composição gráfica de uma obra.

Apesar disso, a intenção do autor, o trabalho editorial e o “protocolo de leitura” de cada edição não funcionam como limitadores da atividade leitora, nem determinam as resenhas aqui

dispostas, tendo em vista que os leitores percorrem diferentes caminhos e comportam-se de forma autônoma diante do objeto lido, podendo intercalar leituras, formatos e questionar as decisões dos autores e dos editores da obra, bem como se identificarem ou não com elas.

Através da metodologia da teoria fundamentada na análise qualitativa, pode-se partir dos dados, redigir memorandos/relatórios, codificar categorias/eixos de discussão e escolher as resenhas mais representativas do conjunto. Dessa forma, foi possível analisar qualitativamente as leituras desenvolvidas pelos leitores de distopia contemporâneos.

Com o foco em três distopias clássicas, sobressai aqui a autonomia e inventividade no ato de leitura. Tais aspectos podem ser notáveis quando os leitores de “Admirável Mundo Novo” (2014), por exemplo, questionam a leitura da “Introdução” no início da obra, ou utilizam o “audiobook” como formato de leitura, no lugar do livro físico.

Os leitores da obra de Huxley reconhecem a “atemporalidade” da sua distopia, comparam a superficialidade das relações e a busca pelo prazer com a realidade, os ideais capitalistas de consumo e o uso frequente das redes sociais. Há criatividade, ainda, nos casos das resenhas que se valem da bagagem cultural dos leitores, como vimos nos exemplos em que músicas foram citadas como recursos intertextuais, conectando a obra do século XX com a cultura contemporânea.

No caso de “1984” (2009), o caráter político do livro é mais enfatizado, há exemplos de resenhas que questionam o posicionamento ideológico do autor, colocando em debate os conceitos de “comunismo”, “socialismo” e “fascismo”. Tais questões trazem não só um teor histórico para as resenhas, mas atualizam esses conceitos no presente, carregando reflexões acerca dos acontecimentos atuais da política brasileira, por exemplo: as eleições presidenciais entre Lula e Bolsonaro, em 2022.

O livro de Orwell remete também às questões do campo da comunicação, como: a “desinformação”, a insegurança e a ambiguidade do conceito de “verdade”, sobretudo em tempo de redes sociais, como o *WhatsApp*. Mostra-se uma preocupação recorrente, por parte dos leitores, a perda de privacidade e a constante vigilância dos cidadãos da Oceania, que muito se assemelha à atualidade.

“Fahrenheit 451” (2012), igualmente, suscita muitas reflexões acerca do uso das tecnologias, como bem ilustra a preocupação dos leitores com o atual “vício em telas”. Os leitores discorrem sobre a presença da TV e das redes sociais, fazendo menção a conceitos como “indústria cultural” e “manipulação”, tremendo os efeitos do “bombardeio de informações”. Portanto, é possível sim que os leitores ressaltem aspectos relacionados aos

fenômenos da comunicação ao tratarem dessas obras, ainda que tal fator não se trate de uma regra.

A obra de Bradbury abre espaço também para pensar as formas de censura que acometem a atualidade, a importância da educação e as desigualdades sociais no acesso aos livros. Ademais, os leitores se atentam ao trabalho editorial, ao entrarem, mais uma vez, em tensão com os posicionamentos do autor expostos nos posfácios da obra. Nas resenhas de todos os livros, é possível encontrar comparações entre eles.

Ao longo da pesquisa, pudemos expandir o olhar e chegar a novos objetos de interesse que foram levantados pelos leitores. Na impossibilidade de serem mais aprofundados aqui, estes podem se tornar temas de pesquisas futuras, no âmbito da Comunicação e da Produção Editorial: a materialidade e a escolha pelos audiolivros, a onda mais recente de distopias (como “O Conto da Aia” e “*Black Mirror*”, citadas nas resenhas), a relação da obra literária com as adaptações cinematográficas e o audiovisual, as ideologias presentes nas distopias e os posicionamentos de seus autores, entre outros.

Aqui, buscou-se traçar um dos caminhos possíveis para a análise das resenhas do Skoob e para a reflexão acerca das práticas de leitura atuais, que são mutáveis e se renovam ao longo dos séculos, sem deixar de carregar traços das práticas anteriores, sendo, por isso, também, carregadas de continuidade entre as práticas de leitura em voz alta e a leitura silenciosa e individual e os formatos e materialidades do livro.

Ler mostrou-se atividade abrangente e ser leitor lugar de complexidades, produção de sentidos e diversidade de olhares. Quando se diz que lemos em busca de sentido, há de se considerar a impossibilidade de esgotar todas as interpretações de uma obra, mas é evidente, contudo, o poder de perenidade e renovação do objeto livro, seu impacto cultural e papel social, passível de mais e novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ALMEIDA, . A. de. A cada leitor seu texto: dos livros às redes. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, n. esp., p. 154–173, 1 sem. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p154>. Acesso em: 10 jul. 2023.

AMERICANAS S.A. integra 2 milhões de resenhas do Skoob em suas plataformas digitais. **PublishNews**, São Paulo, 3 out. 2022. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2022/10/03/americanas-s.a.-integra-2-milhoes-de-resenhas-do-skoob-em-suas-plataformas-digitais>. Acesso em: 18 jul. 2023.

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa** - A nova dinâmica de marketing e vendas: como lucrar com a fragmentação dos mercados. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ARAÚJO, Júlio Cesar *et al.* O ato de resenhar no Skoob. **LETRAS EM REVISTA**, Teresina, v. 9, n. 01, jan./jun. 2018. p. 107-118. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/132>. Acesso em: 19 jul. 2023.

ARAÚJO, Júlio; SOUSA, Melissa Maria do Nascimento; CAVALCANTI, Janaina Muniz. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do Skoob. **Revista Intercâmbio**, v. 45, 2020. p. 28-51. São Paulo: LAEL/PUCSP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/50439>. Acesso em: 17 jul. 2023.

ATWOOD, Margaret. **O Conto de Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BANNED in the USA: rising school book bans threaten free expression and students' first amendment rights (April 2022). **Pen America**, New York, abr. 2022. Disponível em: <https://pen.org/banned-in-the-usa/>. Acesso em: 21 dez. 2023.

BARBOSA, Diego. Tankar, coringar, shitpost: do Twitter aos games, o que significa a linguagem da Geração Z. **Diário do Nordeste**, 21 jan. 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/tankar-coringar-shitpost-do-twitter-aos-games-o-que-significa-a-linguagem-da-geracao-z-1.3325224>. Acesso em: 06 dez. 2023.

BARTHES, Roland. A morte do Autor. *In*: **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64.

BATISTA, P. A. da S. **A representação da literatura em comunidades virtuais de leitores e o reflexo na leitura do cânone**. Orientador: Benedito Antunes. 2022, 238 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis. Versão eletrônica. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/234999>. Acesso em: 08 ago. 2023.

BEGGIORA, Helito. O que é spoiler? Saiba como evitá-lo no Facebook, Instagram e Twitter. **TechTudo**, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e->

[tutoriais/2020/02/o-que-e-spoiler-saiba-como-evita-lo-no-facebook-instagram-e-twitter.ghtml](#). Acesso em: 19 jul. 2023.

BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

BRADBURY, R. **Fahrenheit 451 - Edição especial**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2020.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CALVINO, Italo. **Mundo escrito e mundo não escrito** — Artigos, conferências e entrevistas. Companhia das Letras, 2015.

CAMARGO, M. L. de B. Sobre a crítica, crítica cult. **Margens/Márgenes**: Revista de Cultura, UFMG, Minas Gerais, n.4, p. 101-103, dez. 2003. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/margens_margenes/article/view/10820. Acesso em: 21 dez. 2023.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: LIMA, A. de. (Org.). **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 17-40.

CARVALHO, L. A. de; CRIPPA, G. A comunidade virtual Skoob: um novo meio de comunicação sobre livros, leituras e leitores. In: 3º Seminário de Informação em Arte, 2013. **[Anais dos Seminários de Informação em Arte]**. Disponível em: <https://www.redarte.org.br/wp-content/uploads/2020/03/A-comunidade-virtual-Skoob.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023.

CAVALLO, G. Entre *volumen* e *codex*: a leitura no mundo romano. In: CAVALLO, G; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 71-102.

CAVALLO, G; CHARTIER, R. Introdução. In: CAVALLO, G; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 5-40.

CERQUEIRA, Carolina; MOLITERNO, Danilo. Disputa entre Lula e Bolsonaro é a eleição para presidente mais acirrada da história. **CNN**, 30 out. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/disputa-entre-lula-e-bolsonaro-e-a-eleicao-para-presidente-mais-acirrada-da-historia/>. Acesso em: 04 dez. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**: um guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre:

Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, R. Do livro à leitura. *In*: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de Leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 77-105.

CLÜVER, C. Intermedialidade. **PÓS**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM, Belo Horizonte, v.1, n.2, p. 8-23, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/48493>. Acesso em: 28 nov. 2023.

COGGIOLA, Osvaldo. 150 anos do Manifesto Comunista. *In*: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998, p. 9-35.

DAMASCENO; NEVES. As pesquisas com a rede social de leitura Skoob: um mapeamento dos artigos científicos. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 23, n. 42, ago./dez. 2022, p. 73-100. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/3336>. Acesso em: 8 ago. 2023.

DAMIÃO, Carla Milani. Quem é o Grande Irmão? – sobre a idéia e características culturais do programa televisivo *Big Brother*. **Revista Brasileira de Marketing – ReMark**, v.1, n. 1, p. 57-66, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/10146/4828>. Acesso em: 07 dez. 2023.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAS LETRAS, Companhia. Mas afinal, o que é ressaca literária e como superá-la?. **Steal the Look**, 03 nov. 2023. Disponível em: <https://stealthelook.com.br/mas-afinal-o-que-e-ressaca-literaria-e-como-supera-la/#:~:text=A%20ressaca%20liter%C3%A1ria%20%C3%A9%20um,despertar%20e%20manten%20o%20interesse>. Acesso em: 22 dez. 2023.

DE ALCANTARA, Luana Rafaela; IVANO, Rogério. Totalitarismo e literatura: a distopia de George Orwell em 1984. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, Londrina, v. 27, n. 53, julho/dezembro, p. 113-128, 2011. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/234>. Acesso em: 04 dez. 2023.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

EM CARTA, Aldous Huxley discorre sobre a obra de seu aluno George Orwell. **Revista Galileu**, 16 ago. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/08/em-carta-aldous-huxley-discorre-sobre-obra-de-seu-aluno-george-orwell.html>. Acesso em: 24 nov. 2023.

ESCRITOR Antonio Candido inaugura biblioteca do MST e fala da força da instrução. **Imprensa Assufrgs**, 11 ago. 2006. Disponível em: <https://www.assufrgs.org.br/2006/08/11/escritor-antonio-candido-inaugura-biblioteca-do-mst-e-fala-da-forca-da->

[instrucao/#:~:text=%E2%80%9CEssa%20escola%20quer%20ser%20um,de%20Guararema%E2%80%9D%2C%20concluiu%20Stedile](#). Acesso em: 27 dez. 2023.

FABRO, Clara. Como funciona o Tik Tok? Saiba usar o aplicativo de vídeos. **TechTudo**, 25 mai. 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/05/como-funciona-o-tiktok-saiba-usar-o-aplicativo-de-videos.ghtml>. Acesso em: 01 abr. 2023.

FABRO, Clara. Qual é o limite de pessoas em grupos do WhatsApp? 8 coisas para você saber. **TechTudo**, 09 jun. 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/06/qual-e-o-limite-de-pessoas-em-grupos-do-whatsapp-8-coisas-para-voce-saber-edapps.ghtml>. Acesso em: 11 dez. 2023.

FALCÃO, Márcio; VIVAS, Fernanda. TSE recebe mais de 500 alertas diários de fake news no segundo turno das eleições. **G1**, Brasília, 20 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/20/tse-recebe-mais-de-500-alertas-diarios-de-fake-news-no-segundo-turno-das-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 05 dez. 2023.

FERRARI, Leon. Fim da pandemia da covid? Entenda decisão da OMS sobre emergência de saúde. **Estadão**, 05 mai. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/saude/fim-da-pandemia-da-covid-entenda-decisao-da-oms-sobre-emergencia-de-saude/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FIALHO, L. Quais são as partes de um livro?. **Blog da TAG**, Porto Alegre, 17 nov. 2017. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/quais-sao-as-partes-de-um-livro/>. Acesso em: 26 mai. 2023.

FIGUEIREDO, C. D. de. **Admirável comunicação nova: um estudo sobre a comunicação nas distopias literárias**. Orientadora: Cristina Teixeira Vieira de Melo. 2011, 353 p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Versão eletrônica. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/2885>. Acesso em: 09 jun. 2022.

FISHER, M. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

FREIRE, Neyson Pinheiro et al. A infodemia transcende a pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 26, n. 09, p. 4065-4068. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12822021>. Acesso em: 27 dez. 2023.

GABRIEL, Ruan de Sousa. Venda de livros já caiu 2,96% em 2023; preço dos best-sellers subiu 9,52%. **O Globo**, São Paulo, 08 ago. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/08/08/venda-de-livros-ja-caiu-296percent-em-2023-preco-dos-best-sellers-subiu-952percent.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

GOGONI, R.; MARQUES, A. O que é um pixel?. **Tecnoblog**, 2023. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-um-pixel/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

GOMES, Marcele S. A. Do Livro Físico para o Digital: Afetações do Livro Eletrônico sobre o Corpo e a Mente. *In: 44º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO — INTERCOM, 2021, Virtual. [Anais eletrônicos INTERCOM 2021]*. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-pe/marcele-sales-alves-gomes.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2023.

GRANOVETTER, M. S. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, 1973, p.1360-1380.

GRANOVETTER, M. S. The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited. *Sociological Theory*, v.1, 1983, p.201-233.

GRECO, Clarice. **Virou cult!**: Telenovela, nostalgia e fãs. Alumínio, SP: Jogo de Palavras; Votorantim: Provocare Editora, 2019.

GUANABARA, D; SAKAMOTO, C. K. Plataformas digitais e o hábito de leitura – um estudo sobre a rede *Skoob*. *Revista COMFILOTEC*, ano 4, v. 7, 2018. p. 123-149. Disponível em: <https://www.fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-comfilotec/article/view/254>. Acesso em: 17 jul. 2023.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo** - Edição especial. São Paulo: Biblioteca Azul, 2022.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JEFFMAN, Tauana M. W. O sabor do saber: Uma análise da relação entre cafés, livros e redes sociais segmentadas através do Encontro dos *Skoobers*. *In: VIII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 2014, São Paulo. [Academia.edu]*. Disponível em: https://www.academia.edu/9810745/O_sabor_do_saber_Uma_an%C3%A1lise_da_rela%C3%A7%C3%A3o_entre_caf%C3%A9s_livros_e_redes_sociais_segmentadas_atrav%C3%A9s_do_Encontro_dos_Skoobers. Acesso em: 2 ago. 2023.

JEFFMAN, Tauana M. W. **Booktubers**: performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade *booktube*. Orientadora: Jiani Adriana Bonin. 2017, 395 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Versão eletrônica. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6337>. Acesso em: 17 jul. 2023.

JUNIOR, A. C. A.; GONÇALVES, M. R. Cinema, propaganda e o *american way of life*. *In: VII ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO — ENPECOM, 2015, Curitiba, p. 421-435. [Anais eletrônicos ENPECOM]*. Disponível em: http://www.enpecom.ufpr.br/arquivos-2015/ANAIS_VII_ENPECOM.pdf. Acesso em: 21 jun. 2023.

KAUFMAN, D. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Galáxia**, São Paulo, n. 23, jun. 2012, p. 207-218. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641249017>. Acesso em: 8 ago. 2023.

KOPP, R. **Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20:** Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury. Orientador: Francisco Rüdiger. 2011, 279 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Versão eletrônica. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4473>. Acesso em: 09 jun.2022.

KOSELLECK, R. **Historias de conceptos:** Estudios sobre semántica y pragmática del lenguaje político y social. Madrid: Editorial Trotta, 2012.

KOSELLECK, R. **História de Conceitos:** estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

LEON Trotski: revolucionário russo. **Uol**, 17 mai. 2015. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/leon-trotski.htm>. Acesso em: 19 jun. 2023.

LIEBEL, S. (Org.). **Das utopias modernas às distopias contemporâneas:** conceito, prática e representação. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021. E-book.

LIEBEL, V. Distopias – um gênero na história. *In:* LIEBEL, S. (Org.). **Das utopias modernas às distopias contemporâneas:** conceito, prática e representação. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 189-217. E-book.

LIMA, R. O que escrever em uma capa de livro?. **O Capista**, s./d. Disponível em: <https://capista.com.br/o-que-escrever-em-uma-capa-de-livro/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

LIV. O que é brochura? Entenda como escolher um livro. **Beco das Palavras**, 12 out. 2020. Disponível em: <https://becodaspalavras.com/2020/10/12/o-que-e-brochura-entenda-como-escolher-um-livro/>. Acesso em: 29 mai. 2023.

LOPES, Thays Batista. A diferença entre igualdade e equidade: o desafio da justiça social. **Politize!**, 29 ago. 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/igualdade-e-equidade/#:~:text=Enquanto%20a%20igualdade%20tem%20como,do%20mesmo%20ponto%20de%20partida>. Acesso em: 28 nov. 2023.

MADEIRA, R. M; TAROUÇO, G. da S. Esquerda e Direita no Brasil: uma análise conceitual. **Revista Pós Ciências Sociais**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 15, p. 171-185, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/8933>. Acesso em: 05 dez. 2023.

MAGENTA, Matheus. O que é comunismo?. **BBC News Brasil**, Londres, 23 ago. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62520992>. Acesso em: 07 dez. 2023.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais:** linguagens, ambientes e redes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

MATOS, A. S. de M. C. Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, p. 40–59, jan./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/12600>. Acesso em: 22 jun. 2023.

MCCUTCHEON, R. W. Silent reading in Antiquity and the future history of the book. **Book History**, v. 18, p. 1-32, 2015. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/597277>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MESSIAS, L. C. da S. **Práticas de leitura e mediação literária na plataforma digital Skoob**. Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Junior. 2019, 190 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Versão eletrônica. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181677>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MITTERMAYER, Thiago. E-books e a mídia do livro. **Teccogs – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 18, jul./dez. 2018, p. 62-74. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/48576>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MORAES, Ana Carla F. L. **Diálogos entre comunicação e literatura: uma análise cultural dos meios de comunicação na literatura distópica de 1984 e Fahrenheit 451**. Orientadora: Rejane de Mattos Moreira. 2021, 79 p. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.

MORAES, A. C. F. L. Leituras de distopias clássicas na atualidade: uma análise a partir de resenhas de leitores na rede social Skoob. In: 26º CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE – INTERCOM SUDESTE, 2023, Niterói. [Anais eletrônicos INTERCOM SUDESTE 2023]. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/7/050720231510516457e9ab56600.pdf>. Acesso em: 19 set. 2023.

MOREIRA, A.; PINHEIRO, L. OMS declara pandemia de coronavírus. **G1**, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 28 nov. 2023.

MÜZZEL, Rodrigo Bersch. **Desinformação e Propagabilidade: uma análise da desordem informacional em grupos de WhatsApp**. Orientador: Eduardo Campos Pellanda. 2020, 102 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Versão eletrônica. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9262>. Acesso em: 11 dez. 2023.

OLIVEIRA, A. A. de. **Audiolivros digitais e letramento literário: ensino de literatura na cultura da convergência**. Orientador: Enéias Farias Tavares. 2020, 192 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Versão eletrônica. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/22103>. Acesso em: 02 out. 2023.

OLIVEIRA, R. P. de. Favoritos do público: uma análise das práticas de leitura da comunidade virtual Skoob. **Revista Desenredo**, v. 11, n. 1, 26 ago. 2015. p. 70-91. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4968>. Acesso em: 31 mar. 2023.

OLIVEIRA, R. T. de M. Práticas de leitura e escritas em rede: modos de ser e estar no mundo. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 94 - 116, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723819412018094>. Acesso em: 10 jul. 2023.

O QUE é e como funciona o Reels do Instagram?. **Uol**, 20 jun. 2023. Disponível em: <https://meunegocio.uol.com.br/blog/o-que-e-e-como-funciona-o-reels-do-instagram/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ORWELL, G. **A Flor da Inglaterra**. São Paulo: Pé da Letra, 2020.

ORWELL, G. **Por que escrevo e outros ensaios**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021a.

ORWELL, G. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Arqueiro, 2021b.

PAVLOSKI, E. **1984**: a distopia do indivíduo sob controle. Orientadora: Mail Marques de Azevedo. 2005, 276 p. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Versão eletrônica. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/2996>. Acesso em: 09 jun.2022.

PERLATTO, Fernando. **Pelas frestas**: literatura, história e cotidiano em regimes autoritários. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PETIT, Michèle. Para que serve a leitura?. *In*: **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 37-71.

PINTO, Manuel da Costa. Prefácio. *In*: BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012, p. 11-18.

PITTY. Admirável Chip Novo. **Letras**, s/d. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/pitty/admiravel-chip-novo/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

POLÊMICAS de Trump impulsionam vendas do livro “1984”. **Exame**, Washington, 25 jan. 2017. Disponível em: <https://exame.com/casual/polemicas-de-trump-impulsionam-vendas-do-livro-1984/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

PRIOLI, Gabriela. **Ideologias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, H. **La Comunidad Virtual**: Una Sociedad sin Fronteras. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995.

REIMÃO, Sandra; NERY, João Elias; MAUÉS, Flamarion. **Resistência**: leitores, autores,

livreiros, editores e censura a livros no Brasil de 2019 a 2022. São Paulo: Edições EACH, 2023.

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento. **Revista Metáfora Educacional** – versão on-line, Feira de Santana, Bahia, n. 20, p. 43-66, jun. 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7069336>. Acesso em: 9 nov. 2022.

RELEMBRE o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. **Folha de S. Paulo**, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2023.

RETRATOS da Leitura no Brasil. 5. ed. São Paulo: **Instituto Pró-Livro**, 2019. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao>. Acesso em: 29 jun. 2023.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

ROCHA, Lucas. Cresce número de brasileiros com uso prolongado de telas como lazer, diz estudo. **CNN Brasil**, São Paulo, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/cresce-numero-de-brasileiros-com-uso-prolongado-de-telas-como-lazer-diz-estudo/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

RODRIGUES, A. A.; FARIAS, R. C. de. A sociabilidade na rede social segmentada Skoob: o papel dos laços fracos para a agregação de conhecimento. **Temática**, Paraíba, [a.12], n. 01, p. 97-112, jan. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/27403>. Acesso em: 2 ago. 2023.

SANTOS, Emily; TENENTE, Luiza; CALGARO, Fernanda. Novo Ensino Médio: ajustar ou revogar? Entenda em 7 pontos o debate que envolve alunos e MEC. **G1**, São Paulo, 16 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/02/16/novo-ensino-medio-ajustar-ou-revogar-entenda-em-7-pontos-o-debate-que-envolve-alunos-e-mec.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SERELLE, Marcio. A ética da mediação: aspectos da crítica da mídia em Roger Silverstone. **Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 75-90, maio-ago. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143049793006>. Acesso em: 18 jul. 2023.

SILVA, D. N. Cortina de ferro: o que significa?. **História do Mundo**, s./d. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/cortina-de-ferro.htm>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SILVA, S. M. de A.; OLIVEIRA, R. P. de; VÁZQUEZ, R. B. A leitura de Machado de Assis hoje: as resenhas sobre *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na Skoob. **Agália**: Revista de Estudos na Cultura, n. 114, 2016, p. 59-70. Disponível em: <https://agalia.net/Agalia/114.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023.

SIMÕES, W. O lugar das Ciências Humanas na “reforma” do ensino médio. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 11, n. 20, p. 45–59, 2017. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/752>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SOUSA, R. Guerra da Coreia. **Mundo Educação Uol**, s./d. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/guerra-coreia.htm>. Acesso: 21 jun. 2023.

SPECHOTO, C. George Orwell entra em domínio público; obra vai do totalitarismo à culinária. **Poder 360**, 01 jan. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/literatura/george-orwell-entra-em-dominio-publico-obra-vai-do-totalitarismo-a-culinaria/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SVENBRO, J. A Grécia arcaica e clássica: a invenção da leitura silenciosa. In: CAVALLO, G; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental 1**. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 41-69.

THE STOKES. **Letras**, s/d. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/the-strokes/38770/traducao.html>. Acesso em: 23 nov. 2023.

VIEIRA, Taynée Mendes; GONÇALVES, Márcio Souza. De volta para o futuro: tecnologias e agenciamentos entre livros e leituras. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 265-280, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/9462>. Acesso em: 22 jan. 2024.

YAMAZAKI, Cristina. Editor de Texto: Quem é e o que Faz. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2007, Santos. [**Anais eletrônicos INTERCOM 2007**]. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1153-1.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2023.